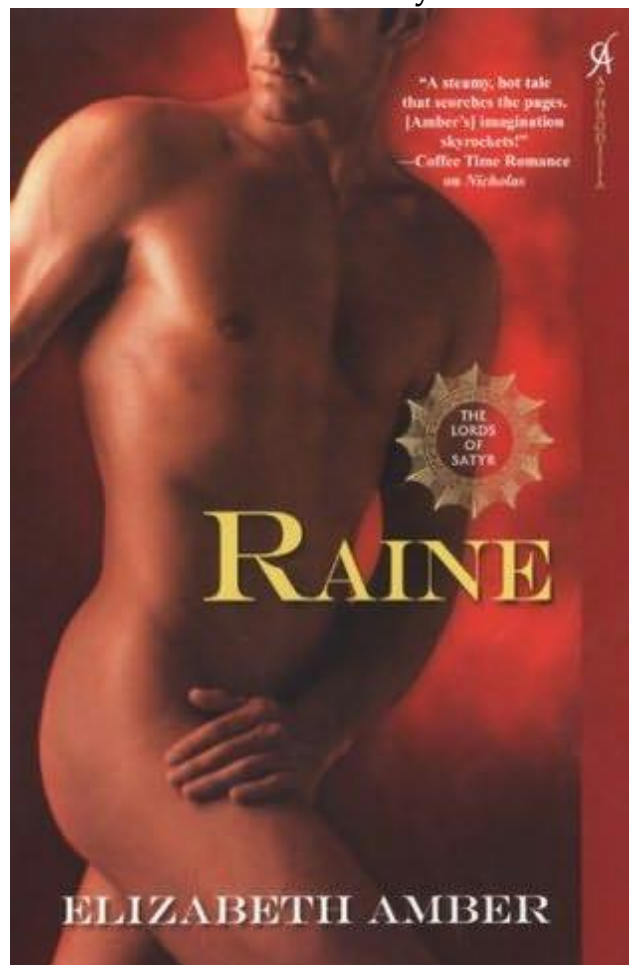


Raine

Elizabeth Amber

Lords de Satyr 2



O irmão do meio, Raine, é sensual e estóico. Marcado por ter tomado uma esposa que não pode aceitar suas necessidades carnis, ele não quer se casar novamente. Mas o dever exige que ele cumpra sua promessa de se casar com a segunda filha do Rei Feydon, Jordan...

O leal sátiro começa sua busca que o conduz da Toscana à romântica Veneza, onde a bela noiva o espera, sem saber das delicias passionais que a aguardam. Raine é cuidadoso em não revelar sua poderosa sexualidade de sátiro, por medo de afastar mais uma mulher. Mas, sem que ele saiba, Jordan não é uma mulher comum e nasceu com um insaciável apetite para o amor. E conforme o coração de Raine começa a derreter por ela, como ele será capaz de esconder sua verdadeira natureza quando Jordan parece querê-lo tão impetuosamente?



Nota das Revisoras

Lindo maravilhoso um homem que tem medo de amar de novo pois acha que prejudicou sua família, uma moça que foi forçada a ser homem por uma herança e todo ano é obrigada a se humilhar por sua mãe. Uma história maravilhosa e com muita superação, muito sexo e muitooooooooo quente kkkkk

Luciana Avanço.

Este livro é o segundo da serie lordes satiros. É um livro muito interessante. Jordan é uma hermafrodita que vive como um rapaz por interesses da sociedade, porém no seu íntimo quer ser uma mulher, uma história bem quente com tudo que tem direito e até mais um mocinho obstinado, uma mocinha decidida. Gostei muito.

Vânia Gusmão.

*Disp./ Tradução: Karyne Nobre
Revisão Inicial: Luciana Avanço
Revisão Final: Vânia Gusmão
Formatação: Dyllan Lira*



Prólogo

Propriedade Satyr, Toscana, Itália

Setembro de 1823

Faz uns meses, uma carta em pergaminho orvalhada com um rastro preocupa-se de magia de Elseworld chegou à propriedade Satyr em Earthworld. Escrita por King Feydon lia-se....

Lordes de Satyr, filhos de Baco,

Devem saber que estou estendido moribundo e nada posso fazer. Como meu tempo está perto, o peso das indiscrições passadas me persegue. Devo falar delas.

Faz dezenove verões, engravidei filhas em três mulheres humanas de alta linhagem de Earthworld. Semeei a minha semente enquanto estas mulheres dormiam, deixando a cada uma inconsciente de minha visita noturna.

Minhas três filhas cresceram e agora são vulneráveis, devem ser protegidas de forças que tentam danificá-las. Meu último desejo é que as busquem e as ponham sob seu amparo. Podem encontrá-las entre a sociedade de Roma, Veneza, e Paris.

Essa é minha vontade.

A morte eminente do Rei Feydon e as notícias de que suas três filhas metade humanas, metade Fay estavam em perigo enviam aos três arrumados Lordes Satyr em busca das noivas Das fadas Blend. As Forças que protegem a porta entre Earthworld e Elseworld entram em uma vazante baixa quando um dos irmãos está ausente da propriedade assim devem partir individualmente. Nick, o irmão mais velho já descobriu e se casou com Jane, a primeira das irmãs.

Agora é a vez do segundo irmão, Raine. Mas ele esteve casado antes, um matrimônio desastroso por certo. Embora esteja disposto a cumprir com seu dever e casar-se outra vez, é relutante a compartilhar seu coração...

Veneza, Itália

Setembro 1823

Jordan se moveu sobre a cadeira de madeira sobre a que tinha estada cuidadosamente preparada, provocando a queda desta de lado e seu deslizamento em uma pilha sobre o piso.

O carvão do artista se deteve.

— Sim tranqüilo! — estalou os dedos. — Está tranqüilo, não?

— Para você é fácil dizê-lo, - queixou-se Jordan, recuperando-se da queda e tentando retornar de certa maneira a sua antiga postura. — Estive sentada nesta postura durante tanto tempo que estou duro como o pau de um marinheiro.

O artista flexionou seus dedos melados de lápis-carvão.

— Taci! Silêncio, você criatura vulgar! Ninguém está lhe forçando a que venha aqui e se exhiba de tal maneira.

Seu carvão reatou seu arranhar sobre a folha de papel vegetal posta sobre um cavalete ante ele.

— Não. É obvio que não, — murmurou seriamente Jordan. — Entretanto gostaria muito se meu retrato estivesse totalmente esboçado.

O artista lançou-lhe um olhar de sondagem que tratou de estender-se por seu disfarce, como se lhe tivesse ocorrido repentinamente que em realidade poderia possuir os sentimentos. Então agitou uma mão dando um golpezinho para sacudir qualquer preocupação.

— E bem que receba, — zangou-se. — Estou me rebaixando ao fazer este tipo de trabalho. Eu, que criei os retratos das famílias mais finas em Veneza! Esbocei as filhas da família Patricelli. Os filhos do Tuchero. Inclusive descendentes do Medici!

— Impressionante.

O artista assentiu com a cabeça, suspirou então e se aproximou a sua tarefa outra vez.

— Mas não estarei assinando com o nome reverenciado de Veto Mondroli ao trabalho deste dia, posso lhe garantir isso.

— As pessoas podem criticá-lo, — esteve de acordo Jordan.

O rastro da rapidez em sua voz lhe passou inadvertido. Um artista trabalhando era realmente um bom conversador. Bocejou e olhou entediadamente pelas fossas de sua máscara de bauta dourada. Estava exausta.

Ontem à noite tinha tido o sonho outra vez. Como sempre, tinha-lhe vindo em três partes. Não como atos conectados de uma função teatral, mas sim como três incidentes isolados e desconexos.

Primeiro a chegada de um grande e espigado coelho marrom.

Segundo, as gotinhas de sangue pingando sobre sua coxa.

Logo, em terceiro e último lugar, as fitas tinham aparecido. Havia sete delas, em todas as cores do arco íris. Tinham chegado até ela em uma tormenta, fazendo gestos como dedos desenfreados, alargados. Aproximavam-se para incomodar e acariciar suas bochechas com sua suavidade escorregadia e acetinada. Se pudesse simplesmente aferrar-se ao que ofereciam, prometia tira-la da tempestade para a segurança. Para a felicidade.

O mesmo sonho tinha persistido todas as noites durante a semana anterior, deixando-a oca sem ter pregado um olho no dia de hoje. Saberia muito em breve o que é que tudo isso representava. Desde que tinha completado treze anos, tais sonhos — sempre em três partes — lhe vinham todas as noites, predizendo

mudanças a respeito do futuro.

Era avançada à tarde agora, e Jordan não queria nada mais que retornar a casa e procurar sua cama. Mas tinha ainda muitas horas para ir-se dali.

Logo depois de uma dúzia ou mais de golpes dramáticos do lápis-carvão, Veto Mondroli fustigou o retângulo de papel vegetal de seu cavalete. Com uma torção de seus dedos o voltou para ela.

– Aqui, o que acha você? – como se sua opinião na verdade importasse.

Jordan colocou em ângulo sua cabeça, estudando-o.

– Acredito que muito provavelmente minha mãe pendure este acima da lareira na sala grande com vista para o campo.

Mondroli parecia scandalizado.

– Estou brincando, – garanti-lhe, dando voltas a seus ombros e estirando os de volta. Realmente, o homem não tinha senso de humor.

Ele virou de volta a seu trabalho e a esquadrinhou. Seus olhos se precipitaram para cima para encontrar-se com os seus.

– Você não me engana – disse, arranhando um dedo com o passar da ponta de seu nariz e deixando uma mancha negra sobre ela. – Pode fingir que você não está envergonhada por ter sido amaldiçoada com tal corpo, mas debaixo dessa máscara apostarei que suas bochechas estão vermelhas.

Tinha razão. Jordan estava envergonhada. Mas não de seu corpo. Somente do fato de que a vissem desta maneira.

Pelo menos Mondroli não teria a satisfação de ver que sua língua tinha acertado o alvo, consolou-se. Não desafiaria tentar ver sua expressão debaixo da máscara.

Antes que Senhor Salerno os tivesse deixado a sós no teatro, tinha-lhe deixado claro ao artista que não devia tentar conhecer sua identidade ou tomar nenhuma liberdade sobre sua pessoa. O medo de perder sua comissão sempre retinha os artistas dentro da linha se estavam tentados a tocá-la.

Jordan esfregou seu traseiro e impôs um tom irônico.

– Somente as bochechas de meu traseiro estão ruborizadas garanto Senhor Mondroli. Mas imagino que estão simplesmente intumescidas por essa última sentada.

Esta vez o artista soprou em uma maneira que era quase uma risada tola, parecendo quase surpreso de ouvir-se emitir esse som. Na agonia da diversão, seu rosto retorcido em ângulos pouco favorecedores e seus dentes de cavalo foram expostos grotescamente. Era uma imagem mais que pouco atrativa e jurou não fazer outra brincadeira em sua presença.

Jordan observou as lâminas que se encontravam apoiadas contra as paredes, elas seriam colocadas com o passar do piso de madeira do cenário quando tivessem terminado. Cada retrato captava um ângulo diferente dela.

Mais nenhuma mostrava seu cabelo negro azeviche brilhante, cortado justo em cima de seus ombros, ou seu queixo teimoso, ou seus olhos escuros inteligentes que olhavam por trás de sua máscara.

— Estão bem, — disse-lhe sinceramente, porque o estavam. — muito melhor que o artista que Salerno contratou o ano passado.

Da mesma maneira que a origem de muitas outras famílias venezianas enriquecidas, Jordan tinha posado para mais de um retrato. Para falar a verdade, todos os anos de sua vida em 15 de setembro, realizaram-se uma série de esboços dela.

Entretanto, a diferença dos retratos de outros venezianos jovens e enriquecidos, os de Jordan nunca seriam pendurados em sua casa familiar. Ou em um museu. Nem seriam vendidos nas galerias venezianas onde os artistas expunham suas mercadorias.

Sua mãe nunca veria os desenhos aos que tinha insistido que Jordan posasse. Nem sequer permitiria que Jordan falasse dos eventos deste dia. Embora sua mãe pudesse decidir fazer caso omissa do que ocorria neste teatro, Jordan não tinha esse luxo.

Se sua mãe tivesse perguntado, podia lhe haver dito que todo ano Salerno autorizava a um artista para que criasse seus retratos para que as mudanças mais baixas em seu corpo fossem gravadas. Nos meses próximos, levaria estes retratos dela na viagem para outras salas de conferências em outras cidades. O êxito de suas empresas se apoiou sobre seu acesso exclusivo à criatura conhecida que apresentava ao público cada setembro.

Porque desde que podia recordar, sua mãe lhe havia dito claramente que seu aniversário pertencia ao Salerno. Tinha-lhe sido prometido o mesmo dia em que Jordan tinha entrado no mundo como um bebê, em troca de seu silêncio sobre um tema indecoroso de família do que somente ela, sua mãe, e ele estavam inteirados. Se este segredo visse a luz, destruiria as vidas cuidadosamente construídas dos três em um instante.

— Ora, o criador desses outros esboços eram uns incompetentes, - disse o artista, entrando pela força em seus pensamentos. Girou-se para admirar seu próprio trabalho. — Aprendi sob um Professor antes que os franceses viessem. Desfrutei do patrocínio das famílias mais finas em Veneza e mais à frente.

— Já o havia dito, — notou Jordan.

Cacarejou com ar taciturno e agitou sua cabeça.

— Mas Veneza é pobre estes dias. As famílias aristocráticas estão vendendo a arte, não comprando. Tomo qualquer trabalho que posso encontrar. Quando Senhor Salerno ofereceu me contratar...

Suas palavras foram silenciadas quando o som das vozes distantes os alcançou. Ambos giraram suas cabeças para a cortina, tratando de escutar além dela à área de assentos do pequeno teatro.

As vozes e os passos acompanhando se fizeram mais fortes.

Os olhos do Jordan se dilataram.

— Estão vindos, — murmurou.

— Fretta! Affrettarsi! Sobe sobre a mesa, — instruiu-a Mondroli, balançando ambas as mãos.

— Tenho um último esboço para terminar.

Fazendo caso omissa dele no momento, Jordan foi às cortinas de veludo que separavam o cenário pequeno onde ela e o artista estavam escondidos do resto do teatro fracamente iluminado. Acariciou um dedo pela fenda central onde as duas cortinas se encontravam fechadas como estavam agora. Um de seus olhos escuros olhou curiosamente.

Enquanto olhava, Salerno avançava a pernas pelo teatro, parecendo importante e bem-sucedido em seu casaco branco de cirurgião. Era uma afetação. Não haveria cirurgia hoje, somente a discussão. — uma investigação médica — era a redação que tinha usado nos anúncios que tinha distribuído para anunciar o evento de hoje a barbeiros, cirurgiões, hospitais, e outros estabelecimentos similares. Os folhetos eram eficazes, insistindo a homens eruditos de ciência e medicina a vê-la, como moscas a um cadáver.

Suas abas ondeavam enquanto se pavoneava pelo corredor que dividia os assentos de teatro. Seu cabelo se reduziu desde que o tinha visto o ano passado. O resto escuro que ficava estava alisado para trás de sua cabeça como plumas oleosas.

Uma multidão de médicos formando um V o seguia em sua esteira como se fosse uma formação de gansos que tinham começado a emigrar agora que setembro tinha chegado.

O olhar brusco do Salerno trocou às cortinas como se intuisse que o olhava. Seus olhos pequenos eram negras fossas frias, desprovidos de empatia.

A cabeça de Jordan se sacudiu de repente para trás como se fosse uma tartaruga e fez tremer a cortina fechada.

— Por favor, sobre a mesa! — exortou o artista.

Cuidadosamente, dobrou as bordas das cortinas uma em cima da outra, como se pusesse ao Salerno fora de sua vida. Se fosse tão fácil.

Com um suspiro, retornou ao Mondroli.

— Como me quer esta vez?

— De costas sobre a mesa, por favor! — assinalou o quadrado de cetim que tinha colocado sobre uma mesa alargada. — Senhor Salerno pediu uma série em todas as posturas iguais que nos outros retratos. Quão único ainda não terminei é....

Folheou uma pilha de retratos feitos dela o ano passado, arrancou um, e o pôs sobre outro cavalete próximo.

— Este.

O retrato era somente uma vista parcial, notou. Bem. Isso queria dizer que não importaria se colocasse sua camisa. Buscou-a e logo recordou que Salerno tinha retirado sua roupa quando a tinha deixado com o Mondroli mais cedo essa manhã.

Uma capa pendente sobre a rack na esquina captou seu olhar. Desviando-se afastou da mesa, arrebatou-a e a colocou sobre seus ombros. Era rica e fina. Nenhum buraco ou outros defeitos danificavam seu veludo ou seu forro de cetim.

Era do Salerno.

Jordan girou suas costas para a mesa e se sentou, puxando para cima sobre ela. Girando ao longo, tornou-se sobre suas costas e colocou a capa ao redor de seus ombros e peitos. Não seriam retratados neste esboço especial.

As pernas da cadeira do artista chiaram quando se moveu aproximando-se. Exatamente dobrou seus joelhos para que se elevassem altas e amplamente abertas, quando a tinham feito posar no retrato do ano passado. Mondroli se colocou da mesma maneira que uma matrona, seu bloco de papel de desenho apoiado sobre a mesa entre seus tornozelos.

— Sim, assim é. — sacudiu um olhar sobre o outro retrato. — E estenda seu, — um.

— Lábio maior e menor, — proporcionou-lhe Jordan, estendendo a mão entre suas pernas. Com o passar dos anos, tinha aprendido todos os termos médicos para suas partes do corpo do Salerno e esses que trazia para retratá-la.

Mondroli já estava esboçando seu desenho. Assim que terminasse, seu desenho final seria uma vista próxima de suas genitais. Tinha cortado seu corpo de forma que desse como resultado de seu estômago, suas regiões inferiores, e coxas levantadas moldando uma espécie de M sobre sua página.

Bifurcando dois dedos, ela desdobrava os volantes de seu lábio. Eram roliços e cheios. Inusitadamente cheios. Para falar a verdade, sempre que estava de pé, pendiam para baixo aos lados de sua fenda. Girando sua cabeça para um lado, jogou uma olhada ao retrato do ano passado. Era uma representação exata e detalhada, e mostrava que seu lábio tinha sido bastante mais fino e mais feminino então. O que tinha causado esta engorda estranha? Era preocupante.

Mondroli limpou sua garganta. Sacudindo dois dedos acima e abaixo, gesticulou para sua virilha.

— Você, uh, a coisa. Está no meio.

Com sua mão, Jordan estendeu a mão para ajustar essa parte dela que tanto lhe tinha complicado a vida - o eixo de carne masculina que tinha crescido de seu corpo onde um clitóris teria estado sobre qualquer outra mulher. Levantou-o para deitá-lo em seu abdômen, apontando sua ponta para seu umbigo como tinha estado no outro retrato. De longe era um apêndice muito grande para pertencer a uma mulher, embora fosse algo pequeno para um homem, a presença desta barra a condenava a vagar espectadora em algum lugar entre os sexos para sempre. Não era um homem; não era uma mulher.

Ainda em seu parto, a eleição de seu sexo tinha sido feita por ela. Tinha sido decidido por sua mãe e Salerno que este apêndice seria considerado um pênis. E que levaria sua vida como um macho. Ultimamente tinha começado a temer que tivessem sido mais exatos em sua eleição do que acreditavam.

Desde que seu lábio se espessou fazia aproximadamente dez meses, seu pênis tinha começado a incomodá-la. Despertava às vezes, espessava-se, palpitava, e desejava a liberação de noite. Quando os sonhos chegavam a persegui-la.

— Estimados colegas! — além das cortinas, a voz do Salerno retumbou em

todo o teatro.

Jordan e o artista se estremeceram simultaneamente. Arrebatou sua mão de suas partes privadas como se tivesse sido apanhada fazendo algo indecente.

– Hoje vocês presenciarão um verdadeiro prodígio, – proclamou Salerno.
– Um que certamente lhes demonstrará que a viagem para presenciar este debate médico foi algo digno de fazer-se. Porque detrás desta cortina, prevaleci para os propósitos de estudo médicos, uma pessoa de... - pausou aqui para lhe dar o efeito dramático – de uma natureza que provavelmente nunca tenham visto antes nem voltem a ver outra vez. Alguns podem declarar a monstruosidade de tais criaturas....

Falava com monotonia, mas Jordan o afinou. Tinha escutado tudo isso antes.

– Se somente pudesse se localizar a gêmeos unidos e um menino cabra acreditam que teria o potencial de sua própria exposição de carnaval - balbuciou.

O artista fez caso omissa dela, decidido a terminar seu trabalho. Seus dedos se moviam furiosamente, seus golpes mais apressados agora que sabia que seu tempo para terminar sua tarefa estava chegando a um final.

Jordan o observava trabalhar entre suas pernas, desejando que diminuísse a velocidade de seu passo. Tinha medo pelo exame que indubitavelmente seguiria a esta sessão de retrato. Entretanto, ao mesmo tempo, desejava uma explicação para as mudanças que tinham tido lugar em seu corpo desde o ano passado. E Salerno e seus associados médicos podiam proporcionar uma indubitavelmente.

A voz do Salerno aumentou, captando sua atenção e marcando a iminente abertura.

Deixou a capa cair, revelando sua nudez. Empurrando-se sobre seus cotovelos, aguardou o que estava por vir.

– Cavalheiros! Prometo que contemplarão...

A cortina se balançou quando seu atormentador atirou de seu cordão que abria a cortina. O veludo pesado se abriu e se fez rapidamente para trás com uma floreio. E Salerno com malícia em sua voz a apresentou como....

– O hermafrodita!

Capítulo dois

Atchin! Atchin! Atchin!

Lorde Raine Satyr – o segundo dos três enriquecidos e procurados – lordes Satyr – espirrou por triplicado. As pombas se dispersaram quando cruzou com passo majestoso na Praça de São Marco em direção às ruas que levavam a teatro onde teria lugar a conferência a que pensava assistir.

Detrás dele, um par de figuras de bronze fazia soar seus martelos sobre o grande sino no relógio no topo do Campanile.

As cinco. Não podia ser. Olhou para seu relógio. Era-o.

Pelos sete demônios, chegava tarde! A conferência dessa tarde que trataria sobre a praga que estava destruindo as videiras, conhecida como phylloxera, estaria bem em marcha antes da época em que chegasse. Não gostava de não ser pontual. Não gostava deste resfriado. E não gostava de Veneza em sua totalidade no momento.

Inseguro de quanto tempo poderia retê-lo aqui sua empresa e não desejando gastar nem um minuto mais do tempo necessário na cidade, tinha tomado habitações ao sudeste de Veneza sobre a ilha do Lido. O palazzo hotel que tinha escolhido tinha recebido a uma família enriquecida uma vez, mas os tempos eram duros e se viram obrigados a abandoná-lo quando não puderam pagar os avultados impostos. Um dos intrusos austríacos, que tinham chegado depois que os franceses partiram, tinha comprado o lugar e alugado suas habitações às visitas que podiam permitir-se tal moradia luxuosa agora.

Tinha deixado Lido uma hora antes ou algo assim e cruzado a lagoa para Veneza em uma gôndola particular. Entretanto o tráfico no Grande Canal, a artéria principal de transporte da cidade, tinha estado congestionada devido a uma sorte de acidente mais adiante. Assim tinha decidido desembarcar em São Marco e estava dirigindo-se a pé a seu destino ao longo da Riva do Vin junto à longínqua ponte do Rialto. Depois da finalização de sua empresa, a gôndola o aguardaria em uma localização arrumada de antemão sobre o banco sudeste do canal perto da estação terminal da ponte.

Embora cuidasse de manter seus olhos apartados enquanto caminhavam com determinação os sons familiares o assaltaram. Como víboras que esperavam atacar, as lembranças se ocultavam por todos os lados nesta cidade. Lotada deles. Recordando-lhe aquilo que preferiria esquecer.

Tinha nascido em Veneza e criado aqui no seio de uma família dedicada ao transporte marítimo. Herdeiro da fortuna do Altore tinha sido ensinado e se esperava que um dia sucedesse a seu pai ao mando de Marinha Altore.

Entretanto, à idade delicada de treze anos, sua vida tinha tomado um giro dramático em uma tarde somente. Nesse dia sua mãe tinha admitido um segredo longamente oculto. Que para falar a verdade não era o filho do homem a quem tinha chamado pai durante treze anos. Mais ainda, era o filho bastardo do infame Lorde Marcus Satyr, cujo comportamento luxurioso tinha dada origem às intrigas mais excitantes de toda a Itália enquanto tinha vivido.

Em umas horas, Raine tinha sido jogado para viver o resto de seus anos na propriedade Satyr na Toscana. Ali tinha sido criado sob a orientação de seu verdadeiro pai e tinha aprendido o que representava ser de sangue Satyr.

Em seu típico modo direto Lorde Satyr lhe tinha informado francamente depois de sua chegada que não era completamente humano, mas sim era mestiço e que tanto sangue do Earthworld como do Elseworld corria através de suas veias.

Tinha descoberto que tinha dois meio irmãos, Nicholas que era maior que ele e Lyon que era mais jovem. Que os três eram herdeiros de uma dinastia cuja prosperidade era mais indispensável para a sobrevivência de ambos os mundos do que nunca pôde ter imaginado.

Não tinha posto os olhos sobre Veneza, ou sobre nenhum membro da família Altore, desde esse dia horrível fazia quatorze anos. Seus passos se aceleraram para deixar atrás memórias sobre as que não queria voltar, e tomou por um beco apenas o suficientemente amplo como para que passassem dois homens.

Atchin! Condenada cidade desorganizada e infestada de insetos. Desde que Napoleão tinha sido jogado dali, tinha caído em um estado calamitoso de decadência e pobreza através como consequência de sua liderança austríaca atual. Os pobres estavam por todos os lados, espirrando e tossindo. Ontem tinha captado algo do que se estava estendendo quando tinha ido comprar um presente para sua jovem cunhada Jane e o menino na piazza. Dentro do bolso de seu casaco, tocou a tangibilidade das fitas que tinha comprado ao menino variadas que as tinha estado vendendo na doca fora de seu hotel.

A declaração do Rei Feydon em seu leito de morte havia o trazido aqui. Não queria vir e aceitou a contra gosto este dever que tinha sido impingido de se localizar e casar com uma das filhas Das fadas Blend do rei moribundo. A colheita estava em marcha sobre a propriedade Satyr na Toscana e havia muito para fazer. Mas de acordo com Feydon - quem não era um ser digno de sua confiança três filhas Das fadas Blend estavam em uma tipo de perigo e o tempo para encontrá-las era essencial. Seu irmão mais velho, Nick, tinha encontrado a primeira das filhas, Jane, sobre os subúrbios de Roma em poucas semanas. A ameaça sobre ela tinha provado ser verdadeira efetivamente, mas agora estava segura sobre a propriedade e felizmente agarrada a seu irmão.

Isso deixava ao Raine com a tarefa de localizar à segunda das filhas do Feydon. Duas vezes tinha ido a Paris em buscas inúteis. Tinha terminado chegando à conclusão de que não estava destinado a encontrar a filha em Paris depois de tudo. Isso lhe deixava a de Veneza. Era exatamente algo típico do Feydon jogar esse tipo de brincadeira cruel enviando-o a esta cidade, que continha tantas lembranças dolorosas.

Dobrou uma esquina e sua jaqueta bateu as asas na brisa que saía do canal. Por fim! Começou a cruzar a ponte do Rialto, passando as lojas que o revestiam sem pausa. Diante sobre o bordo longínquo, uma barcaça estava descarregando sua carga de vinho sobre a Riva do Vin.

Os aromas do mar e de seda, madeira, cera de vela, perfume e pão das lojas eram indistinguíveis. Sem o uso de seus sentidos olfativos, sentia-se estranhamente isolado do mundo ao redor dele.

— Está aqui para a conferência, também, Senhor? — perguntou uma voz nasal desde atrás dele.

Doze infernos! Raine se girou para enfrentar ao homem que tinha falado. Ter alguém andando furtivamente atrás dele era extremamente desconcertante.

Normalmente, seu impressionante sentido olfativo enfocava tudo e a todos dentro da vista e mais à frente. Dupla maldição a esse resfriado.

– Você não me recorda? – perguntou o homem que o tinha abordado.

Agora que revisava a seu agressor, Raine se deu conta de que lhe era familiar - um homem do clero pelo que indicava a espécie de túnica que usava. Levava a cor violeta do bispo – cor zucchetto – no solideo. E no cinturão de sua túnica que dava forma à cintura de seu corpo de batata. Embora tivesse a estupidez do estivador mais vasto, tinha uma qualidade juvenil ao sorrir bobamente que permanecia estranhamente sobre ombros tão largos.

O homem se apresentou a si mesmo como um bispo, pressionando as dez pontas de seus manicura

Dos dedos sobre seu peito para enfatizar sua importância enquanto o fazia. Um par de olhos marrons anormalmente próximos um do outro o olhavam atentamente desde sua tez pastosa e pouco saudável, mas deixaram de sorrir ao mesmo tempo em que sua boca, lhe dando a seu rosto uma expressão de falsidade.

– Estou atribuído à igreja da Santa Maria Da Gorla, – anunciou altivamente – a oitenta quilômetros de sua propriedade. Conhecemo-nos na festa Da colheita do último outono – o festival da colheita da uva.

Raine espirrou. Considerando isso como uma réplica suficiente, dobrou logo e continuou seu caminho. O homem caminhou dois passos ao lado dele, suas palavras e pés tentando manter o passo.

– Como você poderia saber, eu vou para as vinhas da igreja. Espero levar minha colheita à festa da colheita do próximo mês. Você possivelmente recordará meus esforços dos anos passados? Mas é obvio o meu é um intento modesto, humilhado pelos elevados vinho produzidos por você e seus irmãos nos vinhedos Satyr. Ah! Tal ambrosia!

Raine nunca soube como responder a tolices sociáveis como essa, assim simplesmente não respondeu absolutamente. Deixava tais delicadezas como o discurso social do Nick e ao Lyon normalmente. Sem seus irmãos correndo a interferir, estava à mercê deste homem e de qualquer que queria ter uma conversa inútil com ele.

Felizmente, ou possivelmente infelizmente, o bispo parecia capaz de levar uma conversação pelos dois.

– Suponho que está aqui para a conferência? Naturalmente. Não é assim? Acompanharei-o, porque eu, também, estou aqui para o mesmo propósito. Não porque a phylloxera tenha atacado minhas videiras. Não, não, nada como isso. Asseguro-lhe que minhas uvas crescem sãs e roliças e transbordando boa vontade para a colheita.

Ele de uma rápida respiração, e seguiu então.

– Imagine a coincidência de dois homens da mesma região da Toscana chegando para a mesma conferência em Veneza na mesma tarde. Poderíamos ter compartilhado um veículo e a conversa na viagem em direção ao norte se tivesse sabido. Possivelmente na volta?

Raine se estremeceu ante a só idéia de viajar com o bate-papo constante deste homem. Além disso, o bispo tinha uma maneira molesta de lhe jogar o olho de cima abaixo como se estivesse faminto e Raine fosse um deleitável bolinho de crostoli (orelha de gato pastelzinho doce).

Acelerando sua pernada, deixou a ponte detrás dele, forçando a seu companheiro a levantar sua túnica e irromper em um trote. Impenetrável contra qualquer rechaço sutil, o bispo continuou zumbindo a seu lado como uma espécie de inseto molesto.

Para seu grande alívio, Raine viu há uma distância breve as portas da sala de conferências.

— A conferência? — perguntou ao primeiro encarregado a quem encontrou dentro do edifício.

— Sim, senhor. Você a encontrará acima no teatro à direita, — disse o homem de idade, assinalando com o dedo para cima. — Ou é à esquerda? Temos várias conferências na sessão do dia de hoje. Convocarei a um acompanhante.

— Não há nenhuma necessidade. Encontrarei-a, — disse Raine.

— Sim! Sim! Senhor Satyr e eu encontraremos o caminho, — garantiu o bispo ao homem, empurrando-o a um lado.

Raine se dirigiu acima com largas pernas, tomando a escada de dois degraus de uma vez. O bispo o seguia com efeminadas cambalhotas.

— Confio que voltará logo para a Toscana? Para preparar sua apresentação por escrito para o festival da Colheita?

— Sinceramente isso eu espero, — respondeu Raine sinceramente. Sua casa no Castello de Greystone sobre a propriedade Satyr era precisamente onde deveria estar agora, ajudando com a colheita das videiras da família e prestando atenção ao fermento e a mescla de uvas fermentadas já colhidas e pisadas nos anos passados. Seu trabalho era sua vida, e se sentia fora de lugar a não ser lá em sua propriedade.

Mas era um golpe de sorte que teve que vir a Veneza em busca da filha do Feydon bem a tempo para esta conferência. A phylloxera algo que interessava demais a ele e a seus irmãos. Cada cura possível para ela devia ser premeditada e exaustiva. Ao final temia que suas origens pudessem não ser deste mundo.

Profundamente no coração de Estate Satyr existia um segredo que tinha sido protegido por sua família durante muito tempo - uma abertura que era o único ponto de união entre o Earthworld e outro mundo desconhecido para os seres humanos. Chamado Elseworld, era a casa das criaturas criadas por deuses de uma era passada. Envolta em neblina e folhagem, a entrada rochosa do portal estava escondida só por uma via de acesso exterior constituída por três árvores retorcidas - o carvalho, o freixo, e o espinheiro da tradição das fadas.

Se a origem da phylloxera não fossem terrestres, isso queria dizer que as criaturas mais malignas do Elseworld já se infiltraram neste mundo de algum modo. Se não descobriam os meios pelos que o tinham feito, a erupção sem dúvida chegaria finalmente às terras Satyr. As conseqüências disso podiam ser devastadoras.

Porque estava escrito que se as videiras sátiro alguma vez eram destruídas, a porta também cairia. E se isso ocorresse, as criaturas do Elseworld se derrubariam ao Earthworld, causando estragos.

Quando Raine chegou ao descanso, o sem fôlego gordo bispo estava atrás uma meia dúzia de degraus detrás dele. Raine provou a primeira porta a que chegou com o bispo lhe pisando os talões. Ambos se encontraram de repente ante a visão que se desdobrava ante seus olhos.

Ao outro lado do teatro fracamente iluminado, um homem com a vestimenta branca de um cirurgião segurava um pano de fundo de veludo ante ele. Um ar de expectativa penetrava a audiência que parecia estar formada em sua maioria por homens. Com o puxão rápido do homem sobre um cordão, as cortinas flutuaram para revelar duas figuras no cenário além dele. Agitou um braço em sua direção, anunciando com uma voz eloqüente:

— Cavalheiros! Desejo que vocês contemplem — ao hermafrodita!

Capítulo 3

Quando as cortinas se abriram, todos os olhos voltaram-se para Jordan. Olhou para a audiência para esta inspeção inicial, assumindo a pose semi-reclinada que Salerno lhe tinha ensinado fazia uns anos. Ambos os braços estavam estirados para trás, com os cotovelos entrelaçados e suas mãos plainas sobre a mesa, os dedos para fora. Suas costas estavam arqueadas para que a luz circundante captasse seu peito. Seus joelhos altos e estendidos. Salerno queria que as características de seu corpo que eram em contradição — peitos e pênis — se destacassem para sua visualização.

Como sempre, estalaram gritos entrecortados e murmúrios.

— Aberração. Monstruosidade. A Maschera, — murmuravam.

A Maschera — a máscara. Era o nome que Salerno lhe tinha dado em vista do que usava como um disfarce. Acreditava que lhe dava um ar de mistério e intriga à novidade e dava maior valor a sua exposição.

Aqueles nas filas traseiras tentavam obter uma melhor vista estirando seus pescoços. Olhadas ávidas estavam desejosas por um vislumbre dela — o espetáculo sobre a raridade humana que Salerno tinha prometido para eles hoje.

Tipicamente, a maioria dos assistentes eram médicos e estavam ali somente em pró do estudo científico. Mas também estavam aqueles que vinham esperando excitação ou recolher uma anedota divertida com que entreter a seus conhecidos nos próximos dias.

Motivados por sua raridade, alguns olheiros nas fileiras mais longínquas voltaram a calar-se e se desabaram em seus assentos. Suas mãos, escondidas sob chapéus ou casacos sobre seus regaços antes de começar a trabalhar com esforço

em seus pintos.

Para falar a verdade, a exibição de hoje era exatamente a classe de evento que resultaria atrativo para alguns de seus amigos masculinos mais selvagens aqui em Veneza. Tinha medo de encontrar-se em um destes espetáculos anuais com Paulo ou Gani presente um dia olhando-a entre a audiência.

Seus maiores admiradores tinham chegado o suficientemente cedo para ocupar os assentos principais da primeira fila. Era um grupo privado de Admiradores de Jordan, embora se referisse a seu grupo como SALAMAS, uma sigla para a Sociedade de Admiradores de La Maschera. Compreendia a meia dúzia de homens e mulheres, vinha cada setembro durante os cinco anos anteriores. Viam-na como alguma deusa bem mítica e escreviam odes ocasionalmente em sua honra que Salerno rechaçava imparcialmente. Era uma turma estranha, mas inofensivos.

Depois que a onda inicial de especulação e consternação diminuiu, Salerno estendeu uma mão em direção a Jordan.

– Colegas eruditos e espectadores interessados... ofereço uma amostra vivente de ambigüidade sexual! Uma que deve ser examinada com o propósito de promover a ciência.

Jordan levantou uma mão e moveu as pontas de seus dedos para a audiência. Um nervoso rangido flutuou no ambiente. Em geral, os médicos estavam mais acostumados a assistir a conferências que envolviam o estudo de cadáveres que a seres animados como ela. Somente os membros do SALAMAS a saudaram com a mão com entusiasmo, atirando flores e pequenas lembranças ao cenário.

O artista ficou de pé repentinamente, arrastou sua cadeira, e baralhou através de seus desenhos por alguns momentos. Seus passos eram fortes na tranqüilidade momentânea quando fez gesto de sair do cenário.

Jordan girou sua cabeça e o observou ir-se. Viu que tinha terminado o último esboço e o tinha deixado sobre o cavalete. Tinha retratado suas genitais três vezes o seu verdadeiro tamanho. Tinham sido interpretados fielmente. Era muito bom realmente.

– Sejam testemunhas deste espetáculo. Este milagre da ciência, - seguiu Salerno. Como se fora um diretor de orquestra, suas mãos se moviam em gestos firmes para acentuar suas palavras e lhes acrescentar relevância.

Jordan olhou além dele, escaneando o mar de caras escurecido pela penumbra. Devido a ela, a reputação do Salerno se estendeu por toda parte. Hoje o teatro se encheu por completo. Várias centenas estavam presentes. As velas iluminavam o cenário para que pudessem vê-la facilmente. Mas além das velas, a multidão de observadores aparecia como mortalhas com as feições ocultas a ela.

– Nunca se viu um hermafroditismo tão pronunciado em qualquer outro sujeito, vivo ou morto, – disse Salerno é uma oportunidade incomum, os asseguro. O sujeito tem dezenove anos de idade. Tal caso estranha vez perduram tanto tempo. Morte temprana atribuível à enfermidade venérea ou o suicídio são

tipicamente o destino destas criaturas.

Jordan pôs os olhos em branco.

– Não, realmente. Não se incomode em tratar de respeitar meus sentimentos, – balbuciou ela.

Mas Salerno não estava sendo intencionalmente cruel com ela. Não se preocupava com ela o suficiente como pessoa para preocupar-se com a crueldade. Para ele, era simplesmente uma curiosidade médica. Um degrau para a fama e a glória em seu campo eleito. Que pudesse ser também um ser humano com sentimentos ser irrelevante. Sua falta de empatia o fazia ainda mais perigoso.

Com o tempo, Salerno pareceu cansar-se de sua própria voz e chamou que o interrogatório começasse.

– por que a máscara? – perguntou uma voz da multidão.

– É um requisito que exige a família do sujeito, – respondeu Salerno. – portanto o apodo, A Maschera.

– Mas por que especificamente o bauta quando qualquer máscara teria servido? – demarcou outro.

– Sempre levei o bauta do Carnaval, – declarou Jordan. – Inclusive antes dos austríacos.

Salerno lhe dirigiu um olhar de irritação. Poderia ter que obedecê-lo na maioria das coisas, mas se negava a fazer de vítima silenciosa que preferiria que ela fora. Deveria estar acostumado a isso já.

Os observadores sempre perguntavam sobre a máscara, mas tinha assumido valor adicional esse ano. Porque alguns venezianos que ainda se rebelavam contra o reinado austríaco tinham decidido disfarçar-se detrás de máscaras de Carnaval para fazer travessuras, tais máscaras tinham sido proibidas recentemente. A festa que durante séculos tinha sido tão essencial para a cidade estava agora proibida.

– me deixem dirigir sua atenção aos temas debaixo do pescoço do sujeito, – disse Salerno, demonstrando seu peito. Sua mão estava fria quando tomou o peso de um de seus peitos entre seu polegar e dois dedos, estirando-o. – Junto com o que são exibidos entre as pernas do sujeito, tais objetos chamam as risadas da multidão freqüentemente.

Jordan se encolheu ante o trocadilho, havendo-o escutado antes em cada aniversário desde que seus peitos se desenvolveram. Tinha tido que enfaixá-los todas as manhãs para perpetuar a ficção de que era completamente macho dali em adiante.

– Não são muitas provas de ambigüidade sexual, – queixou-se uma voz. – Vi homens com tetas grandes.

– Exceto se trato de homens gordos, eu garanto, – objetou Salerno. – E este sujeito não está gordo. – deixou seu peito livre outra vez.

– Mas escutemos falar com o sujeito com o propósito de que possamos julgar a qualidade e o timbre da voz, – disse alguém.

Jordan inclinou sua mandíbula a um ângulo provocador.

– O que teria que dizer? Que você é um sapo? Um idiota? Um estúpido?

O questionador se ruborizou. Aparecendo muito envergonhado por ter desafiado a perguntar, acrescentou mansamente:

– A voz é muito grave para ser estritamente de sexo feminino, mas ainda muito aguda para ser macho, - concluiu rapidamente.

Outro homem ficou de pé.

– Está o, uh, o sujeito bem barbeado? Faz, ele, ela, uh - suas palavras foram desaparecendo quando procurou o pronome apropriado para fazer a solicitude.

Os substantivos saltavam com facilidade aos lábios da audiência sempre que a contemplavam, - raridade, espécime, sujeito, monstruosidade. Na faculdade de medicina de Paris onde tinha sido levada para a observação quando era menina, tinha sido etiquetado, o doente. Mas ninguém sabia nunca que pronome lhe aplicar. Às vezes a etiquetavam - ela, às vezes - ele e o pior de tudo, em imitação do Salerno, – disse.

– Pode fazer referência ao sujeito como "A Maschera" – Lhe informou Salerno.

– Muito bem então, – continuou o homem. – Tem uma barba?

– É obvio, só olhe entre suas pernas, – brincou outra voz de algum lugar na audiência.

O grupo rio a gargalhadas. Jordan fez uma expressão aborrecida. Tinha escutado a brincadeira antes de outros médicos em outros cinemas.

– Somente me perguntava se sua mandíbula poderia ter estado bem barbeada antes deste evento para nos desviar de um diagnostico correto – protestou o homem.

A mão do Salerno se cavou em sua mandíbula, massageando.

– Suave como o traseiro de um bebê, garanto-o. Venha. Convido-lhe a que o comprove você mesmo.

Jordan se fortaleceu para o que estava por vir. Este convite seria o primeiro de muitos.

O inquisidor avançou a pernas para frente. Seus dedos acariciaram as bochechas do Jordan, pescoço e garganta. Inclinou sua mandíbula para um lado e outro. Captou seu olhar, esperando sobressaltá-lo com seus anormais olhos negro azeviche a propósito.

Sob seu olhar inquebrável, deixou cair sua mão rapidamente. Limpando-se na perna de suas calças, retrocedeu.

– Sem barba, – pronunciou a audiência, antes de retornar a pernas a seu assento.

Mais pergunta vieram, embotadas e rápidas. Nada lhe era novo. Mas estava estendida à espera de uma pergunta para a que a resposta seria nova. Quase seria agradável ver a comoção sobre a cara do Salerno.

– O canal vaginal está oculto? – perguntou alguém.

– Não, há uma pequena perfuração em seu clímax, – garantiu Salerno.

– Quão pequeno? – perguntou a outro ainda.

– Descubram vocês por si mesmos. – Salerno fez gestos aos dois

participantes para o cenário.

Jordan se recostou, cruzando suas mãos ao outro lado de seu estômago. Isto estava seguindo o curso de todos os outros eventos nos anos passados. Em alguns aspectos, era aborrecido. Em outros, dolorosos. Mas acima de tudo a exploração tornava-se uma humilhação funda e secreta nela.

Salerno entregou uma vasilha com unguento. Era passado entre os dois homens. O primeiro deles tirou uma porção em dois de seus dedos.

Salerno procurou um copo de água para aliviar suas cordas vocais enquanto esperava.

Um dedo frio e lubrificado se deslizou ao longo de sua fenda, encontrando sua entrada. Introduziu-o profundamente. A cólera a enchia tão regularmente como o dedo, mas se concentrou em respirar uniformemente, esperando que ele tivesse terminado.

— Não há barreira virginal, — anunciou o primeiro atizador com suspeita em seu tom.

— Existia uma vez, garanto-o, — disse Salerno. — Foi quebrada faz muitos anos pelas outras investigações.

Sim. Recordou Jordan.

O dedo fez uma investigação profunda, procurando, até que inclusive os nódulos da mão tinham entrado nela. Ao final o dedo aguilhoou o resto de seu canal, analisando a perfuração que encontrou.

— Ah! Sim, sinto muito.

Jordan apertou seus dentes contra a cãibra em seu abdômen.

Saiu.

O dedo lubrificado de outro substituiu o seu em seu canal vaginal, inquisitivo outra vez. O homem encontrou a abertura, assentiu com a cabeça em acordo, e logo se retirou.

A cólera se inchou nela, mas tratou de calcá-la. O que fora feito neste dia devia permiti-lo, recordou-se. A continuidade do conforto de sua mãe e a sua própria dependia de sua obediência.

Obediência. Como detestava a palavra. Todos os anos se plantavam quando Salerno vinha por ela ao amanhecer, mas sua mãe sempre chorava e suplicava. Um dia era muito para pedir de um filho com o propósito de que seu único pai pudesse viver no luxo os outros 364 dias do ano? Enrolava-a.

A riqueza do pai de Jordan — uma fortuna considerável — tinha estado pendente de um fio aquela manhã desde que ela nasceu fazia dezenove anos até o dia de hoje. Tinha morrido em um acidente de caça somente uma semana antes. Se Jordan tivesse sido pronunciada de sexo feminino em seu parto, um primo distante teria herdado tudo. Ela e sua mãe teriam perdido a encantadora casa e suas roupas e acessórios suntuosos, os investimentos, as jóias, o prestígio social, e a estima de cada família aristocrática em Veneza.

Mas se Jordan era declarada um macho — ah! Isso era completamente diferente.

Salerno, um cirurgião jovem nesse tempo, tinha atendido a sua mãe em um parto difícil. Quando Jordan tinha nascido como um caso de ambigüidade sexual – um corpo que possuía tanto partes masculinas como femininas – tinha sido o suficientemente ardiloso para ver o potencial de seu futuro. Um acordo tinha sido estabelecido entre ele e sua mãe. Tinha pronunciado ao Jordan macho. E sua mãe tinha herdado a fortuna da família Cietta.

Durante todos seus dezenove anos, Jordan tinha olhado para o mundo como um homem. Levava calças, dirigiam-se a ela como Senhor, e lhe dava o respeito de um jovem de família em nome e status.

Mas isto não era o que queria. E quando cada dia passava, irritava-se por seu manto masculino e se desesperava cada vez mais por uma mudança.

– Se uma criatura tiver um pênis, é macho. É tão simples como isso, – postulou um homem na audiência.

– Você chama a esse pequeno membro um pênis? – burlou-se outro, agitando uma mão na direção dos genitais do Jordan.

– ouvi que isso é o que as damas dizem a você na privacidade de seu quarto. – disse Jordan sarcástica.

A risada estalou.

– Sim, chamo-o um pênis, – adicionou Salerno, expondo sua voz em um intento de restituir a ordem. – Como o chamaria você?

– Um clitóris hipertrofiado, – respondeu o homem, forte para ser escutado sobre o estrépito.

Salerno cortou o ar com sua mão.

– Completamente não. Não há nada semelhante a esse órgão a ser encontrado aqui. O pênis o substituiu.

– Posso pôr uma pergunta ao sujeito diretamente? – perguntou outro homem.

– Sim, – respondeu Jordan gritando, antes que Salerno pudesse. – Mas não garanto uma resposta.

– Silêncio, por favor! – comandou Salerno indo à frente do cenário. – Somente então continuaremos.

Quando a ordem foi recuperada definitivamente, o homem lhe atirou sua pergunta.

– Você sangra?

– Não, – respondi com um encolhimento de ombros. Era uma pergunta fácil.

O participante estalou seus dedos.

– Isso resolve então. Não há nenhum útero. Nenhum útero.

– Se existir ou não um útero é um tema indeterminável ainda, – disse Salerno. – Estou seguro que você se dá conta de que algumas mulheres que possuem órgãos de sexo feminino não sangram, mas ainda são de sexo feminino.

– Em geral, você tem um sentido de virilidade? – perguntou-lhe outra voz.

– Ou de feminilidade?

Seus olhos encontraram os do Salerno.

– Feminilidade, – disse desafiadoramente.

– Alguma vez da virilidade? – continuou o participante.

Vacilou. – Isso é difícil de dizer. Por exemplo, desfruto do trabalho e bagatelas do sexo feminino. Mas ao mesmo tempo, desfruto das ocupações masculinas – montando a um bom cavalo ou tomando um gole forte e uma boa risada com amigos. É obvio, não quero insinuar que no montante faço trabalho literalmente ao mesmo tempo.

Alguns suspiros incertos e risadas tolas chegaram e foram apagados rapidamente. Seus interlocutores preferiam pensar nela como uma amostra sob um microscópio. Quando revelava senso de humor se tornavam incômodos e nunca muito seguros do que pretendia dela.

– Você está vivendo na sociedade agora sob a aparência de mulher? – gritou alguém.

Salerno elevou uma mão, rechaçando a pergunta.

– A família do sujeito proíbe pergunta e todas as outras que possam levantar pistas a respeito de sua identidade.

Queixas se frisaram sobre a audiência.

– Oponho-me ao término “ele”, o qual parece inapropriado e degradante, – protestou um inglês com óculos.

– Como me chamaria você? – Jordan estalou os dedos.

– Uma abominação! – gritou alguém da parte posterior do teatro.

As cabeças se giraram para trás, olhando com atenção para o final longínquo do corredor do centro. Dois homens tinham entrado inadvertidos em algum momento e permaneciam agora de pé ali.

Jordan se sentou para frente e deu sombra a seus olhos, tratando de vê-los melhor. Quem tinha falado levava muita carne em cima, mas o outro era magro, estreito de cintura e largo de ombros, e extremamente alto. Sentia que os olhos do alto estavam sobre ela. Medindo-a. Acreditava ser ela uma abominação, também?

Entrecerrou os olhos, tratando de ver suas feições, mas encontrava impossível decifrar através da escuridão. Sua postura era reta, quase rígida, dando a impressão de medir por sobre o metro oitenta.

Sua pausa fez notar sob sua larga inspeção e ela se encurvou, apertando seus braços ao redor de seus joelhos para escondê-la.

O olhar do alto se precipitou para cima para cravar-se na sua. Faíscas de prata foram captadas pela luz das velas. Tinha visto seu desejo, seus olhos lhe disseram que também a desejava. Mas de algum modo intuía que não gostava.

– Você é um monstro. Uma criatura do diabo, – disse o homem rechonchudo ao lado dele com a autoridade inquebrável.

O mais alto permaneceu em silêncio, fazendo caso omisso de seu companheiro. Assim não a defenderia. Mas então por que deveria? Ninguém nunca o tinha feito. Ela se defendia a si mesmo.

Seus olhos trocaram de um ao outro. Levava a túnica de um bispo. Não

importava o que pensasse, disse-se, mas não podia deixar que seus comentários difamatórios passassem despercebidos.

— por que devem definir como um monstro minhas genitálias externas? — discutiui. — Pelo que sei podia ser um santo em meu coração.

— Criatura blasfema! — grunhiu o bispo, lhe agitando um dedo. — É óbvio que você não é nenhum santo.

Nesse momento, um homem magro e preocupado caminhou ao mesmo tempo dos intrusos na parte posterior do teatro.

Salerno se dirigiu para o centro do cenário, obscurecendo sua vista deles. Levantando e baixou seus braços de forma ondulante, tentando recuperar a atenção de sua audiência.

— Cavalheiros, por favor. Sigamos com nosso debate....

Jordan se empurrou mais alto, tratando de olhar com atenção além dele. Mas os dois homens no corredor estavam fora agora. A decepção se disparou através dela.

— Você notará a presença dos lábios menores e maiores como podem ser encontrados em qualquer mulher, — disse Salerno com monotonia, voltando a seu lado.

A contra gosto soltou seu agarre sobre seus joelhos e as separou. Com uma mão, Salerno estendeu a mão entre suas coxas.

— O lábio maior não está unido... — se deteve abruptamente inclinando-se mais perto para olhar com atenção entre suas pernas. — Que diabos? — agarrou seu pênis entre seu polegar e dois dedos. Brandamente o apertou.

Seus olhos excitados se elevaram para encontrar os seus.

— Serei maldito. Acredito que você se está pondo... Duro.

Capítulo 4

Assim que a cortina de veludo se abriu com um assobio, o olhar de prata de Raine tinha sido atraído como ferro a um ímã à figura semi reclinada sobre uma mesa rodeada de velas. Era magnífica.

Apesar de suas partes corporais contraditórias, não ocorreu a ele questionar nem por um momento que era extremamente feminina. Simplesmente sabia na medula de seus ossos.

— Perdão, senhor, — uma voz se intrometeu em algum lugar perto. Vagamente, notou que o bispo atraía sua atenção para uma molesta discussão. Mas Raine continuou olhando fixamente o cenário, paralisado.

Seu olhar fez amplo movimento lento da figura sobre a mesa. Era pequena, mas se sustentava regidamente, transmitindo uma presença que tinha cativado o

interesse de uma audiência inteira. Quantos homens ou mulheres podiam reclinar-se nus em um auditório público e ainda conservar um ar de orgulho e desdém para os observadores, maravilhados.

O brilho apagado de sua compleição dourada captava a luz das velas. Seus olhos e cabelo eram escuros e lustrosos. Seus peitos eram suculentos, roliços e bem formados, mas moderados - cada um de um tamanho que encheria sua mão perfeitamente. Sua cintura e quadris eram esbeltos, mas curvadas. E abaixo, no ninho entre suas coxas, estendia-se um curto e delicado pênis.

Um hermafrodita.

Mas por que estava permitindo ser exibida publicamente como o prato principal sobre uma baixela como uma refeição formal?

E por que queria subir sobre o cenário, engatinhar nessa mesa, e fazer um banquete dela? Ao vê-la, seu próprio pênis se endureceu em uma protuberância grossa e estrangulada dentro da virilha de suas calças. Uma luxúria poderosa tinha crescido dentro dele, como se já fora Moonful (lua cheia).

Mas a lua não chegaria a sua plenitude até a semana seguinte. Não tinha experimentado nunca o Chamado fora da propriedade Satyr, ao menos nunca desde que se fez adulto. Entretanto, parecia improvável que pudesse terminar sua empreitada aqui em Veneza e estar em casa para então. Teria que planejar satisfazer seus desejos e evitar cuidadosamente ser descoberto.

Quando a lua da colheita saísse pelo céu em sete dias, seu corpo trocaria, ficando mais fortemente potente. Trocaria fisicamente de uma maneira que tinha aterrorizado a sua ex-esposa uma vez. Durante o Chamado sua mente seria governada pela necessidade de estar em zelo do anoitecer ao amanhecer.

Mas isso tinha sido até o momento em que tinha colocado seus olhos sobre a criatura sedutora sobre o cenário.

— Bem, Senhor? — a voz compungida golpeou sua atenção outra vez como se tratasse do zumbido de um borrachudo.

Raine arrancou seu olhar fascinado da mulher no extremo centro do teatro e olhou ao obsequioso homem a seu lado e ao bispo. Estava falando, pontuando suas palavras com pequenas meias reverências repetidamente. Quanto tempo tinha estado de pé ali?

— Perdão, perdão, ingressos...

Atchin! Espirrou Raine, amaldiçoou em silêncio, e logo perguntou:

— O que é que disse?

— Sim, senhor. Perdão, Como estava explicando a seu companheiro, requerem-se ingressos para assistir à conferência médica do Senhor Salerno esta noite — disse o homem, obviamente aliviado de ter obtido sua atenção definitivamente.

— Asseguro-lhe que não temos interesse em ficar aqui para presenciar tal visualização repugnante, — interrompeu o bispo.

Os olhos do Raine foram ao cenário, mas o conferencista se moveu em frente da mulher agora. Vários na audiência estavam de pé, lançando perguntas

para eles, e sua altura lhe bloqueava a vista. Não estava passando apuros, e seus olhos não tinham estado drogados. Não importava qual fora a razão, supunha que estava ali por sua própria vontade. E ele tinha um negócio urgente em outro lugar.

Sem outra palavra, virou sobre seu salto e saiu do teatro.

Logo depois da partida repentina de Raine, o bispo terminou sua conversa com a pessoa interessada nos ingressos em meio da oração.

Tinha visto a protuberância que esticava na virilha das calças do Satyr. Seu companheiro temperamental poderia fingir indiferença para algo sexual, mas essa criatura horrenda no cenário tinha despertado seu interesse.

E devido a que o interesse do bispo tinha sido despertado pelo Satyr desde que o tinha visto no festival da colheita há quase um ano, não estava particularmente agradado de notar o fato. Tinha vindo de todas as maneiras à conferência ante a possibilidade remota de que este escorregadio Satyr pudesse assistir. Mais solitário que seus dois irmãos, deixava sua propriedade da Toscana poucas vezes. Apesar dos melhores esforços do bispo, as tinha arrumado para lhe dar vantagem à metade dos doze meses do ano passado e logo somente o tinha observado de longe. Mas ainda sua teimosia tinha prosperado ainda mais ao ser negado.

Escorreu-se no corredor, observando ao Raine ir para a outra sala de conferências. Seus olhos devoraram sua forma magnífica. Seus ombros largos, estreita cintura e coxas musculosas.

Muitas vezes tinha imaginado essas mesmas coxas escorar-se enquanto ele mesmo trabalhava entre eles. Imaginou os gritos de êxtase que podiam rasgar os lábios desse homem. Imaginou duro e suplicante.

Uma idéia repentina lhe veio. Possivelmente podia conseguir a abominação exibida no teatro para uma festa privada de três mais tarde esta noite. Se Satyr fora estimulado pelos encantos de La Maschera, possivelmente não se mostraria contrário a certa sugestão que o bispo esperava lhe propor. Assim que o vinho tivesse fluído suficientemente entre todos eles, possivelmente outros fluídos mais pessoais poderiam ser intercambiados entre eles também.

Falaria com cirurgião sobre o cenário sobre contratar a sua criatura para a tarde ou possivelmente mais tempo. Mas se deixava este teatro, o conferencista vestido de branco poderia escapar antes que pudesse realizar seu pedido. Ainda não podia deixar que Satyr seguisse seu caminho sem averiguar onde se estava metendo em Veneza. O que fazer?

Quando os passos de Raine comeram o tapete rapidamente adiante, o bispo tomou uma decisão. Retornou ao encarregado que lhe tinha seguido os passos pelo corredor.

—Decidi não assistir à conferência sobre phylloxera esta noite depois de tudo. Tomarei parte nesta conferencia em vez.

—Mas Senhor — choramingou o homem, preparando-se para embarcar-se em seu discurso ensaiado outra vez.

— Sim, sim. Você precisa me acossar com suas queixa outra vez. Qual é o

preço de um ingresso para esta conferência? – perguntou gesticulando para a porta.

Ante a resposta do encarregado, o bispo lhe entregou o dinheiro e um pouco mais.

– Pagarei-lhe outra vez para retornar a este teatro aqui mais tarde esta noite e me informar quando o cavalheiro que baixou sozinho pelo corredor saia da outra conferência – disse.

Colocando sua proposta no bolso, o encarregado assentiu com a cabeça ansiosamente e começou a mover-se na direção que Raine se foi.

O bispo agarrou seu braço, detendo-o momentaneamente.

– Não o deixe saber que você o está observando.

– Não, não. É obvio que não. Esteja seguro que serei discreto. – assim que passou um período prudente de tempo se pos a caminho.

O bispo permaneceu no corredor observando-o, esperando que pudesse ser de confiança. Então girou e retornou ao teatro

Alguns médicos tolos da audiência estavam sobre o cenário agora com a abominação, ainda em busca de respostas. O hermafrodita ofendia seus olhos e seu discurso suas orelhas. Mas vê-lo ser golpeado e cravado levantou seu pau. Trocou de lugar as saias de seu hábito para ocultar o fato e encontrou um assento rapidamente na fila traseira.

Sua mão patinou debaixo das dobras de tecido, encontrou seu pau duro e começou a bombear. Nas ocasiões como esta em que a cautela era requerida, as túnicas de bispo provavam ser objetos de vestir extremamente úteis.

Sua profissão de clérigo não era sua primeira eleição, mas a fortuna familiar se perdeu fazia aproximadamente duas décadas e se viu forçado a abrir-se passo na vida de algum modo. Se conseguisse fazer cair no laço a um protetor como Satyr aumentaria seu nível de vida enormemente.

Sua mão seguiu bombeando, levando sua mente longe do tema da phylloxera ou a igreja. Suas esperanças estavam em flor em relação às possibilidades que a noite sustentava e seus lábios estavam tranqüilos e silenciosos por uma vez enquanto ensaiava palavras persuasivas para exercer quando ele e Satyr estivessem sozinhos finalmente.

Capítulo 5

Mais de uma hora depois, a multidão de médicos no teatro tinha esgotado suas perguntas e partido definitivamente. Isto deixava somente um grupo seletivo de cinco homens, cada um dos quais tinha pago uma soma ao Salerno para um exame mais privado dela. Assim que se tiveram reunido sobre o cenário, Salerno sacudiu as cortinas para fechá-las, isolando a área dos assentos agora vazia da

vista do Jordan e criando um ajuste mais íntimo para o grupo remanescente.

Fora se escutou o timbre do relógio da praça marcar as sete. Não seria oficialmente livre de retornar a casa até meia-noite. Cinco horas para ir-se.

Mas ninguém ali estava apurado por terminar a noite exceto ela. Chegou e uma bandeja com taças foi dada e os homens se prepararam para passar à tarde em sua companhia.

Dois dos convidados eram da aristocracia veneziana, deduziu rapidamente. Com nada melhor que fazer e mais dinheiro de que soubessem como gastar, ficaram aqui para aliviar seu aborrecimento a sua costa.

O terceiro era mais sério, um inglês que empurrava seus óculos contra seu nariz muito freqüentemente. Era provável que pelo menos ficou para verdadeiros propósitos de estudo médico.

O quarto era um siciliano grande e barbudo na profundidade de cujos olhos se via a determinação de estudar cada polegada dela tão totalmente como um artista o faria. Do tipo dos que se sentava na parte traseira do teatro, seu interesse era obviamente egoísta e luxurioso.

O quinto homem era um lento, um que tinha visto antes. Era o bispo que a tinha condenado antes de retornar para lhe dar outro olhar. Infelizmente seu amigo alto não estava por nenhum lugar.

— Não há nada aqui que possa interessar a um homem da igreja, — disse Salerno com desconfiança, enquanto o bispo tratava de abrir-se passo entre bastidores para reunir-se com os outros.

— Ao contrário, — respondeu o bispo. Seus olhos registraram o interior do cenário além do Salerno, posando-se sobre Jordan.

— Lhe asseguro que meu propósito aqui não está relacionado com a igreja no absoluto. Devo pedir um favor. Um que beneficiará seu moedeiro. — sussurrou algo ao Salerno que Jordan não pôde escutar.

— A Maschera não é para alugar, — disse Salerno agitando sua cabeça.

A cara com manchas do bispo mostrou seu evidente desgosto por ser rechaçado. Seu tom se tornou mais forte e persuasivo.

— Pagarei o que você considere justo.

Mas Salerno ainda o sujeitou.

— A Maschera é meu somente por este dia. A meia-noite deve ser devolvido a seu domicílio. Vá-se agora.

Tratou de fechar resolutamente a cortina sobre o homem.

— Espere! — insistiu o bispo agarrando-se ao bordo da queda de veludo antes que pudesse fechá-la. — Embora a igreja seja minha vocação, asseguro-lhe que tenho um forte interesse nos temas científicos.

— E nas abominações também? — perguntou Jordan, projetando a voz para que a escutasse.

Os olhos do bispo a atravessaram, detendo sua respiração em sua garganta. Tirou algumas moedas e as colocou na mão do Salerno.

— Quando caí em seu teatro por acaso mais cedo me disseram que se

requeriam ingressos para este evento. Você tomará esta soma em lugar do preço de compra acostumado?

Salerno olhou com atenção dentro da bolsa de moedas, pesando para avaliar seu peso. A contra gosto, abriu para que o bispo pudesse entrar.

— Muito bem. Não discutirei mais. Em vista dos desenvolvimentos imprevistos, estou ansioso pelo exame desta noite.

O tinido de cristal disse ao Jordan que alguns dos outros tinham começado a encher seus copos. Abandonando a seus convidados a seus próprios recursos, Salerno se aproximou de seu lado sujeitando uma caixa de ferramentas, uma pluma e uma caderneta pequena.

— Estes são novos, não? — perguntou-lhe, esfregando um dedo ao longo de seu lábio roliça.

Encolheu-se de ombros. Três dos convidados os rodearam — o bispo, o inglês, e o siciliano — olhando quando Salerno apalpou outra vez as protuberâncias com as gema em seus lábios. Tomou mentalmente distância do que estava por ocorrer, olhou fixamente o teto, observando uma mancha de água algo grande que tinha sido causada por uma fuga tempo atrás. Parecia-se com um coelho marrom com orelhas inusitadamente largas. Ficou tensa, dando-se conta de onde tinha visto esse coelho antes.

Em seus sonhos.

Paralisada, sentiu-se cair impotente no fosso de seu pesadelo.

— Olá? Olá? — a voz forte do Salerno a sacudiu. — Quando notou pela primeira vez a prova de testículo formando-se em seus lábios?

Seus olhos se moveram bruscamente para ele. Estava-a olhando estranhamente como se tivesse estado tratando de obter sua atenção durante algum tempo. Tragou, encontrando sua garganta seca. O puxão dos sonhos se estava fazendo mais forte, contatando-a inclusive durante as horas de vigília.

— Testículo? — repetiu Jordan. — Mas você está seguro que isso é o que são? São tão pequenos.

Fez um gesto com sua mão como desprezando sua pergunta.

— Não faça objeções sobre minha perícia médica. Sei o que vejo! Quando?

— Aproximadamente faz dez meses, — respondeu.

Suas mãos frias e venosas levantaram seu pênis — brando agora — e o moveram e o giraram, examinando-o. O calibrador foi extraído de sua caixa de ferramentas para medir sua longitude e medida em descanso.

Já, estava habituada a tais exames. Ou assim disse a si mesmo. Dissociando-se do que estava ocorrendo, continuou localizando formas de animal entre as manchas de água do teto.

— Desde este ângulo a criatura podia ser — macho ou fêmea disse alegremente uma voz desde algum lugar detrás dela. Os dois venezianos estavam aparentemente bem encaminhados para a embriaguez. E pelo som de coisas, estavam vendo com esforço os retratos que o artista tinha feito dela.

Jordan soube que desenho especial estavam investigando. Somente as

peças podiam ser descritos desse modo. Era uma vista de costas. Tinha posado para ele sobre seus joelhos, sua cabeça centrada em posição de descanso sobre seus antebraços dobrados. Nessa postura, o anel franzido entre as nádegas de seu traseiro se abria ligeiramente. Mas tinham razão. Era uma vista em que aparecia normal, e era impossível dizer seu sexo.

— E quem saberia a diferença na escuridão? — chegou à réplica insultante do primeiro dos homens.

— Não uma bicha como você presumo.... — brincou Jordan, enroscando-se para lançar as palavras para eles.

O companheiro do homem esbofeteou ao tipo no traseiro, rindo-se a gargalhadas.

— Acredito que te insultou, meu amigo.

Muito bêbado para tomar a afronta, seu amigo somente levantou sua taça em um brinde.

— Um plugue é um plugue e um buraco é um buraco, — rimou.

Jordan se zangou consigo mesma por reagir. Seus olhos procuraram o teto outra vez, mas as tinturas de água falharam em recapturar sua atenção.

— Nenhum mudança no tamanho do ano passado, — anunciou Salerno. Tendo medido seu eixo frouxo em todas as dimensões, rabiscou uma nota em seu livro. Então fez a pergunta que sabia que finalmente viria. — Que data seu pênis teve a primeira ereção? — seu lápis se sustentou no ar sobre a página, esperando.

Quando os sonhos tinham começado a atormentá-la a sério. Quando se fizeram tão freqüentes e prementes que se havia posto difícil perceber a diferença entre a vigília e o sonho. Na noite as escuras vozes masculinas tinham começado a lhe sussurrar sugestões carnis, causando que ela se retorcesse e respirasse com dificuldade. Causando que seu pau se endurecesse e se dissipasse e derramasse seu êxtase, saqueando seus lençóis. Mas não lhe diria nada disso.

— Bem? — cravou, esquadrinhando a pergunta é tão difícil?

— Faz dez meses, justo quando as protuberâncias se formaram em meus lábios, — respondeu sinceramente.

— Eu gostaria de medi-lo em plena ereção, — disse-lhe Salerno. — Acaricie-o até que fique duro para mim.

Olhou-lhe furiosa, horrorizada, mas ele fez caso omisso.

— Faça-o eu? — perguntou servicialmente quando não obedeceu. — Ou um dos outros aqui? Ou você preferiria que trouxesse uma mulher para provocá-lo? Indubitavelmente há muitas putas rondando pelas ruas, inclusive em uma noite assim.

Salerno faria isso exatamente, soube. Não tinha consciência no absoluto respeito a quão repugnantes pareciam suas sugestões. Inclusive se o explicava, não haveria nenhuma maneira de fazê-lo compreender. Era simplesmente incapaz de sentir empatia com outro ser humano.

— Putas? — um dos bêbados se ecoou, repentinamente interessando-se no que acontecia.

— Aqui?

Ele e seu companheiro alegre se animaram um ao outro a reunir-se com os outros ao redor dela, intrigados pela possibilidade do novo espetáculo.

— Farei-o. Mas requiro privacidade, — disse Jordan.

Salerno assobiou e fanfarroneou, agitando sua cabeça.

— Este não é momento para a falsa modéstia. Quero observar o processo para ver se desenvolve normalmente. Onde está esse pote de unguento?

O bispo localizou a vasilha e a aproximou.

Ela franziu o cenho ante isso.

— Requer ajuda depois de tudo? — perguntou o bispo.

— Não das pessoas como você. — Jordan arrebatou o creme, girou dois dedos dentro, e logo girou seu torso tentando ocultá-lo o mais possível. Fechando seus olhos, bloqueou a seus observadores.

Em repouso, seu pênis era somente ligeiramente mais comprido que sua palma. Concentrou-se por alguns momentos, registrando sua mente por inspiração. Uma imagem do homem escuro e alto que tinha entrado no teatro com o bispo antes saltou a sua mente. Seu pau se vigorizou. Seis homens silenciosos a observaram acariciar-se sua dureza.

— Ah, ser jovem e ter um pau que cresce tão ansiosamente, — disse um dos bêbados, brindando por ela.

Duas gotinhas de vinho tinto chapinharam sobre sua coxa. Olhou-as fixamente. As manchas pareciam sangue. Isto, também, era justo como tinha visto em seu sonho.

Seu olhar se precipitou ao redor da habitação, procurando cautelosamente. Onde estava a terceira parte do sonho? Onde estavam as fitas? Quando viriam? E de que direção?

Salerno empurrou sua mão e tomou as medições que requeria.

— Treze centímetros. — rabiscou em sua caderneta, e logo substituiu sua ferramenta de prata no estojo de veludo.

Os dois bêbados olharam quando a mão do bispo iniciava um movimento sobre seu eixo, deslocando-se da raiz para sua ponta. Ela pôs uma mão sobre a sua para pará-lo, mas seu punho se apertou sobre sua cabeça, forçando à fenda em sua ponta a separar-se da mesma forma que uma boca diminuta.

— Um canal excretorio para urina, — proporcionou Salerno, inclinando-se para observar.

— E espermatozóides? — o bispo a olhou diretamente aos olhos. Sentiu um brilho breve de reconhecimento. Mas estava segura que nunca o tinha conhecido. Certamente somente se parecia com outra pessoa a quem conhecia.

Com uma aposta muito forte sobre seu peito, Jordan o empurrou.

— Não me toque.

— Lhe responda, — disse Salerno, a posição de sua lápis indicava que esperava sua resposta outra vez.

Embora seu sangue fervesse, fez uma função do estudo de suas unhas,

fingindo aborrecimento.

— Sim, - respondeu.

O siciliano acariciou sua barba.

— Então você supõe que o sujeito podia procriar um menino?

Salerno lhe jogou o olho especulativamente.

— Difícil de dizer. Suponho que uma puta podia ser paga para avaliar a teoria na prática.

— Não engravidarei a nenhuma puta para você, — protestou Jordan, atendo-se em uma ajustada bola e envolvendo seus braços e a capa ao redor de seus joelhos. — Inclusive se fosse capaz de fazê-lo. O que não posso.

— Você nega que possui testículo? Um pênis? Você nega todas estas provas que Deus deu sobre a virilidade? — perguntou o bispo.

— Não! Em um sentido físico não sou totalmente macho ou fêmea. E aceito isso. Só desejo viver como uma mulher neste mundo em meu coração.

Que bem se sentia dizê-lo em voz alta!

— Você é excitado sexualmente por homens? — perguntou o siciliano.

— Sim. — jogou uma olhada ao excesso de cabelo negro suarento que se inchava por seu pescoço e entre os prendedores tensos de sua camisa. — Bem, não todos os homens.

— Predisposto para os homens, — anotou Salerno em seu caderno.

— Assim que você deseja participar da sodomia? — perguntou o bispo.

— Obrigado por sua generosa proposta, — disse Jordan — mas...

O bispo vaiou entre dentes, levantou uma mão para golpeá-la antes de conseguir conter-se.

— Criatura blasfema! Se você deve levar a máscara do Carnaval, deveria ser o moretta. Os lábios tão horríveis como os seus devem permanecer forçosamente fechados.

O moretta ao que fazia referência era uma máscara que cobria a cara inteira, mas não dispunha de nenhuma corda para atá-la. Em seu lugar, era sujeito em sua posição mordendo um botão em seu interior entre os lábios. Isto obrigava ao que a levava a manter-se mudo ou perder a máscara.

— Você alguma vez foi excitado sexualmente por uma mulher? — perguntou um dos bêbados, atraindo seu olhar.

Encolheu-se de ombros, um pouco envergonhada.

— Sim, mas provavelmente não tão freqüentemente do que fui despertada por um homem. Já seja que seu proprietário seja macho ou fêmea, um corpo formoso, rosto, e espírito combinados em um pacote atrativo atraem o olhar. Não está de acordo?

Os homens se moveram incomodamente, inseguros sobre admitir a verdade do que dizia.

— Mas se fosse forçado a escolher um e somente um sexo como companheiro sexual pelo resto de seus dias sobre esta terra, qual seria? — cravou o bispo.

Essa era uma pergunta que a perseguia. As circunstâncias de seu corpo ordenavam que alguma vez pudesse fazer satisfatoriamente casal toda sua vida com alguém de um sexo? Se for assim, como poderia esperar encontrar o amor alguma vez — a menos que fora com outro hermafrodita? E quais eram as oportunidades de algo assim?

— Deve ser um ou outro? — perguntou. — Seu Deus não pode encontrar um lugar em seu coração para admitir a possibilidade de que poderia haver uma balança de equilíbrio em tais temas? Um corpo como o meu não pode pedir seu prazer com ambos os sexos?

A compleição pastosa do bispo se voltou de uma cor avermelhada que lhe dava a aparência de um homem ao bordo de um ataque.

— Outra vez você blasfema!

— Mas mais cedo esta noite, você disse que não sangra, — insistiu o inglês, fazendo caso omissos do arrebatamento. — Além de seus peitos e canal vaginal, qual é a origem desta crença de que você é de sexo feminino?

Dando um golpezinho em sua cabeça e logo em seu peito, ela disse:

— É algo para o que minha mente e coração me dirigem.

Ele assentiu com a cabeça, como se compreendesse.

Salerno fez um gesto para seu testículo e pau murcho.

— Devo coincidir com o bom bispo. Com estes novos desenvolvimentos, sua reclamação pela condição de mulher se demonstra cada vez mais débil.

Inclinou-se para seu ouvido.

— Possivelmente minha mentira para sua família não foi tão grande depois de tudo.

Girando sua cabeça, murmurou:

— Então seu afeto sobre minha família diminui.

Seus olhos relampejaram. Tinha falado imprudentemente.

Quando evitou seu olhar, recaiu sobre o bispo. Tinha ouvido por acaso sua conversação e viu o brilho da curiosidade em seus olhos. Moldou sua máscara assegurando-se que ainda estava em seu lugar.

— O que aconteceria se unisse ao sujeito com um homem? — perguntou o siciliano repentinamente. — Se houvesse um filho como resultado, isso não demonstraria que ele é uma mulher?

Os seis homens a estudaram especulativamente.

Salerno golpeou seu queixo com um dedo comprido.

— Ou que tal se o sujeito fora apareado tanto com um homem como com uma mulher, tudo sob a vigilância estrita de um teatro cheio dos médicos? E o que se, no transcurso de tal experimento, A Maschera pudesse converter-se tanto em pai como em mãe no transcurso de uma só noite?

Os olhos do siciliano brilharam.

— Agora isso seria algo para atrair multidões!

— Nunca estarei de acordo com tal coisa, — disse Jordan. — Você sabe que não o faria. Não sou nenhum animal em zelo para ser enjaulado e apareado. E

nunca traria para o mundo meninos indiscriminadamente. Se fosse muito afortunado em relação aos brotos de minha semente, queria criá-los durante todos os anos por vir. Se fosse esposa...

— Que homem tomaria como uma esposa se nem sequer souber se pode parir a seus filhos? — respondeu um dos venezianos.

— Um homem que me queira, — respondeu com veemência, embora inclusive ela não acreditasse em sua própria reclamação.

Salerno subiu e baixou suas mãos para apagar os ânimos.

— Acalme-se. Não é possível experimentar esta noite de todos os modos. Para assegurar os resultados exatos, qualquer mulher a quem você se unisse teria que ser posta em quarentena por nove meses antes da copulação. E para o mesmo número de meses depois, alguém teria que encarregar-se da tarefa de assegurar-se que permanece celibatário. Essa é a única maneira de validar que qualquer broto que parisse fora o resultado de suas sementes.

— Mas e minha sugestão? O sujeito ainda poderia ser dado à prova final da feminilidade — uma que determinaria se for capaz da maternidade, — insistiu o siciliano. Pela protuberância em suas calças, Jordan teve a impressão de que estava disposto a assumir o trabalho.

— Minha família não estaria contente por tal resultado — disse, jogando o olho ao Salerno deliberadamente.

Intuiu que o bispo estava lhe emprestando muita atenção.

— Não existe uma inspeção médica que possa condicionar o sexo satisfatoriamente? — perguntou. — Uma espécie de avaliação de feminilidade além da habilidade de parir meninos?

Salerno se encolheu de ombros.

— Uma mulher é o que é devido ao útero. Este juízo foi estabelecido pelo «estabelecimento» médico pela primeira vez por Jan Baptist Van Helmont, o médico flamenco no século XVII. Entretanto, a presença atual de tal órgão somente pode ser determinado por uma busca física invasora.

— Uma que poderia ser levada a cabo esta noite? — pressionou o bispo.

O inglês com lentes falou mais alto, agitando sua cabeça.

— Cavalheiros! Vocês não estão considerando? Não! É muito perigoso.

— O que teria que fazer exatamente? — perguntou Jordan, sentindo a pressão de seu desejo de reforçar sua reclamação à feminilidade.

— Não esteja de acordo com isto, — advertiu-lhe o inglês.

— Ora! — disse Salerno, desprezando o pedido do outro homem por precaução. — O sujeito é analisado aqui por sua própria vontade. O que sugiro é um procedimento rotineiro que tenho feito várias vezes antes. Uma bem informada mão como a minha, lubrificada e inserida em seu reto, pode detectar a forma, o tamanho e localização de um útero rapidamente se o mesmo existir. Qualquer mal-estar seria mínimo.

— Mínimo! — burlou-se o homem com lentes.

Ficando pálida por causa da descrição do que estava envolto, Jordan fez

gestos ao Salerno de que se aproximasse.

— Um momento em privado, cavalheiros! — disse aos outros. Voltaram-se a contra gosto enquanto se aproximava para escutá-la.

— Se você se atrever a levar a cabo tal busca, — sussurrou Jordan — sem importar o que encontrar, juro-lhe que porei fim a estas demonstrações anuais.

— O que terá sua mãe que dizer sobre isso? — perguntou brandamente, indiferente a sua ameaça. Tinha-a feito muitas vezes antes.

— Não me importa, — disse Jordan firmemente. Mas sabia que estava mentindo. Sua mãe era formosa, procurada e egocêntrica. As jóias, a sociedade e a alegria eram a substância de sua vida. A pobreza repentina não iria bem com ela. Se Jordan era exposta por não ser um macho comprovável, seu primo herdaria. Não veria sua própria mãe lançada nas ruas e Salerno sabia.

Seus pequenos e maliciosos olhos de ave de rapina perfuraram os seus.

— Não faça ameaças sobre as que não pode acompanhar o golpe. Acredito que levarei a cabo a busca esta noite, conte ou não com seu acordo. Entretanto, oferecerei chegar a um acordo diferente com você em troca de sua cooperação: um aniversário.

— O que quer dizer?

— Se você fizer isto fácil, não virei por você no próximo ano em seu aniversário.

Seu coração passou por cima um batimento do coração. Estava oferecendo dois anos de liberdade. Quase estava tentada a aceitar. Quase, mas...

Sem lhe dar uma oportunidade de decidir-se, Salerno se endireitou e esfregou suas mãos astutamente.

— A busca se realizará! Primeiro, necessitarei meus instrumentos de enemas para limpar o reto da criatura. Onde está minha bolsa médica? — rebuscou, encontrou a bolsa, e pegou uma seringa de metal dela. Tão larga como seu antebraço, tinha uma agulha grossa sobre uma ponta e uma aba de bombeamento sobre a outra. O tipo de seringa francesa que funcionava como um pistão.

Fez um gesto ao siciliano.

— Você. Vá por água morna. Rápido.

— Morna? Onde vou conseguir água morna nesta vizinhança há esta hora? — perguntou o homem.

— Tem razão, — disse Salerno. — Pegue dois jarros do que encontre. Faremo-lo igual.

O siciliano se abriu passo através das cortinas, saindo depressa para cumprir sua ordem.

Os óculos do inglês se deslizaram à ponte de seu nariz e beliscou a pele entre suas sobrancelhas como se estivesse conseguindo uma dor de cabeça.

— Cavalheiros! Devo insistir em que o perigo de lesão em potência limita tal experimento. Há riscos graves para a saúde, como você conhece.

— Que riscos? — perguntou Jordan, com preocupação crescente.

Jogou o olho com preocupação.

—Se fizer incorretamente, um exame como o que estão propondo pode resultar em lesões sérias. Intestinos rasgados, infecções, dor, incontinência, esterilidade. — enumerou-as com seus dedos.

—Tolices. Um exame retal feito com o cuidado correto por um médico traz um risco baixo de lesão, — disse Salerno.

—Não serei parte disto! — disse o outro homem, arrancando seus óculos para enfatizar seu protesto.

—Então se vá, — disse-lhe Salerno timidamente. — determinamos nosso curso. E o sujeito não está protestando.

—Seu sujeito não está em posição de decidir! Obviamente você conseguiu algum tipo de poder de pressão sobre ele.

—Sua imaginação é verdadeiramente prolífica, — disse Salerno. — Por sua cooperação, A Maschera recebe seu pagamento em uma moeda que você não compreenderia. — olhou-a. — Ou acaso não é assim?

Jordan evitou seus olhos, odiando-o.

Lançando a todos um olhar de asco, o inglês colocou seus óculos, casaco e chapéu nessa ordem. A porta na parte posterior do cenário deixou entrar uma rajada de chuva, logo golpeou fortemente quando os abandonou.

Seus colegas nem se deram conta. Mas Jordan sabia que seu único aliado se foi.

Salerno escavou entre sua bolsa e puxou uma garrafa tapada que continha partes de raiz negra. Selecionando um ao azar, o entregou ao Jordan.

—Masque isto enquanto me preparo.

—O que é? — perguntou o bispo, interceptando e estudando a raiz antes de passar Mas Jordan conhecia bem a substância e a pôs rapidamente em sua boca. Salerno a tinha medicado com ela para acalmá-la quando tinha sido mais jovem e propensa a ataques barbantes durante os exames.

— Uma erva que relaxará os músculos do sujeito, - disse Salerno.

Jordan mascou, olhando quando começou a limar as unhas de sua mão direita com uma escovinha que se via particularmente perversa.

—Uma vez coloquei minha mão dentro de uma mulher, - refletiu um dos bêbados. — Entretanto foi em sua fatia, não em seu rabo. Fi-lo por uma aposta com meu irmão. O mais difícil segundo lembro foi conseguir colocar meus nódulos. Uma vez dentro fiz um punho, entretanto - apesar de seus gemidos — e ganhei a aposta.

— Houve lesão? — não pôde evitar perguntar Jordan.

— Minha mão esteve um pouco rígida e com manchas roxas o dia seguinte. Nada sério.

Jordan pôs os olhos em branco ante sua estupidez.

— Não, pergunto se a mulher resultou lesada.

O homem arranhou seu queixo e se mostrou perplexo.

— Não que eu saiba. Nunca a vi outra vez depois dessa noite. Puta, você sabe.

Recorreu ao Salerno, sujeitando uma de suas mãos para a inspeção.

— Minhas mãos são menores que as suas. E sou um homem de experiência. Talvez deva fazer um intento nele.

Salerno agitou sua cabeça.

— Você não saberá o que está procurando. A forma do órgão é específica e requer conhecimentos de anatomia interna.

— Bem me diga isto pelo menos. Qual é seu segredo para introduzir os nódulos? — perguntou o bêbado com um ar de seriedade.

— A lubrificação suficiente é o ingresso para o mínimo esforço. Começarei com dois dedos, — disse Salerno, mostrando seu dedo indicador e coração.

— Quando você acrescenta mais dedos, lota-os juntos de forma que o índice e mindinho se deslizem sob os dois do centro.

— Sim, sim, mas os nódulos? — apontou o bêbado.

Salerno assentiu com a cabeça, agradado de ter uma audiência fascinada como essa.

— São a parte mais ampla da mão assim a gente sempre tropeça com resistência durante qualquer inserção vaginal ou retal, mais ainda no caso do último, naturalmente. Quando empurro dentro, coloco meu polegar sob meus dedos, moldando um poder de cunha. Aqui, é melhor emprestar atenção a qualquer queixa do paciente masculino. Entretanto, em minha opinião as mulheres são mais propensas à histeria assim alguém deve insistir em seguir apesar de tudo. Assim que os nódulos se escorregam mais à frente do anel exterior de músculos, alguém deve pressionar gradualmente e com o maior cuidado.

A preocupação de Jordan aumentou quando passou a ilustrar a melhor maneira para infiltrar-se em seu ânus. Quando o golpe de um trovão chegou de fora do teatro, um raio gêmeo de cólera rodou através dela. Repentinamente, queria enfurecer-se com todos estes homens. Esbofetear suas caras satisfeitas e dar um murro a seus estômagos e barrigões.

Tinha chegado a seu limite de obediência. Preferia morrer que retornar para este tipo de trato no próximo ano ou inclusive dois anos a partir de agora. Não importava quanto sua mãe mendigasse, este seria o último aniversário em que ela permitiria ser subjugada deste modo. Se Salerno expuser os fatos verdadeiros de seu sexo e perdiam tudo, que assim fora! Encontraria trabalho. Ou possivelmente podia convencer a sua mãe de que se casasse com um dos muitos moços apaixonadas que a adoravam.

O siciliano retornou então com duas jarras de água. Suas pálpebras bateram asas quando mediu a distância até a porta. Bloqueava-a agora, mas estaria atenta a qualquer oportunidade que se apresentasse essa noite.

Com um gesto final Salerno terminou de limar-se suas unhas, mostrou seus dedos e se pronunciou preparado. Depois de encher a seringa com o líquido das jarras, foi para a parte posterior do cenário, perto da parede.

— Venha aqui assim não suja a mesa, — disse-lhe, lhe fazendo gestos com a mão. — Limpar um enema pode ser um negócio desagradável.

Fingindo estar mais enjoada do que estava, Jordan se dobrou pela metade e rodou devagar por cima da mesa. Tropeçando, abriu-se passo para a parte traseira do cenário onde Salerno esperava.

Lançou o olho em tom de crítica quando se aproximou.

— Essa é minha capa? — apavorado quando determinou que fosse, empurrou seu equipamento nas mãos do bispo. — Tire-lhe antes que se suje irremediavelmente.

Atirou o objeto dela. Agitando suas dobras, pendurou-a cuidadosamente sobre o respaldo da cadeira que o artista tinha deixado colocada junto à porta.

Quando retornou, esqueceu-se de reclamar seu dispositivo do bispo.

— Sobre seus joelhos agora, — disse-lhe. — Em cócoras. Bem.

Suas mãos apertaram seus ombros para baixo e Jordan se afundou sobre seus joelhos. Um balde foi posto sobre o piso, justo detrás dela entre seus tornozelos.

— Incline-se para frente. — não se moveu.

— A raiz entrou em vigor, — disse ao bispo sobre sua cabeça. — Você terá que empunhar a seringa.

Salerno se aproximou e ficou de pé frente a ela, sujeitando suas mãos sob suas axilas. Não tinha nenhuma eleição salvo enterrar seu nariz em seu virilha.

Dentro de suas calças, seu pênis pendurava suave contra sua bochecha. Trabalhar com ela nunca o excitou fisicamente. Perguntava-se se algo alguma vez o fazia.

Um as mãos titubearam detrás dela, difundindo suas nádegas. A túnica do bispo se amontou sobre seus pés quando se inclinou ainda mais perto. Frio metal aguilhoou seu ânus.

Possivelmente devia fingir desmaiar. Ou vomitar. Tinha que fazer algo que lhe brindasse uma distração para escapar.

O som de alguém que limpava sua garganta justo fora da cortina do teatro lhe veio como um presente de céu. Os homens remanescentes giraram sua atenção dela para a interrupção.

— Não façam nada até que retorne — balbuciou Salerno ao bispo. Deixando-a em quatro patas com o bispo colocado atrás dela, saiu pela cortina.

— Pensa que sou estúpido? — sussurrou-lhe o bispo quando os teve deixado. — Pensa que não sei?

Jordan se congelou, olhando atrás sobre um ombro.

— De que diabos está falando?

Seus olhos se voltaram menos lúcidos e suas feições assumiram uma torção demente.

— Vi como você o fez desejá-lo. Vi-o. Você pôs a idéia em minha cabeça para compartilhá-lo entre nós, bruxa. Você me tiraria isso se o deixasse.

— De quem está falando? Não se preocupe! Seja o que for, retenha-o. Não o quero, — assegurou-lhe Jordan.

O sangue banhava a cara do bispo.

—Mente...

Sem advertência se ajoelhou sobre ela e aferrou uma mão sob seu ventre. Sua outra mão trabalhava detrás dela. A ponta da seringa golpeou e encontrou seu caminho por seu reto. Escutou o chiado de metal e um som de afastamento enquanto trabalhava o pistão de latão com solo um braço e um à mão.

Tratou de liberar do mal-estar, sabendo que em momentos sentiria o frio da água enxaguando seus intestinos com o conteúdo do recipiente.

A voz na cortina se elevou.

— Trago uma mensagem para o bispo, — anunciou. — Respeito ao tema que discutimos antes. Venho para lhe informar que seu companheiro acaba de partir em um grupo.

O enema a deixou e golpeou o piso com um forte ruído. O bispo saiu depressa, esquecendo a ela e suas ameaças descabidas. Com um tic da cortina, afastou-se dela para falar com o intruso. Houve uma breve conversação que Salerno e os outros escutaram desavergonhadamente.

Esta era sua oportunidade.

Jordan se endireitou e arrumou para encher seus pés descalços nos robustos sapatos de homem, que tinham permanecido preparados junto à porta. A capa do Salerno, estendida sobre o respaldo da cadeira, roçou seu braço. Arrebatou-a para cobrir sua nudez. Parecia como se toda a cena se desenvolvesse em câmara lenta, mas quando deu uma olhada para trás, ninguém tinha se movido e soube que somente tinham passado alguns segundos.

Cuidadosamente, Jordan abriu a porta traseira que o inglês descontente tinha usado tão recentemente para sair do teatro recentemente. As ruas ali eram perigosas. Mas ficar no teatro também expunha um grave perigo.

Atrás dela, alguém gritou, notando que estava preparada para remontar o vôo. Saiu rapidamente da habitação ao exterior de rua quase desolada, correndo para afastar-se. A porta golpeou detrás dela, ressonando ao outro lado da praça. Escutou-a abrir-se outra vez e logo chegou o som da perseguição.

O repique de seus próprios passos tamborilando sobre o pavimento lavado pela chuva afogou qualquer som adicional. Em qualquer segundo esperava que as mãos do Salerno a aferrassem. Sua respiração foi suprimida pelo medo de iminente captura.

Mas nunca chegaram. Os sapatos que levava eram práticos e a levaram rapidamente fora do teatro, ao longo de ruas de tijolo tortuosas. A raiz tinha embotado seus reflexos e confundido sua mente, mas o aroma harmônico da chuva que se farejava no ar estava dissipando seu efeito rapidamente.

Os passos ressonaram atrás dela. Entrou em um beco, procurou refúgio em uma greta entre dois edifícios, e esperou. Os passos cambalearam. Perto, escutou a voz do Salerno.

— Estou procurando uma — pessoa — jovem que leva uma capa vermelha, — disse a alguém.

— E possivelmente um bauta também.

Não pôde decifrar a resposta resmungada que foi dada, mas soube que lhe tinha aborrecido quando sua maldição raivosa cortou o ar. Esta foi seguida pelo som de seus passos virando a rapidamente.

Quando se fizeram cada vez mais débeis, Jordan escapou do beco e correu na direção oposta a que se foi. As ruas serpenteavam e formavam ângulos, mas conhecia seu caminho a casa dali. Primeiro, tinha que cruzar sobre o Rialto. Mais à frente da ponte, a casa estava somente a trinta ou algo assim voltando à rua.

Então lhe ocorreu que não podia retornar a casa. Salerno a buscaria ali imediatamente, afirmando que lhe devia mais de uma hora.

Poderia encontrar-se no porto com um de seus amigos esta noite? Sempre se podia contar com Paulo e Gani para participar de qualquer aventura. Mas se aparecesse em qualquer de suas casas levando somente uma capa, a tirariam, brincando. E quando descobrissem suas verdadeiras características sexuais – quando descobrissem o engano que tinha perpetrado durante todos os anos que os tinha tido como amigos – teve medo das reações que pudessem ter.

Escorreu-se para frente, incapaz de pensar em algo exceto na necessidade de alcançar a ponte enquanto o Grande Canal que dividia Veneza se elevava frente a ela. Diante dela, à distância, viu seu arco de pedra. O aroma do mar picou seu nariz enquanto a levava imediatamente para ele.

Não viu ninguém atrás dela. Não escutou a ninguém. Mas ainda seu coração pulsava com força ao ritmo de seus passos. Sua respiração era torturada, seu corpo inteiro tenso pelo medo de ser descoberta. Salerno cortaria seu caminho através de uma rua ou um dos becos, lhe impedindo de chegar à ponte e a qualquer possibilidade de fuga?

Somente uma gôndola solitária se movia com o passar da doca diante, fazendo um suave som seco. Não tinha dinheiro para contratá-la. Aonde iria inclusive se pudesse pagar?

As lanternas com o passar da ponte piscaram, lançando diamantes ao outro lado da água turva do canal. A chuva tinha parado e a noite se estava tornando brumosa. Os Palazzos Manin e Bembo ao longo da Riva do Ferro, onde remessas de ferro eram descarregadas diariamente, logo que eram visíveis em frente do canal. Uma escuridão negro azeviche de céu e mar se vislumbrava como faces maléficas esperando comer-lhe.

Em cima dela, sobre os balcões das casas ao longo da Riva do Vin, cortesãs com peitos muito maiores que os seus ofereciam discretamente o uso de seus corpos a transeuntes a pesar do clima. Se lhes gritava teriam compaixão dela? Duvidava-o, a menos que tivesse dinheiro que oferecer.

A maioria dos distribuidores das lojas que se erguiam em cima do Rialto se foram a casa. Os gritos daqueles que viviam na miséria sob a ponte se apresentaram com o vento, assustando-a.

Se tivesse sido pronunciada uma menina de dezenove anos, ela e sua mãe poderiam estar aí entre os outros. Somente teriam recebido um dote pequeno que não teria durado muito tempo em vista dos caprichosos gastos de sua mãe.

Putas e mendigos eram comuns em Veneza desde que os franceses tinham saqueado a cidade sob Napoleão. As duas se afundaram sob as pontes como o resto dos pobres de Veneza. Embora pudesse haver as arrumado para encontrar uma maneira de sobreviver de algum modo, sua mãe se murchou sob a tensão e a degradação.

Diante, os habitantes da ponte se moveram, chamando um cavalheiro bem vestido.

– Senhor! Senhor! Olhe minha habilidade.

Escutou um ruído detrás dela. Salerno? Dando-se volta para olhar, arremeteu para frente....

E se estrelou contra uma parede humana.

Capítulo 6

O sino dourado soou oito vezes no Campanário de São Marco quando Raine saiu a pernadas da sala de conferências. Estava rodeado por meia dúzia de moços que ainda falavam da conferência sobre phylloxera, que todos tinham assistido.

– O que pensa do governo francês e sua idéia de incrementar seu prêmio de 30, 000 francos a 300, 000 para qualquer que possa produzir uma cura para a phylloxera? – perguntou alguém.

– Uma idiotice, – disse Raine.

– Estou de acordo, – disse um dos outros.

– A recitação das sugestões para um remédio a que fomos foi um desperdício de quatro horas se você me perguntar. Esse inseto murcho seguirá chupando alegremente a vida e a seiva de nossas videiras sem obstáculos enquanto os franceses desfrutam do som de sua voz. – disse outra pessoa falando ainda mais forte.

– Mas ainda assim penso que os franceses deveriam ser os que paguem uma cura, se alguém o fizer. São os mais desesperados, desde que suas uvas sucumbiram a primeiro praga.

– Não é a maneira correta de fazer as coisas, – insistiu Raine. – Todos vocês escutaram as noções estúpidas que a proposta de uma recompensa terminou provocando.

Um de seus companheiros rio.

– E o que os funcionários franceses leram em voz alta supostamente pensou que eram as mais viáveis. Tendo isso em conta, estremeço-me só de imaginar como devem ter sido os outros!

Só então, o bispo se aproximou correndo atrás do grupo, sem fôlego,

causando um breve afastamento da conversação. Recebendo o olhar do Raine sobre ele, ruborizou-se como um escolar.

Raine o tinha esquecido até agora. Surpreendentemente, o bispo loquaz não tinha feito ato de sua presença ou suas opiniões na sala de conferências.

— Acredito que minha favorita foi à sugestão de que os sapos vivos deveriam ser enterrados debaixo de cada vinha como sanguessugas para o phylloxera, — brincou alguém.

— O que sobre a idéia de trazer armadilhas de mosca Vênus para apanhar a praga, — disse outro se rindo.

— Não! Está esquecendo a melhor de todas elas? Que jovens meninos de coro fossem enviados para mijar sobre nossas videiras.

Todos salvo Raine e o bispo estalaram de risada.

— Essa foi minha sugestão, enviada aos franceses faz um mês, — protestou o bispo. — Acredito que o ácido na urina atuaria como um fator firmemente dissuasivo.

— Por não mencionar o fedor, — resmungou outro entre dentes.

— É uma sugestão ilógica, — disse Raine. — Foram todas.

— E você tem uma melhor? — perguntou o bispo.

Raine lhe lançou um olhar severo.

— Híbridação, como descrevi na conferência.

— Não escutou? — rompeu a falar outro homem. — Foi brilhante sobre o tema. Convinceu-me de que a reprodução de venéfica de vezes com espécies resistentes era a maneira de obtê-lo.

— Devo te pedir desculpas, — solicitou o bispo. — Me retirei um momento da conferência devido a uma indigestão. Em essência do que se tratou?

— Satyr postulou que criar uma trepadeira resistente era a melhor esperança para uma cura, — explicou alguém.

— OH?

O bispo levantou suas sobrancelhas como pedindo que desse mais detalhes.

— até agora, meus experimentos com a polinização cruzada de diferentes classes de flores do mesmo gênero resultaram em uma trepadeira mais resistente, — disse-lhe Raine — Entretanto o sabor da uva ainda não é satisfatório. — foi uma explicação inusitadamente larga para ele.

— Bem, algo deve ser feito, — insistiu outra pessoa — Dois terços das videiras da Europa foram destruídas. Pode imaginá-lo? É somente questão de tempo até que nos contate. Estamos frente a uma verdadeira ameaça até que uma cura prática seja encontrada.

— As vinhas Satyr não foram afetadas ainda, — disse o bispo cautelosamente.

A tranquilidade caiu. Raine podia perceber a direção das idéias de seus companheiros facilmente. Todos conheciam os rumores. Sua ex-esposa tinha ajudado a difundi-los, afirmando que ele e seus irmãos exerciam algum poder de força mágica que protegia suas terras e a eles mesmos do dano. E era verdade.

Felizmente sua ex-esposa não tinha convencido a muitos. E estranha vez alguém ia tão longe para tirar colação o tema em sua presença. Ele e seus irmãos eram ricos e poderosos, e era sábio guardar seu favor.

— Tivemos um broto, — confessou Raine atraindo todas as olhadas.

— E? — insistiu alguém.

— As plantas afetadas foram retiradas e a zona se queimou, — disse Raine.

Era somente parcialmente verdade. As vinhas Satyr se livraram de um ataque para falar a verdade. Um parente da esposa Das fadas Blend do Nick, Jane, tinha produzido a praga de propósito. Mas tinha sido ela a que tinha ajudado a erradicá-la antes que tivesse destruído suas videiras. E a eles.

Porque as uvas não eram só um passatempo ou um meio de ganhar a vida para seus irmãos e ele. A seiva que fluía através das videiras estava entrelaçada com o sangue que fluía nas veias Satyr. Videiras são assegurariam o legado dos filhos de seus irmãos. Videiras são permitiriam que seus irmãos e ele vivessem. Videiras são assegurariam que a porta secreta entre Elseworld e Earthworld permanecesse oculta e segura nas terras Satyr.

O bispo lançou uma proclamação.

— Possivelmente esta praga foi enviada pelos céus como castigo pelo excesso de pecados do homem. Também sugeri que as procissões piedosas zigagueassem pelas vinhas enquanto os fiéis temerosos de Deus seguravam incenso. Os franceses consideraram isso?

— Os homens de ciência devem burlar-se de tal tolice, — disse Raine, indiferente ante o fato de envergonhar ao bispo. Oferecer uma recompensa não faz bem. Melhor seria que os franceses girem seu prêmio em efetivo para aliviar as privações que Napoleão causou às pessoas de Veneza. Agora sofrem da pobreza tão estendida como phylloxera.

Fez um gesto para os mendigos andrajosos e as prostitutas que rondavam nas sombras de um passeio adjacente. Confundindo seu gesto com uma indicação, os desesperados avançaram em turba. Devido a que o bispo era o mais próximo a eles se levou a pior parte da exposição.

— Fora, criaturas repugnantes! — chorou, batendo-se. Dois policiais que passavam se reuniram à refrega, reprimindo aqueles cujo único pecado era a indigência.

Na confusão, Raine escapuliu do grupo. Tinham estado conversando sobre assistir a uma conversa no salão de um conhecido eminente próximo. Mas estava cansado do bate-papo. Não tinha paciência para a fofoca sem fundamento e indubitavelmente nada que oferecer à conversação.

Antes que deixasse Veneza para dormir, havia uma última empreitada a que prestar atenção. Sexo. Rápido. Fácil. E preferentemente humano.

Quando o bispo voltou sua atenção da briga, o grupo de moços se dispersou. Horrorizado, jogou uma olhada ao redor tratando de achar ao Raine.

Descobrindo a outro dos assistentes de conferência, apressou-se para alcançá-lo.

— aonde foi o Senhor Satyr?
— Suponho que se dirigiu com o passar do Canal para conseguir-se a uma companheira para a noite. Outros em nosso grupo partiram para fazer o mesmo. Por minha parte, vou com minha esposa. Boa noite.

Mas o bispo não ficou para escutar sua saudação de despedida. Já estava trotando ao longo da Riva do Vin, em busca de seu alto e arrumado prêmio.

Raine seguiu seu caminho ao longo da Riva do Vin, o passeio marítimo moldado pelos edifícios que beirava o silvestre nordeste do Grande Canal. O carregamento de vinho que tinha visto antes tinha sido descarregado e batido para ser vendido em restaurantes, hotéis e a compradores individuais em Veneza e mais à frente.

A ponte do Rialto seguia, cruzando o canal. Sobre seu lado mais longínquo se encontrava a Riva da Ferra e a Riva de Carvão, onde carregamentos de ferro e carvão eram repartidos tradicionalmente. Sua gôndola já o aguardava ali, no cais.

Mas não fez um gesto aos gondoleiros. Tinha-os contratado até a manhã e eles esperariam.

As vozes das suaves sirenes cantarolaram acima. As cortesãs estavam em seus balcões habilmente cobertas apregoando suas mercadorias inclusive neste clima. Ao vê-lo, inclinaram-se sobre os corrimões de ferro decorativas, ondeando leques pintados e posando provocativamente.

Infelizmente seu controle se escorregou muito perigosamente para arriscar-se a tomar a uma delas. O sangue de seus antepassados fervia em suas veias esta noite e era incapaz de contê-la.

Devido ao hermafrodita. Foi ela a que tinha liberado esta ânsia repentina de sentir o calor a carne de outro ser humano de sexo feminino contra ele. A visão dela tinha reavivado a feroz necessidade carnal que normalmente mantinha suprimida. Seu pau manteve-se erguido desde que a tinha visto e ansiava o alívio.

Estava quase no ponto que tinha levado a sua ex-esposa a assustar-se até o ponto de deixá-lo. Tinha sido Moonful então, quando foi aos vizinhos com os relatos de sua perversidade. De sua raridade física. Da maneira em que tinha trocado ante seus olhos com a chegada da lua. Embora Nick a tinha seguido e usado seus poderes para mitigar o dano, suas palavras tinham posto os fofoqueiros a falar sobre Raine e sua família. Ainda o perseguia o pesar por sua parte de culpa nisso.

Não tinha encontrado sua liberação com uma mulher humana desde essa desastrosa noite. Em seu lugar, sempre que a lua estava cheia e a luxúria entristecedora o conduzia à garganta sagrada no coração das terras Satyr para uma noite em zelo, tinha tomado a outras criaturas baixo ele. Criaturas irreais que o sátiro podiam criar com magia a vontade, mas que não sentiam nada. Shimmerskins.

Em uma semana a partir de agora quando Moonful chegasse novamente, faria o mesmo, aqui em Veneza. Encontraria uma residência privada e isolada para passar a noite onde se encerraria, longe da possibilidade de ser descoberto. Era de

primitiva importância que se protegesse dos seres humanos então. Seria vulnerável.

Uma das cortesãs mais lindas sobre os balcões captou seu olhar. Notando seu interesse, arrastou uma mão com o passar do decote de seu voluptuoso peito para chamar sua atenção ali. No topo de um peito podia ver-se a sombra de uma de suas aureolas. Seu dedo se escorregou dentro do tecido, girando prazerosamente sobre o mamilo que ocultava. A ponta de uma língua rosada acariciou seu lábio inferior, molhando-o. Suas pálpebras caíram e seu ardiloso olhar de esmeralda se fixou nele. Tentando-o.

E se sentiu tentado com todas suas forças.

Os términos de tal encontro secreto seriam compreendidos por ambas as partes tacitamente. Nenhuma palavra seria necessária. Seu emparelhamento seria fugaz, furtivo. Moedas em vez de palavras de carinho seriam intercambiados tão facilmente como fluídos corporais. Somente tinha que golpear a porta desta mulher para ser convidado em sua casa. Em seu corpo.

Não. Recorreu-se a todo seu autocontrole e se forçou a seguir caminhando. As cortesãs moviam-se nos mesmos círculos sociais aos que pertencia aqui em Veneza. Poderiam reconhecê-lo e mexericar. Não podia arriscar-se a deslustrar o sobrenome Satyr outra vez.

Raine passou às sombras dos edifícios que circundavam o canal. Casais voluntários se ocultavam ali, debaixo da ponte.

Se estivesse disposto, poderia levar ao mais novo dos meninos da rua a sua cama e sem o medo de contrair uma doença venérea. O sátiro era imune à sífilis e a gonorréia que eram endêmicas na cidade. O que fazia mais absurdo o fato de que tivesse contraído um resfriado comum.

As chamadas dos indigentes ressonaram sobre a água.

— Senhor! Senhor! Olhe minha habilidade. — os incentivos foram oferecidos enquanto os habitantes dos rincões e as gretas sob a ponte competiam entre eles pela forma mais obscena de oferecer seus antigos favores.

Seus olhos os percorreram. Eram um grupo de meninos. Mas podia encontrar a uma mulher aqui a quem de quem tomar seu prazer e liberar-se desta terrível necessidade. Havia homens. Meninos. Meninas. Todos eles desesperados.

Ele, também, estava desesperado esta noite. Desesperado pelo calor humana. Mas a sua era uma natureza tão suscetível que retrocedia antes de pedir seu prazer com uma mulher entre outras.

A hermafrodita tinha inspirado esta aceleração de luxúria nele e o teria satisfeito melhor. Puxou-se a si mesmo de seus roteiros. O que estava pensando?

Uma vez tinha posto seu afeto sobre um ser humano específico. Aquela com a que se casou. Tinha sido um engano colossal. Deitou-se com ela todas as noites por semanas depois de suas bodas, todo o tempo de forma cavaleiresca. Seu corpo tinha levado o seu à satisfação, mas ele não tinha estado satisfeito. Ter sexo com ela somente tinha incentivado seu desejo e tinha tido que recorrer ao Shimmerskins depois.

Tais seres do Elseworld eram fabricados da neblina pelos machos da linhagem sátiro em qualquer momento ou lugar facilmente. Eram recipientes formosos, voluntárias cuja só razão de existir era levá-lo a ele e seus irmãos ao orgasmo tão freqüentemente e na forma que desejassem.

Não tinham mais que imaginá-lo e repartir-lhe com a mente a tal criatura. Sem dizer uma palavra podia fazê-la compreender precisamente o que requeria e ela se esforçaria por agradá-lo. Expressaria o desejo com seus olhos, seus lábios, e seu corpo. Mas seria falso, tão falso como ela mesma o era. Esse era o problema que o apressava. Esta noite seu corpo ansiava outro tipo de satisfação. Calor. Paixão. Um ser humano. Real.

Mas sairia do passo.

Apurou o passo para dirigir-se para a doca. Tomaria a gôndola, apressaria-se de retorno a seu hotel e convocaria a uma Shimmerskin. Pode que duas.

Tomou um passo resolvido fora do beco.

Repentinamente, um corpo se chocou contra suas costas.

O aroma de fadas o cobriu como uma rápida baforada embriagadora de uma nuvem de um fresco ar especiado surto de uma custosa garrafa de cristal. Estava aí, e então se extinguiu outra vez em um instante. Era o único aroma que tinha sido capaz de advertir em todo o dia. E devido a isso sentiu seu impacto ainda mais fortemente.

Instintivamente, moveu subitamente um braço e o envolveu ao redor da cintura da pessoa que se chocou com ele no beco. Sentiu a brandura de uma mulher recoberto em metros e metros de veludo e cetim.

Uma cabeça se elevou. Os negros olhos de bruxa lhe olharam fixamente os seus dos buracos gêmeos de uma máscara de bauta.

Era a criatura do teatro. O hermafrodita! A resposta para suas orações. Não poderia havê-la reconhecido se ainda não tivesse levado a máscara de carnaval.

Um cotovelo afiado encontrou suas costelas. Lançou um grunhido, mas pelo resto fez caso omissso dele. O aroma de Fada se dissipou. Tinha-o imaginado somente?

Seus olhos escuros estavam eram empanados pelo medo, sua respiração era rápida e seu corpo estava quente como se tivesse estado correndo. Sobre sua cabeça, mediu as ruas ao redor deles. Estavam escuras e solitárias salvo por algum auxiliar atrasado. O Grande Canal era mais silencioso a essas horas da noite. Desde onde tinha vindo?

Deu um murro a suas costas e o acotovelou repetidamente.

— Me solte, estúpido.

Fez caso omissso dela. Devido a ninguém mais estava de pé perto, tinha que ter sido esta criatura a que havia trazido o perfume consigo. Não podia deixá-la ir sem sabê-lo com certeza.

Agarrou seu braço antes que pudesse apontar seu cotovelo a uma parte mais vulnerável de sua anatomia.

— Fica quieta. Não quero te causar nenhum dano.

Mãos ágeis penetraram sob seu casaco, beliscando-o e golpeando sua virilha com nódulos firmes. Ele e girou para impedir de chegar a seu objetivo.

— Fica quieta, digo-te.

Somente se retorceu em resposta. Era das fadas ou simplesmente uma linda prostituta? Ou ambos?

— me solte. — sua voz era culta. Profunda. Sexy.

Seu pênis inchou.

— Quem é você?

— Quem é você? — rebateu ela tratando de liberar-se.

Ele a agarrou por seus antebraços. Baco! Embora ela não fosse consciente disso, a capa se moveu e lhe mostrou um vislumbre fugaz de um peito. Debaixo, estava nua.

Ela tratou de lhe dar um joelhada. Ele o esquivou, causando que ela caísse para frente e se aferrasse a seus quadris para manter o balanço. Sua mão se meteu em seu bolso acidentalmente, rasgando-o.

Repentinamente deixou de lutar contra ele. Estava olhando fixamente o chão agora, paralisada.

Que diabos? Raine jogou uma olhada abaixo e viu que as fitas que tinham enchido seus bolsos se esparramaram pela rua.

A mulher se liberou de seu controle, ajoelhou-se e as recolheu. Ficou de pé outra vez, as sujeitando em sua Palmas e as estudando como se fossem tesouros de um valor incalculável.

Quando ele tratou de agarrar automaticamente, fechou suas mãos em punhos e as arrebatou para trás. Ele apanhou os restos desgrenhados de algumas fitas, apertando os fios ao redor de sua palma até que teve um agarre firme e as usou para puxá-la contra ele.

A mulher sujeitava seu prêmio, negando-se a soltar-se. E por um momento estiveram conectados, atados por fios de arco íris de cetim. Olhou nos atoleiros negros de seus olhos e viu que estavam salpicados de ouro. Suas pestanas eram largas e frisadas, pondo sombras sobre as bochechas de bronze de sua máscara. Seus peitos eram brandos contra ele. Seu desejo por ela aumentou ainda mais.

— Que idade tem? — exigiu nivelando seu tom.

Moveu-se, tratando de rodeá-lo, primeiro por um lado, logo pelo outro. Franziu o cenho, obviamente sem encontrar o que estava procurando.

— Onde está a violeta?

— O que?

Era boba?

— Somente tem seis fitas, — explicou, lhe olhando fixamente com paciência frágil como se ele fora parvo. — Tem somente seis cores do arco íris aqui. Onde está o violeta? Está perdida.

— Não sei. Quem diabos se preocupa? Comprei-os para minha cunhada e sua irmã menor, — explicou e logo se sentiu aborrecido por ter revelado inclusive essa parte pequena de si.

Deu uma sacudida às fitas e repetiu sua pergunta.

– Que idade tem?

Encolheu-se de ombros, molesta.

– Dezenove. O que o faz tão importante?

O alívio o encheu, mas tomou cuidado.

– Não tenha medo. Não pedirei meu prazer com meninas ainda não convertidas em mulheres.

– O prazer? – acalmou-se, levantando seus olhos para registrar seu rosto.

– Tenho dezenove. – disse devagar.

Parecia cético.

– Estou muito segura disso porque hoje é meu aniversário. E que idade tem você?

– Vinte e sete, como se importasse um pinga. Qual é seu preço?

Olhos escuros o estudaram, medindo-o. Eram formosos, tão profundos e incompreensíveis como a lagoa. Podia afogar-se em tais olhos, perder sua cabeça.

Soltou as fitas e retrocedeu, sentindo-se ridículo. Quão único desejava afogar nela era seu pau.

– Não se preocupe, – disse-lhe. – Aceitarei qualquer preço. Só se o faz por sua vontade. Caso contrario... pode guardar as malditas fitas, e encontrarei a outra mulher.

Com isso, girou sobre os calcanhares e caminhou com passo majestoso para as docas, esperando que o seguisse. Caso contrario, não voltaria por ela.

Jordan piscou, observando suas costas alta e erguida afastando-se.

Tinha-a chamado mulher! Era a primeira vez em sua vida que alguém o fez com tal segurança.

Apesar de seu cabelo curto com um estilo passado de moda pequeno, e embora não tinha visto nada de seu corpo sob a capa do Salerno, este homem formoso tinha suposto que era uma mulher. E estava tratando de atraí-la a algum encontro, mas bem carnal para o que planejava lhe pagar. Um enjôo de emoção a atravessou.

Jogou uma olhada a sua esquerda. De abaixo da ponte, os olhos ocos dos mendigos e as putas a perfuraram. Alguns estavam tristes, outros mesquinhos. Todos estavam desesperados. Assim que o homem partisse, fariam-lhe mal? A capa que levava era obviamente suntuosa e podia ser vendida. Se tomassem junto com sua máscara a deixariam nua. Indefesa. Inclusive se livrava deles podia tropeçar com toda classe de perigos enquanto continuava abrindo caminho a casa a sós.

Diante, observou o homem chamar um barqueiro na gôndola que tinha visto antes.

– Irei contigo, – chamou, correndo atrás dele. Chegou a seu lado e apoiou sua mão na sua rapidamente.

Interrompeu-a contrariado, sacudindo seu braço de seu agarre. Seus pálidos olhos tornaram-se precavidos. Embora ela não estivesse totalmente segura.

Que classe de encontro previa entre eles se não queria que o tocasse? Brincou com as fitas com preocupação, as envolvendo ao redor de sua palma até que suas pontas ficaram apanhadas sob seus dedos dobrados.

Quando o notou observar o movimento, colocou a mão envolta em fitas timidamente no bolso de sua capa. Embora fossem delas, negou-se a desfazer-se delas. Faziam-na sentir-se em certo modo segura.

— Sinto muito. Não tomarei tais liberdades outra vez, — disse.

Ele não fez comentários, somente assentiu com a cabeça e girou para aproximar-se da gôndola que permanecia solitária no cais. Era garbosa e esbelta, com um gondoleiro sobre cada um de seus extremos e uma carpa fechada no centro onde se encontravam os assentos para passageiros.

O felze (cobertura da gôndola) estava decorado com ornamentações em dourado. Com suas portas e janelas convenientemente sobre cada lado, tais compartimentos eram usados para observar ou ocultar segundo o que requeresse a ocasião.

Na primavera, suas portas e janelas seriam totalmente abertas para noivas felizes sentadas em seu interior, recém saídas de suas bodas, para que pudessem exibir seus ornamentos a todo o comprimento do canal. Jordan tinha observado a muitas dessas noivas com inveja, as observando com seus olhos brilhantes e trajes de encaixe magníficos. Paulo e Gani também as tinham estudado, brindando especulações obscenas sobre a noite de bodas que o marido de cada noiva logo desfrutaria.

Ao mesmo tempo o compartimento demonstrava ser útil para aqueles concentrados nos crimes de rapto ou inclusive o homicídio. Atrás de suas portas asseguradas também tinham lugar ali reuniões entre membros da nobreza.

Mas mais freqüentemente, como esta noite, a privacidade que tal cabana brindava era usada para outro tipo de encontro secreto. Uma carnal. Do tipo que este homem estava oferecendo.

— De volta a meu hotel, — ordenou aos barqueiros.

Tomaram suas ordens e não lhe emprestaram nenhuma atenção, o que demonstrava o fato que, indubitavelmente, supunham que tomaria seu prazer com ela dentro do felze durante o passeio. Estavam acostumados aos deslizos dos clientes enriquecidos que viajavam em seus veículos, especialmente aqueles que percorriam Veneza de noite.

O fato de que houvesse dois gondoleiros queria dizer que eram candidatos à viagem longa ao outro lado da lagoa. Isso queria dizer que não residia em Veneza. Melhor ainda.

Girou-se e lhe estendeu uma mão para ajudá-la a subir a embarcação. Era um gesto comum que qualquer cavalheiro ofereceria sem pensar a uma dama. Mas nenhum homem jamais lhe tinha devotado sua mão antes. Que encantador!

Sorri-lhe brilhantemente e pôs seus dedos nos meus, a suavidade posando-se sobre a força.

Em algum lugar atrás deles na praça, escutou o tamborilar de passos.

Salerno? Não se tomou mais tempo para saborear o gesto do Senhor.

A gôndola se balançou torpemente sob seu peso quando saltou com um só pé a bordo, escorreu-se além dele e procurou refúgio no felze.

Seguiu-a e a porta se fechou atrás dele, enclausurando-se ambos na escuridão.

Capítulo sete

De volta na borda, uma figura solitária corria cambaleando-se ao bordo do cais. Quase sapateando desesperada de preocupação, o bispo olhou o deslizamento da gôndola do Raine sob a ponte. Já. Não havia nenhum outro para ser tomado há essa hora e sua presa se estava escapando!

Seu pau o torturou com imagens do que poderiam estar fazendo juntos Satyr e o que tivesse conseguido com o passar do canal. Tinha escolhido a um homem ou uma mulher? Não tinha visto o suficientemente perto, mas pela maneira em que Satyr tinha estendido sua mão a sua aquisição na gôndola indicava que era provavelmente de sexo feminino.

Se fosse uma transa rápida o que Satyr queria, teria estado extremamente feliz de lhe subministrar seu próprio traseiro para seu uso. Mais que feliz. Tinha sonhado com que tal evento ocorria entre eles quase diariamente. Tinha imaginado jogando a transar com o Satyr em cada transa que administrava a outros corpos menos merecedores. Até que encontrasse sua oportunidade com o Satyr, não deixaria que a carne de ninguém mais rompesse seu próprio rabo com instrumentos sensuais. Seu reto imaculado — profanado somente por um dildo (consolo) ou outro objeto útil — seria entregue um dia como seu presente para o pênis de Raine Satyr.

Viu uma coisa estendido sobre a doca debaixo de seu pé e o recolheu, tocando-o. Uma fita de cabelo de cor violeta. Era precisamente a cor de sua bata, a boina de bispo. Mais cedo tinha notado tais fitas ao jogar uma olhada ao bolso das calças do Satyr.

Sujeitou os dois extremos da fita, um em cada mão. Estirando-a tirante, apertou o cetim molhado pela chuva ao longo ao longo de seu lábio inferior. Era um auspício, um símbolo. Devia ter sido deixada para ele, como um sinal para não abandonar sua perseguição.

A gôndola já se perdeu de vista na neblina. Ninguém podia lhe dizer onde se estava hospedando Satyr esta noite.

O só pensar nele enredado em um abraço carnal com outro corpo era em si

mesmo uma tortura. Daria algo por estar perto dele, unir-se a ele, ter sexo com ele. Por foder sua boca, seu rabo. Lamber cada polegada de seu corpo musculoso. Por tocar seus lábios com os seus. Por tomar Seu pau e seu gozo em sua garganta e em seu próprio rabo até quase ficar estrangulado por eles. Daria a bem-vinda a tudo o que Satyr tivesse para dar e suplicaria por mais.

A frustração brotou nele, enviando a picada da bÍlis em sua garganta. Agarrou seu pau através da túnica. Estava rígido e dolorido. Queimava como se o embargassem mil demônios infames. A sífilis era sua aflição, um médico a tinha diagnosticado fazia vários anos quando tinha revisado os espaços vermelhos sem dor, pequenas que tinham aparecido no membro do bispo. Esses e a erupção sobre suas palmas e as plantas de seus pés tinham sido seus únicos sintomas, insignificantes nessa época.

O que tinha começado como chagas menores fazia uns anos se converteu em lesões irritadas e logo em tumores. Agora seu caso tinha avançado além de seu pau para estender-se também a outras partes de seu corpo. Fazia alguns meses, o doutor lhe havia dito que a enfermidade estava começando a poluir sua mente tanto como seu corpo. Mas ao bispo em realidade lhe tinham esclarecido muitas coisas. E a claridade se fazia maior, dia a dia.

Repentinamente soube o que devia fazer. Com o Satyr perdido para ele por esta noite, encontraria outro no que poder descarregar sua frustração.

Retornou e se abriu passo para os becos, onde o sexo de toda classe era econômico, fácil, e anônimo.

O hermafrodita o tinha feito ficar duro, mas tinha sido incapaz de ejacular no teatro usando somente sua mão. Seu pau requeria outro tipo de estímulo. Mas deveria ir-se com cuidado. Ninguém na igreja devia inteirar-se de seus desejos.

Os gritos da multidão empobrecida que vivia debaixo da ponte chegaram a seus ouvidos, atraindo-o como os discípulos do diabo que eram. O hermafrodita saltava indubitavelmente na fila de tais doentes fingidos. Era sua culpa — sua culpa — e agora estava desesperado por alívio.

Localizou-se a um tipo da talha e compleição do Satyr de entre os outros, e com uma sacudida de sua cabeça o tocou um beco desolado e retorcido. Seu olhar violento advertiu a outros a não aproximar-se enquanto seguia na escuridão ao homem alto a quem tinha selecionado.

Murmúrios de bicha o golpearam desde atrás. Mas os insultos ricochetearam em sua túnica. Não era nenhuma bicha. Era um dos sucessores dos apóstolos com trinta sacerdotes sob sua direção. Um trabalhador humilde na vinha de Deus. Um dos mais respeitados homens em toda Toscana.

— O que é o que deseja para seu prazer? — perguntou o homem a quem tinha escolhido. Sua voz era baixa, sem esperança. Ao bispo gostava disso.

A cara do homem era o suficientemente limpa, e inteligente, embora estivesse um pouco gasto. Suas calças eram de boa qualidade, mas gastos e sujos. Provavelmente se vendia deste modo para manter a uma família que tinha vivido uma vez com estilo. Sim, provavelmente o bispo devesse agradecer ao Napoleão

por esta especial parte de rabo. Tinha deixado a Veneza destruída. As famílias aristocráticas tinham vendido pinturas, roupa, acessórios e jóias a uma fração de seu valor para cobrir suas necessidades básicas. Agora alguns vendiam também seus corpos.

– Meu pau. Seu cú, – disse-lhe o bispo.

O homem assentiu com a cabeça calmamente.

O bispo encontrou um lugar afastado no beco que permitiria que ele mantivesse seus olhos atentos a problemas enquanto tomava o que necessitava. Com a ajuda do homem, empurrou um velho barril de madeira que encontrou aí na posição que desejava. Logo soltou o cordão de sua cintura.

Treprou o cordão através de um anel de metal assegurado na parede sobre o lado mais longínquo do barril. Tinha sido usado antigamente para atar as rédeas dos cavalos, mas agora estava oxidado pelo desuso. O bispo atirou fortemente dos extremos do cordão, avaliando a robustez do anel.

– De-me seus pulsos. Usarei isto para atá-lo.

O homem o olhou duvidoso. Como deveria estar. Mas o bispo mantinha sua expressão insossa e bem-intencionada. Suas maneiras combinadas com a dignidade das vestimentas que levava nunca deixavam de afastar qualquer temor de suas mentes.

– Trato de atá-lo somente o suficiente para que não me faça mal. Você poderá liberar-se quando terminar com você, mas não desejo me arriscar a que me planeje roubar enquanto isso.

– Primeiro quero o dinheiro, – respondeu o homem.

O bispo sujeitou seu dinheiro. Um breve brilho de interesse iluminou os olhos do homem ao vê-lo.

– Metade agora. Mais se agrado a você, – mentiu o bispo brandamente.

A faísca de vida nos olhos do homem morreu quando tomou a moeda e a colocava em seu sapato. Abruptamente empurrou suas calças até seus tornozelos, inclinou-se para frente sobre o barril, e permitiu que o bispo atasse suas mãos ao anel de metal na parede.

Quando tudo foi organizado a sua satisfação, o bispo se afastou um pouco para desfrutar da degradação de sua vítima. Seu pau tremeu sob sua túnica quando jogou o olho ao quadril oferecido ante ele. Era elegante e descaradamente masculina, sua carne emitindo um brilho mate na escuridão. Passou suas mãos sobre ela uma e outra vez.

Logo baixou seus dedos através das pernas do homem para apertar suas bolas e seu brando pênis. O homem se sacudi e deixou escapar um gemido angustiado. Aqui nas sombras era fácil que o bispo fingisse que acariciava a outro homem. Um homem formoso com olhos de prata. Aquele que lhe tinha escapado esta noite.

As imagens do Satyr levantaram o pau do bispo ainda mais. Mediu sob sua túnica e o tirou. As chagas que o infestavam ardiam e queimavam como se estivesse em chamas.

Sua mão encontrou a fita violeta do Satyr e sorriu abertamente, atando-a ao redor da raiz de seu mastro em um laço encantador. Permaneceu de pé por um segundo, admirando Seu pau inchado e infectada e seu próprio enroscado senso de humor.

— Tenho um presente bem envolto para você, Satyr, — cantarolou.

Deslizou um dedo até acima da fatia do homem, localizando a enrugada fossa escuro cujo uso tinha comprado o uso por uma só moeda. Pressionou fortemente sob a almofadinha de seu índice.

Colocando as pontas de seus polegares a ambos os lados de sua fenda forçou o anel a abrir-se amplamente. Uma cambalhota de seus quadris para frente fez que seu erguido pau apoiasse sobre a dobra e logo se tornou para trás até que sua ponta estimulou o anel. O homem tinha as mãos apertadas sobre o cordão que as sujeitava e fortaleceu suas pernas para o que estava por vir.

— Me rogue, — murmurou o bispo, apertando um glúteo em cada mão. — Quero que você mendigue.

O homem vacilou e logo disse:

— Foda-me, — disse entre dentes sem entusiasmo.

O bispo saboreou a vergonha do homem.

— De novo. Diga-o outra vez. Uma e outra vez.

— Foda-me! Foda-me!

Com uma maldição impura, o bispo chocou sua carne gorda e sem lubrificar entre a costa do homem.

Baixo ele, sua vítima uivou.

Ao som lhe agradou.

— Me peça mais, meu querido. Diga: "Foda-me mais duro." Diga "É tão bom."

— Foda-me mais duro. É tão bom, — gemeu o homem.

Esbofeteou a nádega firmemente com a parte plana de sua mão ao homem como se fosse um cavalo e fustigasse a uma arreios recalcitrante.

— Diga-o como se o sentisse. Faça-me acreditar que você o deseja e haverá muito mais dinheiro que o que negociamos.

— OH Deus, — disse homem, gemendo de humilhação e dor. Injetando o entusiasmo relutante em sua voz, obedeceu. — É bom. Você é tão grande. Foda-me.

O bispo abriu mais suas pernas. Para alavancar-se aferrou aos borde do barril aos flancos do corpo baixo ele. Suas Pelotas golpearam e se desabaram entre suas pernas fornidas quando começou a carregar mais e mais duro.

O homem arqueou as costas e tratou de seguir o movimento.

— Dê-me isso duro. Sim, isso. É bom. OH Deus.

— OH, sim, meu amor, — cantarolou o bispo. — O quer, não, Satyr?

— Sim! — chorou o homem, quase histérico agora.

— Você me quer. Você quer que o foda. Você deseja que meu leite quente se derrame a jorros em seu interior. Diga-o. Mendigue.

— Sim, Foda-me mais duro. Dê-me isso O quero. Empurre-o até o fundo de meu rabo, maldito animal. Foda-me até o final, mas por compaixão acabe de uma vez.

— Não! Isso não é correto. Você deve desejá-lo! — o bispo se enfureceu. Sentiu a bola dolorosa de sêmen lutar por encontrar seu caminho através de seu membro afetado. — Sss! Merda! — seu bramido de agonia ressonou no beco quando deixou deslizar seu veneno até o fundo do reto do homem.

As gotas que saíam ritmicamente ardiam como o fogo do inferno. Seu derramar-se não era o gosto que tinha sido. A fúria do bispo se moveu ao substituto desfalecido debaixo dele. Suas mãos se deslizaram por suas costas vencida e encontraram a garganta do homem. E apertaram.

— Não! Tenho uma família! — protestou o homem, atirando de suas ataduras. Mas o bispo o tinha amarrado o suficientemente forte para não lhe dar vantagem. Os movimentos convulsivos do homem começaram a diminuir, fazendo-se cada vez mais fracos conforme as mãos roliças apertavam mais forte, expulsando a vida para fora dele.

Momentos depois o bispo se retirou, horrorizado pelo que tinha feito. Ante ele, o corpo lasso do homem escorava a um lado do barril, suas mãos ainda atadas ao anel.

Uma garoa insistente começou, molhando sua túnica e seu ânimo.

— Ninguém deve sabê-lo, — sussurrou, endireitando sua roupa apressadamente. — Ninguém.

Fugiu assustado. Uma rajada do vento fustigou sua veste de cor violeta de sua cabeça. Mas continuou falando sem cessar, distanciando-se a si mesmo do que tinha ocorrido. A boina caiu em um atoleiro. Permaneceria estendida ali inadvertida até a manhã quando os rumores de um clérigo assassino comessem a circular entre esses desgraçados que freqüentavam os becos e as docas.

Só a uns blocos de seu hotel, o bispo caiu de joelhos pedindo perdão. O aguaceiro começava outra vez a sério, molhando-o. Supôs que este era o augúrio de que este pecado tinha sido miserável, cambaleou-se sobre seus pés e escapou dali.

Pela manhã se teria convencido de que o diabo tinha entrado nele através desse degenerado no passeio. Sim, todas suas ações tinham sido culpa do homem. Mas não se atreveria a ficar na cidade. Voltaria para a Toscana e faria penitência por dias ou possivelmente semanas.

Até que os impulsos crescessem outra vez e o ciclo se repetisse.

Capítulo oito

O interior do felze da gôndola era suave e privado. O cenário perfeito para a intimidade.

No espaço limitado, o homem em frente de Jordan se via maior agora que na rua. Mais premente. Sentiu a pressão sutil de seu interesse sexual. O que estava pensando enquanto se sentava ali tão silencioso, seus braços relaxados ao longo de suas coxas?

Seus olhos encontraram suas mãos. Tinham dedos largos e fortes, embora não eram robustas como as do Salerno. De algum modo, sabia que não a machucaria com elas. Sua pele formigava pela necessidade de sentir seu contato.

Sentiu-se cambaleiar de primeiro lado à esquerda e logo devagar à direita. A gôndola estava deixando atrás o cruzamento da segunda curva em forma de S formada pelo Grande Canal. Deixando atrás pinturas Bizantinas e edifícios do Renascimento, afastando-se furtivamente da lagoa.

— Aonde vamos? — perguntou brandamente, para não romper a escuridão de veludo.

— Tenho um quarto no Arbruzzi Palazzo sobre o Lido, — murmurou seu companheiro. Sua voz, também, era baixa.

— Onde ficou Byron.

As sobranceiras do homem se elevaram. Uma lanterna se balançou no ponto de ferro serrilhado da proa da gôndola, fazendo dançar a luz e a sombra sobre ele. O olhava de cara à proa e ela a popa, por isso suas feições eram fáceis de ler.

— O poeta inglês Byron. Esteve de férias ali faz cinco anos, — explicou. — Toda Veneza estava ansiosa ante a presença de tal importante e misterioso visitante. As pessoas formavam fila todas as manhãs para observá-lo tomar seu diário passeio a cavalo.

— E você formou fila?

— Vi-o uma vez, — disse, omitindo a informação sobre que nessa ocasião o tinha feito a instigação do escritor. Estava em primeiro de setembro em Veneza enquanto se realizava sua exposição e ela somente tinha quatorze anos. Ele e seu séquito tinham pedido uma atuação exclusiva e Salerno tinha estado mais que feliz de fazer o favor.

Recordou que Byron tinha estado escrevendo uma obra chamada Childe nessa época em que tinha falado com ela. Embora fosse simpático e muito arrumado, era também muito convencido de si mesmo e não lhe tinha gostado.

As luzes da cidade, que se estilhaçavam em forma de estrela através da chuva que salpicava as janelas, diminuíram à medida que foram afastando-se da terra. Detrás deles a Praça de São Marco se desvaneceu da vista rapidamente quando foram engolidos de noite e a lagoa.

Seu companheiro meio que incorporou e baixou as diáfanas cortinas, protegendo-os eficazmente dos barqueiros, mas ainda permitindo que penetrasse a luz. As janelas dos lados permitiam ver a fresca neblina que se movia empurrada

pelo vento sobre a água.

Era como se estivessem juntos em seu próprio mundo esotérico. Não o conhecia. Não queria conhecê-lo além desta noite — mais à frente do prazer que seu corpo poderia lhe subministrar se estava disposto.

O brilho do farol sobre a Isola de São Giorgio Maggiore entrou devagar na visualização sobre o lado deste bordo. O tempo se cortava. Estava arriscando-se a perder uma oportunidade que provavelmente não se apresentasse outra vez.

Devagar, Jordan se soltou do assento para frente e se afundou sobre seus joelhos ante ele. Suas mãos caíram sobre o assento coberto com almofadas e ele se moveu, fazendo lugar para ela entre suas pernas. Apoiando-se, moldou seus joelhos com mãos vacilantes. Corajosamente, deslizou seus dedos ao longo dos músculos firmes de suas coxas, encontrando finalmente a união entre eles. A protuberância era grossa e quente, inclusive através do tecido que o recubria.

Seu olhar encontrou o seu.

— Deseja-me. Como um homem necessita a uma mulher.

Houve uma piscada de prata fundida e lhe ofereceu a mais breve das inclinações de cabeça.

Seu olhar sustentou a sua enquanto aprendia seus contornos através de suas calças. O lugar sobre as pernas do Jordan palpitava de desejo por ele. Ela se moveu ligeiramente com o propósito de que a parte de trás de seu salto pressionasse seu núcleo, tratando de encontrar o alívio sub-repticiamente.

A manipulação que seu corpo que tinha recebido das mãos do Salerno e seus amigos era áspera e desagradável. Mas a tinha estimulado inclusive quando a envergonhava. Depois de tais eventos como o desta noite, sempre terminava zangada. E desejando a satisfação das mãos de outros homens mais amáveis que certamente sabiam como tratar a uma mulher.

— Que serviço você gostaria que levasse a cabo? — perguntou, chegando ao coração do tema.

Ao outro lado do compartimento seus olhares fixos coincidiram e se enlaçaram. Fora, o gondoleiro gritou a outro barqueiro que passou silenciosamente, mas, além disso, somente o eco rítmico dos remos e a bofetada do mar lhes cantavam.

A noite estava agora quase totalmente negra e não podia quase distinguir suas feições. E isso queria dizer que ele tampouco poderia vê-la, deu-se conta com felicidade. Não estava envergonhada de seu corpo. Mas não se arriscaria. Não queria que este homem formoso a considerasse com aversão. Não queria que sua formosa boca a insultasse e a chamasse monstro. Não esta noite. Esta noite seria sua dama de amor, a mulher a quem desejava.

— O que sugere? — devolveu-lhe o homem, cruzando seus braços e afrouxando suas coxas abrindo-os ainda mais para ela. Parecia divertido a contra gosto com seu entusiasmo flagrante.

Seu pulso se estrelou com um surdo ruído irregular de esperança e medo.

— Está procurando prazeres fortes? — baixou a capa e a deixou formar um

atoleiro em sua cintura, querendo seu olhar fixo sobre ela.

Seus olhos se velaram e intuiu que algo trocava nele. Algo sucumbia. Como se tivesse depravado no romantismo da noite e na força de seu desejo por ela.

Capítulo nove

Raine a olhou fixamente. A esses olhos escuros que eram muito grandes para seu rosto e sua garganta esbelta. A esses redondos peitos com suas pontas cor granada que com certeza enchiam sua palmas com sua forma perfeita. O resto de seu corpo estava perdido para ele, escurecido pelo manto em torno sua cintura. Mas recordava exatamente os que estava escondido debaixo de suas dobras de veludo.

Sob sua mão, um tirante mastro se espessou, alargando-se. Baco, sim, queria que lhe desse gosto.

– Quero te saborear, – murmurou.

Seus olhos se foram a sua boca. Era roliça. Úmida. Da mesma cor que os topos de seus peitos. O mesmo tom que o rose mais fino inventado pelo suco sagrado das uvas Satyr.

Sem uma vontade deliberada, sentiu-se assentir com a cabeça.

Que diabos estava fazendo? Nem sequer havia tocado sua carne ainda e estava a ponto de perder o controle.

Era das fadas ou puta? Perguntou-se outra vez. Muito provavelmente o último. Não deverei deixá-la tecer suas artimanhas sobre ele, apesar de tudo. Não devia permitir-lhe. Deveria lhe dizer que somente queria sua companhia e nada mais. Deveria lhe dizer isso. Agora.

Mas desejava desesperadamente o Calor de uma mulher humana contra ele quando encontrasse sua liberação esta noite. Assim vacilou.

Estudou o topo de sua cabeça quando seus dedos procuraram e encontraram a abertura de suas calças. Lutou com os prendedores por longos momentos e finalmente abandonou deixando seu acesso de cólera no ar.

– Parece que estão emperrados sobre seu PA – Um, quero dizer seu pênis, – disse-lhe.

Seus lábios se torceram ante seu uso de tal término formal. Seus dedos se adiantaram aos seus, encontrando e realizando rapidamente o trabalho com os prendedores. Abriu a dianteira de suas calças e liberou Seu pau de seu estrangulamento

O cabelo negro-azulado de sua puta pendurava em ondas dissolutas até seus ombros. Não era tão largo como o da maioria das mulheres. Entretanto, era brilhante, exuberante, e formoso, como toda ela. Retirou-o para trás e seus dedos se engancharam com a corda da bauta.

– Tire a máscara, – disse.

Sem titubear a soltou e a lançou sobre o assento detrás dela, então baixou seu rosto antes que tivesse uma oportunidade de ver suas feições. As mechas de seu cabelo negro azeviche acariciaram o interior de suas coxas quando se inclinou sobre ele.

Fechou seus olhos, esperando. Desejando. Imaginando o tato de sua boca molhada chupando-o.

Primeiro sentiu seu quente fôlego. Logo esses lábios suculentos e acolchoados desceram sobre ele como um beijo do céu. O que formava se deslizou além de sua coroa, firme embora suave. Ela envolveu a crista de sua cabeça e logo puxou muito ligeiramente. A firme ponta de sua língua encontrando e pressionando seu canal seminal enquanto seu polegar massageava o pedestal no que foi perfurado.

Baco! Onde tinha aprendido a fazer isso?

Fortaleceu sua palmas plainas contra as paredes do felze aos lados para evitar tocá-la. Para evitar sujeitar sua cabeça e para movê-la para dentro e para fora no embaraçador pouco tempo que tomaria gozar.

Devagar, sua boca se deslizou mais abaixo, tomando ainda mais dele. E mais. E ainda mais.

Sua cabeça recuou. Baco era boa nisto! Sabia exatamente como sujeitá-lo sobre a parte plaina de sua língua, frisando os lados ao redor dele, usando cada centímetro de sua áspera e úmida boca para acariciá-lo.

Tomou ainda mais profundamente. Sentiu sua ponta introduzir-se em sua garganta. E ainda mais profundamente ainda. Era pequena – como diabos estava tomando tanto dele? Nem sequer mostrava reflexos de náuseas. Se não soubesse, juraria que realmente desejava isto, que para falar a verdade o desfrutava.

Ridículo. Nenhuma mulher queria isto. Era um ato que somente as putas ofereciam, em troca de pagamento. Indubitavelmente o tinha feito desta maneira para muitos outros clientes antes dele e assim tinha polido seu rendimento. Isso era tudo.

—São Lazaro Degli Armeni, — anunciou o barqueiro com voz triste. Estavam-se aproximando do monastério armênio sobre uma ilha ao lado leste do Lido. Estavam-se aproximando.

Estavam-se aproximando.

Seu esperma se reuniu, endurecendo suas bolas como rochas. Raine apertou os dentes. Suas mãos apertadas em punhos se apertavam contra as paredes laterais do felze. Queria que este estranho prazer durasse. Maldição. Controlaria-o. Faria-o....

O leitoso sêmen subiu todo o caminho até a cabeça de seu pau, lutando por liberar-se.

—Deuses!

Derramou-se dele, projetando-se em sua garganta. Ela se retirou para trás e uma segunda explosão golpeou sua boca e bochecha. Levou seus dedos a seus lábios, melando-os com a substância acetinada como se estivesse surpreendida de

encontrá-la ali. Outro jorro de sêmen salpicou seu queixo. Girou sua língua sobre ele e logo o recuperou em sua boca. Suas mãos apertadas no tecido de suas calças se empelotaram fortemente aos lados de seus quadris. Sua garganta trabalhava enquanto aceitava e tragava o resto de seu gozo. Seu escorregadio desejo se transbordou, afogando-a em seu prazer solitário.

Devagar, muito lentamente a tensão em seu corpo se acalmou. Sua boca começou a soltá-lo. Suas mãos o massagearam brandamente depois da retirada de seus lábios. Sintonizado com seu humor, seu tato se voltou mais suave, mais lento. Quando sua língua roçou sua coroa, estremeceu-se e cavou seu queixo com sua mão, levantando-a.

– Sensível? – perguntou, cravando seu olhar na sua.

Seus olhos se fixaram, mas não pôde atravessar o suficiente a escuridão para distinguir suas feições. Assentiu com a cabeça, movendo em círculos um polegar sobre sua bochecha. Queria lhe dizer quão bom tinha sido. Quão inusitadamente bom. Queria dizer-lhe Mas não podia encontrar as palavras e o momento passou. A razão retornou e se endireitou, alegrando-se de ter guardado seus sentimentos engarrafados em sua garganta. Não gostava de recordar quanto a tinha desejado fazia só uns momentos. Quanto a tinha necessitado. Sentia tal perda de controle como um fracasso.

Resultava-se que ela provava ser o que supunha. Isso queria dizer que poderia ter esses lábios para ele uma e outra vez para todos seus dias. Seu pau se revigorou ante a idéia.

Entretanto, recordou-se – se provava não ser fada, seu único dever para ela seria o pagamento ao final da noite. Se não fora a segunda filha do Rei Feydon, deixaria-a ir. E a esqueceria.

– Palazzo Arbruzzi, – anunciou o gondoleiro vagamente. Tinham chegado a seu destino, ao Lido, a uma franja de terra protegida pela lagoa dos estragos do mar Adriático.

Recolheu sua bauta do assento detrás dela onde a tinha posto, preparando-se para colocá-la.

Raine recolheu e grampeou suas calças.

– Virá a meu hotel? – perguntou. Se negasse, teria que levá-la ali à força e logo limpar sua memória sobre isso. Não podia deixá-la fora de sua vista até que tivesse recuperado suas habilidades olfativas e podido avaliar se era realmente uma fada.

Seus dedos se detiveram sobre a máscara, então a pôs e elevou seu rosto para o seu.

– Por quanto tempo?

– Toda a noite, possivelmente mais tempo.

Dependeria de quanto tempo poluísse seu nariz o resfriado.

– Quer ter sexo comigo.

Baco! Nunca tinha desejado tanto algo em sua vida. Assentiu com a cabeça secamente.

- E planeja me pagar?
- Nomeia seu preço. Não importa.
- Então é rico? – perguntou.
- Sim.
- Muito rico?
- Sim.
- Mas não veneziano. Não te vi antes.
- Não. Da Toscana.

Capítulo dez

Bom, pensou Jordan. Não era local. Ainda assim, atreveria-se a aceitá-lo?

Reabriu as cortinas em previsão de sua chegada. Observou-o à luz crescente, ela se sentia mais valente dentro de sua máscara que sem ela. Sua roupa escura e seu cabelo eram de um estilo severo, embora dentro dos limites da moda atual e meticulosamente cuidados. Sua garganta se erguia de seu pescoço engomado como uma esculpida coluna masculina. Sua mandíbula era forte, rígida, e sombreada por uma incipiente barba negro-azulada. Seus lábios se viam suaves e bem formados. Suas maçãs do rosto eram altos e estavam vermelhos pelos efeitos de sua gozada. Como um relógio de sol, o contorno forte de seu nariz produzia uma sombra ao outro lado de seu rosto.

Mas seus olhos foram o que a atraiu. Sombreados por profundas pestanas eram uma cor anormal – como a superfície da lagoa em uma manhã tormentosa. Embora as tormentas turbulentas se desencadeassem dentro dele estavam agora fortemente controladas.

Este homem arrumado acreditava que ela era uma mulher. Uma mulher que lhe resultava o suficientemente atrativa para lhe dar trabalho por uma noite inteira de libertinagem em suas habitações de hotel.

Este homem – este homem formoso – estava oferecendo pôr esse imenso e formoso pau, que ela tinha posto em sua boca tão recentemente, também entre suas pernas. Se fosse com ele agora, colocaria-a em sua cama e empurraria profundamente ampliando sua fenda de mulher. Criaria um profundo túnel, e mais ainda, até que fora recebido completamente em seu interior.

Como se sentiria ao tato? Fundo dentro de seu principal canal privado,

desejava profundamente sabê-lo.

Acariciaria-a com ele até levá-la ao orgasmo? Poderia esse corpo estranho conseguir algo que nem sequer sabia se era possível? Seu pau se derramou muitas vezes, sempre em seus sonhos. Mas não tinha tido o orgasmo de uma mulher ainda.

Devido aos anos de golpear e cravar dos médicos, perguntava-se se teria sido desfigurada interiormente de algum jeito que fizesse tal acontecimento impossível. Se Salerno a apanhasse outra vez, poderia destruí-la irremediavelmente.

Este homem poderia estar lhe oferecendo a única possibilidade que alguma vez teria de experimentar uma agradável união como uma mulher. E o queria. Como o queria. Esta noite. Com este homem.

Mas o que se, no transcurso de tal encontro, descobrisse que seu corpo era uma mescla tanto de homem como mulher. Que então? As coisas podiam ficar feias.

Ainda, duvidando se não devia recusar-se a ele. As justificativas saltaram a sua mente como más ervas em um jardim de sentido comum. Podia esconder o que era dele, disse-se. Tomar o que desejava. Tudo o que tinha que fazer era criar algumas regra que assegurassem que não descobrisse a verdade.

– Muito bem. Por esta noite então, – no que esteve de acordo.

A gôndola tinha diminuído a velocidade a uma paralisação. Sacudiu-se uma vez, logo duas vezes, quando ambos os gondoleiros saltaram dela, preparando-se para atar a embarcação para atracar. O nervosismo borbulhou nela.

– Primeiro desejo estabelecer algumas regra para nosso compromisso, – acrescentou com atraso.

O homem assentiu com a cabeça, sem lhe perguntar o que é que queria dizer. Saindo do felze, estendeu a mão para ajudá-la.

Uma emoção a atravessou quando pôs sua mão na sua. Guardou seu gesto, como tinha previsto. Caiu em um cofre de lembranças apreciadas que salvaria dos eventos desta noite para ser tirado, revisado e abrigado nas épocas de maior escassez.

Juntos correram através da garoa e entraram em um palácio. Como era mais alto e mais largo que ela, protegia-a da umidade o melhor que podia. Nunca em toda sua vida um homem lhe tinha devotado o amparo de seu corpo. Outro gesto para abrigar, depois.

Uma porta se abriu e seus grossos sapatos tamborilaram ao outro lado de uma fina entrada de mármore. O som era masculino e duro. Tratou de fazer um corte na ilusão da feliz visão feminina de si que havia temporalmente criado em sua mente. Como desejava poder chutá-los.

Uma voz diferente lhe deu a bem-vinda. Levantou seu olhar cautelosamente até saber como seria julgada ali – como um homem ou uma mulher.

Mas não havia confusão na cara do proprietário a respeito de seu sexo. Girou um olho cego para ela; obviamente caso que era uma cortesã ou

possivelmente uma puta. Uma que o homem que a sujeitava queria em sua cama esta noite. Um homem endinheirado e arrumado de boa família, que estava tão desesperado por tê-la que estava disposto a pagar. Inclusive com seu cabelo curto, sapatos horríveis e sua larga capa, sentia-se desejável, feminina. Era estimulante.

Seu amante — ou a ponto de sê-lo — mantinha um braço ao seu redor, e ela manteve sua cabeça apoiada nele enquanto subiam por uma escada magnífica. Jogando uma olhada do capuz de sua capa, viu os corredores povoados de pinturas e urnas com flores. A balaustrada brilhava de uma cor dourada. Teve uma impressão positiva, mas fugaz, da opulência que cruzavam ao subir as escadas.

Estava úmido e silencioso dentro de suas habitações. Mas ela ansiava a selvageria da tormenta desatada no exterior para ajustar-se ao que crescia em seu coração. Sem pedir sua permissão, abriu um ferrolho e abriu amplamente uma janela, deixando que os sons e os aromas da chuva alagassem a habitação.

Chutou seus ofensivos sapatos em uma esquina e girou para vê-lo preparar-se para acender as velas.

— Não mais luz, — disse-lhe. — Alcança com as tochas do exterior.

A prata encontrou o negro através de suas escuras pestanas entreabertas enquanto vacilava, então soprou para apagar o círio.

— Tire essa maldita máscara.

Agitou sua cabeça.

— Minhas regras esta noite, lembra?

Aproximou-se dela para percorrer com suas mãos desde suas mãos a seus ombros e logo a suas costas.

— Mantém a máscara então. Mas tire a capa.

Ela se amassou mais dentro da capa e se afastou.

— Não ainda.

Pôs uma mão em seu quadril.

— Possivelmente deveria explicar exatamente o que vão implicar essas regras tuas para que possa decidir que curso tomar contigo.

Primeiro, me dê sua camisa, — ordenou-lhe.

Sem fazer objeções, Raine desabotoou sua camisa. Então cruzou seus braços, agarrando as abas de sua camisa de suas calças e levantando o objeto de sobre sua cabeça. Um por um, um ventre plano, estreita cintura, e amplo peito esculpido apareceram enquanto o pálido linho se perfilava cada vez mais alto.

Sua cabeça ficou brevemente oculta, somente para sair da camisa quando a soltou, mostrando seus ombros largos. Um relâmpago cintilou no céu e seus músculos bem definidos dançaram em um jogo de sombra e luz quando moveu seus braços para liberar-se da camisa e o jogou em um lado.

Passou seus dedos por seu cabelo molhado pela chuva, penteando-o em sulcos escuros. Jordan tomou sua camisa, de onde tinha caído no leito e girou suas costas para ele.

Debaixo da capa do Salerno, as arrumou para colocar sua camisa com um pouco de dificuldade. Sua cabeça apareceu pelo pescoço e seus braços se

escorregaram pelas mangas para aparecer pelos punhos, que enrolou a seus cotovelos. Atirando, puxou das abas para baixo, até que simplesmente caíram quase até seus joelhos.

Em contraste entre a capa empapada que cheirava a seu dono e a camisa de linho era branca, recém engomada e limpa. E cheirava – sexy – morna e masculina.

Deixando cair à infame capa ao piso, Jordan notou as manchas que tinham ficado nela onde a tinha usado para limpar seu queixo e bochecha de seu derrame na gôndola. Perguntava-se se o sêmen mancharia o veludo e o cetim irrevogavelmente. A gente somente podia esperar. Chutou-a para a esquina junto a seus sapatos.

Com suas costas ainda para ele, moveu-se debaixo da camisa, envolvendo uma de suas fitas ao redor de Seu pau várias vezes e assegurando a ponta com um aro de fita. Introduzindo outra fita por ele, passou o cetim ao redor de sua cintura e o atou rapidamente.

– Qual é seu nome? – perguntou Raine.

Jogou-lhe o olho por sobre seu ombro.

Ele elevou uma das comissuras de sua boca.

– Perdão. Essa pergunta está contra as regras?

Encolheu-se de ombros e empurrou as abas para baixo outra vez, escondendo suas regiões inferiores antes de girar para encontrar-se cara a cara com ele. Seu corpo ficava escondido agora menos suas mãos e a delicada linha de seus pulsos, e a linha de sua garganta visível no profundo V que descia pelo decote onde tinha deixado a camisa desabotoada.

– Jordan. É Jordan.

Não lhe deu o nome de seu pai e a pôs feliz quando não insistiu nisso. E não perguntou seu nome. Não importava. Somente iam passar uma noite juntos. Assim que a tormenta amainasse, despediriam-se para sempre como desconhecidos.

– Tomará desde atrás? – perguntou-lhe. – Não como um homem toma a outro homem. E sim como um homem toma a uma mulher, quero dizer.

– Se o preferir, – disse Raine. Deu-se conta que não queria que ele soubesse como estava moldado seu corpo entre suas pernas.

Embora quisesse tocar cada parte dela, deixaria-a manter sua privacidade por agora. Pelo menos até que este resfriado o abandonasse e pudesse determinar se ia ser um móvel embutido permanente em sua vida.

Jordan assentiu com a cabeça.

– Sim. É o que prefiro. É o que exijo.

– Estabelecemos uma regra então. Por esta noite.

– Sim. Uma regra.

Sob sua camisa, Seu pau vibrou e corcoveou contra suas restrições. Entretanto ela a tinha amarrado fortemente contra seu estômago com as fitas que lhe tinha dado antes e estava desejosa de ter sexo com ele.

– Te ajoelhe sobre a cama, – disse-lhe.

Seus pálidos olhos a seguiram enquanto subia sobre o colchão para suportar-se sobre seus joelhos. Então o olhou por sobre o ombro debaixo de suas pestanas.

Ele tirou as botas. Logo suas calças. Seus movimentos eram metódicos e pausados, inclusive sob seu olhar francamente carnal.

Enquanto se aproximava, ela estudou o eixo entre suas pernas com a mesma curiosidade como o artista tinha estudado o seu mais cedo essa noite. Devido a que não tinha nem o talento do artista nem o lápis-carvão em suas mãos, tratou de imprimir a imagem do corpo deste homem em sua mente em lugar do papel.

Tinha visto pênis antes. Às vezes Paulo, Gani, e inclusive ela tinham fustigado o seu para mijar nas ruas, quando os três tinham estado fora levantando o inferno depois do anoitecer. Mas seus pintos não tinham sido nada comparados com o deste homem.

Da mesma maneira que um pêndulo meneava-se sólida, grossa e larga entre suas pernas. Era facilmente duas vezes do tamanho de seu próprio pênis em cada dimensão. Veias que palpitavam com sangue febril cresciam gordas e suculentas ao longo de sua longitude como videiras irregulares e nodosas em um tronco de árvore. A coroa para a que se estendiam era bulbosa, com uma crista inusitadamente pronunciada separada do eixo mesmo.

Entre suas pernas, sua vagina se contraiu brandamente, desejando-o mais que nunca.

Por sobre o ombro, observou-o mover-se sobre o colchão até se localizar atrás dela. Queria memorizar tudo sobre ele. Tudo sobre esta noite, para poder ir a essas lembranças no futuro.

Seu olhar era agora penetrante e ambicioso. Em uns momentos, invadiria sua enferma cavidade feminina com esse pau quente e impressionante. Tremeu, prevendo-o, desejando que este momento prezado – esta noite – pudesse durar para sempre.

O colchão baixou quando se ajoelhou detrás dela, entre suas pernas. Seu corpo esquentou suas coxas e seu traseiro.

Suas mãos largas encontraram seus quadris sob o tecido da camisa e logo as deslizou para cima por dentro para aprender a forma de seus peitos. Ela colocou suas mãos aplanadas sobre seu pênis, assegurando-se que nenhum roce errante se abrisse passo ali. Passaram largos momentos e suas suaves carícias a adormeceram.

Suas mãos se deslocaram para trás, baixando sob os seus e entre seus corpos. Se ele fizesse qualquer movimento repentino para seu estômago, ela podia frustrá-lo rápida e suficientemente, raciocinou. E desejava explorá-lo.

Esfregando sua palmas sobre ele, acariciou implacável a suavidade de suas coxas e sentiu o fogo masculino que se movia contra ela. Seus cotovelos se dobraram e agarrou o duro veludo de seu membro que permanecia apoiado contra suas nádegas. A pele esticada lisa e suave sobre suas proporções exaustivas. Na coroa encontrou uma pérola líquido pré-seminal e a esparramou com seu polegar.

Um desejo tolo e faminto por absorver suas sementes em sua matriz esta noite se estendeu por ela. Entretanto, era afortunada que as oportunidades da concepção fossem de remotas a nulas. Se fosse conceber de algum modo, como cuidaria de um bebê? Sua mãe a pressionaria para que o abortasse quando se inteirasse para que a família Cietta não soubesse que não era um ele e lhe tirasse sua herança.

E ainda assim, no fundo, estupidamente o desejava.

Raine a deixou investigar seu corpo. Seus lábios encontraram a junta de seu pescoço e ombro, saboreando-a ali antes de subir pelo pendente vulnerável de sua garganta. Sua pele era cálida, suave.

Dentro da camisa, suas mãos vagaram por sua parte costas, registrando furtivamente suas omoplatas e os bem torneados músculos aos lados de sua espinha. Sua exploração não produziu nada. Não havia nenhuma cartilagem frágil ou algo similar para ser encontrado ali. Nem sequer vestígios. Estranho. Sua meia irmã – a esposa do Nick, Jane – os tinha. O seu podia florescer em asas completas cobertas de plumas nos momentos de funda tensão.

Entretanto, a falta delas em Jordan não significava nada. Não todas as fadas luziam asas. Para falar a verdade, a maioria não às tinha. Entretanto, a falta delas era lamentável desde que sua presença teria simplificado a tarefa de determinar se era de sangue Fay.

Sem tais provas prometedoras, deveria seguir sobre a hipótese de que sua cúpula nunca seria repetida depois de esta noite. Devia beber todo o possível dela. Devia tomar o suficiente para que lhe alcançasse através de todas as noites por diante quando bem poderia ser seu dever aparear-se com outra mulher menos desejável, escolhida para ele simplesmente porque o sangue das fadas corria através de suas veias.

Entre eles, seus hábeis dedos continuavam vagando, massageando seu pau cegamente, sabendo justamente como e onde tocar.

Ele moveu seus lábios sobre a frágil pele justo debaixo de sua orelha e aspirou. Cinquenta infernos! Por um momento, tinha esquecido seu resfriado. Devido a ele, não podia farejá-la, nem sequer em um lugar tão íntimo. Era efetivamente uma filha do Rei Feydon, com o sangue do Elseworld em suas veias? Queria sabê-lo. Agora. Antes de unir seu corpo com o seu.

Sem seu afinado sentido do olfato, seu trabalho na vinha teria sido impossível. Mas nunca se deu conta de quanto poderia chegar a depender dele no contexto sexual. O aroma do corpo excitado de uma mulher excitava. Excitava-o e desejava conhecer sua fragrância especial.

Sob sua manipulação, Seu pau tinha crescido mais duro e mais faminta. Seus dedos sabiam exatamente quando e como aplicar a pressão. Quando retirar-se brandamente e quando for firmes. Queria que ela parasse. Queria que ela continuasse para sempre.

Repentinamente se alegrou de que tivesse elegido esta posição para seu acoplamento, dessa forma não leria seu desespero por ela em seu rosto. Quando

tinha começado a impor o curso de sua situação? Estava-o fazendo sentir incômodo. Pediu que a comodidade familiar tomasse o controle.

Suas mãos se deslizaram entre seus corpos. Levando uma de suas mãos em cada uma das suas, inclinou-se para frente sobre ela, forçando-a a dobrar-se com ele, logo pressionou sua Palmas na cama frente a ela assim para que ficasse ajoelhada em quatro patas.

Atrás dela, elevou-se sobre seus joelhos e deslizou seus dedos para cima pelo dorso de sua coxas, levantando as abas da camisa que levava para revelar seu traseiro. Estava ordenadamente dividido como as curvas gêmeas de um pêssego amadurecido. Apertou-o com suas mãos. Seus quadris eram estreitos, abrangendo só o espaço de suas duas mãos.

— Tem os quadris de um menino, — murmurou em uma voz que era uma oitava mais baixa do normal.

Inclinou suas nádegas para empurrar a ponta de seu pau.

— Essa é uma queixa?

Tragou.

— Não. Somente quis dizer que é pequena. Irei devagar, mas a compatibilidade entre nós poderia ser incômoda para você ao princípio. Não tenho creme, ou azeite.

Agitou sua cabeça.

— Não importa. Há creme suficiente. Foi lançada dentro de minha passagem feminina mais cedo esta noite.

Recordou. Tinha-o observado ocorrer, no teatro. Por que o tinha admitido? Por dinheiro? Pela mesma razão que estava permitindo que isto ocorresse entre eles esta noite?

Deslizou uma mão entre eles e a ponta de um dedo roçou a raiz de seu pau. Gemeu e estendeu a mão para pará-lo, sem dúvida nenhuma se preocupava de que o descobrisse.

Mas seus dedos simplesmente a puxaram para trás, seguindo suas dobras delicadas até que perfurou sua fenda vaginal. Seu índice largo penetrou entre suas dobras e logo escorregou facilmente em seu interior para avaliar o estado de preparação de seu canal. Sondou-o, sentindo o creme que tinha visto homens da audiência do teatro depositar nela.

— Não sou seu primeiro cliente então? — perguntou.

— Suponho que podia dizer-se isso, — disse, arqueando-se ante seu tato.

Raine assentiu com a cabeça, acrescentando outro dedo para acariciá-la com dois. Outros homens tinham invadido esta passagem esta noite justo como ele o fazia. Tinha-os visto fazê-lo. Mas ainda estava ajustada. Possivelmente muito apertada para foder. Seu corpo era feito de maneira diferente que o da maioria das mulheres. Teria que ir com cuidado.

Ela gemeu e vacilou quando acrescentou um terceiro dedo, tratando de abri-la ainda mais.

— OH! Isso é mmm.

— Tranquila, — murmurou, acariciando-a até que voltou a relaxar-se ante seu ritmo.

Quantos homens tinham pagado para tocá-la deste modo, maravilhados, olhando sua rocha sobre eles, embainhando seus dedos até a base de seus nódulos e logo retirando-os rapidamente. Realmente desejava seu tato dentro dela? Tinha desejado o toque desses outros homens? Tinha tomado um pau ali, além de mãos e dedos, nas horas passadas desde que a tinha visto sobre o cenário?

Seu canal se tornou mais suculento agora e estava sorvendo seus dedos como um bebê no peito de sua mãe. Retirou seus dedos escorregadios de seu interior e levou seu avermelhado pau entre eles. Sua ponta acariciou sua fenda feminina, molhando-a em sua eclusa antes de esconder-se em seu interior. Expulsou o fôlego entre seus dentes ante a sensação de seu toque. Era tão cálida. O ser humano que acalmaria à besta em seu interior que clamava pelo abraço de carne terrestre essa noite.

Suas mãos encontraram os ossos de seus quadris para fixá-la enquanto pressionava regularmente para frente. Seus lábios inusitadamente felpudos serviam de travesseiro para sua longitude enquanto se introduzia devagar em seu abismo. De vez em quando, suas malhas trementes se opunham à introdução plenitude. Ele rogou porque seu corpo pudesse recebê-lo completo.

Estava quieta agora, escorada e silenciosa baixo ele. Todo seu ser parecia enfocado no ponto onde seu corpo se estava unindo com o seu.

Deteve-se, retirando-se e logo introduzindo-se somente até o ponto em que já tinha chegado.

— Está bem? — as arrumou para perguntar.

— Mm — hmm. — ela flexionou seus joelhos, empurrando-se contra ele de forma que seu corpo absorveu vários centímetros mais.

O movimento o surpreendeu e seu controle caiu justo o suficiente. Em um só arremesso, toda sua longitude encontrou o caminho a casa, sulcando-a duro e profundo. Seu grito estrangulado se mesclou com seu chiado. De surpresa ou dor?

— Está bem? — perguntou outra vez.

— Sim, acredito que sim.

— Então, eu vou...

— Espera um momento. Sinto-me tão cheia. Me deixe fixar o passo ao princípio.

Um músculo se contraiu em sua mandíbula. Esperava poder resistir o que tinha planejado.

Uns segundos realizou um tentativa movimento de penetração. Logo alguns mais. Retirando-se para frente muito, perdeu-o.

— Sinto muito. Voltaria para...?

Introduziu-se profundamente em seu interior antes que pudesse terminar a oração.

— Obrigado, — disse cortesmente. — Permanece quieto agora e me deixe tratar outra vez. — empurrou pouco mais para trás e novamente se retirou. Atrás.

Adiante.

Que nova tortura feminina era esta?

– Mmm. Posso sentir a crista de sua coroa trocando de lugar dentro. É estupendo, – sussurrou – Muito melhor do que pudesse ter imaginado. Como é para você?

– Para mim? – limpou sua garganta. – Está bem. – Baco, que eufemismo!

Suas malhas o acariciavam em chupadas cuidadosamente, medidas. Olhou-a fixamente, hipnotizado pela visão de sua estaca de um escuro tom avermelhado sepultando-se dentro e fora de sua cova molhada. Suas mãos se curvaram ansiosas sobre o baixo de suas costas e suas nádegas.

Depois de uma meia dúzia de golpes, retirou-se, quase perdendo-o outra vez. Lhe olhou.

– Estou pronta para que me ajude agora.

Com seus nódulos brancos, aferrou-se a seus quadris e começou a mover-se.

– Um isso é tão bom, – disse-lhe. – Como me sente?

– Como uma mulher, – respondeu sem pensar.

– Que coisa tão encantadora disse! – sussurrou, parecendo demasiadamente afetada.

De algum modo, tinha arrumado para dar com a resposta que mais desejava, embora ele não soubesse quanto a tinha agradado. Os matizes da conversação lhe escapavam como sempre.

Tomando o controle, bombeou-a duro, levando-a muito além da necessidade e o desejo. Suas pálpebras caíram e ficou quieto, determinado a prolongar seu desfrute desta transa.

– OH! Sim. É – OH! – gemeu e suspirou cada som feminino aumentava seu desejo de escutar o próximo.

Se aconchegou sobre ela, plantando um braço sobre o colchão a seu lado para montar carne sobre carne, seu peito contra suas costas, juntos em quatro patas. Os discos planos de seus mamilos se arrastaram sobre sua pele. Afundou seu rosto em seu cabelo, tratando de captar o aroma dela. Era uma agonia recordar que não podia conhecê-la desse modo esta noite. A ânsia brotou em seu peito. Inclusive se resultava não ser o que suspeitava, estava determinado a tê-la baixo ele outra vez pelo menos uma vez mais depois de que seus sentidos retornassem.

Debaixo dele, ela gemeu e apanhou sua respiração nesses pouco femininos suspiros e grunhidos. Encontrou-se movendo-se das formas que pareciam extrair melhor os sons dela. Sem uma idéia deliberada, sua mão vagou mais baixo, procurando aquilo que sabia que se encontrava oculto e amarrado contra seu estômago. Ela agarrou seus dedos, forçando-o a deixar de investigar.

Frustrado, golpeou sua palma contra o colchão e começou a foder a sério. Os golpes largos o levaram do bordo a seu clímax, medindo sua profundidade e tratando de prolongá-lo.

Sentiu que suas paredes vaginais ao redor dele começavam a frisar-se e

tremer. Era de verdadeiro desfrute ou era o truque planejado e bem ensaiado de uma puta para levá-lo a derramar-se? Apesar de tudo, era eficaz. Suas bolas se estremeceram, dissiparam-se, esticaram-se.

A carne de seu rabo vibrava agora quando subia e baixava sobre ela como um brutal animal. Seus braços se endireitaram e seus punhos apertaram os lençóis. Com sua cabeça para cima, ela arqueou suas costas em cada movimento, abrindo a si mesmo a seu saque e encontrando-se com ele em uma dura bofetada de carne úmida.

Ele abriu mais suas pernas, aproximando-se dela tanto como era possível. Seus músculos interiores se apertaram, sujeitando-o cada vez mais apertado o agarre que anunciava seu orgasmo. Por fim, lançou um chiado inarticulado e sentiu seu pau em um ritmo convulsivo e quase doloroso enquanto alcançava seu prazer feminino.

Suas bolas se sacudiram, preparando-se para jogar sua semente até acima de seu eixo. Seu mastro inchado a empalou profundamente, esticando-se, esforçando-se.... Para....

Como um estúpido touro em zelo gozou, derramando suas sementes em quentes jorros que chegaram diretamente a suas profundidades. Enquanto brotava seu leite em uma síncope, seu canal o ordenhava — o chupava, apertando-se e distendendo-se em uma espécie de êxtase carnal. Com cada um de seus derrames, o fôlego o abandonava em uma baforada inarticulada.

Quando o último pulso de seu prazer o esvaziava, ele espirrou repentinamente, empurrando-se a si mais profundamente e partindo acelerado o final das sementes de seu pau. Seus ombros se desabaram sobre a cama e gemeu.

Sua mão apertou seu estômago, prolongando sua união. No período subsequente de sua paixão, não tinha razão para preocupar-se. Não tinha engravidado nenhum bastardo nela. Era impossível em uma noite como esta.

Um Sátiro como ele podia foder ao parvo todo o mês tanto como desejasse, derramando seu sêmen amplamente e sem repercussões. O perigo de procriar sozinho era uma preocupação durante uma só noite especial todos os meses — no Moonful. Somente em tal noite, nas horas entre o anoitecer ao amanhecer, quando a lua pendurava abundante e redonda, podia despedir sementes férteis em uma mulher. Se o desejasse. Porque inclusive nessa noite, que estava consagrada ao sátiro, podia escolher se suas sementes seriam potentes.

Passou sua mão sobre a carne elástica da mulher que acabava de possuir.

Nunca daria sua semente a nenhuma mulher. Nem sequer se a fazia sua esposa. A só idéia criava um pano mortuário sobre ele. Separando-se dela, ficou de pé e deixou a cama. Detrás dele, sentiu que caía sobre a colcha como se era uma escultura de gelo finamente forjada se derreteu lentamente sob um pálido sol de outono.

Localizou um quadrado de linho e se limpou na bacia, olhando-a. Ela se frisou sobre um lado e elevou seus joelhos, apertando suas pernas juntas como se saboreasse as sensações que ainda palpitavam entre elas.

Se fosse efetivamente fada, esta noite era uma iniciação transcendental. Seu emparelhamento com ela marcaria a origem dos muros protetores que teceria ao redor dela com o transcurso dos meses. O amparo era fraco agora. Mas cada vez que se acoplassem se fortaleceria ao redor dela. Ao final, seria eficaz para a proteger contra as forças que o Rei Feydon tinha suspeitado podiam ser o suficientemente fortes para machucar a suas filhas.

Permaneceu estendida imóvel sobre o colchão, silenciosa. Seus olhos fechados e o prazer sombreando suas feições. Pelo menos aquelas que podia ver além da máscara. Uma de suas mãos estava estendida com a palma para cima ao lado de sua cabeça. A outra descansava entre suas pernas ainda cavada sobre suas genitais.

Por fim, suspirou e abriu seus olhos. Seu olhar o encontrou ao outro lado da habitação.

— Há um jarro aqui, — disse-lhe. — E outra bacia.

Ficou de pé e se aproximou do lavabo. Ele escutou o tinido de porcelana e o salpicão da água. Deu uma olhada por cima de seu ombro. Estava de costas a ele e se estava lavando entre suas pernas e mais acima para seu estômago.

Seu pau tinha ejaculado? Seu próprio pau, ainda rígido e grosso inclusive depois de gozar, reviveu ante a idéia. Mas lhe daria o tempo antes de tomá-la outra vez. E tomaria. Quantas vezes podia fazê-lo esta noite sem machucá-la, não sabia. Duas vezes mais? Três vezes?

— Podemos fazê-lo outra vez? — perguntou.

Sua cabeça se elevou de repente e seus olhos se viam esperançados. Deuses, sim! Aproximou-se rapidamente dela por trás. Sua mão se dirigiu resolutamente a seu abdômen, perguntando-se se o deixaria explorar esta vez. Mas o deteve, unindo sua palma com a sua e dobrando seus dedos juntos para retê-lo certa distância.

Agitou sua cabeça.

— Por favor, do mesmo modo que antes?

Seus olhos se estreitaram.

— Se o desejar. Mas te asseguro que não precisa te esconder, nenhuma característica de seu corpo me assustaria.

Não lhe acreditou. Via-o claramente sobre seu rosto enquanto agitava sua cabeça outra vez e lhe dava as costas.

— Da mesma forma que antes.

— Muito bem.

Suas mãos chegavam desde atrás para dar forma a seus peitos sob a camisa. Cavou-as medindo um peito em cada palma. Enchiam suas mãos à perfeição, flexíveis e mais frescos que o resto de seu corpo quente. Moveu seus polegares sobre os mamilos, ponderando quando algo desconcertante o sobressaltou. Através do tecido da camisa, tinha visto que as pontas de seus peitos ainda eram de sua cor de vinho claro natural. Uma vez que um emparelhamento bem-sucedido tinha concluído, os peitos de uma fada em geral adquiriam um brilho de

outra cor.

Mas não tinha fingido seu prazer. Uniu-se o suficientemente com o Shimmerskins para saber como medir a paixão falsa gerada por uma mulher determinada somente a levá-lo ao orgasmo sem tomar nenhum prazer para si mesmo.

A falta de cor em seus peitos queria dizer que não era o que acreditava? Ou somente queria dizer que para que tal mudança ocorresse, teria que desatar seu eixo e deixar que sua paixão saísse de controle.

— Descansa os braços sobre o batente, — disse-lhe. Quando obedeceu, deslizou-se rapidamente em sua molhada fenda de mulher e começou a foder. Sua garganta se arqueou e escorou enquanto a montava outra vez, com um desejo tão capitalista como se a primeira vez. O frescor da tormenta a golpeou de frente, enredando seu cabelo.

— OH!! OH Deus, é tão bom nisto, — disse-lhe. — Parece que seu fluido seminal esteja dentro de mim o faz ainda melhor esta vez.

Fluido seminal? Podia adivinhar onde tinha aprendido tais termos clínicos. Salerno.

Falou todo o tempo enquanto faziam o amor, descrevendo como a estava fazendo sentir, lhe dizendo que glorioso era fazendo-o sentir um herói só por fode-la.

Truques de puta, disse-se, enquanto caíam na cama muito mais tarde essa noite. Todas queriam fazê-lo terminar tão rapidamente como fora possível. E tinham funcionado.

— Chamará os gondoleiros? — perguntou sonolenta.

— Pela manhã. — puxando-a contra seu peito, deitou-se de lado abraçando-a. — Descansa agora.

— Umm. Não, tenho que ir.

Mas estava exausta e ficou dormida contra ele. Ele moveu sua palma pela suavidade de suas costas — essas costas em que não havia asas — e se perguntava se seria a filha do Rei Feydon.

Perguntava-se se poderia retê-la manhã.

Capítulo onze

Atchin!

Raine despertou a manhã seguinte com a compreensão de que, embora seu resfriado não o tinha deixado, sua companheira da noite prévia sim.

Puxou uma respiração vacilante e descobriu que seu nariz estava pelo menos ligeiramente mais limpo que o que tinha estado ontem à noite. Cuidadosamente, aspirou outra vez.... Procurando.

– Doze infernos! – Ao que parece seu sentido do olfato tinha retornado para lhe dizer uma coisa. Sua cama cheirava a Das fadas.

Tinha que apressar-se! Saltou para fora da cama, procurando suas calças. Primeiro convocaria ao proprietário do hotel e determinaria o que sabia da partida de Jordan ele e seu pessoal. Logo iria a Veneza para encontrar a esse tipo do teatro – Salerno – e perguntar o que sabia a respeito do paradeiro do por ele chamado – sujeito.

Alguém golpeou sua porta. Olhou furioso ao cabo, recordando que a tinha bloqueado ontem à noite com sua mente. Deveria ter impedido de partir a Jordan. Como o tinha feito?

– Quem supõe que é? – sussurrou uma voz feminina atrás dele.

Sua cabeça se girou rapidamente para encontrar a Jordan entre as pálidas sombras que envolviam a esquina mais longínqua da habitação. Ainda estava ali. Estava consternado pelo alívio que sentia.

Sua capa úmida e enrugada estava pregada a seu redor, ocultando o formoso corpo que tinha dado prazer ao seu ontem à noite. Sua máscara permanecia em seu lugar, embora se tinha enrugado durante a noite, lhe dando uma aparência um pouco embriagada.

Atirou suas calças a um lado e foi para ela, surpreendendo-a ao levá-la a seus braços e enterrar seu rosto em seu pescoço. Aspirou profundamente, aspirando seu perfume, analisando-o.

O atrativo de cada fada era ligeiramente diferente. Acariciou-a, analisando seus matizes. Havia uma doçura atenuada por uma especiaria potente – canela e prego de aroma esquentado pela carne de uma mulher. A mescla era estimulante. Aditiva. Havia outras fragrâncias também. Demoraria certo tempo as perceber todas.

Uma euforia embriagadora o afligiu quando se deu conta de que não havia dúvida agora. Era Das fadas. A segunda filha do King Feydon. A que era para ele.

A chamada soou outra vez, fazendo-se mais insistente.

Jordan girou sua garganta para lhe dar melhor acesso. Seus dedos seguiram prazerosamente os músculos de suas costas.

– Não vais atender à porta?

– Não.

– por que não?

– É minha mãe, – disse entre dentes.

– Sua mãe! – chiou, empurrando-o. Devorou o manto fechando-o em sua garganta com ambas as mãos enquanto lançava um rápido olhar à porta. – Como sabe?

– Posso cheirar seu perfume um quilômetro, – informou-lhe.

– Não vai deixá-la entrar?

— Não. — estendeu a mão para ela outra vez, encerrando-a em seu abraço e levando sua mão abaixo a seu mastro inchado. — Não acredito que o agradeça tendo em conta o que poderia presenciar.

A chamada começou outra vez, esta vez como um feroz tamborilar.

— Raine!

Jordan escapou dele, parecendo escandalizada.

— Não posso fazer isto... não com sua mãe no exterior!

Envolveu a ridícula capa mais apertadamente como se fosse possível.

Algo sobre sua expressão o fez querer rir. Mas estava muito zangado pela interrupção. Colocando uma bata, foi para a porta.

— Espera! — vaiou Jordan, saltando para o pequeno Closet que confinava com sua habitação. — Não te atreva a abrir essa porta até que esteja fora da vista.

— Fica onde está.

Raine se atou a bata e logo abriu a porta ao corredor com óbvia irritação.

Uma mulher vestida com um bombazine esmeralda caminhou ao interior sem esperar por um convite. Arrasou-o com seu olhar grave, sua expressão indicava que tinha esperado que ele incorresse em uma falta e o tinha feito. Estava claro que a mulher estava relacionada com ele. Tinha as mesmos maçãs do rosto altos e o mesmo comportamento real. Olhos cinza, também, embora os seus eram mais aborrecidos que os dele. E onde no Raine podiam compreender-se como longínquos, esta mulher era fria.

— estou encantado de verte, mamãe! Posso te apresentar a minha amiga, Jordan!

Sua mãe deu a Jordan um coquetel ácido com o olhar.

— Carnaval veio ao início deste ano? — disse, observando a máscara. — Que ridícula sou. Pensava que tinha sido proibido totalmente.

Então a ignorou como se fosse um adorno e se dirigiu somente ao Raine.

— Quero te falar em privado. E por favor, ponha algo mais apropriado.

Raine respondeu cruzando seus braços. O silêncio na habitação se fez mais espesso.

Jordan foi caminhando à porta de Closet.

— Só permanecerei aqui assim os dois podem ter sua privacidade.

Uma vez na outra habitação, pôs sua orelha na fechadura de porta, escutando.

— Vê-te bem, — brindou a mulher.

— O que quer? — perguntou Raine.

Houve uma pausa zangada. Embora logo que parecia possível, a mulher se endureceu ainda mais.

— Muito bem. Serei rápida em meu propósito. É seu pai — quer dizer, meu marido. Desapareceu.

As mãos do Raine se elevaram.

— E?

— Estava esperando que você o localizasse.

– por que veio á mim?
– Porque tem o nariz de um sabujo (raça de cachorro). Se alguém pode encontrá-lo, é você.

– Ah! Assim que o nariz que uma vez condenou resulta ser útil por fim. Que irônico!

Sua mãe alisou sua saia desenrugando-a. – por favor, não escave em história antiga, Raine. Agora, tenho um indício sobre o lugar em que seu pai poderia estar.

– Quem?

Vacilou.

– Posso confiar que conserve o silêncio sobre este tema. Ou não?

Raine protegeu seus olhos com suas pestanas incrivelmente largas.

Silencioso. Você deve te conservar silencioso. Quão freqüentemente lhe tinha sido dito isso quando era menino, quando tinha conhecido coisas que não devia conhecer e tinha falado delas? Tinha percebido logo que nem todos sabiam as coisas que ele sabia e que seus conhecimentos faziam sentir aos outros incômodos. Assim tinha aprendido a conservar-se em silêncio.

Uma cena de sua infância cintilou através de sua mente....

Tinha treze anos e três meses. Ele e seu pai tinham estado preparando-se para visitar as quadras, quando sua mãe tinha entrado na habitação, trazendo ao entrar flutuando seu próprio aroma especial. Sem pensar, Raine se tinha dirigido a ela com a preocupação franzindo sua testa.

– Tem uma hemorragia, – havia-lhe dito tremendamente preocupado.

– O que? – caminhou de volta para ele, perplexa. – Não.

– Entre suas pernas, – insistiu Raine.

Aplanando uma mão a grande altura sobre sua saia como se escondesse o lugar em que suas coxas se uniam, sua mãe o tinha olhado fixamente.

– Como te atreve a me fazer isto!

Seu pai tinha ficado pasmo.

Confuso, Raine tinha aplacado, sabendo que havia dito uma coisa equivocado outra vez.

Então a suave mão de sua mãe se elevou e o tinha esbofetado.

– Como soube, cria de Satanás?

Raine tocou sua bochecha ardente, doía em mais de um sentido. Somente havia dito a verdade. Sua mãe estava sangrando. Estava preocupado por ela.

Recorreu a seu pai.

– O que digo é certo. Alguém deve encarregar-se dela.

Por um momento longo, os olhos de seu pai tinham registrado os seus. Deslizaram-se sobre a mandíbula forte e o perfil do nariz de Raine, estudando o rosto juvenil muito diferente de seu próprio rosto exuberante e roliço. Tinha observado o corpo alto e musculoso do Raine como se o visse pela primeira vez, notando sua altura, que já tinha superado sua própria altura rechonchuda.

Tinha afirmado sempre que era afortunado de ter engendrado tal amostra

física fina como seu único filho. Mas agora a suspeita se deslizou em seus olhos.

Recorreu à mãe do Raine e leu a culpabilidade em seu rosto.

Raine o olhou fixamente, sabendo que era a causa da tensão repentina entre eles, mas sem saber por que.

— É seu tempo de mulher? — perguntou-lhe seu pai em um tom baixo e acusador.

Sua mãe assentiu com a cabeça.

— Como sabia você? — perguntou-lhe seu pai então.

Raine estendeu suas mãos e pareceu ficar por fora.

— Só sei.

Tinha escutado a pergunta tantas vezes durante os meses anteriores. Tinha visto as olhadas estranhas e arrepiantes que lhe dirigiam desde que tinha completado treze e obtido esta habilidade estranha.

Como sabia que um clérigo que os visitava tinha comido abadejos para o café da manhã? Como sabia que o coletor de trapos na fuga tinha um dente podre? Como sabia onde tinha escondido suas moedas o ferreiro? Como sabia que o açougueiro tinha tido sexo com uma mulher além de sua esposa? Como sabia que o gato tinha capturado uma ave aquela manhã?

A resposta para todas essas perguntas tinha sido que podia farejar as provas destas coisas, é obvio. Acaso não podiam todos?

Para falar a verdade, suas habilidades olfativas estavam melhorando e refinando-se dia apos dia. Em qualquer momento em particular podia analisar o ar e perceber uma infinidade de aromas. Pressentia a excitação sexual da empregada de cima quando estudava seu corpo. Cheirava o mofo crescer no porão. Cheirava as sementes brotar sob a terra.

Mas depois que tivesse saído a tropeções na oratória sobre o sangue de sua mãe — com o tempo, aprendeu a manter-se em silencio sobre tais coisas. Embora seus pais nunca falaram dos eventos preocupantes desse dia outra vez, algo entre os três tinha trocado. A confiança tinha sido prejudicada.

Outro mês passou e Raine se manteve em silencio em relação às outras mudanças físicas que tinham começado a preocupá-lo. Porque tinha começado a despertar todas as manhãs para encontrar seu pênis rígido e tão inchado que doía.

Um amanhecer, preso do desespero, confortou-o com movimento de seu próprio punho. Em poucos momentos, enrijeceu-se e se derramou, sujando seus lençóis. Tinha demonstrado tal alívio agradável que tinha começado a explorar seu próprio derramamento dali em diante como um evento diário.

Envergonhado e confundido, queria saber o que significava tudo isso. Mas o infeliz episódio com sua mãe e pai estava fresco em sua mente. Assim não mencionou este novo passatempo a ninguém.

Entretanto, quando os dias se deslizaram um após o outro, havia sentido uma tormenta formar-se dentro dele. Encontrava-se abatido ao olhar o quarto crescente todas as noites com uma previsão nervosa. Seu puxão o afetava como o fazia o oceano, construindo ondas de sensação em seu corpo, dia apos dia, noite

de trás noite. Para um objetivo desconhecido.

Quando a lua saiu cheia e veemente ao final como um O perfeito de luz, foi quase como se o chamasse. Atraindo-o pouco a pouco para um destino marcado.

Tinha ido à janela para olhá-la fixamente. Quando sua luz o empapou, sentiu um nó duro moldar-se dois ou três centímetros por cima de seu pênis. Tinha rasgado suas calças e estirada a protuberância com sua mão. Algo estava empurrando a pele de seu abdômen, do interior. Tremeu sob seus dedos por horas. Mas pela manhã, o nó tinha desaparecido. A tormenta também se dissipou dentro dele. Aliviado, não o mencionou a ninguém.

Quando os meses passaram e outras luas cheia saíram, foi desesperando cada vez mais quando o nó reapareceu. Era vergonhoso, doloroso, e espantoso. Ainda assim, suportou tudo em silêncio.

Quer dizer, até a noite em que o nó começou a forçar seu caminho fora de sua pele. Sabendo que uma lua cheia ia sair nessa noite fatal, Raine tinha estado ansioso todo o dia, incapaz de permanecer quieto ou levar a cabo suas lições.

Assim que o crepúsculo caiu, tinha sido conduzido a olhar fixamente dentro da mortalha colorida da noite, esperando. Quando a lua cheia se mostrou ao final, o nó torturante se formou outra vez como tinha esperado. Era maior esta vez, e seu entusiasmo por sair de sua pélvis se tornou feroz. Repentinamente, sentiu sua pele começar a dividir-se para isso.

Aterrorizado, tinha ido para seus pais onde se sentavam no salão junto à chaminé.

— Estou tendo um bebê! — espetou-lhes.

Seu pai tinha deixado sua revista com um rangido violento e o trabalho de sua mãe tinha cansado de seu regaço.

Não podiam ter estado mais assombrados. Mas então empurrou suas calças abaixo e o nó tremente tinha brotado de sua pélvis.

Seu pai ficou de pé tão repentinamente que sua cadeira caiu para trás. Sua mãe cobriu sua boca e ficou vermelha vítima do estado de excitação. Tinham ficado estupefatos. Horrorizados. Repugnados.

Raine olhou para seu estômago e viu que não era um bebê o que tinha saído dele. Era um segundo pênis, ligeiramente menor que o primeiro que se meneava sempre entre suas pernas.

— Deus em céu! Esta é minha obra, — soluçou sua mãe.

A testa de seu pai se obscureceu e se voltou contra ela, sua expressão tornando-se cruel.

— Tem algo para me dizer, esposa?

Ela empalideceu enquanto sua expressão se tornava culpada.

— Levanta suas calças, menino, — bramou seu pai.

Raine tinha obedecido escondendo essa outra parte de si que o fazia tão diferente de todos outros.

— É meu? — tinha grunhido seu pai.

— É obvio, — disse a sua mãe, abraçando-se a si mesmo.

Mas Raine tinha cheirado seu medo. Sua mentira.

De algum modo, seu pai o tinha intuído também. Cavando suas mãos sobre os ombros do Raine, tinha-o posto de pé entre ele e sua esposa, não como um amortecedor, mas sim como uma cunha.

— Peço-te que reconsidere sua resposta, minha querida, — havia-lhe dito.
— Se mente outra vez, será pior para você e seu filho.

O lábio inferior da mãe do Raine tinha tremido. Então uma confissão condenatória tinha escapado dela.

— Sinto muito. Como adivinhaste, foi procriado junto a outro homem.

— Já vejo. — os dedos de seu pai se estremeceram sobre os ombros do Raine, então lhe tinha dado um duro empurrão em direção à porta. — Vá a sua antecâmara até que seja chamado, menino.

Raine se foi. E esperou. Mas não foi convocado essa noite. Nem para o café da manhã. Não foi chamado até o meio-dia do seguinte dia. E então, tinham sido dois criados desconhecidos para ele os que tinham chegado. Tinha amontoado seus pertences e logo o tinham acompanhado à carruagem onde a família esperava.

Seu pai não lhe tinha explicado nada. Tinha montado a seus arreios ao lado da carruagem, acompanhando-o para fora de Veneza só. Ao seu devido tempo, tinham chegado à propriedade Satyr, um trio de Castelos localizados em uma ladeira aos subúrbios da Toscana. Além dela se estendia um bosque fértil, vinhas e pomares que eram a inveja da região inteira. Mas Raine não tinha sabido nada de tudo isso nesse tempo.

Quando sua carruagem e seu pai tinham entrado no pátio, um homem se reuniu com eles ali como se os tivesse estado esperado. Era alto, forte e de algum modo, familiar.

Raine aspirou, procurando seu aroma. Surpreso de não poder encontrá-lo, moveu-se perto, mas ainda encontrava que era impossível notá-lo. Tinha olhado fixamente dentro de seus olhos, curioso do homem mais velho.

Olhos como os seus o tinham olhado atentamente lhe retornando seu escrutínio. Um sentido estranho de aceitação o tinha abrangido.

— A puta de minha esposa te deu um filho, Lorde Satyr — tinha anunciado o pai do Raine. — Criá-lo ou jaga-lo à rua, não há nenhuma diferença. Mas mantém afastado de minha casa. Está corrompido pelo diabo. Não duvido que você o encontrará a seu gosto.

Então sem outra palavra, o único pai a quem Raine alguma vez tinha conhecido o deixou com desconhecidos. Tinha deixado todo o resto para ser Lorde Satyr, que era para falar a verdade o verdadeiro pai de sangue do Raine.

— É bem-vindo aqui, — havia-lhe dito o homem — como meu filho e herdeiro.

E o tinha sido.

Raine tinha conhecido a seu dois meio irmãos, Nick e Lyon, esse mesmo dia. Todos tinham o sangue de seu pai e o sangue de uma mãe humana fluindo em suas veias. Somente que Raine era bastardo, com uma mãe além de seus irmãos.

Tinha sido a última vez que tinha visto qualquer dos pais do Earthworld que o tinham criado até os treze anos.
Até hoje.

Capítulo 12

— Já fale logo, mamãe! — disse Raine. — Na cama de quem está seu marido e o que propõe você que faça a respeito?

Os olhos da mulher chispavam, mas sua voz culta permaneceu em calma. Através da fechadura da porta, Jordan a estudou, fascinada. Como adoraria aperfeiçoar essa técnica.

— Muito bem, — disse sua mãe. — Como adivinhaste, estive vadiando em companhia de outra rameira. Quero que você o encontre e lhe ordene retornar a casa antes que os fofoqueiros façam uma festa as minhas costas.

— Tem o nome e a localização desta — rameira, — perguntou Raine — Ou tenho que ir porta por porta perguntando às rameiras da casa se por uma delas tem um cavalheiro adicional em sua cama?

— Senhora Célia Cietta. Esse é o nome da rameira.

Em outra habitação, Jordan gemeu. O pai do Raine estava vadiando em companhia de sua própria mãe?

— Deixa de escutar às escondidas, Jordan, e vêm te reunir conosco, — exigiu Raine, jogando uma olhada para o Closet.

— Muito bem, — disse Jordan, negando-se a sentir-se envergonhada por ter sido apanhada. Quando girou o cabo e entrou na habitação, o olhar do Raine se estendeu por ela antes de retornar a sua mãe.

— Duvido que seu marido me escute — depois de tudo, sou.... O que disse o dia que me expulsou? Ah sim, volta-me para a memória agora — uma cria do diabo, — disse Raine.

Sua mãe se moveu sob seu olhar e um silêncio frio caiu sobre eles. Envoltos em seu manto, Jordan observou a interação entre ele e sua mãe com interesse.

— Entretanto, ajudarei-te sob uma condição. Minha amiga — Senhorita.... — Raine acudiu ao Jordan inquirindo-a.

— Alessandro, — improvisou Jordan.

— A Senhorita Alessandro requer um pouco de roupa, — continuou Raine.
— Alguns vestidos. E... — titubeou.

— Acessórios? — proporcionou-lhe Jordan.

Raine assentiu com a cabeça.

— Sim. Tudo o que uma Senhorita de dezenove anos requer quanto a objetos de vestir e acessórios. Conjuntos inteiros, dois ou três.

— O que tem isso que ver comigo? — perguntou a sua mãe.

—Em troca de minha ajuda, tomará suas medidas antes de deixar esta habitação. Levará essas dimensões às lojas mais finas em Veneza e retornará esta tarde com todo o equipamento.

Jordan e sua mãe o olharam fixamente com as expressões gêmeas de comoção.

—E... — a voz do Raine aumentou, sufocando os protestos de sua mãe — não fará perguntas.

—Mas adquirir todo o necessário para melhorar a esta criatura para esta tarde é uma tarefa impossível, — insistiu sua mãe.

—Não para alguém de seu prestígio social, certamente.

A mulher observou a Jordan, parecendo relutante a tocar qualquer parte dela por medo à contaminação.

—Muito bem, — disse mostrando sua irritação atirando de suas luvas. — Não sou nenhuma modista. Entretanto, farei todo o possível para tomar suas medidas.

—Não, — disse Jordan, afastando-se das suaves mãos da dama que se dirigia para ela. — Terá que tratar de adivinhar meu tamanho.

O olhar perspicaz de Raine se esclareceu sobre ela, mas não insistiu.

—Demônio! — disse a mulher, devorando suas luvas com uma sacudida de desgosto. Passou uma nota a seu filho de sua bolsa.

—Hei aqui a direção da residência da rameira. Terei os pacotes com os objetos de vestir para sua amiga aqui em seu hotel logo que possa reuni-las. Será mais conveniente para mim que você vá buscá-las.

—Sim, estou seguro que o será, — disse Raine ironicamente. — O que pensariam os vizinhos de ver-me retornar de entre os mortos? Você lhes disse que estava morto depois que me atirou fora de sua casa, não?

Sua mãe fez uma função de endireitar seu chapéu antes de falar.

—Não vamos relembrar disso, Raine. Não faz bem. Você pode me mandar uma mensagem a respeito do resultado de sua tarefa assim que a tenha terminado.

Dirigiu-se à porta, onde se voltou e o perfurou com seu olhar.

—Não falta nisto, Raine. Você me deve isso. Perdi muito devido a você.

Raine ficou rígida, sua expressão gotejando pedaços de gelo justamente.

Assim que sua mãe teve partido, Jordan teve mil perguntas para lhe fazer. Mas o olhar sobre seu rosto a manteve em silêncio sobre todas menos uma.

—por que alias pediu-lhe que compre roupa para mim?

Antes que lhe respondesse, Raine abriu a porta e falou com um criado no corredor, ordenando um banho.

Quando retornou ao interior, fechou a porta e a bloqueou.

— Eu gostaria que me acompanhasse ao mandado que minha mãe pediu. Necessitará mais que uma capa, uma máscara, e essas fitas se forem retornar a Veneza.

Jordan deu uma olhada abaixo para tirar o chapéu acariciando as fitas que tinha tirado dele ontem à noite, quase como se fossem contas para acalmar os

nervos. Olhou fixamente os fios cheios de cor com as que tinha sonhado tão freqüentemente. Aquelas que o tinham conduzido a ele.

Olhando-as fixamente, recordou o que a tinha despertado esta manhã. Sonhos. Foram novos, confusos, e espectadores. Assim que o terceiro e a profecia final de uma série de sonhos chegavam à consecução, outra série sempre invadia seu sonho para tomar seu lugar. Noite apos noite, este novo jogo se repetiria até que também se cumprisse.

Como de costume, os sonhos lhe tinham vindo em três partes. No primeiro uma pomba branca tinha aparecido. Tinha sido formosa, tendida de costas com suas asas estendidas.

Depois vieram as quatro pernas, cada coberta de meias em azul. E finalmente a serpente. Estremeceu-se, deixando por agora de lado sua imagem.

— E depois o que? Depois da roupa e o missão quero dizer, — perguntou.

Raine se aproximou, colocando uma juba de cabelo detrás de sua orelha e fazendo correr um calafrio por seu corpo.

— Desfrutei do tempo passado. Se você não estiver comprometida, você gostaria de viajar comigo como minha companheira a minha casa na Toscana. Também requererá roupa ali. — seus olhos se escorregaram sobre ela. Embora era o mais breve dos estudos, sentiu-o quase como um roce físico. — A maior parte do tempo.

Cruzou seus braços e se afastou pouco a pouco dele. Embarcou-se em uma nova rota ontem à noite, uma de independência que esperava a levaria fora da dominação masculina. Não ficaria tão facilmente sob o polegar de outro homem.

— Você simplesmente supõe que não tenho nada melhor para fazer? Que estou livre para ir contigo a lugares desconhecidos simplesmente para pular em sua cama só porque o diga?

— Não o está?

Embora se alegrou de que não perguntasse onde vivia a quem estaria deixando, ou por que tinha estado nua sob a capa ontem à noite, ainda a incomodava que fora tão presunçoso que pensava que sua existência atual em Veneza era inútil.

Agitou sua cabeça.

— O tempo passado foi um evento singular. Não posso ir contigo. Não conheço nada de você, nem você de mim.

— Sou Raine Satyr, o filho do meio dos três Lores Satyr.

Seus olhos se abriram.

— Vejo que conhece minha família por sua reputação.

— Não realmente. Mas o nome Satyr é muito familiar.

— Ah, então somente as intrigas mais vagas alcançou seus ouvidos. Deixe-me esforçar por encher qualquer brecha em sua educação. Somos fabricantes de vinhos. Sou o suficientemente rico para te manter com estilo. Minha casa está isolada, em um lugar onde ninguém nos incomodará.

Agitou uma mão para abranger o dos pés a cabeça.

– Assim é próspero. Arrumado. Sabe que poderia contratar a vinte acompanhantes mais apropriadas que eu. O que quer comigo?

– Companhia.

– E sexo?

Assentiu com a cabeça.

– De vez em quando.

Estava-lhe pedindo que fosse sua puta por quanto tempo exigisse que o fora. Tinha que admitir que a idéia era tentadora. Ainda supunha que ela era de sexo feminino. Se fosse com ele, poderia viver como uma mulher. Levar a roupa de uma mulher. Ser tratada de Senhorita. Desejava estar de acordo com sua proposta, assim fora somente por algumas semanas. Só até que Salerno deixasse de procurá-la.

Não. Tal idéia rodeava a beira da autodestruição. Se sua identidade alguma vez era descoberta e revelada, a casa de cartas de sua mãe cairia. E o que passaria se descobrisse a verdade do corpo com o que se esteve deitando, como o faria ao final? Poderia estar zangado. Muito zangado.

– Agora é seu turno – disse. – Quem é sua família?

Por fim as perguntas chegaram, mas estava preparada.

– Estou sozinha, – mentiu brandamente.

– Como terminou vivendo na rua?

– Meu pai morreu antes que minha mãe desse a luz, – começou, mantendo-se tão perto da verdade como fora possível para evitar ser apanhada. – Como fui uma menina em lugar do herdeiro macho que minha mãe esperava, terminou na indigência. A riqueza da família estava vinculada e me considerou uma grande desilusão como pode imaginar. Então... se casou com um... alfaiate. Cresci em sua casa, é obvio, mas então.... Ela e seu marido deixaram Veneza recentemente e não fui convidada a ir com eles. Encontrei minha própria maneira de sobreviver.

– Assim é nova nas ruas, – disse Raine.

Assentiu com a cabeça.

– Não durará muito ali, sabe. Sucumbirá à enfermidade ou ao caos. Minha proposta estenderá sua vida.

Encolheu-se de ombros. Provavelmente tinha razão, embora ele não soubesse até que ponto. Tanto as ruas como sua casa pareciam pouco seguras no momento.

Inclusive agora, Salerno poderia estar sentando no salão de sua mãe sobre a delicada cadeira francesa que Célia recentemente havia recoberto com um tecido de cetim retratando faes alados e ninfas pulando. Suas queixas sobre a separação prematura do teatro do Jordan ontem à noite recairiam sobre almas pormenorizadas. Sua mãe nunca veria seu lado, nunca escutava a letania das indecências e as invasões às que Salerno a tinha exposto com o passar dos anos. Inclusive se arrumava para convencer a sua mãe de que não a enviasse as suas garras hoje, viria por ela outra vez, um ano a partir de agora em seu próximo

aniversário. E sua mãe a enviaria com ele, depois de outra conferência sobre a obediência.

Possivelmente escapar com este homem era sua melhor esperança de evitar tal destino em curso. Levaria-a longe de Veneza, onde podia fazer um novo começo. Mas não podia deixar a sua mãe sem uma palavra. Seria cruel. Em que pese a todos seus defeitos, sua mãe a queria a sua própria maneira, e se preocuparia.

Uma chamada soou sobre a porta e um banho foi trazido.

— penca na sua decisão, — sugeriu Raine. — Nos banharemos, tomaremos o café da manhã e aguardaremos a chegada de sua roupa.

Enquanto se banhava, ele foi abaixo para conferenciar com o hoteleiro sobre um tema ou outro. Em sua ausência, Jordan aproveitou a bacia, aliviando Seu pênis tomando emprestada outra camisa e uma calça de sua bagagem. Ele sorriu quando voltou e viu seu ridículo traje, mas não disse nada.

Felizmente, resultou que sua mãe era tão boa como sua palavra. Em umas horas, chegaram caixas cheias de vestidos, chapéus, luvas e acessórios.

Jordan estalou em ooh e ahh acima de tudo o que revelava. Tirando cada um dos três vestidos que tinham vindo, sujeitou-os contra ela, um por um. Dois eram de musselina e o terceiro era feito de chita com duas fileiras de babados na bainha.

— OH!! São encantadores. Olhe preste atenção a este conjunto e essa costura. Raine a olhou ao roso e logo à pilha de bugigangas femininas.

— Minha mãe tem um gosto impecável.

Jordan lançou os trajes na cama para abrir outro pacote.

— E olhe só estes chapéus adoráveis — palha com fitas de veludo e outros de seda musselina adornados com penas de avestruz. E as pantufas. Dois pares, uma de grande qualidade e outra mais singela. OH, e ficam tão bem! Raine se relaxou em uma cadeira, apoiando um pé sobre um puff. Embora segurasse um livro em uma mão, não o abriu. Em seu lugar observou seu desfrute frenético ante os presentes que sua mãe tinha conseguido, um sorriso leve jogava com seus lábios.

Escavou entre os restantes objetos de vestir como um pirata pesando um bota de cano longo recém adquirido. Ao seu devido tempo, tirou um artigo do final da pilha de papel de seda e o sujeitou.

— Um espartilho, — murmurou com temor reverente. Embora parecia um dispositivo de tortura, com suas costas e laterais povoados de botões, adorou-o fato instantâneo. Pelo pouco tempo que estivesse sob seu amparo assumiria a aparência de uma mulher, queria experimentar tudo o que outras mulheres davam por certo.

Correu ao Closet com os alinhos, onde se tirou a roupa e se embutiu em uma regata e uma anágua de musselina bordada. Logo retornou, sujeitando o espartilho.

— me ajude com isto, — disse-lhe, passando-o sobre sua cabeça e lhe dando

as costas.

Raine franziu o cenho.

– É esbelta. Um espartilho parece-lhe desnecessário.

– Quero-o, – insistiu. – Por favor?

Pôs seu livro e se aproximou para se localizar atrás dela. Suas mãos trabalharam metodicamente no espartilho até que esteve completamente fechado.

– Está muito folgado, – queixou-se Jordan, olhando-se a si mesmo quando teve terminado.

– Deve empurrar meus peitos. Deste modo, – fez o gesto de levantar os seios com as mãos cavadas.

Suspirou.

– Muito bem.

Cuidadosamente voltou a ajustá-lo, assegurando-o mais forte esta vez.

– Como está agora?

Tomou algumas respirações vacilantes e pouco profundas.

– É como ter uma grande prensa ao redor de meus pulmões.

Seus lábios se curvaram.

– Parece encantador.

Devolveu-lhe o sorriso e se dirigiu para o espelho, estudando o efeito que o espartilho tinha sobre sua figura com aprovação.

– Traz a minha memória o tempo em que estava nadando na lagoa e me afundei tão profundamente que meus pulmões gemiam por ar.

– Não acredito que alguma vez tenha conhecido a uma mulher que tenha estado nadando ao ar livre, – comentou.

– Ou pelo menos não uma que o confessaria, – disse, sem notar quanto se alargaram seus lábios

Soltou um dos vestidos de musselina sobre sua cabeça e fez que lhe grampeasse as costas. Então produziu um assobio enquanto observava as saias se balançar de um lado ao outro ao redor dela. O ar fresco roçou seus tornozelos e entrou flutuando mais alto ao longo de suas pernas.

Ocorreu a ela que em calças, os pêlos entre suas pernas estavam bem contidos e escondidos da vista. Mas sob suas saias, a maioria das mulheres não levaram nenhuma calça. Nenhuma roupa interior de nenhum tipo.

Sabia isto é obvio. O que estava ou não estava sob as saias de uma mulher tinha sido um interesse em curso do Paulo e Gani, e ela tinha participado de suas especulações sobre tais coisas como uma norma. Mas nunca tinha considerado que era o que devia ser realmente vista como uma mulher, até agora.

Que fácil seria para uma mão masculina escorregar-se sob as saias, deslizar-se por um tornozelo, uma panturrilha, um joelho, uma coxa! E mais alto ainda. Tudo em um instante. Tal roupa fazia a uma mulher vulnerável.

Recolheu os alfinetes que tinham vindo envoltos em outro pacote e começou a prender seu cabelo em um coque como havia visto muitas vezes fazer a sua mãe com seus largos cabelos. Na privacidade de sua habitação freqüentemente tinha

jogado a organizar seus próprios cachos, caso que se estava preparando para um encontro.

Acomodou seu cabelo sob o chapéu mais simples dos dois e estudou seu reflexo.

— Vejo-me muito bem.

A risada de seu companheiro se desenhou em seus olhos ao refletir-se sua imagem no espelho detrás dela.

— Falas da mesma forma que uma verdadeira dama, — disse.

Olhou-o com surpresa. Seus olhos estavam brilhando e um lado de sua boca se dissipou para formar ao mais leve de covinhas em sua bochecha. Era a primeira diversão verdadeira que tinha visto sobre seu rosto. Transformava-o de simplesmente bonito a gloriosamente, magnificamente lindo.

— Condenadamente bem, — disse-lhe. Estava surpresa de quão facilmente franziu seus lábios em um aberto sorriso coquete. Possivelmente as artimanhas femininas não seriam tão difíceis de imitar agora que se via como uma mulher.

Olhou-a longamente. A covinha desapareceu e retornou o homem taciturno da última noite.

— Entretanto, a máscara estraga a expressão do conjunto, — disse-lhe delicadamente. — E podia trazer problemas quando nos aventurarmos de volta a Veneza já que os austríacos proibiram Carnaval e tudo relacionada com ele.

Jordan tocou sua bauta com dedos indecisos. Não tinha determinado ainda se iria com ele a Toscana. Mas iria com ele a Veneza ao menos. E ali, não podia levar a máscara durante o dia sem atrair atenção não desejada.

Olhando seu reflexo, desatou-a devagar e logo a deixou cair ao piso.

— Bem? — perguntou, movendo-se quando não disse nada.

Encolheu-se de ombros.

— Bem o que? Você é formosa, mas estou seguro que é consciente desse fato.

Formosa. Tinha-a chamada formosa. Outro tesouro prezado para guardar nesse cofre escondido mental que tinha começado a entesourar do momento em que o conheceu.

— Naturalmente, — disse-lhe, levantando seu queixo. — Mas nunca me canso de escutá-lo.

Alisando os lados do traje sobre sua cintura ajustada, Jordan observou seu reflexo. Podia imaginar a comoção de sua mãe quando se encontrassem mais tarde essa manhã. Se se encontrassem.

Enquanto ele baixava para fazer os acertos para seu transporte a Veneza, rabiscou uma nota.

Muito amada Mãe:

Não me busque, nem se preocupe. Estou seguro e retornarei a casa quando o momento seja propício.

J

Deixaria que o destino determinasse se ficaria em Veneza. Assim que Raine deixasse a gôndola ao chegar ali, iria sozinha à entrada traseira de sua residência e avaliaria o clima no interior.

Se Salerno estava hospedado ali, entregaria a nota anonimamente a um criado e deixaria Veneza com seu companheiro, sem ter permitido que sua mãe soubesse de sua presença.

Se visse que Salerno não estava aí, simplesmente tiraria seu chapéu, cobriria seu traje até onde pudesse com a capa enrugada e se aproximaria às escondidas a sua antecâmara. Os criados estavam acostumados a suas maneiras selvagens e a suas idas e vindas a toda hora e provavelmente nem sequer prestariam atenção a esta nova aventura.

Raine teria ido chamar à entrada principal de sua residência. Uma vez acima, colocaria calças e aguardaria sua partida. Não sabendo onde encontrá-la quando retornasse a sua gôndola, não teria opção exceto deixar Veneza sem ela.

Seu amante retornou, e no espelho seus lábios se moveram, moldando palavras. O que havia dito? Dobrou apressadamente a nota, girou e levantou suas sobrancelhas em sinal de interrogação.

— O que determinaste? — repetiu. — Me acompanhará em minha obrigação?

Assentiu com a cabeça.

— Irei contigo. E ficarei com a roupa como pagamento pelo tempo passado. Mas isso é tudo o que prometo por agora.

Inclinou sua cabeça em aprovação de seus termos e sujeitou seu braço.

— Vêem então.

Capítulo treze

A manhã era brilhante e ensolarada e a viagem ao outro lado da lagoa muito rápido. Nervosa, Jordan encheu o felze com a conversação, virtualmente deixando fora dela a seu companheiro. Depois não pôde recordar de que temas tinha falado, mas o tempo lhe tinha escapulado e a viagem nunca tinha parecido tão rápido.

Ficaram em silêncio enquanto se aproximavam da cidade, sem nunca notar ou estranhar as razões para a introspecção do outro.

Quando os barqueiros tomaram uma curva equivocada com o passar do canal, Jordan quis lhes dizer que havia um caminho mais rápido para a casa da Cietta. Mas é obvio não o fez. O bote encontrou seu caminho em última instância e atracou ao lado do lugar em que estava sua residência.

— Esperarei na gôndola, — disse ao Raine — enquanto você te ocupa de seu assunto.

— Vêem comigo, — respondeu, segurando seu braço. — Estou descartando a gôndola. Sairemos de Veneza de carruagem.

Não tinha considerado esta eventualidade. Não tendo nenhuma outra opção, tomou seu braço, pensando aproveitar qualquer deslize que se apresentasse.

Juntos cruzaram a praça. Com cada vaivém de sua saia, o frio ar matutino entrava flutuando baixo ela, lhe provocando arrepios sobre suas pernas. As fitas de sua touca lhe raspavam sob o queixo. O encaixe em seu peito picava. E ela desfrutou de cada chateação. Porque este uniforme era a prova exterior que anunciava a todos as pessoas que era de sexo feminino.

Olhou fixamente a um grupo de cavalheiros que passaram e leu em seus olhos ante sua audácia. O olhar de uma mulher devia ser mais tímido, deu-se conta. Acostumada às liberdades atribuídas aos homens, teria que ater-se a tais novas restrições? Seria uma mulher por um tempo o suficientemente longo?

Sua residência e outras vinte se erguiam como pilares de bolo rodeando a praça. Em frente a sua porta não havia nenhum sinal da carruagem do Salerno. Em vez, um cavalo tinha sido amarrado ali. Quando se aproximaram, viu que a cadeira de montar tinha a insígnia de um policial.

Todas as repercussões de seu plano passaram por sua mente. Alarmada, precipitou-se até em cima da soleira, não fez caso da aldaba, e abriu a porta principal.

Raine lhe seguiu os passos. Dando uma olhada às abas das portas, que estavam modeladas com formas de fadas e lhe disse:

— Alguma vez escutaste falar de bater na porta?

Jordan se deteve e lhe enviou uma expressão culpada.

— Não pensei. O policial. Não sente curiosidade por saber o que está ocorrendo?

Lançou-se para frente, golpeando o piso de madeira com suas pantufas.

Entretanto Raine ficou perplexo assim que entrou na casa. Em qualquer lugar que seu olhar recaísse encontrava faes, ninfas, cupidos alados, elfos e duendes. Pulavam, voavam e revoavam, adornando cada superfície, cada cortina, cada candelabro, cada lustre de luzes, cada tudo. Estupefato pelo monte de adornos com o aplique de asas, somente podia olhar fixamente.

Suas janelas nasais se dilataram, captando o aroma de outros seres vivos pressente. O mais próximo era macho.

E rápido sobre os pés de outro aroma, por cima destes aromas mornos e viventes chegava outro. Era o da morte. De uma mulher humana morta somente fazia umas horas. Levantou seus olhos ao topo das escadas.

— Que coisa mais estranha, não? — perguntou uma voz nasal.

A atenção do Raine se desprendeu de seus pensamentos para olhar a um policial a uns três metros investigando como ausente o cenário da habitação. O

homem esfregou o peito bronzeado de uma ninfa ferida, agitando sua cabeça calva.

— Alguém nesta casa quer às pessoas pequeninas, Não o diria? Estão moldados até nos metais das vasilhas. É estranho.

Jordan podia lhes haver dito por que. Sua mãe tinha tido um sonho na noite em que seu único filho tinha sido concebido. Um sonho de que tinha sido visitada pelo rei dos Faes. Tinha contado a história a Jordan desde que era bebê.

Em uma noite especial quando seu pai tinha estado longe da casa e sua mãe tinha dormido a sós em sua cama, este rei FAE lhe tinha dado um presente muito especial — Jordan. Ou assim é como o relatava. O sonho tinha sido muito vívido e Jordan tinha adorado escutá-lo. Mas tinha se convertido na obsessão de sua mãe e a decoração de sua casa se viu afetada, por conseguinte.

— Lorde Raine Satyr com uma mensagem para a Senhora Célia Cietta, — anunciou Raine com tom cortante. — E você é?

O reconhecimento do nome Satyr e tudo o que implicava arrumaram a postura do policial.

— Oficial Maci. Posso perguntar que classe de mensagem? — seu tom se tornou diferente, dizendo ao Jordan que seu companheiro exercia mais poder que o que ela tinha acreditado.

— Do tipo confidencial, — respondeu Raine.

— Já vejo. E ela é.... — perguntou o policial, assinalando com a cabeça para o Jordan. Deslizou um lápis e uma caderneta de seu bolso.

— Um parente, — disse-lhe Raine. Era verdadeiro em certo sentido. Ambos tinham sangue de Elseworld.

— Sim, é obvio. — O oficial Maci piscou o olho ao Jordan ironicamente, percebendo rapidamente sua verdadeira relação. — Seu nome?

Baixou seu lápis no tinteiro de cristal de sua mãe enquanto dirigiu à ácida pergunta a Jordan, esperou então com seu instrumento de escritura preparado em cima de sua caderneta.

— Senho.... Senhorita Alessandro, — mentiu Jordan. — Posso perguntar por que está você aqui?

Rabiscou a informação antes de responder obliquamente.

— Uma investigação.

— Do que, se for tão amável? — persistiu Jordan.

O policial deu uma olhada de um ao outro.

— Chegarei a isso em um momento. Primeiro qual é sua relação com a família da Cietta?

— Nenhuma absolutamente, — disse Raine.

— E ainda assim entrou nesta casa sem golpear?

— Isso foi minha culpa, — disse Jordan. — Vi seu cavalo fora e senti curiosidade. Houve algum tipo de crime aqui?

— Paciência, paciência. Por agora, é importante que responda a minhas perguntas. Agora, precisamente como de íntima é sua relação com a família da

Cietta?

— Como já expliquei, nós não estamos relacionados, — disse Raine com irritação.

O policial suspirou, golpeou sua lápis sobre seu lábio superior, considerando-o, e logo disse:

— Muito bem. Vêm comigo.

Jordan girou para segui-lo ao segundo piso.

Raine agarrou sua mão.

— Espere aqui.

Agitou sua cabeça, fazendo com que seu penteado pouco organizado caísse de um lado.

— Não, vou.

— Fique detrás de mim então. Algo grave ocorreu aqui, — advertiu-lhe.

Seus olhos registraram os seus, preocupando-se cada vez mais. Como a noite anterior sobre a doca, apoiou uma mão na sua, com muita confiança. Esta vez não a rechaçou, simplesmente curvou seus dedos ao redor dos seus.

O fedor da morte se fez mais forte nas fossas nasais do Raine quando o policial os levou acima e logo ao longo de um corredor. Repentinamente, abriu uma porta e estendeu um braço, lhes fazendo gestos dentro. Raine entrou na antecâmara, mas a mão do Jordan se escorregou da sua e ficou atrás no corredor.

Os das fadas, as ninfas, e querubins eram mais prolíficas aqui, sua alegria contrastando macabramente com a pálida mulher sobre a cama. Os outros viam que o corpo que estava tendido em cima do colchão pertencia a uma mulher. Mas somente Raine podia farejar o sangue coagulando-se em suas veias agora que seu coração já não o bombeava pelo interior de seu corpo. Somente ele advertia o forte sabor docemente nauseabundo da morte que se mesclava com os aromas femininos de sabão, perfume e pó para envolver a habitação como uma mortalha. Os aromas se coagulavam em seus pulmões, curvavam-no.

Mas em nenhum lugar nesta casa, nem nesta habitação, farejou ao homem que o tinha criado até os treze anos. Se seu pai do Earthworld alguma vez tinha tido uma relação amorosa com esta mulher, não a tinha visitado aqui nesta casa. Nunca.

Havendo-se habituado bastante à morte devido a sua ocupação, o policial olhou fixamente a habitação, parecendo mais perplexo por seu frívolo cenário que pela mulher morta dentro dela.

— Esta é a habitação de seu filho. Pode imaginá-lo?

Detrás deles, Jordan gemeu.

O tempo se deteve tão congelado como a respiração no peito de Jordan, quando ingressou em seu próprio dormitório. Sua mãe parecia excepcionalmente tranqüila ali com os longos cabelos loiros encaracolados e suas frágeis feições.

Golpeou-a da mesma maneira que uma cena do relato FAE da Bela Adormecido do Perrault. Somente que Célia não estava dormindo.

Jordan esperava que os olhos azuis de sua mãe se abrissem em qualquer

instante, brilhantes e coquetes. Seus lábios trilariam com bate-papo frívolo, alegre.

Em seu lugar, seus olhos permaneceram fechados e seus lábios ficaram pálidos e tranqüilos enquanto adoecia de costas contra a colcha.

Belamente etérea, estava vestida com um de seus trajes favoritos, um traje vaporoso comprido feito com muitas capas de tule branco. Era o vestido da Titania, rainha Das fadas da obra dramática de Shakespeare. Asas brancas construídas com plumas e de singulares perus reais albinos da Isola Bela se arqueavam desde seus ombros. Abrangiam o largo inteiro do colchão sobre seus flancos, baixando além de seus quadris para terminar em ponta aos flancos de seus joelhos.

Uma valiosa primeira edição de “Sonho de uma noite do verão” descansava sobre seu antebraço flexionado. Seu cós era acanalado e suntuoso, e Jordan tinha adorado sempre o ranger de suas folhas e o aroma de seu couro. Sua mãe o tinha lido todas as noites até que se fez muito maior para tais coisas.

Jordan se aproximou mais à cama. Sua mão se estendeu para sua mãe, querendo sacudi-la para que despertasse.

— Mm... ?

— É correto. É homicídio, — disse o policial, balançando-se sobre seus saltos, logo suas ponteiras e abaixo outra vez. — Acredito que Célia Cietta foi assassinada ontem à noite.

Jordan se congelou. Esqueceu-se que ele e Raine estavam na habitação. Ambos os homens a estavam olhando fixamente. Arrebatou sua mão para trás, seus pensamentos aterrorizados voaram como em um helter skelter.

— H... homicídio?

Alguém tinha matado a sua mãe? Enquanto tinha estado fornicando toda a noite, sua mãe tinha estado aqui em sua antecâmara? Moribunda?

Ante seus olhos, seu entorno começou a cintilar. Aferrou seu ventre e só sentiu o rígido espartilho que jazia debaixo de seu traje. Não podia respirar. Seu corpo inteiro se estava afogando.

Girou e se precipitou para o corredor e avançou por ele desesperada por tomar distância. Por respirar. Tropeçou, agarrando o corrimão da escada.

A camareira de sua mãe a encontrou enquanto tropeçava em seu caminho para baixo.

— Está bem, Senhorita?

Alguns criados espreitavam abaixo. Por que estavam chamando-a Senhorita? Não a reconheciam?

— Ar, — gemeu Jordan, avançando através deles a empurrões. — Necessito ar.

Finalmente chegou à entrada, indo para uma porta que parecia estar a uma milha de distância. Os criados a olharam com expressões que variavam entre a curiosidade e o alarme, mas nenhum parecia reconhecê-la. Não importava. Nada importava.

Sua mãe — sua formosa e encantadora e maquinadora mãe — estava acima.

Morta. Morta. Morta.

— Está doente? — o som da voz do Raine lhe chegou como se proviesse das profundidades de um poço.

Girou para ele, seus olhos imensos sobre seu rosto.

— Meu espartilho, — gemeu, lutando com seus dedos em sua cintura. — Ele está...

E então, pela primeira vez em sua vida, desmaiou.

Capítulo quatorze

Jordan despertou em um instante. Seus olhos se abriram desconcertante, alertas. O homem com o que tinha passado seu tempo estava sentado em frente dela, olhando-a fixamente.

Estava recostada na esquina de uma custosa cadeira de balanço de couro. Não. Da maneira que se cambaleava sobre o assento chiando, deduziu que estava em algum tipo de transporte. Uma carruagem. No momento, não podia arrumar-lhe para reunir o suficiente interesse para perguntar onde estavam indo.

Raine abriu frasco de prata gravado com suas iniciais e o passou.

— Toma. Bebe.

Quando se incorporou para alcançá-lo, seu sutiã se escorregou e caiu para frente. Sujeitou-o contra seu peito com uma mão, mantendo um mínimo de decência.

— Afrouxei-o, — informou-a Raine sem indício de desculpa.

— Felizmente para você, estou muito cansada para me preocupar. — com sua mão livre, Jordan tomou o frasco e bebeu. Saboreou o licor. Vinho. Tragou alguns compridos goles largos dele e logo limpou sua boca com o dorso de sua mão. Não tossiu ou se afogou como uma dama pouco acostumada às bebidas espirituosas podia ter feito.

Seu companheiro se deu conta, mas no momento estava mais preocupado por outros temas. Enquanto a mulher sentada frente a ele tinha permanecido dormida tinha intuído que a magia se acumula ao redor dela. Magia do Elseworld. Tinha entrado flutuando na carruagem, sobressaltando-o com sua força. Aparentemente não era o único que tinha localizado a segunda filha Das fadas. Os parentes do Feydon também a tinham descoberto.

Jordan empurrou mechas úmidas de cabelo de sua testa com mão tremente. Sua têmpora pulsava. Sentia-se horrível. Tomou outro gole frasco e sentiu que seu sutiã se abria ainda mais.

— Ajusta esta maldita coisa, — disse-lhe, lhe apresentando suas costas. —

Sua função grátis terminou. Estou gelada.

— Então toma meu casaco, — disse, tirando-lhe e envolvendo ao redor de seus ombros.

Sem agradecer-lhe apertou as lapelas diante de seu corpo, agasalhando em seu Calor residual. Lançando um fenomenal suspiro, deixou que suas preocupações a afligissem.

A pomba de seu sonho tinha representado a sua mãe. Célia Cietta estava morta. Parecia impossível. Tinha sido tão vivaz na vida.

Tomou outro comprido trago do frasco.

Silenciosamente, Raine o recuperou e lhe passou um lenço em seu lugar. Ela tomou e o passou por sua bochecha, dando-se conta logo então que estava chorando.

As quatro meias azuis viriam depois, sabia, e logo finalmente a serpente. Uma víbora negra, com brilhantes olhos como de brasa, hipnotizaria-a, não com seus olhos, mas sim com sua voz. Inclusive enquanto caía em seu feitiço sabia que tinha que tratar de evitá-la. Pois uma vez tivesse adormecido, atacaria.

Não se incomodou em tratar de armar agora o quebra-cabeças de seus sonhos. Era impossível fazê-lo, como sabia por experiência passada. Seus significados se revelariam quando o tempo passasse e não antes. Não havia nenhuma maneira de impedir de chegar a sua consecução. Somente podia esperar a sua mercê.

Deu uma olhada ao Raine e viu que ainda a estava estudando. Seus olhos começaram a alisar com esforço o lenço que tinha enrugado em seu punho.

— Deixa de me olhar como se fora um inseto sobre um alfinete.

Seus olhos não vacilaram.

Girou seus ombros, tratando de desprender-se de seu mau humor.

— Sinto muito. Sempre estou de mau humor quando acordo para me encontrar em uma carruagem estranha com um cavaleiro a quem conheci faz menos de um dia. Quanto tempo eu...?

— Quase quatro horas.

Quatro horas!

— Estava sonhando, — disse.

Aplacou-se.

— E!

— Fala em sonhos.

— OH! — essas era incômodas notícias. — Que disse precisamente?

— Não o recorda? — expôs a pergunta na língua do Elseworld — a linguagem que tinha resmungado de vez em quando durante seu sonho intranquilo.

Ela inclinou sua cabeça, tratando de reter a lembrança fugaz que suas palavras provocaram. Mas a lembrança estava escorregadia e não podia sujeitá-lo o suficiente tempo para analisá-lo.

— Que língua estrangeira está falando, não o compreendo, — disse-lhe.

— Isso é interessante já que é a língua que falou em seus sonhos. Não recorda nada disso?

Sim, recordava seus sonhos muito bem, mas não o idioma ao que fazia referência. Tinha visto a ave branca como a neve outra vez. Somente que a ave não tinha sido um ave. Tinha sido sua mãe. Seu peito se estreitou e sua respiração se tornou pesada. Pressionou uma mão contra suas costelas justo debaixo de seus peitos.

— Esse espartilho se solta de uma vez por todas. Agora, — disse, estendendo a mão para ela.

Deu palmadas a suas mãos.

— Não, já está tão folgado que está caindo. Estou bem.

Recostou-se, franzindo o cenho.

— Faz-o a sua maneira. Mas se desmaiar outra vez, espera despertar sem ele e com que o jogue da carruagem ao caminho enlameado.

— Que bravo é, — disse sarcasticamente. Resfolegou no fino lenço de seda, forçando a sua respiração a regular-se.

— Essa mulher, aí nessa casa, — disse, violando o silêncio depois de alguns momentos.

— Realmente estava morta?

Assentiu com a cabeça.

Jordan sentiu suas bochechas ardendo.

— Bem, não faça que tire cada detalhe com pinça. O que disse o policial que lhe ocorreu?

— Já que o pergunta.... Informou-me que o suicídio não tinha sido descartado. De acordo com os criados, a senhora era dada a períodos de melancolia.

Sim, sua mãe tinha estado tensa, seu humor elevando-se e diminuindo em som, Jordan sabia.

— Mas pensei que disse que tinha sido assassinada.

Raine inclinou sua cabeça.

— Essa é a teoria do policial. Havia um filho, como mencionou. Foi em sua antecâmara que a Senhora Cietta estava tendida. Os criados informaram que o filho e a mãe brigaram no dia anterior a sua morte e agora não pode ser se localizado. Portanto, isso cimenta as suspeitas do policial em sua direção.

Era a principal suspeita no homicídio de sua mãe? Jordan se endireitou e jogou uma olhada para fora da janela através da pequena cortina, sentindo um impulso repentino de fugir dos limites da carruagem. Para livrar da sondagem de seus olhos e as suspeitas de outros. Para esconder-se.

— Onde estamos? — pensou em perguntar repentinamente.

— Sobre os subúrbios da Pádua. Estou-te levando a minha casa na Toscana. Um sentimento de estar apanhada brotou nela, tornando-a briguenta.

— Tomou essa decisão sem me consultar?

Elevou suas mãos.

— Depois que desmaiou, minhas opções pareciam limitadas. Era o tempo de retornar a casa e você não mostrava nenhum sinal de te recuperar. O que devia fazer? Deixar-te com o policial? Levar-te ao cais onde nos conhecemos ontem à noite e te deixar ali, inconsciente e a mercê de elementos muito graves e delitivos?

Olhou-lhe furioso, contrariada por ser incapaz de encontrar um buraco em seu argumento.

— Qual é o problema de vir comigo durante um tempo? — perguntou. — Se encontrar minha companhia deprimente, asseguro-te que há outros na propriedade Satyr com os que poderia te levar bem. Meus dois irmãos vivem perto. Um está casado, com um bebê, uma esposa e sua irmã pequena. Você terá sua companhia tanto como cada comodidade que uma dama poderia querer.

— Não levei a vida de uma dama, quando te disse. Você não me conhece. E não estou seguro que queira que o faça. Viver juntos significaria estar em contínuo contato.

— Eu mesmo sou uma pessoa que desfruto muito de minha privacidade. Não temos que compartilhar tudo de nós mesmos com o outro. Somente as partes que desejemos.

Esfregou sua testa.

— Não posso simplesmente desaparecer.

— por que não? Quem em Veneza sentiria saudades?

Quem realmente. Já não tinha a sua mãe para considerar. Se desaparecesse, somente Salerno se preocuparia.

Mas se nunca retornava a Veneza, a morte de sua mãe poderia ficar sem resolver. Sem castigo. E perderia o direito à fortuna da Cietta. Seu primo, outro filho da família Cietta a quem nunca tinha conhecido, herdaria.

Suspirou cansadamente.

— Pensa que seu pai poderia havê-lo feito? Assassinar a essa mulher. Se resultar que foi assassinada, quero dizer.

Raine considerou a sugestão.

— Duvidoso. Não é particularmente do tipo de pessoas que se deixa levar por suas paixões até o ponto de cometer um homicídio.

— Aparentemente tinha alguns impulsos apaixonados se sua mãe suspeitava que era conduzido ao leito da Senhora Cietta.

— Vai de cama a cama somente em um intento de demonstrar sua virilidade ao mundo, — disse-lhe Raine sem a inflexão. — Não pode aceitar que é incapaz de engendrar filhos.

Suas sobrelhas se arquearam com surpresa.

— Mas...

— Não é meu pai, — disse Raine disse, prevendo sua pergunta. — Embora seja o marido de minha mãe, Roberto Altore não tem nenhuma relação comigo. Sou o bastardo de Lorde Satyr. O mesmo dia em que minha mãe confessou que tinha tido sexo com o Satyr para ter um filho, Altore me enviou a Toscana e deixou a cama de minha mãe para sempre.

– Já vejo.

Jordan estudou a linha de seu perfil quando fez tremer a cortina da janela para olhar para fora.

– Disse a sua mãe o que ocorreu? – agitou uma mão assinalando Veneza, que diminuía na distância detrás deles, acabando de recordar a missão pela que o homem em frente dela tinha ido à casa de sua mãe.

Raine deixou a cortina cair.

– Enviei uma mensagem para lhe informar o que ocorreu esta manhã. Assegurei-lhe que já não tem nada que ter em relação à encantada Senhora Cietta.

Seus pensamentos giraram em mil direções, todas elas inquietantes. Suas ténporas golpeavam com mais violência e se sentia ainda mais afligia.

– Ocorre-te algo? – perguntou Raine.

Não, estava bem. Sua mãe estava morta. Era possível que tivesse sido assassinada. E Jordan era o principal suspeito. Não havia ninguém que se interpor entre ela e Salerno agora. Meu deus! Tinha matado a sua mãe?

O que ocorreria se voltasse e dissesse à polícia que dirigisse suas suspeitas para o cirurgião? Escutaria? Não. Talvez era melhor enviar uma carta anônima contendo suas suspeitas.

Seus olhos se moveram rapidamente para Raine, notando outra vez que arrumado era. Podia ir com ele. Viver como sua escolta até que se cansasse dela. O mundo não precisava saber jamais que ela e Jordan Cietta – filho póstumo do Senhor Cósimo Cietta e herdeiro de uma vasta fortuna – eram o mesmo. Somente ela, sua mãe, e Salerno estavam inteirados desse segredo condenatório. E agora somente ela e Salerno. Buscaria-a? Se seguisse até a Toscana, as oportunidades de que a encontrasse diminuiriam.

Este homem estava oferecendo levá-la a sua casa, há vários dias de Veneza. A um lugar onde ninguém a conhecia ou pensaria em procurá-la. Onde podia viver como uma mulher. Sua mulher. Onde podia ter sexo com ele entre lençóis frescos como a noite passada. Seria doce.

É obvio não duraria. Cansaria-se dela em algum momento e escolheria a outra pessoa para esquentar sua cama, justo como o desfile de cavalheiros que com o passo dos anos sempre se cansou de sua mãe ao final. Os pretendentes de Célia nunca proporcionavam uma razão para suas deserções. Os homens simplesmente saíam a procurar um novo corpo feminino.

Era provável que Raine a jogasse quando descobrisse a verdade sobre a construção de seu corpo. Ainda assim, as arrumaria. Poderia encontrar a outro homem, que ignoraria sua raridade e a cuidaria. Sua mãe lhe havia dito uma vez que os camponeses e cidadãos comuns eram menos meticolosos em relação ao que estava sob as saias de suas amante que os cavalheiros das cidades sempre pendentes da pompa e o status.

Seguir nesta carruagem significaria que poderia continuar tendo vestidos, anáguas, espartilhos e chapéus absurdos. Poderia viver cada aspecto de sua vida como uma mulher como uma vez tinha sonhado fazer. Pelo menos até que a vida

— ou a morte — a alcançasse.

Tomou uma respiração tranqüilizadora.

— Muito bem, — esteve de acordo por fim. — Irei contigo a Toscana. Mas somente com a condição de que sou livre de partir em qualquer momento.

— É obvio, — esteve de acordo facilmente seu companheiro.

Por que tinha o pressentimento de que não estava sendo totalmente sincero?

Capitulo quinze

Propriedade Satyr, Toscana, Itália

Setembro de 1823

A casa de Raine era como ele, decidiu Jordan ao vê-la na distância diante da janela da carruagem. No exterior, aparecia como uma coleção de severas, mas majestosas torres góticas como chapéus terminados em ponta, tudo esculpido em pedra cinza. Aliviado somente por alguma ocasional ou um grupo de colunas, elevava-se de pé forte, rígido e afastado da região que o rodeava.

Uma grande cerca construída com fortes trilhos verticais espaçados a cercava dentro do terreno, lhe emprestando um ar espinhoso e pouco acolhedor. Além de um par de portas de ferro com a insígnia — SV — em letras de ouro ornamentadas, a rota se curvava entre recortada grama, cuidadosamente podados sebes e enclausurados jardins tão limpos e moderados que teriam encaixado perfeitamente em um monastério. Inclusive os álamos e olmos partiam em colunas ordenadas, cada um podado apropriadamente. Ali toda a natureza tinha sido limitada e controlada como se seu amo temesse que se um tumor da árvore ou uma má erva chegassem a elevar a cabeça o inferno pudesse desatar-se. Desejava lançar sementes de flores silvestres pelo lugar, só para ver a reação do Raine quando florescessem sem tom nem som. Mas estaria aqui para vê-lo?

A carruagem entrou em um pátio circular feito com paralelepípedos suaves que rodeavam uma fonte central. A extensão desigual cobria a base da parede principal da casa em ângulo reto e nem um só arbusto aliviava sua reunião. As pedras estavam limitadas aos dois lados por paredes altas não se viam suavizadas pelas heras e as portas de ferro forjado sobre o lado mais distante pelo que acabavam de entrar.

Abriu a porta de seu veículo justo quando Raine se detinha junto a ele. Fazia a maior parte da viagem a cavalo assim que a tinha deixado em grande parte a sós com seus pensamentos. Estava agradecida de poder liberar-se deles e da carruagem e se assaltada pelas novas visões e sons.

Quase imediatamente, Raine esteve na porta para ajudá-la a baixar. Tendeu sua mão em um gesto distinto que nunca deixava de encantá-la.

Esteve a ponto de tropeçar-se com suas saias enquanto descia. Pouco acostumada a eles, esqueceu que já não se movia com a liberdade que conferiam um par de calças. Felizmente, Raine estava aí para apanhá-la.

— Bom Senhor! — disse, olhando com atenção por sobre seu ombro. — O que é isso?

Ele se separou dela assim que esteve firme sobre seus pés, mas o havia sentido encolher-se ante sua pergunta. Aparentemente, tinha-a esperado.

Aproximou-se consternada para uma fantástica fonte na beira do pátio. Em seu centro se encontrava a estátua mais gigantesca que viu em sua vida que reconheceu como Baco, o deus mitológico do vinho.

Seu cabelo alvoroçado estava adornado com uma coroa de videiras e sua expressão era carnal, quase demoníaca, quando lhe olhou para baixo. Um grupo de flexíveis figura femininas esculpidas intrincadamente em mármore listrado da Carrara o serviam e adulavam, lhe brindando comida, vinho e seus corpos. Três delas ofereciam taças das que orvalhava e salpicava água espumosa, caindo em cascata para lavar seus pés em uma piscina pouco profunda.

Baco sustentava audazmente o peso do peito descoberto da ninfa mais próxima roçando seu mamilo com seu polegar. Com sua outra mão acariciava a nádega de outra ninfa, a que sustentava em sua mão descuidadamente seu roliço escroto. Justo em cima de seu rabo, a enorme pau do deus do vinho aparecia em um ângulo viçoso, surpreendente em seu tamanho e esplendor.

— Deus, — disse Jordan. Considerando-o tudo, era um terrível contraste com a austeridade com a que tinha tropeçado até agora.

— Estava aqui quando herdei a casa, — disse-lhe Raine rigidamente.

O calor avermelhava suas maçãs do rosto. Ela sorriu ante o tom defensivo que escutou em sua voz, mas intuiu que não era o momento apropriado para incomodá-lo.

— Esta não é uma casa. É um castelo, — informou-lhe em troca.

Ao longo dos seis dias que tinha durado sua viagem, que tinha incluído o dificultoso passeio por Bolonha, viram-se forçados a passar a noite em numerosas estalagens. Em cada uma, Raine tinha pedido habitações separadas para ela, tanto como livros e trabalho para mantê-la ocupada. Tinha sido muito considerado. E tinha adorado cada um desses gestos, simplesmente porque reforçavam o fato de que a considerava como sua mulher.

Tinha visitado sua habitação todas as noites depois da comida vespertina e a tinha tomado em um encontro rápido em sua cama atribuída. Tinha-lhe dado a bem-vinda cada vez com seu pênis já escondido e amarrado fora da vista dentro de seu vestido. Tinha mantido as regras que tinha posto em Veneza, possuindo seu canal feminino desde atrás e a tinha deixado depois de que tivessem conseguido a satisfação somente uma vez.

Durante o dia tinha montado junto à carruagem através de sol e chuva e se manteve afastado dela, sem beijá-la sequer. Mas tinha visto a protuberância em suas calças de vez em quando e sabia que a desejava. Não entendia porque não

tinha atuado mais freqüentemente em apóio a seu desejo, não estava segura de por que. Ela tinha tentado constantemente que cedesse. Entretanto tinha encontrado uma dúzia de maneiras de evadir seus cuidados. Agora que tinham chegado a sua casa, tinha-o.

Sem aguardar um convite, começou avançar pelas amplas escadas que conduziam à entrada de sua casa. Um criado engomado abriu a porta alta e arqueada para ela e cruzou a soleira.

Dentro, uma escada de mármore de primeira classe espetacular lhe deu a bem-vinda, curvava-se em espiral até acima dos primeiros dois andares da torre principal. O vestíbulo e o corredor principal era austero e opulento, embora logo que teve tempo de registrar os afrescos elegantes, os tetos suntuosos, os tapetes persas ou as tapeçarias custosas, ele a fez subir escada acima com um apuro que alargou os olhos de seus criados.

Por fim, pensou. Levaria-a a suas habitações e lhe faria amor comprido e pausado. Estava obviamente ansioso. Ela estava igual.

Como tinha previsto, levou-a rapidamente a uma antecâmara. Tinha sido preparada e estava pronta para seu uso porque tinha alertado aos criados com antecipação a sua chegada.

— Servirá? — perguntou uma vez estiveram dentro.

Ela girou em um círculo que girou suas saias. A habitação estava decorada com tons suaves cor pêssego e com uma frondosa e singela grinalda de samambaias grafite ao longo. Uma suave franja formava um anel central sobre a alta cama de mogno de quatro postes coberta de cortinados que chegavam até o chão. Um escritório, um penteadeira, banquetas, um sofá, dois closet, cadeiras e vários urnas cheias de flor rematavam o conteúdo da habitação.

— Servirá? — repetiu com assombro.

Depois de ter passado dezenove anos vivendo entre uma multidão de ninfas esculpidas e duendes a quem sua mãe adorava tanto, estava encantada com o bom gosto que dominava na habitação.

— Tornaste-te louco? É obvio que o fará. Esta é facilmente duas vezes do tamanho do meu... — tinha estado a ponto de dizer à antecâmara que tinha tido na casa de sua mãe em Veneza. Mas se deteve e parou seu giro.

— Me alegro de que conte com sua aprovação, — disse Raine. — O jantar é servido às sete. Por favor, divirta-se com o que deseje até então.

Com isso, dirigiu-se a uma habitação contígua, fechando a porta entre eles com um ruído de caráter definitivo.

Era óbvio que queria estar sozinho. Mas Jordan estava cansada de ser deixada de lado com sua introspecção melancólica. Não queria pensar muito na morte de sua mãe esta noite. Necessitava companhia. Necessitava seu corpo contra ela, fazendo-a esquecer.

Avaliando seus limites, dirigiu-se à porta e a abriu só um pouco. Olhando com atenção dentro, seus olhos o encontraram.

Seu olhar se cravou nela e se deteve no processo de tirar a camisa, com seus

braços cruzados em sua cintura e as abas obstinadas em cada mão.

— Essa porta foi fechada por uma razão, — disse-lhe.

Fazendo caso omissa de sua falta deliberada de convite, entrou em seu dormitório, sentou-se sobre sua cama e ficou cômoda entre seus travesseiros.

— Por mim não se preocupe. Por favor, continua.

Suas mãos caíram a seus flancos e franziu o cenho.

— Necessita algo?

— Preciso ver mais pele. Rogo-lhe isso, continua tirando as roupas

— Não sou um ato de carnaval para funcionar para sua diversão, — disse-lhe.

— Não. — levantou-se da cama e foi para ele. — Não. Você é um homem formoso. E quero ver maior quantidade de você. — beijou a pele visível no V do decote de sua camisa parcialmente desabotoada. — Para saborear mais de você.

— Para te tocar.

Suas mãos se deslizaram sob o tecido de sua camisa para rodear sua cintura.

— Para participar fazer amor contigo nessa cama grande e encantadora.

Entre eles, encontrou o nó comprimido de seu pau que se endureceu sob o tecido de suas calças.

— Para sentir esta parte sua gozando dentro de mim como antes. E como todas as noites. — Sua suave palma lhe deu forma e sua voz ficou rouca, tornando-se sufocante. — Recorda?

OH! Recordava-o muito bem. Raine, que era conhecido por esquivar os avanços inoportunos e a conversação, estava duro pelo raivoso desejo de agarrá-la e fode-la até perder o sentido. Suas mãos se foram a sua cintura. Podia girar até em cima de suas saias tão facilmente. Baixar suas calças só o suficiente. Levantá-la contra ele. E estar dentro dela em segundos.

Embora tinha tomado alojamentos distintos para eles todas as noites de sua viagem, não tinha sido capaz impedir-se ir a sua habitação depois do jantar. Noite após noite, tinha-a tirado da mesma maneira em que se haviam apareado em Veneza. Mas logo tinha arrumado para deixá-la depois e o tinha feito somente para demonstrar que podia fazê-lo.

Embora depois que tinha deixado sua cama à última noite de sua viagem, ainda tinha estado tão necessitado que se foi a sua própria habitação e feito aparecer uma Shimmerskins. Tinha-as pego até ficar exausto somente para impedir-se retornar com ela outra vez.

Moonful chegaria esta noite, e a tensão se estava enrolando-se mais fortemente em suas vísceras à medida que o anoitecer se aproximava. Quando a luz da esfera se elevasse sobre ele seu desespero por unir seu corpo ao seu seria insuportável.

Esfregou uma mão sobre seu cabelo, refletindo. Não sabia como evitar que seu membro lhe respondesse. Para evitar necessitá-la. Querê-la era uma coisa. Necessitá-la era inaceitável. Prometeu-se que racionaria seu tempo com ela quando chegassem aqui. Que continuaria unindo-se a ela somente uma vez por noite.

Seu polegar encontrou o entalhe na parte oculta de sua coroa.

Bem, pode que sim duas vezes, pensou. Não — uma vez, maldição. O que estava mal nele? Quando havia se tornado tão débil?

Normalmente podia conter-se de agarrar a Shimmerskins incluso por dias. Semanas. Era somente este período maldito do Moonful. Poria-a em transe gostosamente e a levaria a garganta com ele esta noite para experimentar o Chamado se somente pudesse estar seguro de que podia confiar em si mesmo para frear sua semente de vida. Irritava-o admitir que não podia. Assim que tivesse enterrado Seu pau nela, temia que sua semente fértil brotasse a jorros fora de controle como se fora um rio inchado atravessando violentamente um dique. Sim, levá-la à garganta esta noite seria um grave engano. Mas estava tentado.

Ignorando seu dilema, Jordan se afundou no piso ante ele em um atoleiro de anáguas espumosas e saias. Inundando sua mão na frente de suas calças tomou a dura coluna povoada de veias entre suas mãos atraentes. Sua respiração chegou como uma suave nuvem sobre seu eixo. Então sua língua, uma lambida deliciosa, prelúdio da tortura por vir.

Ele afundou sua mão em seu cabelo, pensando empurrá-la. Em vez, sua palma se moveu por si mesmo com entusiasmo, curvando-se em torno de seu crânio para sujeitá-la. Suas pestanas negras como o carvão velaram a prata de seus olhos, observando esses lábios preciosos realizar suas artimanhas sobre ele. OH! Que doce alívio!

— Ah, Jordan, — murmurou. — Isto tem que parar. Não te trago aqui para isto. Ou pelo menos, não ainda. Não hoje. Não tão freqüentemente.

Devorou seus lábios molhados e inchados de seu pau, de chupá-lo. Seu punho ainda o acariciava, suavizando a umidade que tinha deixado e imitando os movimentos de uma boca. Seus olhos eram coquetos.

— Não? Quer que pare? Possivelmente queira te reunir comigo sobre a cama?

Ficou de pé, apertando-se contra ele, mas não tão forte que pudesse perceber os segredos de seu corpo. Pondo seus braços ao redor de seu pescoço levantou seus lábios para beijá-lo.

Suas mãos largas se elevaram até sua cintura, rodeando-a. Ocorreu-lhe que se sentia assombrosamente correta contra ele. Seu corpo se sentia mais vivo sua mente mais clara e seu espírito melhor quando estava perto. Compreender isto avivou um estranho medo nele. Antes de casar tão desastrosamente tinha pegado a centenas de mulheres humanas. Putas, cortesãs, camponesas. Tinha tido legiões delas, todas dispostas a deitar-se com seus irmãos e com ele com o propósito de poder gabar-se dele ante suas amigas. Mas ninguém jamais se havia sentido tão bem em seus braços. Nem sequer sua ex-esposa.

Apertou sua mandíbula e se afastou dela para fechar suas calças.

— Sim, quero que pares. Não, não quero me reunir contigo sobre a cama. Não agora. Tenho trabalho que fazer.

Ela colocou em ângulo sua cabeça, intrigada.

– Que trabalho?

Passou uma mão por seu cabelo, desordenando-o e logo o esfregou em seu penteado acostumado. Qualquer outra mulher teria arrojado um manha de criança ante seu rechaço. Mas aparentemente ela não. Ninguém falava como ela o fazia. Ninguém o incomodava ou o empurrava a fazer coisas que tinha decidido melhor não fazer. Outros o encontravam inacessível e os apreciava por manter sua distância. Por que não atuava como todos outros ao redor dele?

– Estive ausente durante duas semanas, – disse-lhe em uma voz plaina. – Tenho trabalho na vinha de família. As uvas estão maturando. Os cachos devem ser inspecionados e as decisões feitas a respeito da ordem no que serão colhidas. E a lista segue.

Seu rosto se iluminou.

– Parece fascinante. Me leve.

Capítulo dezesseis

Raine a levou a percorrer sua casa, ao longo de complicados atalhos e temperamentais passagens. Havia encantadoras e silenciosas habitações para a contemplação e salões mais generosos para o entretenimento. Seu adorno escasso e elegância refinada tiveram um grande impacto no Jordan depois de ter sofrido sua vida inteira as estruturas decoradas com as fantasias de sua mãe.

Quando tinham percorrido as habitações em profundidade, dirigiram-se a um labirinto cavernoso, que lhe informou que era a adega. Utilizou um pouco de tempo em verificar o aspecto de vários dos barris e o suco de uva em lento fomento que continham antes de levá-la por outro jogo de escadas mais rústicas que as outras que lhe tinha mostrado. Os passos terminaram em uma porta exterior através da que passaram que os levou a um jardim traseiro da residência.

Ali os esperavam um par de cavalos e Jordan estava um pouco consternada quando o seu chegou levando uma jamuga (sela feminina). As terras formavam um triângulo por cima de seu Castelo assim que o rastro os levaria para cima. Mas era uma boa cavaleiro e tinha fé em cruzar a distância até sua vinha sem percalço.

Afrouxou seu pescoço, abanando-se quando montaram.

– O dia está caloroso para ser setembro.

Seus olhos se moveram ao leve decote que tinha exposto e suas mãos se apertaram em suas rédeas.

– Descobrirá que o clima dentro de nosso complexo é temperado todo o ano em comparação com o que se desenvolve atrás dos muros.

– por quê?

Ante isto ele simplesmente se encolheu de ombros e esporeou suas arreios

para frente.

– Requer uma larga explicação.

– Estou disposta a escutá-la, – disse Jordan, alcançando-o.

– Considera suficiente que diga que a combinação precisa da vegetação e o terreno provocam aqui um ambiente bastante constante. Não está nem muito quente no verão nem muito frio no inverno. Meus antepassados localizaram a propriedade sobre esta ladeira e muraram a área por razões defensivas. Os agradecerá quando começar o inverno e não tenha necessidade de um casaco.

– Assombroso! A temperatura aqui é tão moderada? – perguntou.

Assentiu com a cabeça.

Giraram em uma elevação, e teve um vislumbre das brilhantes torres de uma segunda propriedade em uma direção e as torres escuras de uma terceira na outra.

– Daqui pode ver as casas de meus irmãos, – informou-lhe.

Dando sombra a seus olhos, observou uma e logo a outra.

– Qual é qual?

– Essa é a do Lyon, ele é meu irmão menor, – disse-lhe Raine, assinalando com o dedo a primeira. – E o mais escuro pertence ao Nick, meu irmão maior.

– A quanta distância estão? É difícil medir com a vista em uma área reflorestada tão extensa como esta.

– Cada uma está a uma viagem de meia hora ao longo da parede exterior a cavalo.

– E são como o teu?

– Similares suponho, embora difiram no estilo arquitetônico como você pode ver inclusive nesta distância. No centro de cada propriedade há uma casa principal com grandes jardins de envergadura e terrenos, que se encontram e se mesclam com as árvores do bosque velho. O bosque toca a base das colinas das vinhas, que constitui o ponto principal de nossas terras.

Não lhe disse o resto. Esse chão tão antigo tinha sido escolhido por seus antepassados para um propósito especial – servir de lugar sagrado para o encontro entre o Elseworld e Earthworld. Que uma porta entre esses mundos estava oculta sobre os alicerces. Ou que nos últimos séculos, os Satyr que viviam ali, protegiam o portal entre ambos os mundos. Agora somente havia três.

– Assim diz que faz vinho? – apontou Jordan quando se aproximaram da vinha.

– Mmhmm.

– Como faz exatamente para fabricar vinho? – perguntou, espantando uma abelha que zumbia a seu redor.

Olhou-a com uma expressão tão confusa que ela riu e se apressou a defender-se.

– Sou da cidade. Não sei nada deste trabalho.

– Aprenderá logo o suficiente. O cultivo das uvas é inseparável de nossas vidas aqui.

Desmontaram em uma pérgola moldada por uma rede de nodosas videiras de glicina que protegia um atalho de pedra que se estendia para frente da vinha. Raine assinalou aos trabalhadores com os que se encontravam ali e explicou as tarefas nas que cada um estava comprometido enquanto eles exploravam a pé.

Quando se detiveram no topo de um pendente, protegeu seus olhos para contemplar as intermináveis fileiras de videiras que se estendiam para baixo.

— O muro exterior de nossa propriedade rodeia dois mil acres de floresta e também árvores frutíferas e olivas. Temos oitocentos acres lavrados, embora menos de quatrocentos está atualmente sob cultivo, — observou Raine. — Desses, somente trezentos estão plantados com uvas. O resto está em azeitonas e fruta.

— Posso provar uma uva ou duas? — perguntou. Dando seu assentimento por feito, afastou-se dele para passear-se pelo caminho junto a uma fileira de videiras.

— Penso que podemos prescindir delas. — a voz do Raine soava ausente enquanto olhava para a ladeira adjacente, tendo pressentido a chegada de seu irmão menor. Lyon estava a cavalo sobre o atalho acompanhado de alguns dos animais de sua coleção. Pôde cheirar a duas de suas panteras.

Logo seu irmão entrou no campo visual e freou para lhe olhar com o cenho franzido.

— Por que não está ainda procurando em Veneza? — criticou duramente ao Raine. — Sabe que não posso ir a Paris pela minha até que tenha descoberto...

— Encontrei-a, — disse Raine.

— O que? — a cabeça do Lyon se sacudiu para trás com surpresa. — A encontrei? Então onde está?

— Usa seu nariz por uma vez, — disse Raine exasperado.

— Não pode farejá-la?

Desde sua altura superior no lombos do cavalo, Lyon localizou a figura de Jordan que se aproximava. Seus olhos dourados se deslocaram por ela, agradecido.

— Muito bonita irmão.

Raine apertou seus dentes.

Inconsciente do que ocorria, Lyon desmontou e atou a seu cavalo por meio de instruções dirigidas ao animal.

— Jane estará morrendo por te visitar quando ouvir falar da chegada de sua noiva, — disse a seu irmão.

— Quem é Jane? — perguntou Jordan, contatando-os.

— Não estamos casados, — disse Raine ao mesmo tempo.

— Não estão casados? — as sobranceiras do Lyon se uniram.

— Mantém fora disto, irmão, — disse Raine com tom de advertência. —

Agora, vou seguir meu caminho. Retornei hoje e estou ansioso por controlar o progresso de outras videiras.

— Estaremos pelo mesmo caminho, — corrigiu Jordan, intencionalmente.

Confiando que aceitaria seus planos como qualquer outra mulher a quem alguma vez tivesse conhecido Lyon lhe lançou um sorriso cativante e tomou seu

braço.

— Acompanharei a seu primeiro percurso por nossos vinhedos então, isso permitirá que nos conheçamos.

— Muito bem, — assentiu Jordan, afastando suas saias dos narizes dos grandes felinos. — Logo pode me explicar quem é Jane. E que irmão é também você. E se estes teus animais planejam me usar como refeição.

— Não tem nenhuma outra obrigação que requeira sua atenção, irmãozinho? — perguntou Raine deliberadamente. — Em Paris?

— Há tempo suficiente para isso, — disse Lyon, ondeando sua mão ligeiramente descartando sua anterior urgência.

Descontente, Raine seguiu-lhes os passos enquanto a conduzia para outro campo de videiras, escutando ao Jordan cair sob o encanto do Lyon. Não havia se dado conta quanto tinha estado desfrutando introduzi-la à propriedade até que seu irmão lhe tinha usurpado o trabalho.

Suas lagostas de quatro patas estão desfrutando da fruta outra vez, — queixou-se Raine quando os gatos do Lyon começaram a mastigar ruidosamente vários cachos de uvas. — por que não o leva a seu próprio setor, por favor?

— Líber! Ceres! Estas não são para vocês, — brigou Lyon, empurrando os brilhantes narizes negros de seu animais fora das videiras. — Têm as suas. Vão-se depressa. — com isso, fez passar a suas panteras a um setor anexo cheio de figueiras e videiras selvagens arqueadas sob o peso das uvas amadurecidas.

Agora sem os mascotes, o três passearam através de uma nova trama de videiras e logo outra e outra e outra mais. Pelo caminho, Raine levantou, inspecionou, e saboreou uma miríade de uvas. Ofereceu uma ao Lyon ocasionalmente e falaram de suas qualidades detalhadamente, usando termos como adstringente ou defumado. Também brindou amostras a Jordan e ela as experimentou, mas as matizes de seus sabores eram muito leves para que ela os distinguísse.

Ambos os irmãos conferenciaram com podadores, coletores e outros empregados vestidos de negro de vez em quando. Notava-se que eles não eram nenhum tipo de fazendeiros, notou. Os trabalhadores obviamente recorriam a eles em busca de direção.

Com o tempo, Raine se envolveu tanto em seu trabalho que pareceu esquecer-se dela e Lyon ainda lhe seguia os passos. Era óbvio que estava em seu elemento e que se deleitava com este contato com a terra.

E tinha que estar de acordo em que era encantado aqui. Tranquilo, fresco, e longe do ruído e a obscenidade que era Veneza.

— O trabalho de coleta acaba de começar. Seguirá-lhe o espremer para a extração do mosto e continuará durante várias semanas, — explicou Lyon quando viu que seu olhar se posou em um grupo de trabalhadores ocupados no processo de encher cestas com uvas.

— Que uvas maturam primeiro? Ou maturam todas simultaneamente? — perguntou.

— O princípio do outono coincide com a maturidade do Merlot Francês, é nossa variedade mais rápida em maturar, — explicou Lyon pacientemente. — A fruta é provada pelo menos uma vez ao dia antes de determinar quando recolhê-la. A ordem no que os setores são recolhidos é atualizado diariamente enquanto continuamos com as provas.

— Fascinante, — disse Jordan, logo que notando quando Lyon lhe passou outra uva para tragar. Raine acabava de agachar-se para verificar a seca terra vulcânica com a base de uma fortificação e estava decidida a admirar a amplitude de suas costas musculosa onde forçava a sua camisa a expandir-se. Seus olhos seguiram o sulco pouco profundo desde sua espinha a sua estreita cintura e ao tenso traseiro enquanto mordida a succulenta fruta. — Umm. Delicioso.

— A uva toscana por excelência pela que somos conhecidos é o Sangiovese, cultivava-se aqui da época dos Etruscos, — continuou Lyon. — Mas elas ainda não estão no ponto.

Uma ponta de ciúmes brotou e prosperou dentro do Raine enquanto escutava a seu irmão conversar tão facilmente com Jordan. A língua hábil e fáceis maneiras do Lyon sempre tinham resultado atrativas para as mulheres. O fato de que os elementos do sexo feminino se aglomerassem ao redor de seu irmão menor como abelhas ao mel era normalmente uma origem de diversão para Nick e para ele. Mas agora, repentinamente, crispava-o. Saber que provavelmente devia sua inveja anormal à cercania do Moonful não lhe facilitava controlá-la.

— Nos movamos, — disse ficando de pé repentinamente e dirigindo-se a outro atalho.

Jordan viu o brilho turbulento de prata flutuar nos olhos do Raine. Seu rosto poderia ser severo e arrogante, e ainda taciturno a maior parte do tempo. Mas seus olhos não o eram. Se os observava longa e atentamente, era fácil perceber que chispavam com emoções ocultas. Esse manto de lonjura escondia as fundas paixões que mantinha ocultas, ainda quando estas lutavam por sua liberdade. Fez uma promessa para si que antes que deixasse Toscana, tentaria soltar o da asfixia das restrições auto-impostas.

— A cuidadosa classificação durante a coleta é essencial para a qualidade, — estava explicando Lyon. Tocou seu braço para chamar sua atenção a alguns trabalhadores sobre uma ladeira. Raine olhou furioso a sua mão, querendo arrancá-la de sua manga.

— Vê os coletores ali, — continuou Lyon, alheio a qualquer fundo. — Suas gavetas são minúsculas para evitar golpes. Nossas uvas chegarão à condição perfeita às habitações dos tanques onde serão ordenadas em uma mesa especial. Somente a melhor fruta entra nos tanques para ser espremidas.

— Nunca vi videiras plantadas em tais fileiras ordenadas, — disse Jordan, olhando aos grupos de trabalhadores recolhendo gordos cachos de uva com afiadas tesouras. — Normalmente, relacionam-se com a demais vegetação e crescem sobre as árvores e cercas com o passar do campo.

— Ao Raine gosta das coisas ordenadas, não, irmão? — cravou-o Lyon.

Raine se encolheu de ombros.

— Quando só tinha dezessete, — continuou Lyon. — Começou a organizar as videiras nas terras Satyr como as vê agora, em fileiras sobre estacas. Os vinhateiros em outras áreas da Toscana prestaram atenção, perguntando-se se eram parte da receita para o êxito excepcional de nosso vinho. Mas os velhos hábitos são difíceis de trocar e, por agora, somente olham e aguardam o resultado de nosso experimento.

— por que fez isso, Raine? — perguntou Jordan, tratando de incluí-lo na conversa.

— Se as coisas estão ordenadas, quão nutrientes as videiras recebem e sua saúde podem ser monitoradas mais facilmente. E a organização ajuda a assegurar as uvas em cada seção da forma em que o planejamos.

Repentinamente seu olhar se estreitou sobre o atalho vazio além dela. — Meu outro irmão está chegando, — falou entre dentes.

— Onde? — perguntou Jordan, olhando, mas sem ver ninguém aproximar-se.

— Esqueci de comentar a outra temível destreza de Raine de prever as novas chegadas, — disse-lhe Lyon.

Momentos depois o som de cascos pressagiou a chegada do irmão do que Raine tinha falado. Vendo-os, girou seus arreios para eles.

— Jordan, conheça o Nick, nosso irmão maior, — disse Lyon enquanto o observavam deter-se. Quando Nick desmontou, seus olhos estavam sobre Jordan, e os seus sobre ele.

Os três irmãos eram altos, bem musculosos e arrumados além da crença. E, contudo havia diferenças. Enquanto que o olhar de prata do Raine era longínqua e rigidamente educada e seu irmão menor tinha um coquete e afável olhar dourado, o maior dos Satyr era quase muito imponente com seu olhar de tons negro azulados.

— Nick, esta é Jordânia, — informou-lhe Lyon, com um gesto em sua direção. — Uma nova conhecida do Raine, acompanhou-o aqui desde Veneza.

Intuíra algum passe de comunicação silencioso entre o trio de grandes machos. Sua ênfase sobre as palavras conhecida e Veneza a fez maravilhar-se ante sua transcendência.

Com seus olhos cintilando, Nick levou sua mão na sua e lhe deu um rápido beijo. — Qualquer novo conhecido de Raine de Veneza é mais que bem-vindo às terras Satyr, — expressou. — Espero que planeje ficar conosco por uma estadia longa.

Ruborizou-se, retirando sua mão.

— Meus planos são instáveis.

Os irmãos do Raine o olharam fixamente como se esperassem que ele refutasse sua declaração. Quando não disse nada, Nick tomou nota do descumprimento.

— Então devemos nos esforçar por te entreter tão bem que resolva te

demorar conosco por muito, muito tempo. Uma festa local para celebrar o início da colheita se realizará somente dois dias a partir de agora sobre a ladeira justo fora de nossas terras; meus irmãos lhe disseram isso?

Sacudiu sua cabeça em negativa.

– É primeira de muitas festas Da Colheita que se realizam durante a estação, explicou – Lyon.

Quando retornaram a seus cavalos, Jordan sentiu algo murmurando no ar entre os três irmãos. Pergunta sem pronunciar porque estava presente. As perguntas que os irmãos reservavam para quando ela não estivesse presente. Escolheram outros temas dos que falar enquanto escutava.

– E a conferência? – perguntou Nick. Embora se dirigia a Raine, seus olhos ficaram sobre Jordan, ainda valorando-a.

– Um desperdício de tempo. Nenhum progresso foi feito, – disse Raine.

– Que conferência? – perguntou Jordan, insegura.

Algo trocou nos olhos do Raine quando a ajudava a montar.

– Acabava de sair de uma conferência na Riva do Vin em Veneza à noite em que nos conhecemos, – respondeu assim que se dirigiram todos a casa.

– Envolvia a empresa da adega.

– OH, – disse, seus olhos se estreitaram com suspeita. Não lhe tinha ocorrido perguntar-se o que tinha estado fazendo em Veneza à noite em que se conheceram. O teatro onde tinha estado para ser exibida tinha estado sobre o mesmo lado da ponte que sua conferência. – Qual era o tema? – perguntou, observando-o atentamente.

– Uma enfermidade que se esteve infiltrando na vinhas por toda a Europa, – respondeu Nick.

– Que classe de enfermidade?

– Phylloxera, – proporcionou Lyon.

A conversação sobre ela lhes ocupou o resto da viagem de volta e grande parte do jantar que compartilharam ali. Era uma típica comida toscana de pão, azeite, carne assada, cogumelos, verduras, queijos e vinho que todos desfrutaram com o típico ócio toscano. Mas assim que o jantar esteve terminado, os homens pareciam ansiosos por liberar-se de sua companhia.

– Lyon parte amanhã para Paris, – informou-lhe Nick. – Nos perdoará monopolizarmos ao Raine para uma discussão sobre a empresa pelo resto da tarde? Não tinha nenhuma eleição salvo concordar.

Quando fez gesto de retirar-se, Lyon jogou uma olhada para a janela, jogando o olho ao céu em tom de crítica.

– A chuva está ameaçando. Possivelmente deva pospor minha viagem.

Embora não faltava m pouco para o anoitecer, Jordan já podia ver o primeiro espion de estrelas no claro céu da tarde. Sua oposição obviamente se devia a sua relutância a fazer a viagem.

– Esqueceste a natureza urgente de sua obrigação ali? Acredito que a mensagem que recebemos faz uns meses indicava que o tempo estava escasso.

Lyon deixou escapar um suspiro dramático.

– Muito bem. Partirei para Paris amanhã pela manhã. Sentirei saudades da festa da colheita.

Raine levantou uma sobrancelha.

– Estou seguro que haverá uma dúzia de corações quebrados.

– Você me adula, – disse Lyon, sorrindo abertamente.

Tomou as mãos de Jordan nas suas e se inclinou para beijar sua bochecha.

– Bem vinda à família. Esperarei com ânsia promover nosso conhecimento quando retornar de Paris.

Os irmãos permaneciam agora de pé, obviamente preparados a vê-la partir, por isso se desculpou e se retirou. Dirigiram-se ao salão inundados em uma discussão sobre trabalhos vários nas videiras, deixando a que encontrasse seu caminho à cama a sós.

Em sua câmara, leu durante algum tempo, escutando todo o momento esperando a chegada do Raine. Escutando um distúrbio fora, foi a sua janela. Entre as árvores lhe pareceu ver a sombra de duas pernas movendo-se. Mas momentos depois, tudo estava tranqüilo e decidiu que o tinha imaginado somente.

Esperou ao Raine muito mais à frente do anoitecer, então retornou às escondidas para escutar na porta do salão onde tinha deixado aos irmãos conferenciando. Ao não escutar nada abriu a porta. A habitação estava vazia. Somente um trio de taças de vinho vazio permanecia indicando que os irmãos a tinham habitado recentemente.

A casa estava escura e silenciosa, Raine lhe havia dito que os criados eram despedidos todas as noites ao anoitecer e retornavam a suas casas. Somente os criados noturnos permaneciam ali. Velariam por algo que necessitasse, e lhe havia dito que somente tinha que tocar uma campainha para lhes convocar.

Retornando acima, provou a porta a sua antecâmara outra vez. Ainda estava ausente, mas se aventurou à possibilidade de meter-se em sua cama para aguardá-lo. Mas ele nunca chegou e ela vagou em um sono intranqüilo.

Capítulo dezessete

Enquanto Jordan esperava fútilmente, os Lores do Satyr se afastavam do Castelo amparando-se nas sombras enquanto tomavam silencioso o atalho do bosque, da mesma forma em que tinham feito cada Moonful de sua vida adulta. Levava-os a um ponto de encontro sagrado no coração da antiga vinha da família, onde um grande anel de estátuas aguardava.

A mais imponente delas, Baco, reinava na garganta escura, encarcerado para sempre em pedra. Embora sua pose fosse diferente, suas feições ávidas e carnis eram as gemas à efígie dele na fonte do pátio do Raine. Os cachos se

entrecruzavam formando um complicado anel para coroar os cachos alvoroçados de sua cabeça. Em uma mão estendida sujeitava uma ornamentada taça de vinho, oferecendo um brinde em celebração do ritual que os três irmãos estavam a ponto de levar a cabo. Era um rito que seus antepassados tinham promulgado sob o véu da luz da lua durante os passados séculos.

Solenemente, os senhores sorveram um elixir vertido em ânforas (jarros) antigas, ocultos entre os altares que salpicavam a garganta. Despojaram-se de sua roupa humana, alheios ao frio do outono. A pele de seu sob ventre e pernas se cobriu de pelagem e seus pênis ficaram mais largos, pesados e muito além de suas dimensões acostumadas.

Repentinamente, a lua cheia apareceu desde atrás das nuvens para observá-los com seu olhar brilhante. Com a chegada de sua luz, as câibras se apoderaram dos irmãos, atravessando sem piedade seus estômagos rígidos. Dobrados pela desumana dor fizeram uma careta quando se produziu a última mudança física da noite do Chamado.

Por fim, os senhores ficaram de pé outra vez quase como um. Eram seres estranhos agora, muito mais animal que homem, mas a última Mudança do Moonful os tinha dotado com um segundo pênis arrancado da carne de sua própria pélvis.

Raine evitou dirigir seu olhar aos pênis gêmeos que surgiam dele agora elevados e rígidos. Quase do mesmo tamanho que a enorme estaca que já se encontrava arraigada sob seu arbusto, seu novo segundo pênis se erguia e tremia pelo aroma de uma mulher.

O lugar estava custodiado para que ninguém os visse ou soubesse o que fariam ali esta noite. A força de suas vontades combinadas mantinha protegida essa parte privada de sua propriedade de olhos estranhos.

Por mandato silencioso dos senhores, um vapor iridescente começou a mesclar-se no silêncio do ar entre eles. Formas brilhantes com luz tênue se solidificaram a partir dele, tomando a forma do Shimmerskins, mulheres inanimadas que tinham atendido ao sátiro desde tempos remotos.

A neblina se apaziguou e uma dúzia delas saiu dela, indo para os irmãos. Suas suaves mãos e lábios e seus corpos suntuosos os veneraram, acariciando peitos, flancos e estacas.

Uma mulher que era a metade humana e metade fada saiu então das sombras entre as Shimmerskins, movendo-se para tomar a mão estendida do Nick. Como tinham arrumado de antemão, sua esposa Jane tinha estado esperando até esse momento para fazer sua aparição. Ela, também, estava nua.

Os Shimmerskins a incluíram em seus cuidados, deslizando seus dedos sobre ela e Nick quando o casal se abraçou. Raine e Lyon os olharam, invejosos, logo se moveram para perseguir seus prazeres individuais com as criaturas que tinham feito aparecer.

Uma Shimmerskin dourada favoreceu ao Raine com um sorriso atrativo e ausente. Seguiu-a, deixando-a levá-lo a um dos altares. Inclinando-se para frente,

abriu suas pernas, as plantando amplamente estendidas enquanto se preparava para cumprir o papel para o que tinha sido especificamente desenhada. Seu estômago se apoiou na fria laje de pedra do altar e aguardou seu prazer placidamente como inúmeros seres de sua classe tinham aguardado isso de seus antepassados durante séculos.

Raine se colocou atrás dela. Seus pintos se moveram para ela como varinhas de Zaire intuindo água. Aproveitaria-se de ambas as aberturas para esta primeira trepada. Mas depois de sua ejaculação seu segundo pênis recém despertado desceria por seu ânus e se retiraria em seu interior. Ali ficaria satisfeito até que no próximo mês no Moonful quando retornaria faminto por carne feminina outra vez.

A luz se fez mais forte. Ele levantou seu rosto para ela, deixando-a que o banhasse com sua cremosa carícia. Seus pintos se sacudiram sob o impacto de um raio repentino de prazer indireto. Lyon. Jogou uma olhada para seu irmão menor e viu que acabava de introduzir-se nas profundidades de uma Shimmerskin sobre o altar frente a ele.

Em algum lugar próximo, escutou a Jane gritar quando Nick a uniu a ele. Outro raio de desejo rodou através de seus mastros. Podia experimentar o prazer de seus irmãos como se fora o seu.

Olhou fixamente o traseiro roliço e delicadamente brilhante ante ele. A crua e avara luxúria se elevou. Seus instintos se tornaram mais brutais que humano agora e sua mente foi atraída sobre um objetivo. Agarrou seus quadris.

Com um áspero grunhido, empurrou ambos os mastros em profundas investidas, concentrados na bem-vinda do corpo ante ele, em seu desfrute lascivo da noite. Sua espinha se arqueou e gemeu, dando a aparência de libidinoso deleite. Mas ele sabia a verdade. As Shimmerskins não experimentavam prazer. Somente se destacavam em copiá-lo.

Raine sulcou desesperadamente à mulher baixo ele, empurrando-se repetidamente em seu interior com golpes rítmicos e desiguais. Sua carne se esquentou e seu êxtase se disparou fora de controle, apoiado nisso que seus irmãos estavam experimentando.

A bofetada desumana de carne contra carne ressonou através da garganta silenciosa, interrompida somente pelos grunhidos masculinos e os suspiros femininos. Desde sua elevada posição em cima deles, Baco sorriu ante a cena, satisfeito pela visão e os sons de sua libertinagem.

Raine pressionou suas mãos sobre o altar aos lados do corpo prostrado ante ele. Escutou o grito triunfante da liberação do Nick. Foi seguido rapidamente pelo do Lyon.

Um gemido estrangulado lhe escapou. Atraído pelas ejaculações de seus irmãos, suas empapadas e quentes sementes explodiram de seus pintos gêmeos para alagar os orifícios da Shimmerskin. O passo de seu gozo foi rápido e feroz. Um alívio bem-vindo. Quando finalmente se relaxou, sua respiração cortou seus pulmões.

Estava terminado. No momento.

O brilho da Shimmerskin debaixo dele se embotou como se fora a luz de uma vela diminuindo. Seu corpo se murchou devagar para um nada da neblina da que surgiu. Outra tomaria seu lugar breve, sabia, e isso continuaria até o amanhecer. Mas por um momento ficou sozinho com seus torturados pensamentos.

E o conhecimento de que tinha fingido que o corpo baixo ele tinha sido o do Jordan.

Capítulo dezoito

A esse mesmo momento, três irmãos muito diferentes também se ocultavam perto no bosque Satyr, impacientando-se cada vez mais. Em contraste com Raine e seus irmãos, suas palavras eram silenciosas entre as papoulas que cresceram bojudas a seu redor, seu fôlego tão quieto e frio como a morte.

- Está aqui, na garganta, murmurou o menor dos irmãos. Está sozinha, disponível. Vamos. Devemos atuar.

-Mas a quer. Tem outros planos para ela, preocupou-se o segundo irmão. Não o fará fácil para nós.

- Debilitou-se pelo Chamado, espetou o maior. Distraído por sua preocupação pela erupção que causamos às videiras do Earthworld. Assim que tenhamos, fará nosso trabalho em trazer a erupção à região Satyr. Nosso cruzamento pela porta rapidamente seguirá a isso.

— O que a tentará a aproximar-se mais? O que nos trará isso? Perguntaram-se os dois mais jovens.

— Desejo por seu companheiro — o segundo irmão Satyr, respondeu ao maior. Façamo-nos passar por ele. E atraíamo-la com sua chamada.

— Sim!

Com isso, as intenções dos irmãos se entrelaçaram e fortaleceram convertendo-se em uma. Da mesma forma que as distintas notas musicais se combinam para constituir um só acorde, estendeu a mão como uma força tangível, cavalgando no ar e avançando furtiva e lentamente para a mulher solitária a quem procuravam. Encontrando a garganta rodeada com estátuas, deteve-se, detectando o calor. Machos. Sátiros. Três deles. Estavam unindo-se com as mulheres, uma delas tinha sangue do Elseworld em suas veias. Mas uma aura de amparo a rodeava. Tinha sido tecida por vários meses de acoplamento com o maior dos machos, souberam. Embora invisível, era um fator dissuasivo tão forte como uma armadura de cota de malha.

A vontade dos Outros se voltou e seguiu pelo bosque velho, onde musgo e

líquenes cresciam, onde folhas e agulhas se apodreciam docemente sobre o atalho do bosque. Seguiram viagem, chegando a uma região cuja selvageria tinha sido dominado. Para frente por jardins de tomilho, hortelã e crisântemos. Sobre atalhos de tijolo e ao redor de sebes e fontes e além da cerca de ferro forjado.

E então, encontrou-se com uma parede de pedra cinza e golpeou contra ela, sem encontrar nenhuma fresta que lhe permitisse a entrada. Sem amedrontar-se, subiu pela face vertical até que encontrou uma janela. Localizando-se a mais fina das rachaduras entre a fresta e o vidro, escorrendo-se como um rastro de fumaça diabólica.

Deslizou-se por azulejos de mármore italiano, tornozelos vestidos com meias de algodão negras que trabalhavam em excesso aqui e lá fazendo as tarefas humanas rotineiras. Agitaram-se até acima das escadas. Ao longo de um corredor. Debaixo de uma porta. Em uma antecâmara.

Deslizou-se em frente do tapete, ao longo de um pilar da cama e mais alto. Entre os pálidos lençóis, procurando o Calor que intuía ali. O Calor de uma mulher. Flutuando silencioso, abateu-se sobre o corpo dormido do Jordan só um momento. Então se escorregou sob os lençóis e a encontrou.

E encontrando-a, entrou em seus sonhos.

Capítulo dezenove

Jordan tinha estado sonhando. Outra vez tinha visto a pomba, somente que agora tinha as feições de sua mãe. Sua mente apartou a dor que lhe apertava o coração e viu as meias azuis, e logo a serpente outra vez.

Então algo novo entrou em seus sonhos. Algo inesperado e malvado. Chamou-lhe em uma voz hipnótica. Uma voz que era três vozes masculinas que se confundiam em uma.

Vêem, gritou. Vêem.

Sua vontade era forte.

Cativado por seu poder, levantou-se da cama do Raine, saiu da habitação e abaixo. A sua esquerda, escutou a criados. Mas caminhou silenciosamente além deles e da casa, dirigindo-se não sabia onde.

Vêem. Esperamos-lhes. Encantou-a a voz que era três vozes, atraiu-a para frente.

Ao pouco tempo se encontrou cruzando um círculo de estátuas. Mas não notou aqueles que estavam comprometidos em passatempos sensual ali sob a plenitude da lua. E não a viram.

Seguiu as três vozes mais longe, além da garganta.

Então se moveu sacudiu repentinamente detendo-se, de algum modo detectou ao que a estava estando levando como o último componente de seu sonho de três partes — a serpente.

— Não, — respirou.

Vêem. Não nos tenha medo. Vêem.

Mas abriu sua palma e olhou nela. Viu que sujeitava uma das apreciadas fitas que Raine lhe tinha dado — a vermelha. Repentinamente, o controle da voz foi quebrado e se desabou ao chão.

Quando despertou, encontrou-se no jardim detrás da casa do Raine, a sós e ainda em camisola. Seus pés e a prega de seu traje estavam sujos.

Suas mãos estavam cheias de marcas e cansadas. Joguei-lhes uma olhada e fiquei surpresa de ver que sujeitava um par de tesouras de jardim. Tinha-as usado para cortar a fita em muitos fragmentos.

Mas o mais estranho é que parecia que também tinha colecionado dúzias de paus. Cada pedaço da fita vermelha tinha sido amarrado ao redor de um par deles para formar em uma X. Os estranhos objetos estavam estendidos esparramados agora ao redor dela sobre o azulejo de mosaico do piso do pátio como presentes ridículos e alegremente envoltos que ninguém em seu estado normal quereria.

Que ninguém em seu estado normal criaria.

Ficou de pé de um salto, preparando-se para entrar no Castelo e encontrar sua cama antes que alguém a apanhasse nesta estranha ocupação. Mas depois de alguns passos, algo a deteve. O instinto a fez ajoelhar-se outra vez e sustentar seu traje em frente dela sobre o piso de pedra. Com dedos trementes, amontoou os pequenos pacotes estranhos em sua saia. Logo recolheu o tecido ao redor deles e a sujeitou contra seu estômago. Feito isso, levantou-se e voltou correndo a casa pela porta do porão da adega.

Na escuridão fresca do interior, tropeçou e caiu. Seus pacotes se dispersaram. Desesperada, lutou para recolhê-los. Por quê? Por que não podia simplesmente deixá-los? Queria fazê-lo.

Repentinamente apareceu a luz de uma vela. Outros dedos se somaram aos seus, procurando e encontrando as X de madeira. Brandamente, cada uma foi posta de volta no regaço de seu traje.

Duas criaturas estranhas se ajoelharam a seu lado dela. Ambas tinham figura humana e levavam colares de casca de árvore e ramos coroando e círculos de folhas coroavam seus soltos cabelos.

— nos deixe ajudar, — cantarolaram.

Tinha visto tais criaturas em seus sonhos antes, pela primeira vez fazia muito, quando tinha trocado de menina a mulher à idade de treze.

— Quem são? — perguntou, tratando de solucionar esse pequeno enigma de sua infância.

— Servimos ao amo e a todos os que vivem sob seu amparo, — disseram ao unísono. Suas vozes careciam de inflexão e uma calma sobrenatural pendiam sobre elas.

— O amo? Raine referem-se a ele?

— Amo Satyr, — cantarolaram.

Só então Jordan escutou as notas melodiosas de uma flauta de pão. Levantou sua cabeça, escutando. As duas mulheres ficaram de pé e giraram para

ir-se, movendo-se em direção à música.

Aferrou-se a uma de suas mãos e a encontrou suave e fresca.

– Tinha entendido que todo o pessoal partia com o anoitecer.

– Somos os criados de noite, – replicou a garota enfadonhamente.

– Vive nas instalações? Ou fora da propriedade nas terras dos criados?

– A garota levantou sua mão e tocou a testa de Jordânia.

– Dorme, – murmurou.

– Jordan? – perguntou uma voz familiar. Uma mão esquentou sua bochecha.

Abriu seus olhos para ver uns – aparentemente um pouco desalinhados Raine e Lyon inclinar-se sobre ela.

Bocejou, estirando-se, incorporou-se então:

– Que horas são?

– Está amanhecendo, – respondeu-lhe Lyon.

– O que está fazendo aqui? – exigiu Raine brandamente.

Tocou seu rosto, tranquilizando-se a si mesmo de que não era um sonho.

– Tive dificuldade para dormir e passei aqui. Ocasionalmente estou sujeita a fantasmas noturnos.

– Demônios! Que diabos é isso? – perguntou Lyon.

– Pesadelos, – disse, bocejando outra vez detrás de sua mão. – Um médico sugeriu uma vez que não devia dormir de costas porque considerava que esquenta o cérebro. Mas prestar atenção a seu conselho não tem impacto sobre meu mau.

– Uma vez sonhei que era capturado dentro de um peixe gordo, – refletiu Lyon. – Tive que comer minha escapatória. O que supõe que seu médico poderia dizer respeito a isso?

– Que é um rato? – sugeriu Raine com bom humor.

Lyon deu um murro preguiçoso a seu braço. Então, despedindo-se, retirou-se, assobiando.

Levantou-se e envolveu seus braços ao redor do Raine. Seus lábios encontraram sua garganta, mordiscando.

Ela sentiu sua retirada sutil e vacilou. Ela mesma tinha rechaçado o carinho de alguém dessa maneira fazia vários meses. De retorno em Veneza, Jeanette, a irmã menor do Paulo tinha desenvolvido um afeto lamentável para o Jordan, a quem tinha acreditado pelas evidências visíveis um jovem moço. Assim que sua irmã fixou nela seus cuidados, tinha paquerado, incomodado e a tinha seguido a todos os lados.

Uma tarde, Jeanette a tinha encurralado quando aguardava o Paulo em um corredor do andar de baixo de sua casa. Tinha pedido um beijo timidamente. Não querendo ofendê-la, Jordan tinha obedecido.

Seu pau se comoveu agradavelmente sob o abraço da outra menina e se perguntou o que ocorreria se fosse casar-se com a irmã do Paulo um dia. Podia governar a uma esposa como essa, deu-se conta, e jogar marido na escuridão.

Podia adestrar a uma esposa a que nunca lhe permitiria deixar suas mãos passear sobre o corpo de seu marido.

Jeanette provavelmente aceitaria tal situação e nunca saberia a diferença. Mas seu matrimônio não faria à menina realmente feliz. E não teria satisfeito ao Jordan tampouco. Desejava ser mulher ela mesma e experimentar as relações sexuais com um homem. Tinha querido sentir a força de um corpo masculino contra ela. Dentro dela.

Infelizmente, com esse só beijo, Jordan as tinha arrumado para convencer à inexperiente Jeanette que era uma amante imperiosa. Quando a menina começou a sentir-se cada vez mais segura de si mesmo, Jordan tinha começado a encolher-se sempre que a descobria.

Raine se encolhia agora de sua demonstração de desejo como uma vez tinha feito ela frente à Jeanette?

– Preferiria que não te tocasse? – perguntou-lhe francamente.

– Eu – começou Raine, detendo-se como se fora uma pergunta difícil.

– Desfruto das amostras de carinho. Só que não estou acostumado a ser o centro delas.

Podendo ler a verdade disso em seus olhos, plantou outro beijo sobre sua mandíbula.

– Não poderia chegar a te acostumar a elas?

Sim, podia acostumar-se muito a elas, pensou Raine. Temia que o tivesse feito.

Capítulo vinte

Duas manhãs depois, a ladeira inteira fora das portas da propriedade Satyr se comoveu com os festejos iminentes do dia. Era o fim de semana da festa de colheita local.

Raine tinha explicado a Jordan que os compradores se congregariam ali para uma primeira catadura dos vinhos elaborados pelos vinhateiros Toscanos, cultivado nos anos passados e envelhecido com o tempo. Comerciantes envolvidos nos vários aspectos da vinhateira competiriam nos distintos postos. Haveria demonstrações dos vários processos envolvidos na produção de vinho tanto como frívolos espetáculos teatrais.

Mas Jordan estava mais excitada pela possibilidade de conhecer a esposa do Nick.

– Assim me conte sobre a Jane, – rogou-lhe. – Como ela é? É inteligente? Divertida? Deve sê-lo para ter sido escolhida por seu irmão.

Raine se encolheu de ombros.

– Vai conhecê-la em menos de uma hora. Então pode julgar por si mesma.
– OH! Você! Você é tal... homem. – repentinamente recordou que fazia menos de uma semana tinha sido um homem ela mesma, riu bobamente ante sua ridícula declaração.

Raine lhe devolveu o sorriso. Seus lábios se sentiam estranhos e se estendiam. Não tinha sorrido tão freqüentemente em anos passados como desde que a tinha conhecido.

Seus olhos se deslocaram sobre ela. Estava vestida como correspondia a uma dama. Seu cabelo curto tinha sido recolhido sob a touca de palha que havia trazido de Veneza. Um grupo de cachos escuros escapava junto a suas têmporas.

Desde sua altura superior tinha uma vista encantadora das curvas de seu peito. A dourada luz do sol do outono varria as proeminências onde tinham sido forçadas para cima pela constrição de um espartilho.

Os outros homens também a notavam, primeiro atraídos por suas risadas tolas e seu bate-papo e logo por seu rosto e figura.

Envolveu um braço ao redor dela, estabelecendo sua reclamação e ela se apoiou nele. O perfume débil de Fey encheu suas fossas nasais. A emoção de estar perto dela ferveu através de suas veias e um prazer cauteloso se filtrou em seus ossos.

Por alguns momentos o silêncio se estendeu e esperou que ela o rompesse como o faria indubitavelmente.

– A roupa feminina é indecente, não? – eventualmente brindou a modo de conversação.

Ele franziu a testa.

– Vejo que é ainda pior que eu nas táticas sociáveis.

Não Fez caso de sua graça e agitou uma mão para um grupo de farristas a quem acabava de passar.

– Esses homens me estavam olhando fixamente. A meus seios, em realidade. Deu-te conta? – colocou uma mão sobre a área de seu corpo em discussão.

A risada suprimida lhe escapou.

– Sim, dava-me conta, mas se supõe que você não deveria fazê-lo.

– Assim devo exhibir meu peito, mas fingir ser inconsciente do fato de que os homens o estão comendo com os olhos? – suspirou. – Suponho que tudo forma parte do esforço por fazer cair no laço a um marido. Mas devido a que não desejo fazer cair no laço a um, parece injusto anunciar meus encantos tão descaradamente. Penso possivelmente que as mulheres deveriam levar objetos de vestir que refletissem seu nível de interesse na paquera. Por exemplo, quanto mais seio revela o traje de uma mulher, mais disponível está.

– Me recorde que nunca te deixe fazer negócios com uma costureira, – respondeu Raine com seriedade.

– Mas...

– Ah! – anunciou, cortando-a. – Está a ponto de cumprir seu desejo. Meu irmão mais velho chegou. Com sua esposa.

– Aqui? – olhou Jordan. – Não os vejo.

– Asseguro-te que quase estão sobre nós, – disse Raine.

Nem bem o disse Nick apareceu no final do atalho com uma atrativa mulher loira a seu lado.

– Como faz isso? – maravilhou-se. – Saber que alguém vem antes sequer de vê-los.

– É um dom, – disse, sorrindo.

– É incomum ver o Raine divertir-se em companhia de uma mulher, – murmurou Jane ao Nick quando se aproximaram do outro par.

Nick cobriu sua mão, que estava estendida sobre seu antebraço, com a sua, estudando a seu irmão. – sim, é de bom augúrio para o futuro.

Quando o grupo de quatro se encontrou e todos tiveram sido apresentados, Nick captou o olhar de seu irmão. Raine conhecia a pergunta que rondava a mente do Nick. Para satisfazê-lo, Raine recorreu ao Jordan.

– Casará-te comigo?

– O que?! – envergonhada, jogou uma olhada ao Nick e a Jane e logo depois de volta a ele. – Que tolice. Simplesmente está comovido pela visão de meu peito exposto. O sentimento passará e você lamentará ter feito tal pergunta.

Nick e Jane estalaram em risadas.

– Vê-o, irmão? – disse Raine com desgosto fingido. – Lhe pedi que se case comigo oficialmente e se nega.

Jordan lhe franziu o cenho, perguntando-se se era atualmente o alvo de alguma sorte de brincadeira.

– É melhor fazer caso omissso de suas graças, – confiou Jane, aproximando-se. – Agora, me deixe dizer que feliz me sinto de te conhecer. Será estupendo ter outra mulher nas herdades.

Jordan olhou dentro de seus olhos e os encontrou afetuosos e amigáveis. Um sentimento estranho de reconhecimento se estendeu por ela. Mas parecia improvável se conheceram antes.

– Minha esposa esteve impaciente por te conhecer, – anunciou Nick quando os quatro giraram para dar um passeio entre os postos. – Esteve de pé do amanhecer, enjoada com a emoção.

Enquanto caminhavam, Jordan notava que estava deixando atrás a Jane, que dava passos menores. Diminuiu a velocidade, pensando que possivelmente poderia aprender algo sobre como ser uma dama da esposa do Nick. Decidiu observar à outra mulher durante todo o dia e imitá-la.

Raine e Nick escolheram taças de vinho para todos de uma exposição em uma mesa próxima. O vinho seria vertido nelas nos postos dos vinhateiros, para ser sorvido e provado quando passeassem entre as exposições.

O ar ao redor deles estava impregnado pela fragrância do vinho e as uvas amadurecidas. O som da conversa e a risada estava incrementado pelas descrições

desejosas quando os fabricantes de vinhos tratavam de vender a outros a superioridade de sua colheita.

— Os sabores são respaldados por traçados de baunilha.... Mostra um nariz de cerejas amadurecidas e intensas ameixas negras.... Os recursos são obtidos de uma maturação larga.... Com uma coluna de groselhas ácidas....

— Olhe ali. Está "Levantando um barril", — disse Raine ao Jordan, assinalando com o dedo por volta de um dos toneleiros. — É um dos primeiros passos para construir um barril de vinho. Primeiro, as três argolas de metal são forçadas em seu lugar para assim agarrar as travessas.

Mostrou a um segundo toneleiro, este trabalhando em um fogo aberto.

— Está esquentando o interior de um barril. A quantidade de carvão terá um efeito no envelhecimento do vinho que sujeitará. Um fabricante de vinhos pode escolher entre torradas ligeiras e médias, ou pesadas, sobre a base da variedade de uva e estilo de vinho que planeja envelhecer em um barril em particular.

Um vinhateiro próximo se aproximou para verter um oferecimento de uma garrafa de seu vinho. O grupo jogou os restos da última mostra que tinham provado na grama e permitiu que os voltasse a encher. Jordan riu bobamente e levantou sua taça para seus companheiros.

— A torrar!

Raine lhe sorriu, perguntando-se se não se estava pondo um pouco alegre.

Nick captou o olhar de Jane e lhe indicou em silêncio que desejava falar com seu irmão em privado.

Expressando-lhe seu entendimento, Jane conectou seu braço com o do Jordan.

— Já viu os tanques? — perguntou.

Jordan agitou sua cabeça.

Jane saudou com a mão ao Nick e ao Raine.

— vou mostrar a Jordan o resto do lugar, — disse-lhes, levando-a em outra direção.

Nick assentiu com a cabeça e logo observou Raine observar a partida de Jordan, vendo a ânsia na expressão de seu irmão. Os sinais do interesse do Raine eram sutis, mas depois de todos estes anos podia ler melhor que a maioria.

— Não pode continuar mantendo-a em sua casa sem contrair matrimônio, — disse Nick quando as duas mulheres estiveram fora do alcance do ouvido. — E sua família do Earthworld? Não se oporão?

— Afirmo não ter a ninguém.

— Ainda assim, a carta do Feydon requeria o amparo do matrimônio, — disse Nick. — intuístes algo do perigo para ela que ele mencionou?

Raine agitou sua cabeça e ficaram em caminho com o passar do atalho, assentindo com a cabeça de vez em quando para agradecer a conhecidos.

— Não sei sua origem ainda. Mas a estou mantendo perto e velando por ela.

— E te acoplando com ela.

Raine se endureceu.

— Senti seu desfrute dela quando te uniu pela primeira vez em Veneza, inclusive desta distância, — disse Nick. — Mas também sei que não te está copulando com ela tão freqüentemente como desejaria. Por que te contém?

— Não te meta irmão.

— Esta é minha empresa. Empresa de família. Você não a tomou no Chamado faz duas noites. Fará-o no próximo?

— Não.

— por que infernos não?

— Posso te recordar que você não tomou a Jane por alguns Moonfulls depois de trazê-la aqui?

— E graças a isso a pus em um risco desnecessário por culpa de minha demora. Somente uma noite de Chamada com o Jordan lhe oferecerá o nível de amparo necessário para manter a ela — e, portanto à porta entre o Elseworld e este mundo — seguras. Não podemos permitir que as descendentes do Feydon consigam pôr um pé aqui através dela. Seja qual for sua opinião sobre o tema, deve trazê-la à garganta no próximo Moonful e concluir o ato.

— Não engendrarei meninos sobre ela.

— É você tem escolha — disse Nick, encolhendo-se de ombros. — Embora pense que está cometendo um engano.

Duas mulheres jovens do povo se aproximaram deles então, lhes oferecendo frondosas coroas de celebração que tinham tecido com parras. Coroaram a ambos os irmãos e ficaram para paquerar.

Nick se separou delas, lhes agradecendo graciosamente e rechaçando habilmente qualquer avanço.

Raine as olhou friamente, tirando-a coroa e devolvendo-lhes. Abrindo os olhos assustadas, a jovem que a tinha dado a recuperou e deu um passo para trás. Ambas as mulheres se afastaram, sussurrando e lhes jogando olhadas de desgosto. Indubitavelmente tinham escutado os rumores que sua ex-esposa tinha difundido sobre ele. Era uma lembrança que chegava ao momento oportuno de todas as razões pelas que devia continuar controlado a respeito de Jordan.

— Perpétua sua desconfiança te mantendo distante, — observou Nick.

Raine se encolheu de ombros, carregado pelo peso da preocupação de seu irmão.

— Fartei-me de seus conselhos por hoje. Por que não vai localizar a sua esposa e lhe brinda alguns?

— Excelente idéia. Acredito que a encontraremos com sua Jordan nos tanques.

Seguindo as risadas, abriram-se passo a uma das habitações de tanque menores. Três mulheres estavam esmagando uvas dentro de três enormes potes de madeira. Desde dois metros e meio de largura e com grossas travessas de carvalho, o máximo de cintura que os tanques podiam suportar, e o líquido dentro deles subia alguns centímetros por cima de seus joelhos.

Tendo abandonado suas toucas, xales, e sapatos em uma tabela próxima, Jordan e Jane estavam recebendo aulas particulares sobre o pisado das uvas. Enquanto se escorregavam e se deslizavam, tentaram imitar o ritmo fácil e giratório de sua professora, a picante e experiente Senhora Tutti. Insistiu-as com partes iguais de instrução e estímulo vociferante.

Jane estava seguindo as instruções, decidida a fazer as coisas corretamente de acordo às instruções da mulher.

Mas o pisotear do Jordan era mais entusiasmo que destreza. Seu cabelo curto se livrou de seus alfinetes e deslizado para bordear sua nuca. Suas bochechas estavam vermelhas e seus olhos cintilando. Suas saias estavam enganchadas no cinturão de seu vestido, mas se tinham soltado aqui e lá para terminar encharcando-se nas uvas. Raine sabia que se fixaria em seu estado empapado depois e deploraria as tinturas.

— Jane! — escutou-se a nítida ordem do Nick. Caminhou ao bordo do tanque onde sua esposa trabalhava.

Raine girou sua cabeça e viu a luxúria que tinha escurecido os olhos de seu irmão. Jane se deteve, lendo-a também. Seus olhos se precipitaram para o Raine, como se determinasse se também tinha interceptado o olhar ávido de seu irmão, então se ruborizou quando viu que sim o tinha feito.

Como ainda podia ruborizar-se depois de viver com seu franco e luxurioso irmão por tantos meses e já lhe haver dado um menino, era algo que Raine nunca poderia compreender. Mas era boa para o Nico. Era fácil ver que feliz o fazia.

Elegantemente, Jane posou suas mãos nos ombros do Nick e permitiu que a levantasse pela cintura para tirá-la do tanque. Depois de ajudá-la a colocar seus sapatos e recolher suas coisas, a levou rapidamente.

Raine considerou o fato que os dois sabiam que ele tinha plena consciência de que logo Jane estaria fora de seu vestido e sob seu irmão fora da vista. Havia muitos lugares escondidos perto dali para atrair a uma mulher ao coito, e ele e seus irmãos os conheciam todos.

Não o ajudava invejar a satisfação de seu irmão em sua eleição de noiva. Mas embora Nick tivesse encontrado a sorte com sua esposa Das fadas Blend, não o levava a esperar o mesmo.

Seus olhos retornaram a Jordan. Em cima dos tanques de vinho se penduraram cordas para que os rolos compressores pudessem agarrar-se para manter seu balanço. Tinha aproveitado seu uso, como a Senhora Tutti. Com seus braços levantados, os peitos de Jordan se elevavam ainda mais sobre o decote de seu traje, meneando-se a tempo com seus movimentos.

Seus joelhos subiam e baixavam sobre o mingau, chapinhando no suco em um ritmo indeciso. Salpicava e empapava suas coxas descobertas. Gotas de polpa se aferravam a sua pele, deslizando-se logo com um plaf no tanque, salpicando.

Raine amaldiçoou baixo. A visão dela nessa postura o afetou. Debaixo de suas calças, Seu pau se ergueu e cresceu grosso e pesado.

Repentinamente sua cabeça se elevou, quando captou um novo aroma. O ar

ao redor dele se tornou acre com o interesse masculino. A meia dúzia de homens que estavam de pé perto, observando sua tarefa do pisado com absoluto prazer. Deu-se conta de que Cada olho olhava a Jordan. Olhavam-na com lascívia, para falar a verdade.

Estudou-a, vendo o que esses homens viam. Não levava nenhuma roupa interior debaixo dessa saia. As mulheres raramente o faziam. Mas geralmente suas saias eram grosseiras e existia muito pouco risco que um homem pudesse vislumbrar os tesouros que ocultavam.

Entretanto, com cada buliçoso pisão, Jordan oferecia a tentadora possibilidade de que sua saia se levantasse para revelar acidentalmente muito mais. Estava paquerando no bordo da indecência!

Jordan escolheu esse momento para lambar suco de uva de seus dedos. A Senhora Tutti lhe arrojou instruções em tom aborrecido. Ela jogou para trás a cabeça e riu, exibindo a linha suave de sua garganta.

Os outros homens se deslocaram, desejando-a. Não querendo somente seu corpo, mas também o prazer interior que traria consigo. Ele a parou.

— Jordan, — ladrou, lhe fazendo gestos lhe ordenando que saísse do tanque.

— Vêem. Atrairá moscas da fruta em pouco tempo se continuar com isso.

Fez-lhe uma careta.

— De maneira nenhuma. Estou me tornando boa nisto. Você simplesmente está preocupado porque logo terá que me pagar o salário de uma verdadeira pisadora. Não é certo, Senhor Lutz?

Quando o capataz não respondeu, jogou-lhe uma olhada do alto com uma pergunta em seus olhos. Somente lhe piscou com um sorriso atordoado sobre seu rosto.

— Senhor Lutz! — grunhiu Raine.

O Capataz se endireitou repentinamente e limpou sua garganta. Notando o cenho do Raine, dissipou de sua expressão qualquer interesse na mulher de seu empregador. Inclinou-lhe seu chapéu vagamente.

— Sim, Senhorita, estou seguro que tem razão sobre isso.

Raine recolheu seu xale e se aproximou do bordo do tanque, sujeitando o objeto para ela. Silenciosamente lhe deu uma sacudida, lhe indicando que devia reunir-se com ele e deixá-lo envolvê-la nele.

Sorriu brincalhona.

— Não. Você entra. Com seus pés grandes, pisotearia as uvas certamente duas vezes mais eficientemente que eu.

A Senhora Tutti riu bobamente, observando seu jogo do cenário secundário do tanque adjacente.

— Crê que não o faria? — disse.

— E salpicar essa camisa branca como a neve? — burlou-se Jordan.

— Enrugar a linha de suas calças? Sei que você não o faria.

Raine recorreu ao Capataz.

— Despede-se de seus trabalhadores, senhor Lutz. Desejo ter uma palavra

em privado com a Senhorita.

O Capataz aplaudiu com suas mãos bruscamente, exortando aos trabalhadores a sair da habitação.

— Já escutaram ao Senhor Satyr. Vão-se! Todos vocês.

Com uma piscada perspicaz a Jordan, a Senhora Tutti se escorregou do tanque e se retirou também.

Quando estiveram sozinhos, Raine usou sua mente para fechar com chave as portas. Então começou a tirar-se sua roupa.

— O que é o que faz...? Mas você não te banhaste, — protestou Jordan, estirando suas mãos em gesto de detê-lo. — A Senhora Tutti esfregou nossas pernas e pés até que estiveram rosados antes que nos permitisse sequer nos aproximar....

Fez caso omissso dela, tirando as botas, logo a camisa e suas calças.

Agarrando uma das cordas em cima da cabeça com uma mão, balançou suas pernas sobre o lado do tanque. Uma vez dentro, molhou-se até que esteve submerso à cintura. Quando ficou de pé outra vez, riachos de profunda cor azul gotejaram dele, deslizando-se em cascata por seus flancos, seus quadris, suas coxas, suas bolas e seu pau.

Todo o momento, seu olhar faminto a devorou. Do outro lado da tina, Jordan o olhou fixamente, seus olhos dilatando-se quando se deu conta do que era o que planejava.

O suco formou ondas, derramando-se sobre os borde do tanque enquanto avançava para ela. Sob seus pés, o mosto empapado se filtrava entre os dedos de seus pés.

Sua voz se elevou consternada quando se aproximou mais ainda.

— O que está fazendo?

Espreitou-a até que esteve contra a parede mais longínqua do tanque. Ali, suas mãos se adiantaram para apoderar-se de seus quadris, sustentando-os a poucas polegadas dele.

Deixou-a suspendê-lo e a suportava antes, ainda não se tocando.

— Levanta suas saias, — disse-lhe.

Seu fôlego prendeu.

— Sim. Muito bem. Mas não deste modo. Deixe-me me girar.

— Não esta vez.

Em um instante, deslizou suas mãos para cima ao longo dos flancos de suas coxas, levantando suas saias molhadas a grande altura e voltando seu peso sobre o bordo do tanque para que todo seu volume ficasse pendurando por fora.

A parte dela que tinha tentado manter tão duramente oculta dele se encontrava repentinamente revelada.

Totalmente aturdida, lutou por jogar o tecido para baixo a seu redor. Mas suas mãos a cravaram contra o bordo interior do tanque, as mantendo suspensa sobre seu abdômen.

Empurrou suas escorregadias coxas separando-os com os seus e pressionou

sua virilha empapada de suco à sua. Por uma fração de segundo, sua pele a acariciou. Pênis contra pênis.

— Não! — desesperada, moveu-se, deslizando-se na líquida substância, encontrando sua posição outra vez e tratando de escapar.

Seus lábios roçaram seu cabelo.

— Não me importa o que cresce entre suas pernas, — murmurou.

Em um instante, ficou paralisada. Uma terrível quietude caiu entre eles, da mesma maneira que o período subsequente à explosão de uma bomba.

Seus olhos escuros subiram para cima para ficar apanhados nos seus de prata.

— Você sabe.

— Realmente acreditava que me podia esconder isso.

— Como? Como soube?

— dormimos juntos, — disse esquivando o tema.

— Sabia quando estávamos em Veneza?

Assentiu com a cabeça.

— Não disse nada. Assim pensei, — gemeu angustiada. — Pensei... OH Deus.

Cobriu seus olhos com seus dedos, lhe empurrando com sua outra mão.

— Se mova. Quero sair.

— Não. — sua voz era baixa, autoritária.

Agitou sua cabeça, lutando por escapar. Por livrar-se de sua humilhação.

— Por favor, não quero que se sinta... repugnado.

Seu coração se encolheu. Nesse momento, mais que nada desejava saber como tranquilizá-la. Dizer-lhe quanto a queria. Dizer-lhe que desejável era para ele. Mas não tinha o dom de expressar seus sentimentos.

— Não o estarei.

— Se você o disser.

Seu queixo acariciou o cocuruto de sua cabeça.

— Está envergonhada do que é?

Endireitou-se, seu crânio golpeando contra a base de sua mandíbula.

— Não me sinto envergonhada no absoluto, embora outros gostariam que me envergonhasse e me fazer duvidar do que sou.

Quão freqüentemente em sua vida, também, perguntou-se o que era — sátiro ou ser humano? Lutou por confortá-la agora. Embora não tinha nenhuma palavra florida, podia lhe dar a verdade do que sentia.

Seus lábios encontraram um lado de sua garganta, onde cálida essência era mais cativante.

— O fato de que esteja formada com partes tão masculinas como femininas me agrada, — disse-lhe. — Te encontro mais interessante que qualquer outra mulher a quem alguma vez conheci. Mais atrativa. Asseguro-te que te desejo justo como é.

Jordan permaneceu quieta por um longo momento e a sentiu medir suas

palavras. Então suspirou contra seu peito, um som de algo quebrado começando a curar-se.

— OH! Raine, — murmurou com a voz atendida pela emoção.

Levando uma de suas palmas a sua bochecha para sustentá-lo, beijou-o.

Suas mãos se apertaram em sua cintura, aproximando-a inexoravelmente mais ainda. Seus fôlegos se fundiram em um. Suas línguas se encontraram, enredaram-se e se amaram com escorregadio desespero. Seus pintos se engrossaram, esporeando sobre o estômago do outro.

Sua mão descendeu por entre seus corpos, a dela a apanhou.

— me deixe te tocar, — insistiu-a contra seus lábios. — Deixe-me.

Sua mão em forma de garra convulsionou sobre ele e suas unhas deixaram marcas de meia lua em sua pele. Mas então, a contra gosto, um por um, seus dedos se soltaram.

Baixou suas mãos para arrastar pelo líquido que os rodeava. Logo seus dedos empapados em mosto se elevaram para encontrar o caminho entre suas pernas, abrindo a fenda entre seu testículo.

Ela permaneceu esperando com o coração congelado em seu peito.

— relaxe, — murmurou em sua orelha.

Mas não podia.

Acariciou-a com movimentos perspicazes e urgentes entre os sacos espessados para encontrar e introduzir-se em seu escorregadio interior. O salto de sua palma pressionava na base de seu pênis com cada empurrão até que seu pulso se acelerou e começou a movê-lo contra ele. Com sua outra mão tirou maior quantidade do custoso veludo viscoso da tina e melou seu eixo com ele.

E então — pela primeira vez em sua vida — uma mão que não fora a sua sustentou Seu membro em seu punho.

Um suspiro entrecortado lhe escapou.

Muito brandamente, ele começou a masturbá-la. Os dedos de sua outra mão ainda trabalhavam entre suas coxas, fodendo-a com movimentos entrecortados que mantinham o ritmo de seu punho.

Suas coxas se agitaram ao longo dos seus e se estremeceu, balançando-se vertiginosamente.

— Respira, — instruiu-a.

Ela tomou uma grande baforada de ar e abriu seus olhos para ver a cabeça rosada de seu membro aparecer por entre seu punho, desaparecendo logo, somente para reaparecer outra vez. Estava empapado de suco e mais gordo que nunca.

Seu membro se erguia atenta, deslizando-se contra o interior de sua mão cada vez que sua mão a bombeava. Sem um propósito consciente estendeu a mão e o levou a sua palma, encontrando o rapidamente ritmo que seu punho tinha estabelecido sobre sua carne. Juntos trabalharam sobre a estaca do outro, às vezes de uma vez, logo por separado. Suas mãos deram forma e manusearam cada uma aprendendo o terreno do corpo do outro.

A paixão atravessou ao Raine, quente como um incêndio. Queria tomá-la deste modo, fode-la ali, no néctar sagrado das uvas que tinha plantado cuidado e escolhido. Queria amassar-se nela enquanto permaneciam inundados no fruto de seu trabalho que era tão importante para sua sobrevivência e a dos dois mundos que se encontravam sobre a região Satyr.

Levantou-a, e suas mãos se elevaram para agarrar os músculos firmes de seus ombros. Seu pau, adubado com o suco polpudo que era sua alma, encontrou sua fenda feminina. Suas grandes mãos aferraram suas nádegas e suas coxas separadas sustentaram seu peso quando envolveu suas pernas ao redor dele. Juntos, olharam enquanto se introduzia nela em um... cômodo e fluido movimento.

As emoções se revolviam em seu peito quando se afundou em casa. Este — seu primeiro acoplamento frontal sobre sua região — era um acontecimento transcendental. Ela uniu suas mãos detrás de seu pescoço e arqueou sua garganta, gemendo seu prazer. Sentia-se tão bem contra ele.

Seus corpos começaram a mover-se, balançando-se juntos em um antigo baile carnal. O ar ao redor deles se tornou úmido e doce com a paixão.

Seu pau se moveu, firme contra seu estômago. Ajustando-se para suportar seu peso com uma só mão, envolveu seu eixo em seu punho outra vez, ordenhando-o a tempo com suas duras apostas em seu interior.

Jordan se aproximou mais a ele e gemeu contra sua garganta, desconcertada com as sensações que se formavam redemoinhos em seu interior. Esfregou seus lábios sobre sua mandíbula e sussurrou palavras de estímulo com voz muito grave.

Repentinamente, Raine se encrespou em seu interior com uma nova necessidade febril. Em algum lugar, Nick e Jane se estavam unindo. Sentiu que seu êxtase alimentava o seu. Polpa e suco de uva salpicaram em altas ondas rítmicas que caíam sobre os lados do tanque enquanto entrava e saía dela cada vez mais ferozmente.

Seu pau se sacudiu dentro de seu punho. Ela lançou um suave grito inarticulado enquanto gozava contra seus dedos.

Com um grito estrangulado, ele envolveu ambas as mãos ao redor de seu traseiro e se introduziu a uma profundidade impossível enquanto estalava.

Então ela também gozou como uma mulher arqueou-se em seu segundo clímax e apertou seus joelhos contra seus flancos. Ele corcoveou duramente com cada ejaculação, despedindo jorros de lava fervente de seu pau. Suas paredes interiores o ordenhavam, extraindo seu esperma. Beijaram-se, sua respiração áspera e gemente.

Depois, quando seu coração teve diminuído a velocidade, Raine apoiou seu queixo no topo de sua cabeça e olhou fixamente ao outro lado da habitação com olhos perdidos. Suas paredes interiores ainda se estremeciam com espasmos ao redor dele e o gozo de seu próprio pau se sentia escorregadia entre seus estômagos. Acariciou seu cabelo, desfrutando de sua suavidade.

O líquido ao redor deles se tranqüilizou, até que somente os lambeu brandamente. Fora da habitação de tanques, as vozes subiram e baixaram. Até esse momento não as tinha notado.

Jordan era realmente sua agora, que se desse conta disso ou não. Havendo-se unido a ela sobre as terras Satyr, tinha iniciado o muro protetor que a manteria a salvo em todos os anos ha vir. Com cada emparelhamento sucessivo, o vínculo entre eles se fortaleceria. As forças antigas que protegiam sua região e a todos os que viviam dentro se teceria mais firme ainda ao redor dela.

Desabou-se contra ele, sua testa sobre seu peito.

— Senhora Tutti e Senhor Lutz estarão muito zangados. Estou segura que definitivamente arruinamos seu tanque.

— Não se preocupe, — murmurou. — Meus irmãos e eu temos uvas suficientes para encher centenas mais como este.

— Não me preocupo tampouco, — murmurou, encontrando sua boca com a sua. Acariciou os lados de seu rosto, sua garganta e sua nuca com suas mãos.

— Foi tão bom, Raine. Nunca antes tinha gozado com minhas partes masculinas e femininas ao mesmo tempo. Para falar a verdade, foi melhor que bom. Como banhar-se em mel, comer chocolate e beijar, tudo ao mesmo tempo.

Riu e afrouxou seu abraço sobre ela até que se deslizou devagar para parar-se sobre seus pés outra vez. Por fim seus mamilos palpitavam com a acusadora cor das fadas em presença de seu companheiro. A cor recordou a um suave vinho rosado e era tão pálido que ela não pareceu notá-lo.

Salpicou seus dedos no suco.

— O que faz com todas estas uvas depois de que são esmagadas?

— Este tanque especial será imprestável no futuro e seu suco atirado.

— Mas normalmente.

— São fermentados durante oito a dez dias. Asseguramo-nos de provar todos os tanques com regularidade para ampliar nosso conhecimento do tempo e as características do período de cada trama.

Suas mãos cálidas e molhadas se elevaram para rodear seus peitos e seus polegares se moveram em círculos sobre seus mamilos.

— Terá que te casar comigo, sabe.

Seu coração deu tombos, cheios de desejo. Mas sabia que não podia ser. Ficou de pé nas pontas dos pés e o beijou ligeiramente sobre o queixo.

— Não, não sei.

Franziu o cenho.

— Esses trabalhadores sabem por que os fiz sair desta habitação antes. Sua reputação será destroçada depois de hoje se as núpcias não são anunciadas.

— Agora está realmente arruinando o tanque. Para falar a verdade está arruinando toda a experiência do tanque.

Empurrou-o, mas não conseguiu movê-lo.

— Jordan...

— Não! — disse sua frustração tornando-se cólera. — Deixa-o. Você não me

conhece realmente. Se o fizesse, não queria te casar comigo. Sou feliz de esquentar sua cama sem o matrimônio. Mas um marido tem muito controle sobre uma esposa. Não quero que outro homem – quero dizer, nenhum homem tenha nunca esse tipo de controle sobre mim.

Esperando antecipar-se ao argumento adicional, agarrou seus ombros e se elevou, envolvendo suas pernas ao redor de sua cintura outra vez.

Suas mãos também se elevaram para suportar suas coxas. Seu mastro ainda estava duro e comprido, ainda molhado pela mescla de seu desejo e os sucos da tina.

– Sabe é obvio que se desejamos seguir com esta classe de atividade, a sociedade requer umas bodas, – disse-lhe.

Apoiou uma mão no bordo do tanque para sustentar-se e sustentou Seu pau com sua mão enquanto baixava seus quadris para levá-lo a sua fenda. Seus olhos eram duas brasas acesas.

– A sociedade parece muito distante no momento.

Seguiu adiante e sua coroa a alargou.

– Jordan, – advertiu com voz áspera.

– Sim? – perguntou inocentemente.

As sensações brotaram nele, e se empurrou dentro, profundamente, feliz de deixar de lado seus argumentos no momento.

Então começou a fode-la. Não com o calor do inferno carnal que tinham desfrutado de momentos antes, mais sim com o lento ritmo sensual de uma preguiçosa tarde de outono. E sentiu algo sossegado que o comovia do interior. Algo proveniente do aroma embriagador das fadas, o som distante da farra, e alguma coisa estranho que emanava desta mulher. Esta mulher que possuía tanto sangue humano como sangue do Elseworld em suas veias, quem estava predestinada a converter-se em sua esposa.

Capítulo vinte e um

Fora das habitações dos tanques, Raine se separou de Jordan, tinha uma entrevista de trabalho com outro vinhateiro que acabava de recordar bem a tempo. Sorriu-lhe, perguntando se o outro homem desafiaria interrogar ao Raine a respeito da cor estranha de suas mãos. Graças há seu tempo nos tanques, tinham agora um ton. azulado debaixo de seus rígidos punhos brancos.

Ao igual a seus pés. Tinha querido rir bobamente quando saíram do tanque e os tinha visto. Ele tinha dito que seus pés se viam igual. E o faziam. Tintos pelo suco, viam-se quase como se levassem meias. Meias azuis. Precisamente como a segunda parte de seu sonho havia predito. Uma corrente gelada a atravessou se deu conta do significado da tintura e olhou suas próprias mãos que estavam tintas

de forma semelhante sob seu xale.

Agora que a segunda fase de seu sonho tinha sido cumprida, a terceira viria. A serpente. Se Raine chegava para ouvir de suas estranhas profecias, teria-lhe medo? Que bobamente tinha afirmado que queria convertê-la em sua esposa, desatento para suas advertências de que não a conhecia absolutamente!

Não se casaria com ele, mas queria preservar o que tinha aqui com ele tanto tempo como pudesse. Para fazê-lo, deveria enterrar seu passado tão totalmente que nunca mais saísse à luz. Raine pensava que era o único homem que alguma vez tivesse descoberto o que suas saias escondiam. Supunha que tinha crescido em tais saias e que tinha levado sua primeira vida como uma menina e logo como uma mulher.

O que pensaria se soubesse que tinha deslocado selvagem pelas ruas de Veneza fazendo alarde ante o decreto Austríaco que dissolvia o Carnaval? O que pensaria se soubesse que tinha montado escarranchado antes, beijado a outra mulher e gasto suas noites em beber e apostar entre grosseiros companheiros masculinos?

O que pensaria se se inteirasse de que seu nova amante tinha sido um homem uma vez?

Jogando uma olhada às habitações dos tanques, jogou uma olhada a um e outro lado, esperando escapar e encontrar o caminho ladeira acima para a propriedade sem ser interceptada.

Sem ver ninguém nas proximidades, saiu precipitadamente. Mas sua sorte não duraria. Uma mulher estava em seu caminho, justo adiante. Era uma desconhecida. Formosa, levando uma refinação traga e gola de seda malva em jogo perfeito com as plumas s de seu chapéu. Jordan se perguntava se poderia fingir não vê-la e simplesmente passar sem falar. Agachou sua cabeça.

— Senhorita Alessandro? — perguntou a mulher com voz insegura. Sua expressão não deixou a Jordan nenhuma duvida sobre se tinha equivocado de pessoa.

Havendo-se acostumado ao sobrenome falso que tinha proporcionado a Raine em Veneza, Jordan se deteve a contra gosto.

— Sim?

De perto a mulher era ainda mais formosa que o que lhe tinha parecido ao princípio. Sua pele era pura e cremosa, seus cabelos castanho avermelhado escuros e artisticamente recolhidos, seu traje imaculado e livre de rugas. Ao lado dela, Jordan se sentia desastrosamente desarrumada. Moldou seu cabelo e o chapéu que tinha colocado sobre ele sem o uso de um espelho, perguntando-se precisamente quão empapada pareceu.

A mulher se aproximou mais.

— Você é a noiva do Raine? — perguntou em um tom modulado.

— O que? Não! Somos somente amigos. Conhecidos verdadeiramente.

— Amigos, — repetiu a mulher. Um gesto perplexo franziu sua testa perfeita.

— Mas está ficando com ele em sua casa, não?

Jordan se endureceu.

— Não estou segura que isso seja de sua incumbência. Agora, se me desculpar.

Levantou suas saias manchadas e começou a andar para passar rapidamente junto à outra mulher, tentando aparentar um arrogante desdém.

Mas a mulher se moveu para bloquear seu caminho, agarrando seu antebraço com dedos urgentes. Seu rosto se aproximou ainda mais.

— É um homem arrumado. Endinheirado. Viril. Fui enganada uma vez também.

De perto, Jordan observou uma selvageria algo perturbador nas profundidades dos olhos da mulher.

— O que quer dizer?

As unhas manicura das arranharam a pele de Jordan.

— Casei-me com ele, — vaiou a mulher. — Mas o lamentei. Não cometa o mesmo engano.

Esta formosa criatura tinha sido a esposa do Raine? Jordan se sentiu pior vestida que antes.

— Ah! Vejo que as duas já se conheceram, — disse uma voz áspera. De um nada, Jane as tinha encontrado. Jordan nenhuma vez tinha estado tão feliz de encontrar a outra pessoa.

A outra mulher fez caso omissivo de Jane, mas levou a mão azulada de Jordan entre as suas cobertas de áspero encaixe.

— Preste atenção ao que digo. Não te case com ele. É uma criatura do diabo, digo-lhe isso.

Jordan arrebatou sua mão.

— Raine não é semelhante coisa. Casarei-me com ele se assim o desejar e lhe direi que te processe por calúnia, ou a difamação, ou algo, se continua difundindo tal intriga.

— Suma a outra parte, Natalia, e leve suas perversas mentiras, — disse Jane, dando um suave empurrão à outra mulher. — Ou melhor, ainda, traga-lhe isso para sempre.

A ex-esposa do Raine fugiu do tato de Jane.

— Não te aproxime de mim! — chiou. — Sei o que faz com eles quando a lua vem. Como pode ficar com um que é seu chefe? — agarrou a cruz dourada que pendia de sua garganta. — Arrependa-se antes que seja muito tarde! Arrependa!

Jane suspirou com desgosto.

— Sai daqui ou contarei a meu marido de suas mentiras. Asseguro-te que não estará agradado de ouvir falar delas.

Os olhos da outra mulher se abriram aterrorizados e se afastou alguns passos. Continuando sua diatribe, correu-se colina abaixo e fora da ameaça de Jane.

— Não o aceite por marido, Senhorita Alessandro. Lamentará-o!

Jane apontou suas costas à mulher que fugia e tomou o braço de Jordan.

— Vamos, está de acordo?

Jordan observou a figura da ex-esposa do Raine afastando-se cada vez mais, longe permitiu que Jane a levasse. Avançaram juntas pelo serpenteante caminho cheio pelo sol que levava às portas dos domínios Satyr acima.

No período subsequente às acusações da outra mulher, o silêncio subsequente entre elas se tornou incomodamente gritão.

— Faz tempo que estiveram casados? — perguntou Jordan, rompendo-o.

— Dois anos. Mas por muito pouco tempo. Espero que você não leve seu conselho ao coração. Acredite-me quando digo que Raine é um bom homem.

— Mas o que ocorreu entre eles?

— Não sou a indicada para dizê-lo, desde que tudo ocorreu antes que viesse aqui. Mas conforme compreendo a situação, Natalia era incapaz de sentir paixão. Rechaçou o sexo com o Raine, como provavelmente teria rechaçado isso de qualquer homem com que se casasse. Quando o deixou uma noite, difundiu uma intriga que danificou sua reputação. Aborrece o fato de haver-se convertido em alvo para as más línguas. Sente que trouxe a vergonha ao nome Satyr e expôs a seus irmãos a rumores perigosos.

— Perigosos?

Os olhos do Jane esquivaram os seus.

— Há segredos nesta família que não são meus para lhe contar isso. Raine os compartilhará contigo no momento indicado se ficar. É um homem estupendo e carinhoso. Espero que lhe dê a possibilidade que se merece.

A verdadeira questão era, atreveria-se a dar uma oportunidade a si mesmo com ele? Sua reputação já se viu afetada devido a uma esposa. Se somente soubesse como poderia sofrer se a sociedade se inteirasse de que antes tinha vivido como um ele, certamente cessariam suas rapidamente declarações sobre um matrimônio entre eles.

— Só estarei aqui durante um tempo, — disse-lhe Jordan.

— Não descidi nada permanente.

Jane vacilou, apertou sua mão então e disse em uma voz sociável:

— Bem, esforçaremos-nos por desfrutar de nosso tempo juntas, não importa quanto dure. Minha irmã menor Emma está mais que ansiosa de te conhecer também. Estaremos agradadas de te dar a boas-vindas em nossa casa para uma visita, e muito em breve. Estamos envoltas em experimentos botânicos dos mais interessantes!

Juntas, as duas mulheres conversaram durante todo seu caminho às portas, ignorando que estavam sendo observadas.

Tendo terminado sua entrevista de trabalho, Raine fez gesto de deixar o festival quando se encontrou de pé ante uma exposição magnífica — com muito a mais fina na pequena festa de colheita. Cada atenção tinha sido observada dos detalhes do tapete, que tinha sido posta no chão para delinear os limites da

exposição, até as sobrecarregadas cortinas de veludo, que lhe davam sombra do áspero sol.

Uma exposição de vinhos tinha sido posta sobre um linho drapeado da mesa para ser servidos como uma oferta para aqueles que desejassem tomar parte. Estava considerando se incomodar-se em prová-lo, quando alguém tropeçou com ele, muito literalmente.

– OH! Perdão! Perdão! – disse o bispo enquanto tirava o pó com sua mão sobre as coxas e a virilha do Raine escovando muito mais à frente do lugar prejudicado. Tinha organizado bem sua cronometragem, assegurando-se de cair contra sua presa de forma que seus dedos acariciassem suas genitálias em um movimento que pareceria muito involuntário.

– Retira sua mão, homem! – disse-lhe Raine, empurrando-o.

O bispo se tornou atrás, satisfeito de ter conseguido tocar Seu Desejado, como tinha começado a chamar a este homem em privado. Não lavaria suas mãos por no próximo mês!

– Senhor Satyr! Bem vindo à exposição da igreja da Santa Maria da Gorla. Que coincidência assombrosa que te encontre outra vez! – exclamou efusivo, aplaudindo com suas mãos.

Raine o olhou fixamente sem compreender, mas o espírito do bispo se negou a ser esmagado por sua falta de reconhecimento.

– Conhecemo-nos em Veneza na recente conferencia sobre phylloxera, - disse via uma lembrança. – Fascinante, não? Devemos nos encontrar outra vez uma noite para falar de nossos esforços por combater essa insidiosa praga.

Raine trocou de um pé ao outro.

Intuindo que estava perdendo sua audiência, o bispo se precipitou.

– Antes provei uma colheita da exposição da vinha Satyr. Tal perfeição! Sobre o paladar os sabores estalam em uma fusão de frutas apaixonadas e sabores bem integrados. Tal textura fina! E os aromas! – beijou seus dedos.

Raine se moveu outra vez.

O passo coloquial do bispo aumentou.

– Agora, em troca, deve provar um pouco de minhas uvas. – disse abrindo uma cortiça tão rapidamente como foi possível, passou a garrafa inteira ao Raine.

– Perdão, mas devo ter deixado cair minha taça durante nosso recente encontro, – disse-lhe Raine.

O bispo agitou suas mãos.

– Não há nenhuma necessidade de um copo. Toma o da garrafa e me diga sua opinião.

Quando Raine tomou a garrafa que lhe oferecia e a levantou seus lábios, os dedos gordinhos do bispo deram golpes preocupados sob seu queixo roliço. Tinha imaginado este mesmo momento incontáveis vezes durante o ano passado. Tinha imaginado Seu Desejado logo se empilharia sobre seus esforços. Tinha fantasiado que depois de provar este vinho, Raine reconheceria sua superlativa perícia, poria um braço ao redor dele e se ofereceria a acompanhá-lo durante toda a festa com o

propósito de que pudessem avaliar as outras ofertas menos ilustres e falar delas.

O líquido gotejou da garganta da garrafa e Raine o sacudi em sua boca. Algo captou sua atenção e se interrompeu de uma forma pouco elegante. Paralisado, olhou à distância sobre a cabeça do bispo. Então cuspiu o vinho na erva e devolveu a garrafa silenciosamente.

O bispo a apertou contra seu peito e ficou de pé nas pontas dos pés, aguardando sua conclusão entusiasta.

— Decidi casar-me, — anunciou Raine sem preâmbulos.

Para o bispo, sua declaração foi tão terrível e incômoda como um ataque cardíaco. A garrafa de vinho se escorregou de seus dedos e caiu sobre o tapete. Desde onde tinha vindo este horrível capricho? Seguiu o olhar do Raine e descobriu que estava estendida sobre duas mulheres que caminhavam juntas pelo atalho para a porta da propriedade. Alguém era a esposa do Satyr maior. E a outra uma desconhecida. Embora sem importar quem fora, ao bispo não gostava da expressão faminta sobre a cara de seu companheiro enquanto a olhava.

Aos pés do bispo, o conteúdo de sua garrafa verteu suas esperanças em direção ao Raine. Ajoelhou-se para passar pano no chão com seu lenço. Normalmente deixaria este trabalho servil aos criados. Mas em seu desespero, pouco sabia o que fazia.

Raine se agachou e pôs a garrafa novamente vertical, detendo a maré.

— Bem? — perguntou. — Te encarregará dos preparativos?

O bispo recolheu seu engenho e a garrafa e ficou de pé, franzindo seus lábios com desaprovação.

— Está divorciado. A igreja não reconhecerá um segundo matrimônio.

Raine sacudi seus dedos em um gesto inatamente italiano.

— Uma doação avultada os convencerá de que pensem de maneira diferente. Faz-o sempre. Agora, fará os preparativos ou o peço a outro funcionário? A expressão do bispo se apertou.

— Muito bem. Pode trazer sua noiva para falar comigo. Infelizmente meu programa está cheio. Possivelmente o próximo mês?

— Você não pode falar com ela absolutamente, - ordenou-lhe Raine. — Não desejo que ela saiba que as preparativos estão em andamento. Não ainda.

— Mas isto é muito irregular, — protestou o bispo.

Os olhos do Raine se entrecerraram.

— Se não esta disposto, farei os acertos alternativos.

— Não! Não! Farei-o. É obvio que o farei. Simplesmente me surpreendeu com seu pedido.

Outro vinhateiro chegou, capturando a atenção do Raine.

— Mantenha-me informado, — disse ao bispo.

Com isso, abandonou a exposição da igreja completamente.

O bispo observou à mulher sobre a colina, seu coração carcomido pelo ciúmes como Seu pau era carcomida com a enfermidade. Tinha que vê-la. Agora. Sem demora.

Tomando somente a garrafa da que Seu Desejado tinha bebido recentemente, abandonou sua cabine. Então empreendeu o caminho colina acima atrás da cunhada do Raine e a outra.

Saiu do atalho para cortar caminho entre as árvores. As mulheres não tinham pressa e as passou rapidamente sem que o notassem. Escondeu-se atrás de um promontório de rochas e esperou diante delas.

Quando entraram em seu campo de visão quase lança um gemido. OH! Aquela com a que desejava casar-se estava tão andrajosa como uma puta dos cais! Suas feições eram suficientemente lindas. Mas seu vestido e maneiras eram atroz! O que no nome de Deus o tinha atraído para ela? O que era tão especial sobre ela?

O que era tão familiar?

Franzindo o cenho, mascou a carne de sua bochecha entre seus molares, registrando sua memória para onde a tinha visto antes. As duas mulheres desapareceram dentro das portas. Mas ainda se sentava, ponderando. O sol baixou mais, tingindo de rosa a paisagem. Debaixo dele, os festejos continuavam, ficando rouco quando mais farristas chegaram e mais vinho fluiu.

Girou sua língua sobre o lábio da garrafa da que Seu Desejado tinha bebido recentemente. Tinha desfrutado da cerveja? Nunca o havia dito. O talento do bispo consistia em ser um magnífico observador, embora sabia que pensavam que era um simples imitador. Era verdade que não tinha nenhuma idéia própria, mas era um imitador brilhante. Com cada mescla especial, tinha tratado de imitar a oferta do ano passado dos senhores Satyr. Mas sempre, algo faltava. Algum ingrediente indefinível.

Suspeitava que o Satyr praticava algum tipo de magia sobre essa região. Eram tão reservados. Tão arrumados. Os lábios do Seu Desejado eram tão sensuais e de tão boa figura como a de uma mulher, mas seu pau.... OH!....Não tinha havido nada feminino sobre isso quando o bispo o tinha apalpado antes....

E então, em um brilho repentino da memória, tinha-o! Essa pessoa com Jane Satyr era A Maschera — aquela que era tanto macho como fêmea. Aquela que se livrou do Senhor Salerno essa noite no teatro. A abominação com um pênis entre suas pernas. Raine devia ter dado com isso de algum modo e trazido com ele todo o caminho desde Veneza!

Hmm. Cravou sua língua na garganta da garrafa e o sugou uma e outra vez com um pequeno pop!

Salerno indubitavelmente sentia saudades de sua criatura. Sabia onde tinha fugido quando deixou o teatro essa noite chuvosa? OH! Deliciosas notícias.

Saltando sobre seus pés, abandonou os bosques e o festival, deixando as garrafas e os adornos em sua exposição onde qualquer podia decidir roubá-los.

Quando chegou a casa, anunciou que sua bolsa devia ser empacotada e uma carruagem preparada. Estava viajando a Veneza.

Então, ainda agarrando a garrafa que Seu Desejado havia tocado com seus formosos lábios, foi para encontrar a alguém disposto a foder com ele.

Capítulo vinte e dois

Jordan e sua donzela se surpreenderam quando Raine entrou em pernas em sua antecâmara vestido somente com uma bata de noite de brocado escuro.

Era absolutamente estranho que ficou chocada ao vê-lo. Ultimamente a tinha estado evitando propósito. Provavelmente tinha visto mais a Jane e a jovem Emma que a ele nas semanas que tinham passado da festa da colheita. Apaixonadas embora parecesse mentira da botânica, tinham-na atraído a seus esforços em curso de encontrar uma cura para o phylloxera. A crescente cercania entre as irmãs lhe agradou, e esperava que chegasse logo o tempo de lhe informar a Jordan sobre seu parentesco consanguíneo. Entretanto, tinha outros temas em sua mente esta noite.

— nos deixe, — ordenou à empregada. Sua séria secura fez que a normalmente plácida criada de noite corresse. Seus olhos ausentes se abriram confusos com uma surpresa de preocupação por sua ordem enquanto fazia uma reverência e partia. Tinha soltado os cabelos de Jordan, mas ainda não a tinha despido.

— Assustou-a, — arreganhou-o Jordan. — Sabe quão assustados são os criados de noite. Por que está atuando deste modo?

Do último Moonful quando a tinham ajudado na adega, Jordan parecia ter tomado com calma a existência das dríades que atuavam como criados noturnos. Tinha intercambiando algumas palavras com ele sobre que algo não estava bem com eles e que não devia falar deles com os outros porque os podiam encontrar estranhas.

Pressionou a porta ao corredor, fechando-a e girou a fechadura detrás da empregada que fugia. Então seus pálidos olhos encontraram ao Jordan. Ela retrocedeu ante a fome em carne viva que não podia ocultar. O controle que era tão importante para ele se escorregou perigosamente.

Espreitou-a, seus passos e palavras tão cuidadosas e medidas.

— Evitei sua cama mais freqüentemente do que tivesse desejado desde que veio aqui. Foi uma decisão tola.

— Sim. Estou totalmente de acordo. — afastou-se dele, levando-o para sua cama.

— Uma que certamente resultará em seu custo esta noite.

Sua costa golpeou um dos pilares da cama e inclinou sua cabeça para estudá-lo.

— Não te pedi que me evitasse. Ou a minha cama.

Raine a observou. Tinha um bom ponto. Culpou-se a si mesmo por sua necessidade de manter controlada sua fome. Suas grandes mãos agarraram seus ombros como se temesse que tratasse de escapar.

— Estava determinado a não vir a sua cama até que estivesse de acordo com umas bodas entre nós. Entretanto, esta noite — não posso — ao que parece...

Repentinamente, seus dedos se apertaram em sua carne, contundindo-a. Seus olhos se dilataram, redondas luas negras eclipsando seus lírios de prata a simples halos. A dor retorceu sua expressão. Quando convulsionou para frente caindo em cócoras, uma mão com os nódulos brancos aferrou seu abdômen enquanto a outra procurava provas algo do que sustentar-se.

Ela se ajoelhou sobre o tapete. Abraçando-o e acalmando-o, alisou seu cabelo para trás em um esforço de ver seu rosto.

— Raine? O que é? O que acontece?

Seus olhos estavam alagados de preocupação e curiosidade. Evitou-os. Envergonhado de ter caído frente a ela. Por perder o controle e ficar a mercê de forças antigas que esta mulher encontraria incompreensíveis se ouvisse falar delas.

Palavras frenéticas se liberaram de seus lábios, cada sílaba saiu através de seus dentes.

— O Chamado, — gemeu. — Prometi a mim mesmo.... Mas sou débil esta noite. Sabendo que você está perto, devo te ter ou me voltarei louco. Não sabia que seria assim.... Minha única desculpa.

— Do que está falando? — perguntou obviamente confundida. — O que é o Chamado?

Agitou sua cabeça, fazendo uma careta. Depois de longos momentos, endireitou-se e se cambaleou sobre seus pés.

— A dor diminui. — quando ficou de pé, sua bata se abriu naturalmente em uma linha ao longo de seu corpo. Nas sombras da brecha, agora apareciam dois penis. Ambos estavam quentes, corados e atravessadas por abundantes veias cheias.

Captando o aroma de sua fenda feminina, Seu pau de homem se sacudiu em seu ninho. Um segundo pau se elevava por cima dela, esta mais adequada para ingressar no lugar mais apertado do corpo de uma mulher. Além das cortinas da janela, a lua se erguia completa agora, exortando-o para o emparelhamento.

Cuidadosamente, fechou o tecido outra vez e assegurou a bandagem para que as rígidas dobras de sua bata ajudassem a disfarçar o que ainda não estava preparado para revelar.

— Devo tomar meu prazer dentro de seu corpo esta noite, — anunciou com gravidade. — O compreende?

Jordan assentiu com a cabeça.

— Desejas ter relações sexuais comigo, — disse da mesma forma que uma escolar que recitava uma lição.

Levantou uma sobranceira ante sua acalmada atitude.

— Está disposta a fazê-lo então?

Seu sorriso ardeu e lançou seus braços ao redor de sua cintura.

– Graças a Deus! Estiveste tão distante ultimamente. Pensava que já não me queria, agora que consideraste a verdade do que contêm minhas saias.

Raine riu monotonamente, seus braços rodeando-a automaticamente. Entre eles seus mastros tremeram ansiosos por saboreá-la. Esfregou uma mão sobre sua costa, registrando seu vestido para encontrar a forma mais conveniente de tirar-lhe. Tinha que tocar sua pele. Mas estava muito necessitado e ela não estava preparada. Melhor deixaria que conservasse suas roupas no momento.

– Baco, deveria haver tomado antes desta noite.... Esta não é a maneira... Mas devo. Somente espero que me perdoe quando estiver feito.

Retirou-se e seus olhos negros brilharam.

– Parece muito desesperado por tomar. Eu gosto disso.

Ele somente grunhiu. Ela não tinha nem idéia do que estava por vir.

Tomando seu braço, puxou ela para sua câmara. Sentiu que seu desespero aumentava. Tentando recuperar alguma aparência de autocontrole se sentou ao bordo de sua cama. Retirou um magro cilindro metálico de seu bolso e o pôs em sua palma, esperando que não notasse como tremia sua mão.

– Toma esta chave. Vê o armário laqueado na esquina e abre-o enquanto ainda posso te deixar. Pegue o elixir que encontra ali e verte uma taça dele para você. Logo retorna comigo.

Fez girar o eixo da chave ornamentada de estanho entre o polegar e o índice, seus olhos transbordavam de perguntas.

– Vai! – acrescentou, insistindo-a quando vacilou.

Jordan se apurou a cumprir sua ordem de dirigir-se ao Gabinete. Empurrando a chave na fechadura, levou-lhe um momento alinhar os dentes de estanho com os alfinetes, lhe lançando todo o tempo olhadas preocupadas. Depois de um pouco, a fechadura cedeu com um snick e a porta chiou abrindo-se. Dentro havia uma só prateleira sobre o qual se encontrava uma jarra escura e uma taça adornada.

Retirou a garrafa e olhou entrecerrando os olhos às manchas sobre seu pescoço, encontrando a língua antiga indecifrável. Desentupiu-a, farejando.

– É alguma classe de remédio?

Riu misteriosamente.

– Sim, remédio.

– Então certamente deveria ser você o que tome. – retirando a taça a encheu com o líquida cor rubi da jarra e o aproximou.

Sentado ao bordo da cama, olhou-a com uma expressão predadora.

Sentou-se a seu lado e pôs o copo em seus lábios, querendo aliviar o que fora que o estivesse afetando.

– Aqui, toma um pouco, – persuadiu-o.

Separou sua mandíbula dela.

– Não, Jordan. Compartilhei de uma taça similar mais cedo esta noite com o Nick. Se você desejar realmente me ajudar, deve beber isso.

– Mas...

– Agora. Rapidamente. É Moonful.

Jogando uma olhada para a janela, Jordan vislumbrou a lua da colheita. Perfeitamente redonda obstinada ao peito da capa de veludo da noite como uma brilhante laranja pendente.

Ela o olhou insegura.

– Pode me prometer que não está doente?

A lua escolheu esse momento preciso para lançar um véu de luz sobre sua bochecha. Seus dedos obstinados ao colchão até quase rasgá-lo.

– Só faz o que te peço. Bebe. Por favor. – exalou a última palavra sobre um assobio.

– Estou bebendo, estou bebendo. – pôs a taça em seus lábios e a inclinou. Sobre o bordo, estudou-o confusa.

Sua perda de controle era tão estranha nele que provavelmente a estava assustando. Mas não tinha visto nada ainda.

Franziu o cenho. O elixir era tão suave como a seda, mas tinha sabor diferente para cada pessoa individual. Obviamente não gostava. Momentos depois o deixou ao meio terminar.

– Mais, – insistiu-a.

– Uf!! – mas levantou a taça outra vez e as arrumou para tomar mais dele.

Sentaram-se aí então, juntos ao bordo de sua cama, em silêncio. Enviou-lhe um olhar de soslaio e levou sua mão à sua, lhe dando voltas onde se apoiava em sua coxa.

– O que estamos esperando? – perguntou brandamente.

– Só esperando, – suspirou.

Lentamente, ele detectou que a Mudança a atravessava. O elixir estava desenhado para provocá-lo em ambos. A mescla que tinha tomado antes tinha dado nitidez a sua necessidade. O licor ziguezagueava através de seu sistema agora, esquentando-a e chamando-a para a luxúria.

Ao lado dele, moveu-se e apertou seus joelhos como se tratasse de captar um pouco da sensação que despertava na vértice entre suas coxas. Ele pressentia o florescer de sua excitação sexual. Já quase era o momento.

Seu olhar se deslizou de lado para roçá-la.

– Como se sente?

– Bem. Sinto-me bem. Não te parece que faz muito calor aqui?

Abanou-se com uma mão. Com a outra, atirou do decote de seu traje, lhe oferecendo uma vista tentadora dos peitos que se inchavam debaixo.

Ele gemeu impotente e a devorou para pô-la de pé.

– Tire o vestido.

Suas mãos se deslizaram diligentemente aos broches em seu sutiã. A letargia que caía sobre ela a fez lenta e torpe. Solto dois deles de repente, logo um terceiro. Então, parecendo cansar-se de seu propósito, suas mãos caíram a seus lados.

– Te dispa, – suplicou com o último de suas boas intenções.

– Me ajude, – incomodou-o, lhe lançando um olhar coquete por debaixo de suas pestanas.

Raine emitiu um rouco grunhido do fundo de sua garganta. Girou-a e rasgou os prendedores, lhe arrancando o vestido em seu apuro. Vendo um abridor de cartas sobre seu escritório, agarrou-o e cortou os fios de seu espartilho.

Ela o olhou aturdida ante a surpresa de ver seu encantador traje e espartilho estendido a seus pés convertido em farrapos.

– Comprarei outro vestido para você. E outro espartilho, – prometeu Raine, esperando sufocar qualquer reprimenda que pudesse lhe laçar sumindo-o em uma discussão que mal podia permitir. – Uma dúzia mais. Se apure e te coloque em minha cama. Rogo-lhe isso.

Os olhos de Jordan se abriram, mas fez o que lhe pedia, subindo em seu colchão levando somente sua regata.

Raine devorou a visão da criatura deleitável que o aguardava sobre sua cama. Sua pele dourada contrastava com a escuridão de seus lençóis, a escuridão de sua alma. Sentou-se com seus joelhos juntos e pregados fortemente, com seus pés debaixo de seu traseiro. Tinha girado suas costas para ele, ainda relutante a exhibir essas partes dela que a faziam tão anormais. Mas sua eleição do posto convinha aos propósitos do Raine.

Sua bata se chocou com o chão. Nu, reuniu-se com ela sobre a cama, ajoelhando-se detrás dela. Levantando a regata sobre sua cabeça, jogou-a no chão. A pelagem de suas coxas se arrepiou contra sua brandura quando acomodou suas pernas ao redor das suas. Aproximou-se até que seus pintos aguilhoaram seu traseiro

Sob sua mão entre eles e beijou ligeiramente seu franzido ânus com a almofadinha de seu dedo indicador.

– Vou inundar-me em seu interior por aqui, – murmurou em sua orelha.

– Com meu pau.

Olhou-o por sobre seu ombro. Ele leu a preocupação que se abria passo através dos efeitos do antigo elixir.

– Doerá?

– Pode resultar incômodo, pelo menos ao princípio. Mas me hão dito que a presença de um objeto no anel do anus freqüentemente intensifica a sensação agradável das contrações durante o orgasmo de uma mulher.

Sorriu ante sua descrição clínica.

– Então é obvio.

O Chamado era geralmente um negócio grave e carnal assim estava surpreso de poder lhe devolver o sorriso. Levantou seus quadris para que se elevasse sobre seus joelhos, alinhou as coroas de seus pênis com seus orifícios e se preparou para inundar em seu interior.

Repentinamente caiu na conta.

– Creme. Maldita seja! O que estou pensando? Não te mova.

Saltando de sua cama, correu a sua habitação e localizou um pote redondo de creme sobre sua penteadeira. Destampando, olhou fixamente à substância espessa e leitosa do interior. As garrafas e as caixas sobre a mesa. Variadas coisas femininas que Jordan tinha acumulado desde sua chegada a sua casa.

O atrativo aroma das fadas lhe chegou flutuando. O aroma era adocicado, atenuado com especiarias, o aroma do outono fresco e a pálida luz do sol. Rodeou-o, penetrando a habitação e seus pertences.

Levantou seu olhar de prata ao espelho que pendia da parede.

E se viu.

Viu que horrivelmente trocado estava fisicamente. Viu a espessa pelagem de sépia que cobria agora suas pernas da coxa ao tornozelo. A pelagem não de um homem, mas sim de um animal. Tendo brotado com o início do Chamado, não desapareceria até a chegada do amanhecer.

Embora queria voltar-se, forçou-lhe a olhar. Para ver-se como é ser metade humano — metade besta que era. Olhou o imenso pênis de homem sulcado de veias vermelhas que se sobressaía de seu escuro arbusto de cachos entre suas pernas, sua cabeça congestionada, de um púrpura aceso sacudindo-se em busca de uma vagina. E para ver seu segundo pênis gêmeo surgindo de sua pélvis a só três dedos por cima dele.

Era a natureza do sátiro e tinha experimentado tais mudanças antes — pelo menos uma dúzia de vezes todos os anos. Mas sempre tinha evitado olhar-se quando estava desta maneira. Assim era como sua primeira esposa o tinha visto. Como Jordan o veria.

Seus olhos passearam sobre os potes e as ampolas sobre sua penteadeira, o almofadão que tinha costurado para a poltrona, o projeto de bordado que tinha atirado em uma cesta próxima. Ao igual a ela, tudo aqui era feminino e delicado. Frágil.

Esta noite poderia machucá-la. Em certo ponto, não poderia deter-se de possuí-la uma e outra vez, já fora que ela o desejasse ou não. Era uma idéia horrível.

E se tivesse algum último pedaço de decência nele o que o tinha feito entrar aqui, perguntou-se. Depois de tudo, tinha um unguento próprio, em sua habitação. Às vezes, recorria a usá-lo para masturbá-lo múltiplas vezes que fossem necessárias para acalmar sua necessidade noturna. Era provisório, mas pelo menos não machucava a ninguém. Não repugnava a ninguém. Não usava a ninguém, salvo a si mesmo. Talvez o destino lhe estava oferecendo uma segunda oportunidade de recuperar seu autocontrole antes que cometesse um terrível engano.

Se ele mesmo pudesse persuadir-se de procurar seu próprio clímax pelo menos meia dúzia de vezes aqui em sua habitação, possivelmente poderia tirar do fio. Não era muito tarde para convocar a uma Shimmerskins para aliviá-lo se isso não funcionava. O que era uma noite mais com somente sua mão e mulheres conjuradas para agradá-lo? Depois de saciar uma quantidade de vezes, deveria ser

capaz de abrir passos para a garganta para continuar fodendo. Quanto mais longe do Jordan, melhor.

Tirou creme de seu pote. Meio sentando-se sobre a penteadeira, agarrou seus pintos febris, uma em cada mão. Os mastros de seus irmãos se estavam escorregando dentro de suas mulheres agora. Nick estaria com Jane na garganta sagrada sob a lua cheia. Lyon estaria afastado em alguma parte em Paris, muito provavelmente tomando Shimmerskins baixo ele, a menos que já tivesse encontrado à terceira filha do Feydon. O aumento no desejo de seus irmãos enviou um novo espasmo de fome que agitou bruscamente suas vísceras. Muito logo seus irmãos estariam totalmente entregues a seu emparelhamento. Os deuses o ajudam então.

Com mãos instáveis, começou a massagear-se, rogando ter a força de vontade de manter-se afastado da mulher que esperava em sua cama. Gravemente, ordenhou os eixos congestionados em suas mãos fortes da raiz à coroa e de volta. Bombeou ritmicamente enquanto se estiravam e engrossavam até o ponto da dor. Mas o tato de um punho não era o que ansiava. Seu desespero cresceu.

Um ruído repentino o alertou de que não estava sozinho. Girando sua cabeça, viu que Jordan o tinha seguido e estava na porta entre suas habitações agora. Vadiava contra o marco da porta olhando-o por debaixo de suas pestanas entrecerradas.

Por que tinha deixado sua cama?

Ficou de pé e girou suas costas para ela, sem deixar de acariciar-se em nenhum momento, somente para dar-se conta que ela podia ver seu reflexo no espelho. Ainda assim, manteve o movimento de suas mãos, necessitando o estímulo.

— Fecha a porta, — resmungou entre dentes, seu tom perigosamente plano.

— Usa minha cama. Dorme.

Fez uma careta.

— Sentia saudades.

A frustração brotou nele. Era possivelmente melhor que visse o ser metade besta que realmente era sempre que chegava a lua cheia e aprendesse a lhe ter medo. Girou para olhar para ela outra vez, deixando-a vê-lo em todo seu esplendor. O bombeamento de seus punhos abarrotados de creme era forte agora, luxurioso. Seus pênis duplo se sobressaíam de seu corpo como grandes salsichas largas e gordas desde suas cobertas.

Mas não correu. Somente olhou seus olhos enfeitiçados pelo movimento de suas mãos.

Olhando-a a sua vez, Raine notou os sinais sutis de sua excitação sexual. As estruturas venosas eram mais visíveis em seus peitos. Seus lábios tinham adquirido uma curva sensual e suas bochechas estavam vermelhas e acaloradas. Seu aroma pessoal de fada se estendeu para ele, embriagando-o.

Por que não estava enojada? Pensava que todos os homens trocavam desta forma estranha sob a lua cheia, lhes crescendo pelagem e um segundo pênis?

Sua mão se elevou. OH! Gentilmente, acariciou com seus dedos um mamilo cor vinho e suspirou brandamente com um murmúrio. Brincou com o pequeno botão de carne, enroscando e atirando. Sua outra mão se moveu rapidamente para baixo, encontrando seu próprio pênis pequeno. Já estava erguido. Tomou entre seu polegar e seus dedos e o acariciou imitando os movimentos dele em seus pintos.

Desde que tinha entrado em sua antecâmara se esteve cambaleando no fio entre a fria razão e a necessidade. Ao vê-la tocando-se, caiu totalmente pelo bordo da demência entontecedora da luxúria enlouquecida.

Todas suas idéias de evitá-la esta noite o abandonaram. Era dele. Possuiria-a quando fora necessário fazê-lo. Malditos fossem todos.

Endireitou-se, agarrando o pote de creme.

Com olhos ardentes, ela olhou o forte vaivém de seus pintos enquanto avançava.

— Necessito-te, — disse-lhe com voz áspera. — Me desculpo se te causo alguma angústia.

Somente assentiu com a cabeça.

— te apreço.

— Baco! Um cordeiro para o massacre, — espetou. Agarrando seus ombros, voltou-a e a pressionou contra a parede mais próxima. Aplanando sua palmas sobre o muro, ela esfregou seus mamilos pelo empapelado da parede — uma gravura em veludo de imitação com um padrão que sua ex-esposa tinha escolhido conscientemente para esta habitação.

Inclusive quando foi separar suas pernas com seus joelhos, ela já estava as abrindo para ele. Ele introduziu uma mão profundamente no pote de creme retirando o remanescente como se dirigisse uma pá. Então deixou o pote cair ao piso onde o que subtraía de seu conteúdo gotejou devagar sobre o custoso tapete. A tintura que ficaria como resultado seria uma lembrança desta noite para sempre.

Colocando-se atrás dela, sua mão embebida em creme baixou através de suas coxas. Ao descuido, esparramou uma grande quantidade do creme através de seu pêlo púbico e ao longo das roliças dobras de seus lábios, então subiu mais ainda para umedecer a fenda de seu traseiro.

Seu polegar pressionava no anel que encontrou ali.

— Quando começar a escavar para dentro aqui, empurra para fora com seus músculos internos, — ordenou. Mas ela não respondeu.

— Jordan—!

— Sim, sim, escuto-te, — disse. — Tratarei, mas é difícil recordar.

Amaldiçoando-se por ser um bastardo luxurioso, aproximou-se dela, agarrando um pau empapado em creme em cada mão. Haveria tempo suficiente para as desculpas depois. Localizou-se a larga coroa de seu pênis de homem justo dentro de sua abertura vaginal, empurrou as bochechas de suas nádegas as separando com a cabeça de seu pênis pélvico, encontrando rapidamente a abertura ao longo da fatia de seu cú.

Jogou uma olhada ao jogo da sagrada luz da lua sobre suas suaves costas e

as curvas de seu traseiro. Deuses era formosa.

Plantou uma mão sobre a parede junto a sua cabeça. Sua outra mão se deslizou pela parte baixa de seu estômago, empurrando-a para fora para elevar seus quadris, oferecendo-se a si mesmo. O músculo que protegia a entrada de seu cú, mas sua coroa esporeou e esporeou. Ela lançou um grito entrecortado e ele se deteve por um momento, acariciando-a.

Segundos depois ela girou sua cabeça, murmurando.

— Por favor, estou morrendo de desejo. Entra em mim.

Suas palavras nem tinham desaparecido no ar antes que ele se afundasse profundamente em seu reto e vagina com uma poderosa empurrada. Embora seu sangue sátiro o insistia, forçou-se a ser cuidadoso com ela, lhe dando tempo a seu corpo a acostumar-se. Quando ela gemeu se sentiu aliviado. Quando suplicou, ele trabalhou tenazmente para frente. A contra gosto, suas fendas receberam mais e mais dele, até....

... Por fim, ambos os paus — a de sátiro e a de homem — foram enterradas por completo nela.

— É muito estreita, — disse contra sua orelha.

— Isso é mau? — suas palavras eram trementes e sabia que seu corpo ainda se estava ajustando a ele.

— Não, é... — procurou as palavras para descrever a sensação de ter seus pintos alojados em seu interior e encontrou que nenhuma era suficiente — Bom. É bom, Jordan.

— Estou feliz. — sua mão se voltou para acariciar sua bochecha e ela girou sua cabeça para beijar sua palma.

Abraçando sua mão na sua, pressionou-a a parede quando começou a bombear seus pintos em calculadas arremetidas e retiradas. Seus dedos se entrelaçaram, acasalando da mesma forma em que faziam seus corpos. Tratou de manter um ritmo cometido, enganando-se si mesmo com que ainda se encontrava ao mando de seu raciocínio.

Mas o Chamado fez uma paródia de seu controle alagando-o de repente com cruel necessidade. Quando começou a mover-se com ele, o instinto animal o surpreendeu e sua mesma existência ficou reduzida a um só objetivo — foder a sua companheira.

Deu tudo de si mesmo até o êxtase primitivo de seu acoplamento sob a plenitude de uma lua sagrada. O ar saía de seus pulmões em ásperos fôlegos cada vez que se chocava contra ela, e ela respirava com pequenos e palpitantes ofegos cada vez que se retirava. Saboreou seu pescoço enquanto sussurrava. Às escuras palavras da velha língua do sátiro caíram de seus lábios espontaneamente, atando-a a ele nas antigas formas.

Suas palavras degeneraram logo em grunhidos sem sentido relacionados com o ritmo de seu foder. Largos momentos passaram em que somente seus monótonos gritos entrecortados e a bofetada úmida de carne contra carne aliviavam o silêncio. Não tinha idéia se o corpo feminino ante ele estava

experimentando prazer ou dor. Seu próprio corpo se tornou egoísta, dedicado unicamente a sua própria fome raivosa enquanto se lançava para o clímax.

Fodeu grosseiramente, incapaz de reter algo de si mesmo no calor do Chamado. Incapaz de ter com ela o cuidado devido. A besta nele a perfurou, chocando-se contra ela com uma força que fazia vibrar e avermelhar as bochechas de seu traseiro.

O clímax brotou nele. Grunhiu — um som baixo e selvagem que vibrou com o propósito carnal que o impulsionava.

Abriu suas pernas o mais possível, até que suas suaves coxas ficaram estendidos sobre a sua coberta de pelagem sustentando seu peso. Seus pés penduravam a seus flancos enquanto seus impulsos a cravavam contra a parede.

Repentinamente, seu corpo inteiro se esticou. Um rugido primitivo se rompeu de sua garganta quando.... Se.... Lançou.... Desde.... O.... Limite.

Correntes gêmeas de fundido esperma golpearam desde suas bolas a seus pintos, arrojando suas pegajosas e molhadas sementes no profundo de seu corpo de mulher. Vagamente, escutou-a respirar com dificuldade ante a sensação inesperada. Seu gozo insistiu a seu corpo sobre o fio de seu próprio precipício e sentiu as paredes de seus condutos contrair-se sobre ele quando encontrou seu próprio orgasmo de mulher.

Seu corpo tragou seu leite em rítmicas baforadas. Juntos, ascendeu cada onda, ofegaram quando chocou sobre eles, relaxaram-se durante sua vazante, somente para ficar de pé outra vez.

Quando a última quebra de onda de seu clímax ao final se tornou preguiçosa, ela desabou sua testa contra o antebraço que tinha mantido assegurado contra a parede, tratando recuperar sua respiração.

— Isso foi...

— Assombroso. — Seu peito pressionou o Calor de suas costas e rodeou sua cintura com seus braços, em um breve abraço agradecido. Beijou sua têmpora, o rubor de seu maçã do rosto, os úmidos cachos de seu cabelo que se aferravam a sua nuca.

Seu olhar encontrou a janela. A lua não se moveu muito em seu passo pelo céu. O Chamado permaneceria sobre ele até o amanhecer. Poderia resistir seus cuidados até então?

Embora tinha chegado ao clímax, o calor de sua paixão ainda bulia. Morreria se não pudesse tê-la outra vez. E outra.

Ela se sacudi alarmada quando seu pássaro pélvico tremeu e se retirou lentamente dela.

— O que está passando?

— Meu segundo pau está pronto para dormir, — disse-lhe.

Satisfeito, retrocedeu dentro dele, ao lugar onde permaneceria até o próximo Chamado. Mas seu pênis de homem permaneceu bem enraizado dentro dela, ainda vibrando com entusiasmo.

Sua luxúria se incharia perigosamente outra vez dentro poucos momentos.

Mas teria tempo de trocar de lugar antes de possuí-la outra vez. Levantando-a fora de seu eixo remanescente, levou-a a sua habitação colocando-a de costas sobre sua cama. Prazerosamente, observou-o trocar de lugar.

A visão da pequena e tímida vara que estava estendida dura e insatisfeita sobre seu estômago fez que a saliva arrebetasse sobre sua língua. Sem pensar, baixou sua cabeça, lambendo a pérola de líquido pre-seminal que encontrou em sua cabeça.

Ela voltou para a vida, cavando seus calcanhares no colchão e empurrando-se a si mais alto ao longo da cama até que ficou apoiada sobre os travesseiros.

— O que pensa que está fazendo?

Olhou-a aborrecido.

— Não te opôs quando me cresceu pelagem e um segundo pênis, mas agora te surpreende por meu desejo de fazer isto? — assinalou para seu pênis.

Ela o escondeu sob sua mão e agitou a cabeça.

— Simplesmente é uma parte de mim mesma que nunca considerei compartilhar desse modo contigo.

Ele passou suas palmas sob seus joelhos, tomando uma de suas pernas em cada mão e abrindo as de par em par a seus flancos. Atirou devagar até que o interior de suas coxas encontrou seus joelhos dobrados e se reclinou para baixo outra vez. Seus olhos se cravaram nos seus enquanto se encurvava e beijava o flanco da mão que estava estendida sobre seu mastro. Sua língua girou entre seus dedos, lambendo no membro que tratava de proteger.

— Nunca provei outro pau, — disse-lhe entre beijos. — Nunca levei um entre meus lábios. Nunca considerei sequer fazer tal coisa. Mas este pau em especial é parte de você. Se formos amantes, não podemos deixá-lo interpor-se entre nós. Bem, suponho que poderia interpor-se entre nós às vezes.

Olhou-lhe furioso.

— Atrave-te a brincar sobre algo como isto?

— Estou tratando de te relaxar.

— Me relaxar? — deu um apertão rápido a seu mastro, sentindo quão inchado estava. — Não está funcionando.

— Então seria melhor que movesse sua mão e me deixasse aplicar algo mais que palavras.

Ela se mordeu o lábio inferior.

— Não estou segura.

Provou outra tática. Brandamente esfregou o centro entre seus lábios, sentindo a leve redondeza onde os testículos os tinham dotado de uma plenitude anormal. Com ambos os polegares, separou as dobras que protegiam sua vagina.

Deuses, seu coelhinho era a coisa mais formosa que tinha visto jamais. Com um coração de veludo com pétalas rosadas girando ao redor de seu centro. Lambeu-o, saboreando-o. Um pouco de seu sêmen se filtrou dela, deslizando-se sobre os lençóis. Suas sementes. Mas não suas sementes de vida. Tinha tomado cuidado.

Ela gemeu e sua cabeça recuou.

Seu índice substituiu sua língua e sentiu que seus músculos interiores se contraíam e o aferravam. Sua boca foi subindo até empurrar outra vez a mão que agarrava seu pau. Seus dedos se moveram lentamente, só um pouco. Apenas o suficiente.

Colocando em ângulo sua cabeça, tomou a base de sua raiz em sua boca, deslizando-se tudo ao longo dela. Abaixo, seu dedo continuou jogando, evitando seu preguiçoso canal logo entrando so para retirar-se.

Seus dedos ficaram tensos, logo se relaxaram e se moveram lentamente um pouco mais acima, para seu umbigo. E logo mais acima ainda. Ele aproveitou cada retirada, trocando de lugar sua boca molhada e aberta para conquistar cada centímetro do terreno descoberto. Até que, finalmente, sua mão se retirou a sua cintura e a teve.

Sua língua girou sobre o suave veludo cor ameixa em que terminava seu pênis. Então reclamou a totalidade de seu prêmio, envolvendo-a completamente no calor escorregadio de sua boca.

Ela sorveu bruscamente e logo exalou com um comprido gemido quando ele pôs a trabalhar firmemente seus lábios em forma de O sobre sua coroa, chupando, sorvendo, e puxando seu prepúcio. De vez em quando acariciava a raiz e logo retornava à coroa para fazê-lo outra vez. Nisto, havia poucas conjeturas para ele. Tendo um pau — às vezes dois — ele mesmo, sabia exatamente o que era o que lhe daria mais prazer.

Sua pele se arrepiou e suas coxas se estremeceram. Seus joelhos se elevaram.

Aferrou-o pelo cabelo, lhe empurrando sem entusiasmo.

— Sente-se muito bom. Talvez deveria te retirar, — sussurrou. — O que se gozo antes que o faça?

— Beberei-o.

Seus olhos se alargaram, fascinados.

— OH Deus. — ela se arqueou novamente para trás, expondo sua garganta. Muitos segundos depois seus dedos se cravaram nas mantas as aferrando quando Seu pau convulsionou, vertendo-se em sua garganta. Só arrojou algumas gotas com cada espasmo, mas ele saboreou o gosto fortemente salobre e doce do sêmen dela. Brandamente, chupou, tomando-o tudo até que não teve nada mais para dar.

Então ficou elevada sobre ela.

— Jordan, — murmurou. Tomou tudo o que ficava dentro dele, mas convocou a sua humanidade para perguntar de algum modo. — Te necessito. Pode me receber dentro de você outra vez aqui? — tocou com um a fenda entre seus lábios.

As pestanas de Jordan ondearam e seus olhos aturdidos lhe olharam. Lambendo seus lábios, as arrumou para assentir com a cabeça.

Algo se arrebentou dentro dele quando viu sua própria luxúria refletir em seus olhos. Não lutaria contra ele, nem o rechaçaria. Depois, quando estivesse dolorida por seus cuidados, apresentaria-lhe o outro aditamento do Chamado — o

buscador. Desdobrar-se em toda sua longitude desde seu coxís. Farejando suas fendas, encontraria-as e segregaria um bálsamo curador que curaria qualquer rasgão que sua posse tivesse causado, lhe permitindo continuar seu acoplamento com ela até o amanhecer.

Aproximando-se ainda mais, beijou seus lábios. Ela apoiou suas mãos sobre seus ombros e lhe dedicou um doce sorriso. Seu pau estava brando entre eles agora. Ele ainda podia sentir seu sabor em sua boca.

Devolvendo seu sorriso, permitiu que o desfrute escuro do Moonful o surpreendesse completamente outra vez. Para arrastá-lo em um vórtice carnal onde podia encarregar-se de suas necessidades e concentrar-se somente em seu prazer e o dele. A roliça protuberância de seu congestionado pênis encontrou o caminho a casa, na profunda umidade acolhedora de seu interior.

Capítulo vinte e três

A manhã seguinte, pela primeira vez em seus vinte e sete anos, Raine despertou com uma mulher em sua cama. Uma mulher que, pelo bem deste mundo, estava destinada a ser sua esposa já fora que ela o desejasse ou não.

Felizmente para ele, quem logo seria sua esposa parecia bem cômoda onde era no momento – apoiada contra ele. Sua mão estava entre suas pernas agora, jogando ociosamente com sua umidade. Uma umidade copiosa para a que seu pênis era responsável.

O Chamado os tinha amarrado ontem à noite, mais totalmente do que centenas de emparelhamentos em noites em que a lua se via como uma lasca no céu podiam obter. O laço entre eles cresceria mais forte com o tempo, com futuros emparelhamentos sob futuras luas cheia.

Junto a ele Jordan dormia como todas as mulheres o faziam sempre depois de um Chamado. Havia uma pálida marca sobre seu pescoço. Levantou o lençol e encontrou vários mais sobre seus peitos. Ontem à noite seu controle tinha soltado sua correia. Tinha sido incapaz deter-se e a havia possuído uma e outra vez. Tinha sido bom. Um prazer doce e puro. Agora que seu corpo tinha provado o seu durante o Moonful e não poderia voltar atrás.

A frustração contra si mesmo – por sua falta do controle – cresceu nele. Uma mão suave se curvou sobre seu quadril.

– Quero-te, – murmurou Jordan. Seus olhos eram sonhadores, sua pele morna e vermelha pelo sonho.

Ele se endureceu e rodou de sua cama.

– Não, – informou-lhe, colocando uma camisa. – Não o faz.

– Não o faço? – perguntou incorporando-se sobre um cotovelo, moldou

seu travesseiro e tratou de brincar com ele. — Por que não volta para a cama e me deixa te persuadir de outra maneira.

Não havia nada que ele desejasse mais. Sabia que sua racha não estava rasgada ou inflamada. O buscador se encarregou de sua comodidade intermitentemente. Inclusive depois do longo tempo de libertinagem passada, ainda podia possuí-la outra vez agora mesmo sem machucá-la. Seu pau endureceu ante a idéia.

Mas sua mandíbula também se endureceu.

— Tenho trabalho que fazer. As parras me necessitam.

— Podem esperar um pouco, não? — inclinou-se para diante de forma que seus mamilos aparecessem por cima da colcha.

Atirou de suas calças.

— Dorme. Deve estar cansada.

Recostou-se, bocejou, e estirou seus braços por cima de sua cabeça.

— Sim. Você não o está?

— O sátiro se revigora depois de uma noite de Chamado. Nossas vítimas femininas têm a reação oposta.

Esse manto implacável de controle estava de volta. Entretanto, agora Jordan sabia mais sobre o que se escondia por debaixo dele. As paixões do Raine tinham derrubado totalmente seu autocontrole a noite passada. E ela o tinha adorado. Amava-o. Mas intuía que somente se retiraria mais se persistia em tratar de retê-lo ali essa manhã.

Bocejou outra vez, lhe olhando fixamente com perspicazes olhos negros.

— Não importa o que creia, não fui sua vítima ontem à noite. E te quero, sabe.

— Soube mais sobre o que sou ontem à noite, — disse enquanto colocava as abas de sua camisa na cintura de suas calças. — Mas não me conhece. Não me conhece no mais mínimo.

— O que é tão terrível que trocaria meus sentimentos sobre você?

Os músculos de seu peito se esticaram e um tendão se flexionou com o passar do flanco de seu pescoço, o que foi visível pela abertura de sua camisa. Ele se estremeceu enquanto o observava, parecia que estivesse a ponto de romper-se em mil pedaços.

Ela se sentou de repente.

— Raine, o que acontece?

Viu o vestido que lhe tinha tirado a noite anterior jogado sobre o piso e o elevou para oferecer-lhe. Sua expressão se tornou consternada quando ao parecer recordou como o tinha esmigalhado. Lançando-o ao piso, avançou com passos majestosos a sua habitação. Escutou-o abrir seu roupeiro. Quando retornou, atirou-lhe um vestido fresco, sapatos, e um xale.

— Se vista e vêem comigo, — disse. — Te mostrarei quem é o que pensa que amas.

Depois de colocar as botas, ficou de pé sobre ela, mais impaciente que o que

alguma vez o tivesse visto. Assim que obedeceu a suas instruções a arrastou quase através da casa, fora pelo jardim traseiro e mais à frente.

A luz do amanhecer era de um rosado nebuloso e se filtrava através do dossel de espinheiros. Diante, uma brisa fresca varria o pálido sol matutino ao outro lado de uma pradaria coberta de erva de cor âmbar pela geada da manhã.

Raine sujeitou seu pulso, devorando-a para frente como se esperasse que tratasse de escapar. Mas o seguiu voluntariamente, querendo conhecer o que era que revelaria de si mesmo.

Fez-a avançar, através do rangido das folhas caídas do outono e baixo a refloresta onde o phlox¹ arroxeadado e o trevo vermelho cresciam selvagens. Pequenos montículos de flores fay e tomilho se elevavam aqui e lá. O ar cheirava a rocío e amanhã úmida.

De vez em quando, levantava-a sobre uma parede de pedra cheia de líquenes, ou um arroio, ou sujeitava os ramos a um lado para que ela passasse. E ela saboreou cada um desses pequenos cuidados e quase se sentiu feliz de tropeçar com tais obstáculos ao longo de seu caminho.

Então atravessaram uma série de colunas coríntias com forma de estátuas e entraram em um grande claro circular. Raine a empurrou ao centro dele, onde se deteve repentinamente. Ele permaneceu de pé atrás dela, com seus dedos fincando-se em seus braços.

— Aqui. Olhe.

No frágil silêncio, esperou que ela recebesse seu entorno. Ela fez o que lhe pedia, olhando tudo a seu redor, absorvendo tudo. Por que havia a trazido aqui? O que é o que desejava que visse?

Os altares salpicavam a garganta como brilhantes mesas brancas em um banquete de bodas, esperando a chegada das visitas. Ao redor do bordo exterior do claro, pálidas estátuas se erguiam gigantescas formando um anel. Havia dúzias delas, todas cinzeladas finamente em cada artístico detalhe. Eram formosas. Lascivas. E estranhamente familiares.

Uma corrente de súbito reconhecimento atravessou sua espinha.

Caminhou pelo claro e girou em um círculo lento, seu olhar movendo-se a uma estátua, logo a seguinte e a seguinte e a seguinte. Até os longínquos limites do claro.

Nervosa, abraçou-se, medindo o chão ao redor de seus pés.

— Há serpentes aqui?

— Serpentes? — olhou-a como se estivesse falando em uma língua estrangeira. — Não. Por que pergunta isso?

Encolheu-se de ombros, envergonhada.

Como se avançasse em sonhos se deteve frente a uma das estátuas. Era uma

¹ **Phlox** Nativa do estado do Texas nos Estados Unidos, a flox é uma planta de cerca de 30 cm de altura e apresenta ramagem densa, macia e folhas verde-claras em forma de lança. As flores surgem em pequenos buquês, e podem ser de diversas cores e formas, principalmente brancas, azuis, roxas, vermelhas ou róseas, com mesclas entre estas cores.

particularmente atrativa, de uma ninfa. Escassamente vestida com somente um véu transparente para cobrir sua nudez, a criatura sorria desde seu pedestal, lhe fazendo gestos a todos para que se aproximassem e se reunissem com ela para a farra sensual.

Jordan se aproximou mais. Sua mão se deslizou sobre o granito brilhante de um pé imaculado vestido com uma delicada sandália.

– O que é este lugar? – perguntou impressionada.

– Um lugar para acasalar. – a voz do Raine era fria, cortante. – Um onde os rituais pagãos de meus antepassados foram representados uma e outra vez, durante todos os séculos. Um lugar aonde meus irmãos e eu nos reunimos uma vez ao mês no Moonful. Onde nossos corpos trocam de formas em que nos convertemos em mais besta que homem. Onde sou conduzido a foder sem sentido do anoitecer a amanhecer.

Justo como a noite passada. Com ela.

Olhou-o.

– Deve odiar isso. Perder o controle.

Ele assinalou para as estátuas com expressão torturada.

– Olhe. Os Silenus bêbados, Pan com sua flauta, Ménades nuas. Uma orgia de bêbados de comportamento desviado. Isto é o que são. O que sou.

Deu-se conta de que queria assustá-la.

– Se quer te afastar de mim, – disse-lhe. – Fora de suas próprias Origens, faz-o agora. Não prolongue este fingimento do amor.

– Minhas próprias Origens?

– Nós – você e eu – viemos de um lugar chamado Elseworld. – lançou-lhe as palavras como se fossem pedras, esperando contundi-la. Para avaliar a magia é capitalista ali da mesma maneira que a névoa é algo comum aqui. E toda sorte de criaturas fantásticas vivem ali.

Leu a verdade do que dizia em seu rosto.

– Há outros como eu ali?

Assentiu com a cabeça.

– E são aceitos ali?

– São reverenciados, retidos em haréns dos mais rico e mais fortes homens e bestas.

– Assim não são livres.

– Não, não são livres. – voltou-se.

Tinha compartilhado seus segredos com ela – estes segredos que o faziam o que era. O que ela era. Também confiaria nele.

– Estive aqui antes, – disse-lhe.

Ele se voltou rapidamente, comocionados.

– O que disse?

Permaneceu em silêncio, indecisa de lhe dizer nada mais.

Fez um gesto que abrangia a garganta inteira.

– Meus irmãos e eu levantamos um muro de poder ao redor desta área.

Ninguém pode entrar sem nossa permissão.

– Digo-te que estive aqui antes. Demonstrarei-lhe isso.

Fechou seus olhos. Sem olhar, começou a nomear as estátuas em ordem, inclusive umas cujas características estavam muito distantes para que pudesse as ver.

– Está Baco, o deus de vinho. Há quatro ninfas a seus pés. Depois estão os fornecedores barbudos – quatro deles com seus pênis incrustados em mulheres. E logo há dois Ménades² acariciando a um sátiro. E Príapo³ está ali...

Raine tomou seus cotovelos, e a obrigou a que abrisse os olhos para poder olhá-la atentamente.

– Como é que os viu?

– Em meus sonhos, faz muitos anos quando cumpri treze. Nesse tempo pensava que eram esculturas de gelo. Mas vejo agora que são de pedra. Eram exatamente assim em meu sonho. – assinalou com o dedo para o bordo distante da garganta. – Exceto Nick e Jane estavam de pé aí, ao longe, claro que é obvio não sabia então quem eram.

Sua expressão trocou por uma de surpresa.

– Olhe. Ali estão agora.

Como se os tivesse convocado, Nick e Jane tinham aparecido no limite longínquo da garganta, de mão dadas. Vendo Raine e Jordan, aproximaram-se para reunir-se com eles. Jordan não pôde evitar notar quão desalinhados estavam. O cabelo de Jane estava enredado e seu vestido manchado de erva. Tinham passado a noite juntos, aqui na garganta como Raine havia descrito antes?

Jane lhes lançou uma expressão envergonhada e logo falou com o Nick brandamente:

– Continuarei a casa e me arrumarei.

Mas Nick intuía a tensão no ar e manteve sua mão na sua.

– Não, fica no momento. – passou um braço sobre sua cintura e a apoiou contra ele para sustentar seu peso.

Assentindo com a cabeça, se enroscou contra ele e ocultou um bocejo com sua mão.

Vendo-a, Jordan não pôde evitar bocejar também.

As duas mulheres sorriram com cumplicidade, cada uma sabendo o porquê do sorriso da outra.

– O que acontece? – exigiu seu irmão cortante.

– Jordan me diz que esteve sonhando. Tendo pesadelos, – disse-lhe Raine francamente.

² Na [mitologia grega](#), as **Ménades**, ou **Mênades**, (de *mainomai*, "enfurecido"), também conhecidas como **bacantes**, **tiades** ou **bassáridas**, eram mulheres seguidoras e adoradoras do culto de [Dioniso](#) (ou Baco). Eram conhecidas como selvagens e endoidecidas, de quem não se conseguia um raciocínio claro.

³ **Priapo** ou **Príapo** (em [grego](#): Πρίαπος, [transl.](#) *Príapos*) é o [deus grego](#) da [fertilidade](#), filho de [Dionísio](#) e [Afrodite](#). ^[1] Sua imagem é apresentada como um homem idoso, mostrando um grande [órgão genital](#) ([ereto](#)). Priapo era considerado como protector de [rebanhos](#), [produtos hortícolas](#), [uvas](#) e [abelhas](#).

Nick se encolheu de ombros.

– E?

– Os sonhos começaram aos treze anos, – acrescentou Raine deliberadamente.

Isso pareceu acender o interesse do Nick.

– E isso o que? – perguntou Jordan. – O que tem de transcendental?

– É a idade da mudança, – disse Nick e logo olhou a sua esposa que dormitava contra ele, acariciando seu cabelo brandamente enquanto a apertava contra seu flanco. – Jane também despertou a seus poderes do Elseworld aos treze.

Poderes do Elseworld? Jordan se abraçou a si mesmo, desejando repentinamente que Raine também a abraçasse. Mas sua preocupação estava em outro lado.

– Nos conte, – ordenou.

Jordan endireitou seus ombros, preparando-se para revelar seus segredos mais profundos.

– Bem, o primeiro pesadelo que posso realmente recordar se apresentou na véspera de meu décimo terceiro aniversário. Mas isso não é anormal. Os aniversários nunca foram oportunidades agradáveis para mim. Os sonhos que tenho nessas datas nunca são bons.

Jane abriu rapidamente os olhos. Assim não tinha estado realmente dormindo depois de tudo.

– O que ocorreu nesse primeiro sonho? Pode recordá-lo? – perguntou afetuosa.

Jordan estirou suas mãos em direção à garganta.

– Vi este lugar. As estátuas me assustaram então. Pareciam tão luxuriosas. Sonhei com elas de vez em quando durante os passados seis anos.

– E seus outros sonhos? – perguntou Nick.

– A maioria dos sonhos me vêm como séries de três eventos desconexos. São freqüentemente muito desconcertantes para interpretar ao princípio. Mas insinuam coisas que posteriormente ocorrem. Por exemplo, quando conheci o Raine, fui atraída pelas fitas que levava. Tinha sonhado com elas. Sonhei que me ofereciam... – devido a que Raine tinha negado seu amor, foi precavida a respeito a reiterá-lo em frente de seu irmão. – Algo bom, – terminou fracamente.

– Justo antes de vir aqui, começou outra série de sonhos, – as palavras saíram precipitadamente de sua boca. – O primeiro se cumpriu em Veneza. – deixou de falar e logo se precipitou, tratando de evitar a lembrança da pomba e a terrível visão de sua mãe morta. – O segundo foi sobre meias azuis, e logo me meti em um tanque de uvas na festa da colheita, resultando em pés azuis. Algo que parecido a meias azuis se você pensar nisso. Agora, somente a terceira visão da sequência do sonho falta ocorrer. Assim que ocorra, sonharei indubitavelmente um trio completamente novo.

– Descreve esta terceira visão, – incitou-a Raine.

Jogou uma olhada a seu redor e sua voz se fez cada vez mais suave, cheia de lembranças.

– Estou caminhando por um parque – como este mesmo. É mais escuro, entretanto. É de noite. Há pilares brancos, estátuas, e altares como os daqui.

– Segue, – disse Nick.

– Também há uma serpente ali me esperando. Não quero ir a ela. Quer me dar algo. Um presente. Não sei o que é, mas não o quero. Mas ainda assim, a serpente consegue me obrigar a me aproximar. Se aceitar seu presente, terei que abrir uma porta e deixá-los entrar. Não me perguntem por que não sei quem é "Eles".

– Como te aparece a serpente em seu sonho? O que parece? – perguntou Raine.

Jordan levantou e deixou cair seus ombros em um gesto de encolhimento de ombros.

– Como uma serpente. Retorcida, tirando a língua. Olhos pequenos e maliciosos. Vitoriando.

– Há manchas especiais sobre suas escamas? – perguntou Nick.

– Não tem escamas, agora que o menciona. É suave, – disse. – Negra. O que supõe que representa?

– É obviamente um receptor, – disse Jane, piscando sonolenta. – Poucos possuem tal talento no Elseworld.

Jordan pôs os olhos em branco.

– É obvio mais do mesmo. O que é um receptor?

Sobre sua cabeça Raine e Nick trocaram um olhar terminante.

– Seria muito valorada pelos descendentes do Feydon, – disse Nick. – E só com o propósito de poder adquirir um apoio para pôr o pé em Earthworld.

– Alguém me dirá do que está falando?

Raine a observou um momento.

– Parece-te com seu pai? – perguntou.

Jordan atirou de um de seus cachos até os ombros, assombrada de aonde poderia conduzi-los tudo isso.

– Não especialmente. Nunca o conheci, mas vi seu retrato. Pareço-me com minha mãe.

– Isso é porque o homem que você crê que te procriou não foi na verdade seu pai de sangue, – disse-lhe Raine francamente. – Sua mãe te proporcionou sangue humano. Mas também tem sangue das fadas em suas veias, dada a você por seu verdadeiro pai de sangue, um rei de um mundo que liga com este.

– O que está dizendo? – chiou Jordan.

Raine, Nick e Jane assentiram com a cabeça ao unísono.

Jane moldou sua mão, lhe brindando consolo.

– O conhecimento virá com o tempo. Depois da castigada consideração, descobrirá que muitos acontecimentos em sua vida até agora começarão a ter sentido tendo em conta este novo contexto.

Assim que o sonho de sua mãe sobre as circunstâncias da concepção do Jordan fazia dezenove anos não tinha sido um sonho absolutamente. Tinha sido legítimo. Permaneceu de pé ali, cambaleando-se.

Nick olhou a sua esposa carinhosamente.

— Jane é sua irmã, proveniente do mesmo pai, mas uma mãe diferente.

Irmã? Estas notícias comissionaram ao Jordan de uma maneira que não soube o que dizer. Inteirar-se de que não estava sozinha no mundo e que esta criatura doce mulher era seu parente parecia mais ridículo que tudo o que tinha escutado antes. Olhou a Jane com um novo interesse.

Jane lhe sorriu.

— Me alegro de que finalmente saiba. Nosso pai do Elseworld foi o que enviou uma carta ordenando ao Nick e Raine que nos encontrassem. A carta afirmava que nós e uma terceira irmã que tem que ser encontrada estávamos em alguma classe de perigo.

Jordan os olhou aos três de um em um, logo dirigiu seu olhar ao Raine.

— Assim que nossa reunião não foi fortuita? Trouxe-me aqui devido às instruções que recebeu em uma carta de um mundo contíguo? — perguntou imperturbável.

— Trouxe-te aqui para te oferecer meu amparo, — disse Raine, plantando suas mãos em seus quadris.

— Parte desse amparo requer umas bodas, — acrescentou Nick.

Raine olhou furioso a seu irmão.

Jane tomou com sua mão a mandíbula do Nick.

— Esse é um tema privado que devem falar entre eles, não, querido? Agora, estou exausta. Levaria-me a casa?

Atirando de seu braço, persuadiu-o a abandonar a garganta. E Jordan e Raine ficaram a sós, rodeados por silenciosas criaturas de pedra.

Raine atirou uma manopla.

— pedi a um clérigo que faça os preparativos.

— O que? Por quê?

— Para poder te converter em minha esposa, é obvio.

A idéia de adquirir a um marido era em realidade uma noção estranha e quase proibida. Jordan se permitiu a si mesmo imaginar-se por um momento tal possibilidade e logo agitou sua cabeça.

— Sinto muito, mas minha resposta deve ficar em não, — disse.

Seu tom se tornou frágil, beligerante.

— Faz menos de uma hora, disse que me queria.

Assentiu com a cabeça.

— Então te case comigo.

— Não, — disse. — Porque você não me quer.

Ele permaneceu silencioso, dando um tácito acordo a sua declaração, ferindo-a.

— E por outras razões, — acrescentou rapidamente, quando viu que ele

estava a ponto de discutir. — Não descida me casar. Nunca.

— E por que diabos? — Raine estava surpreso de quanto importava a ele. Tinha pensado que somente o decreto do Rei Feydon era o que estava forçando sua mão neste tema.

— Se me casar, minha mesma existência ficaria suspensa. Por lei, converteria-me em um satélite de seu planeta.

— E estaria protegida sob minha asa.

— Ou asfixiada ali. — Jordan agitou sua cabeça automaticamente. — Não tomarei um marido — nem você nem ninguém mais.

— Jordan, — começou, obviamente planejando debater mais a fundo.

— Realmente deseja te casar com uma mulher que não é totalmente de sexo feminino? — exigiu elevando sua voz. — Uma que encontrou na Rua em Veneza, nua, salvo por uma máscara e uma capa?

Sua voz se tornou áspera.

— O que foi exatamente que aconteceu para que terminasse nessas circunstâncias? Nunca o disse.

Afastou-se dele para tirar uma folha dourada que tinha caído na superfície de um dos altares.

— Minhas roupas me foram roubadas essa noite. — era verdade. Salerno as tinha tomado. — Salvou do que provavelmente fora um destino horrível e estou agradecida. Mas acredito que qualquer dívida em que incorri já foi paga em sua cama.

A mandíbula do Raine se esticou obstinadamente.

— Se desejás continuar esquentando minha cama, devemos nos casar. Pelo resto, você está em perigo. Elseworld está perturbado. Caótico. Está em guerra. A porta que seu terceiro sonho insinuou é legítima. A muitos nesse outro mundo que gostariam de te levar através dele. Um prêmio como você daria uma vantagem a qualquer das facções.

— É tão mau ali? No Elseworld?

— Uma vez foi um paraíso, — informou-lhe. — Mas não estive ali em anos. Somente Nick foi a esse mundo em épocas recentes como nosso representante. Afirma que alguns setores dali são desagradáveis agora, não aptos para a vida civilizada.

— Disse que há outros como eu aí, com órgãos masculinos e femininos. Possivelmente ali é onde pertenço.

Raine agitou sua cabeça.

— Se for ali poria ao Earthworld em perigo. Os que estão ali no Elseworld cairiam como sanguessugas sobre seu sangue humano. O gole mais diminuto dela permitiria que cem deles passar pelas portas a este mundo. E trariam suas lutas aqui. Uma vez sobre nossa terra, tratariam de subjugar a todos aqueles diferentes deles.

— por que não tomaram a Jane para seus propósitos? — perguntou Jordan.

— Estava casada e se acasalou, com descendentes. Todo isso a protegeu

contra eles. — cravou suas mãos em seus bolsos, jogando uma olhada por toda parte. — Alguns no Elseworld nos estão olhando. Nick e eu o havemos sentido. Não lhe deixarão sozinha até que esteja totalmente unida e atada a mim.

— Como poderíamos nos unir mais totalmente que no tempo passado? — perguntou dissentindo.

Foi para ela.

— Somente quero implicar que um persistente e habitual emparelhamento entre nós, com o tempo e durante o transcurso de meses, seis em mínimo seriam necessários. O qual neste mundo é obvio requer umas bodas.

Fez um ruído enojado e chutou a base do altar.

— Muito bem, darei-te a verdade clara. Você indubitavelmente desejará a meninos de sua esposa. Mas é duvidoso que possa dar isso nem a nenhum outro homem. Sou infértil.

Infértil. A palavra ressonou em sua cabeça como um trovão. Nenhuma mulher era infértil para um homem de sangue sátiro. Durante o Chamado se decidisse entregar sua semente de vida, esta prenderia e cresceria em qualquer mulher com a que se apareace com idades entre os 15 a 115 sem dificuldade.

Acreditar-se incapaz de conceber era algo devastador, mas ele não entendia que ela não era conveniente.

— Escutou o que disse? Você viu o que há sob minhas anáguas. — pôs uma mão sobre sua saia onde cobria suas genitálias. — Devido a isto, é provável não esteja feita para a maternidade. Sou incapaz de te dar herdeiros.

— Não é importante.

— Todo homem quer filhos. — sua mãe o havia dito suficientemente freqüentemente.

— Eu não.

Lançou-lhe uma expressão cética.

Sentiu-se cravado a adicionar uma explicação a seu discurso, um acontecimento anormal. Sempre tinha optado por manter-se em silêncio e lançar o mais feroz ou cativante dos olhares.

— Não sou feito da madeira apropriada para ser pai, — admitiu.

Ela agitou uma mão como se estivesse esmagando um inseto.

— Tolices. Nasceu para ser pai.

Olhou-a surpreso.

— E é uma perita sobre minhas fontes de fortaleza e defeitos, depois de tão pouco tempo de me conhecer?

— Sou-o. — contou suas posses com seus dedos. — É trabalhador, leal a sua família, um professor paciente, endinheirado, inteligente, arrumado, divertido — às vezes. Agora é um dos momentos nos que não.

Sacudiu sua cabeça, desconcertado.

— Conheço-me o suficiente para dizer que não quero filhos. Estarei contente simplesmente tendo uma companheira se a oferta for agradável.

— Uma companheira sexual?

Dirigiu-lhe um olhar exasperado.

— Sim, pelos deuses. Opõe-te?

Ela pestanejou como tinha visto fazer a uma atriz de ópera na Piazza São Marco uma vez.

— No mais mínimo.

Entrelaçando seus dedos detrás de seu pescoço, apoiou-se contra ele e lhe deu um beijo rápido.

— Terei sexo contigo.

As mãos dele se aferraram a sua cintura quando beijou sua garganta.

— Viverei contigo.

Ela se liberou de seu afeto e se deslizou para baixo, beijando seu peito.

— E te amarei.

Ajoelhou-se e desabotoou suas calças.

— Mas jurei que nenhum homem — nem sequer você — terá controle sobre mim outra vez.

Seus lábios pinçaram entre as sombras da abertura de suas calças e tomou em sua boca.

Os dedos do Raine se enredaram em seu cabelo e jogou para trás sua cabeça.

— Esta.... Discussão.... Não há.... Terminado.... Ahhh!

Capítulo vinte e quatro

Os pequenos e maliciosos olhos do Salerno observavam a brecha vertical entre sua porta principal e seu marco. Quando viu o bispo aproximar-se, disse entre dentes:

— Fora.

E fechou a porta de repente.

Mas o bispo tinha viajado toda a distância desde a Toscana a Veneza e não deixaria que o fizesse desistir de sua missão. Pôs seu rosto gordinho perto do lugar em que estava a fresta.

— Sei onde pode encontrar à Maschera, — gritou.

A porta se abriu repentinamente. Salerno estava de pé aí na brecha, com as mãos nos quadris e olhando-o com desconfiança.

— Me diga.

— Dentro de pouco. — o bispo avançou dando empurrões e entrou em sua casa. — Mas primeiro obterei um pouco de tratamento médico de você. Uma cura para falar a verdade.

– Para que doença? – perguntou Salerno, fechando a porta e seguindo-o.

– Uma privada. – os olhos do bispo percorreram a habitação, procurando ouvintes escondidos, então baixou sua voz. – E terei sua promessa de que todas as confidências que compartilhe este dia permanecerão em segredo.

– Sim, sim. Por que deveria mexerica sobre alguém como você? O que é que te aflige pelo amor de Deus com o propósito de que possamos nos mover ao tema mais interessante da informação que poses?

O bispo se inclinou perto dele e cochichou.

– É a enfermidade francesa.

Salerno deu rapidamente um passo para trás. Assentindo com a cabeça, esfregou seu queixo limpo e barbeado com uma mão enquanto observava a sua visita de pés a cabeça.

– A sífilis? Poderia ter adivinhado. Vê-te como alguém que a tem.

– E você te vê como um curandeiro. Tem uma cura?

– Não a tem cada doutor? Quem sabe se nenhuma funciona? Quais são seus sintomas?

– Tumores, febre, dor de ossos, enjôo. Um desejo forte de matar a puta que me pegou esta peste.

– Suponho que não preciso perguntar se te tornaste propenso aos arrebatamentos furiosos, – disse Salerno depreciativamente. – Alguma perda de sensibilidade em suas pernas?

O bispo agitou sua cabeça.

– Me siga então.

Com isso, guiou-o fora da habitação. Quando adentraram mais profundamente nos corredores de sua residência para sua farmácia localizada na parte traseira, Salerno lhe ofereceu uma discussão sobre as várias especulações autorizadas sobre as causas de seu mau.

– ... Em seu trabalho Contagio, o poeta e médico Fracastor aderiu à velha crença de que os planetas têm um papel nos brotos. Quando se alinham de certa maneira, alguns pensam que as condições são mais amadurecidas para o surgimento da enfermidade.

Somente escutando pela metade, o bispo comeu com os olhos os estranhos artigos postos sobre cada prateleira, balcão e mesa que passaram. Asas de morcego desidratados, cadáveres de animal e insetos encolhidos formavam um estranho montão. Finalmente chegaram à parte posterior do estabelecimento. Uma porta levava a uma área pequena cercada cheia de vários mecanismos estranhos no exterior.

– Desejas me revisar agora? – perguntou o bispo, fazendo gesto de subir à mesa de exame.

Salerno se encolheu de ombros, escavando entre algumas ampolas que tinha localizado dentro de um copo na frente de um gabinete.

– Inútil. Se te contagiaste à erupção, contagiaste-te a erupção. Que cura provaste?

– Ungüento de Mercúrio, cáustico, o impedimento do exercício, as purgações.

– O usual. Bem, tenho um novo método. Um dispositivo. Você verá. – escolheu uma ampola por fim, mediu alguns de seu conteúdo e se afastou do gabinete.

Uma hora depois, o bispo se encontrou suando, sentado em um pote de fumigação no jardim detrás dos departamentos do Salerno. Somente seu rosto vermelho e exuberante era visível se sobressaindo em um buraco na tampa do grande compartimento de ferro.

Um fogo debaixo do cercado esquentava e evaporava o mercúrio que Salerno tinha tirado da ampola e posto nos pés do bispo. Sua poluição circulou ao redor de sua carne e suas emanções alagaram seu nariz. Periodicamente, uma jovem e linda mulher siciliana avivava o fogo, escaldando-o e levantando uma névoa de suas maldições.

– Sua chamada cura é pior que minha enfermidade! – chiou o bispo.

– Pode ir quando o desejar, – sugeriu-lhe Salerno. – Mas não o aconselharia. Seu caso é avançado.

– E me diz isso como se fora algo que não soubesse? – amaldiçoou o bispo.

– Os tratamentos para a enfermidade francesa são limitados. Curiosamente, na França o chamam a enfermidade italiana. Ninguém deseja tomar o crédito de tal mal infame, – disse-lhe Salerno. – Isabella! Mais madeira! – chamou. Ante as ordens do Salerno, a criada entrou na habitação e avivou o fogo ainda mais.

O vapor vaiou, causando que o bispo respirasse com dificuldade.

– Estou fervendo, você brinca. Deixe-me sair desta caixa antes que expire.

Salerno fez a jovem mulher um gesto de que se retirasse e disse:

– Nos deixe um momento.

Quando obedeceu, retirou o ferrolho sobre o receptáculo e estudou ao bispo.

– Veio oferecendo notícias. Dêem-me isso e te deixarei sair. Onde posso encontrar a Maschera?

– Na Toscana! Na Toscana, maldito!

Os lábios finos do Salerno se esticaram.

– Um lugar grande. Precisamente onde na Toscana?

– As vinhas Satyr. O irmão do meio dos três está agarrando a seu pequeno prodígio. Até deseja casar-se com ele, pode imaginá-lo?

As garras da mão do Salerno agarraram ao bispo pela garganta.

– Essa é a verdade?

– Sim, juro-o sobre o nome de minha mãe!

– Muito bem!

Salerno liberou o ferrolho. O bispo engatinhou fora da cruel contenção justo quando a garota siciliana retornava. Vendo sua nudez vermelha e gotejante, deixou escapar um gritinho de indignação, voltou seu avental sobre seus olhos, e

retornou correndo fora.

Os olhos do bispo a perseguiram.

– Essa era realmente uma cura ou só queria me torturar? – gemeu.

– É promovido como uma cura. Terá que deixar-me saber.

Vendo a direção de seu olhar, Salerno acrescentou:

– foi indicado que o violar a uma virgem pode curar alguns dos estragos da sífilis. Você poderia prová-lo no caso. Podia organizar tal coisa. Por certos honorários.

Os olhos do bispo voaram à entrada através da que a menina acabava de desaparecer, considerando-o. Sentiu que seu pênis se movia. Seus olhos voltaram para encontrar o olhar perspicaz do Salerno.

– Quanto?

Capítulo vinte e cinco

A frustração era a única companheira de Jordan enquanto esperava uma hora completa depois do jantar uma noite, indo de um lado para o outro, lendo, de um lado para outro, trabalhando em seu bordado e de um lado para outro outra vez. Então, quando deram as nove e levando somente sua camisola e bata, dirigiu-se às escadas levando uma pequena bolsa cuidadosamente empacotada. Furtivamente, deslizou-se pela escada circular que conduzia à adega.

Chegando ao último degrau, localizou-se as fileiras perfeitamente alinhadas de barris que pareciam estender-se até o infinito. Ao final longínquo da adega, havia uma luz nebulosa.

Outra vez, Raine estava trabalhando até tarde aqui, entre os barris. Seus experimentos com hibridação e avançar nos testes dos tanques, fracionando o vinho dos anos anteriores, mesclá-los e encarregar-se das tarefas do Lyon enquanto estava em Paris estava ocupando as horas de vigília do Raine e também as demais.

Ainda tinha encontrado o tempo de fazer seu serviço com ela todas as noites, reforçando o véu protetor que afirmava que suas relações sexuais ajudavam a tecer ao redor dela. Mas recentemente sempre se deitava com ela com uma eficiência superficial que lhe dizia que estava aborrecido com sua negativa de aceitar seus planos de matrimônio. Tinha tratado de enrolá-lo de todo tipo de formas, mas sua mente e coração permaneciam distantes e cada vez necessitava mais de sua total atenção.

Assim tinha conspirado e planejado. E esta noite estava determinada a ter tudo dele.

Mais cedo tinha medido os pingos de uma erva que Jane lhe tinha proporcionado quando Jordan admitiu que tinha às vezes problemas para dormir. Era verdade. Seus sonhos freqüentemente lhe impediam de conciliar o sono. Mas não tinha tomado a erva ela mesma. Em seu lugar, tinha-a deixado cair no vinho do Raine no jantar esta noite.

Em silêncio, moveu-se com o passar do corredor com um teto baixo de tijolos e entre os barris empilhados de três. Tinha aprendido muitíssimo sobre a fabricação do vinho durante as semanas que tinha permanecido ali. Estes barris durariam somente cinco anos em sua maioria. Depois disso, seu carvalho passaria à posição neutra e acrescentaria pouco sabor benéfico aos conteúdos em seu interior.

Passou um dedo ao longo de uma das argolas de metal que atavam as travessas que mantinham os barris juntos. Nenhum pó. Pôs os olhos em branco. Raine mantinha sua adega tão meticulosamente como o resto de sua casa e propriedade. Em certo modo era afortunado, desde que não tinha nenhuma destreza no manejo da casa para lhe brindar.

Esta seria a primeira adega do ano, havia-lhe dito Raine. Ao final da fermentação, um mês aproximadamente depois da colheita, o vinho seria fracionado — posto em prateleiras — ali nesses barris onde permaneceria aproximadamente durante ao redor de um ano e meio. Sentiu tristeza por um momento, sabendo que era improvável que estivesse ali o suficiente tempo para ver esta colheita engarrafada.

Encontrou ao Raine no calor acolhedora da pequena habitação do administrador. Ele tinha começado a dormir a sesta aqui todas as noites nesta cama estreita. Estava dormindo de costas agora, uma mão larga ao lado de sua cabeça e outra sobre seu peito.

Furtivamente se deslizou para frente e tocou sua bochecha. Não despertou. As ervas tinham feito seu trabalho.

Pôs sua bolsa sobre sua mesa de trabalho. Sua superfície estava cheia das ferramentas de seu trabalho de mesclar. Uma balança. Colheres de vários tamanhos. Copos para medir. Meia dúzia de óculos de cristal. Uma escarradeira em que expulsar o vinho que provava e analisava.

Um plugue cilíndrico captou seu olhar. Recolheu o plugue de vidro. Cada barril guardado ali tinha um, forçado em um buraco sobre o lado que dava para cima. Era frio, suave, interessante.

Pô-lo de lado no momento, abriu a bolsa que havia trazido, e esparramou seu conteúdo sobre a mesa.

Raine despertou, em um instante soube que algo estava mau. Estava jogado sobre suas costas, na cama do administrador de vinhos. Mas quando tratou de ficar de pé, encontrou que algo limitava seus movimentos.

Sua cabeça se voltou a um lado para descobrir um de seus pulsos atado à cabeceira com uma correia de couro. Sua cabeça se sacudiu para o lado oposto onde viu que seu outro pulso estava amarrada de forma semelhante. Um duro

puxão revelou que suas pernas também estavam atadas, embora com folga, aos dois pilares aos pés da cama. Estava nu, estendido em forma de X, comprovou indignado.

Pressentiu outra presença perto e seu pênis se ergueu em reconhecimento. Jordan.

Seus olhos a buscaram na escuridão fora do círculo de luz criado pelos candelabros na pequena mesinha ao lado de sua cama e a encontrou.

Ela avançou um pouco mais perto, sua figura era uma mancha indistinta na zona entre a luz e a sombra. Levava uma bata larga que cobria totalmente sua pequena figura.

– me desate, – grunhiu.

Aspirou o ar fortemente.

– De maneira nenhuma.

Olhou-a fixamente, evidentemente horrorizado por seu desafio.

– Não encontro isto divertido, Jordan. Se tiver que convocar a um criado para me soltar, não desfrutará das conseqüências.

– Os criados do dia se foram pela tarde e fechei com chave as portas contra outros intrusos, – informou-lhe Jordan. – Te tenho em minhas mãos todo para mim até amanhã.

Uma cólera feroz estalou nele, mas sua voz permaneceu em calma, controlada, e ainda mais intimidante devido a isso.

– Pedirei-te uma vez mais que me desamarre.

Agitou sua cabeça devagar, negando-se a acovardar-se.

Ele atirou de suas ataduras, avaliando sua resistência.

– Detenha! Somente conseguirá te machucar.

Sentou-se a seu lado e passou a palma de sua mão com o passar do interior de uma de suas coxas, empurrando suas pelotas brandamente com seus nódulos.

– Pensa que o mundo terminará se afrouxar seu controle por uma só noite?

– Muito possivelmente. Conte-te sobre o Elseworld. Sobre a porta. Devo estar constantemente em guarda. Aconselho-te que desista no que seja que esteja planejando, – advertiu-lhe.

Com sua outra mão acariciou sua mandíbula masculina obscurecida pelo restolho da tarde.

– Esquece isso por esta noite. Só por esta noite.

Seus músculos ficaram rígidos sob sua palma. Em rechaço ou espera?

– Permitti-te tomar liberdades comigo embora não estava segura que as desfrutaria, – raciocinou com ele. E, entretanto ao final o desfrutei. Como sabe como será uma nova experiência a menos que alguém o prove?

Seus lábios se curvaram cruelmente.

– Odeio destruir a pequena fantasia que criaste aqui, mas esta situação não é nada nova para mim.

Jordan gemeu indecisa.

– As outras mulheres lhe ataram?

Levantou uma sobrancelha arrogante, obviamente agradado por sua consternação.

— Você contou que atos sexuais agradáveis e pervertidos foram levados a cabo sobre mim enquanto estava incapacitado e ao seu dispor?

Deu-se conta que a estava atormentando, esperando que o soltasse.

Em lugar de soltá-lo, inclinou-se mais perto, penteando brandamente o cabelo em suas têmporas com seus dedos.

— Sim. Conte-me tudo o que lhe fizeram, — sugeriu. — Dessa maneira não repetirei seu rendimento e não te aborrecerei. Não quero que fique dormindo antes que me tenha agradado suficientemente. Não depois dos problemas que tive. Tive que cortar suas roupas sabe? E acomodar seus membros para que não resultasse dolorido.

Raine se sentiu invadido por um profundo sentimento de frustração e atirou ainda com mais violência de suas ataduras.

Afastou-se cambaleando da cama, forçando-se a si mesmo a observar sua luta com calma exterior.

— Onde em nome do Baco aprendeu a atar nós assim? — exigiu.

Ao longo das docas de Veneza quando era menino, vagando pelas ruas com outros meninos, pensou. Mas ele não estava a par dessa parte de sua vida. E não queria que o estivesse.

— vivi na rua, como te disse. Aprendi um montão de coisas úteis que as verdadeiras damas não aprendem.

Deu um puxão final com ambas as mãos às ataduras, mas resistiram. Intuindo a futilidade de lutar contra elas, girou seu rosto para a parede, fechando-a.

— Digo-te como te despi? — sentou-se a seu lado outra vez e massageou o osso de seu quadril.

Fingiu fazer caso omissos dela, mas pôde escutar sua reação na mudança em sua respiração. Sentiu-o no grupo dilatado de músculos e a tensão de sua carne. Viu-o no espessar de seu pênis no vértice de suas coxas.

Permaneceu em silêncio por um momento, avaliando sua vontade de continuar. Este controle rígido o estava estrangulando, embora ele não pudesse compreendê-lo. Deixaria-o um dia não muito longínquo. Mas antes que o fizesse, daria-lhe este presente — o conhecimento de que podia entregar seu controle de vez em quando. E que o mundo não se viria abaixo sobre sua cabeça por isso.

Fortaleceu sua resolução.

— Está fazendo uma careta? — perguntou.

Quando não respondeu, sentiu-se momentaneamente derrotada. Se ele tinha experimentado antes o domínio em mãos de outros sem superar seu medo de aparecer débil, o que é que esperava obter dela? Seus ombros caíram e considerou liberá-lo. Mas então uma nova idéia a atravessou.

— Durante esses outros encontros, — meditou em voz alta — imagino que você te assegurou de que estivesse amarrado somente tanto tempo como você

desejasse está-lo. Suas companheiras pagas não lhe teriam desafiado se tivesse pedido para estar desatado. Assim que todo o tempo esteve em controle, sabia que ao final o controle estava em suas mãos.

Sua cabeça rodou para ela, prata tormentosa cintilou desde suas conchas.

— portanto, esta será uma nova experiência para você depois de tudo! — disse, enquanto sentia florescer sua confiança. — Esta vez não tem o domínio.

- Pelo Baco, me desamarre mulher.

— Não. Pelo menos, não ainda, — disse.

— Maldição! — jogou fumaça. — Então se dirigiu a ela. — Faz o que tem planejado e termina com este jogo.

— Muito bem. — levantou-se e ficou de pé para logo ajoelhar-se sobre a cama para estender-se sobre ele. Sustentando-lhe o olhar, começou a despir-se. A bata se deslizou de seus braços e caiu brandamente por seu corpo até repousar sobre suas coxas.

A camisola que deixou ao descoberto era de seda dourada com inserções de encaixe francês que moldavam seus peitos lhe proporcionando um vislumbre tentador de seus mamilos. O sutiã de encaixe tinha magras fita e estava grampeado no frente com sete fitas caídas do peito ao quadril. Debaixo delas, o encaixe dava lugar a uma saia de seda translúcida, que revelava e ocultava seus movimentos alternativamente.

Um delicado dedo brincou com a primeira fita atada entre seus peitos. Ele a olhou atentamente enquanto a devorava e logo a outra que estava debaixo, as afrouxando uma por uma.

— Não tentará a sua causa, não importa que ponha a atuar como uma vulgar rameira, — resmungou.

Sua mão se deteve e logo continuou seu trabalho.

— A noite é jovem, e pensava que seus gostos compreendiam a rameiras.

— Né! — lançou um grunhido. O calor de seus olhos queimou cada polegada da pele revelada quando abriu seu traje com delicioso cuidado, fez-o ainda mais lentamente, revelando o que escondia debaixo.

— Você gosta de minha camisola? — perguntou quando a seda se abriu do peito à cintura. Somente uma fita se mantinha firme no centro.

— Não espere que te ofereça nenhum elogio. — respondeu. Mas seus olhos foram atraídos à solitária fita que ficava.

Ela deslizou ociosamente os dedos de uma mão ao longo de sua ereção que se erguia, dura junto à sua. A almofadinha de seu polegar esfregou uma gota cremosa que se filtrou de ponta e a estendeu sobre si mesmo. Seus olhos ferveram.

— OH, vejo que se sente tentado.

— Estou seguro que o escolheu sabendo o efeito que teria, — respondeu a contra gosto. — Suponho que Jane o proporcionou.

Assentiu com a cabeça.

— É uma camisola tão divinamente perversa, não crê? — murmurou em um tom falsamente escandalizado.

Sua risada foi matizada de sarcasmo.

– Exatamente. Por que imagina que o encontro tão atrativo?

– Estou feliz. Mas acredito que devo tratar de reprimir esta veia do descaramento em você, – disse brandamente.

Ele sorriu afetadamente.

– Boa sorte. Não tive nenhum êxito em fazê-lo eu mesmo em todos estes anos.

– Possivelmente retirou a tentação de sua visão.

Da mesa ao lado da cama, recolheu o cachecol de seda que havia trazido. Sustentou-a entre suas mãos e tentou pô-la sobre seus olhos.

– Não te atreva, – advertiu-lhe.

Retorceu-se com violência, negando-se a cooperar. Depois de lutar com ele por alguns momentos, desistiu e o olhou perplexa, atirou o quadrado de seda para que se posasse sobre os lençóis em algum lugar por cima de sua cabeça.

– Se não vai me soltar, por que não desata essa última fita em seu lugar? – sugeriu, jogando uma olhada ao laço solitário que deliberadamente permanecia amarrado em sua cintura.

Sorriu-lhe brandamente, fingindo considerar sua sugestão.

– Muito bem, – esteve de acordo por fim.

Inclinou-se para frente deixando que as curvas de seus peitos ficassem a centímetros de seu olhar, procurou provar as pontas da última fita que permanecia atada. Deu-lhe um puxão.

E precisamente no mesmo instante, e antes que pudesse dar-se conta de seu propósito, estendeu a mão sobre sua cabeça e atou o cachecol de seda sobre seu rosto.

– Já está agora soltei a fita quando pediu, – disse-lhe, recostando-se.

Ele se sacudiu ante a consciência repentina de que as tinha arrumado para lhe enfaixar os olhos depois de tudo.

– Não é isso exatamente o que tinha em mente, – disse com resmungo.

– Oooh, sinto-me tão mal, mas somente posso permitir que me veja deste modo. – a parte plaina de suas mãos acariciou seu peito em círculos lentos.

– Meu traje é totalmente indecente e temo que pudesse pôr as idéias escandalosas em sua cabeça.

Rio entre dentes apesar de si mesmo.

– Muito tarde.

Estirou-se completamente em cima dele e descansou seu queixo sobre seu punho em seu esterno. Agora que seus olhos estavam escondidos, era livre para lhe olhar com todo o amor que sentia por ele. As gemas de seus dedos se moveram em círculos em torno de um de seus bicos escuros e tensos.

– Toquei-te aqui com minha boca. Enquanto estava dormido. Sabia?

Lançou um grunhido, tinha captado sua atenção.

– Você gosta disto.

Ela inclinou sua cabeça e o sugou ligeiramente.

Ele lançou um gemido afogado ante a carícia inesperada.

— Tira este trapo infame de meus olhos. Quero verte.

Subiu por seu corpo e beijou sua garganta.

— Não.

Amaldiçoou.

— Só recorda que escaparei ao final. Então veremos quão valente é, minha bonita atormentadora.

— me deixe fazer contigo o que desejo, — persuadiu-o, mordiscando todo o caminho ao longo de seu pescoço. — Dobre-se a minha vontade. Só por esta noite. Por favor.

Momentos depois o sentiu colocar sua cabeça em ângulo para permitir o melhor acesso a seus lábios. O movimento foi infinitesimal. Mas o júbilo renasceu dentro dela. Estava aceitando e desfrutando de seus cuidados. Era uma greta na armadura desse controle rígido. Então ela se lançou a saborear ele da forma em que tinha desejado fazê-lo — sua garganta, ombros, peito, estômago, e cenho — como se tivesse todo o tempo do mundo.

Quando encontrou seu pau, chupou a cabeça, ligeiramente, com amor. Seus dedos atravessaram seu pêlo púbico para encontrar e acariciar seu testículo.

Ele gemeu submerso em sua garganta.

— Desfrutei te despir antes que despertasse, — continuou enquanto o saboreava. — Ter você em meu poder. Poderia te haver feito algo. A seu corpo. Sentiu-me tomar seu pênis em minha boca enquanto dormia? Endureceu-se sob meus lábios assim que me perguntei...

Não respondeu, mas sentia seu interesse, e seu pau, cresciam ante suas palavras.

— Ficou muito erguido. Grosso e preparado para minha passagem, como o está agora. Pensei em por ele dentro de mim enquanto dormia. Mas depois de tudo decidi esperar até que despertasse. Ainda assim me agradei, sabendo que a decisão era a minha. Sabendo que te tive sob meu controle.

Suas mãos convulsionaram em suas ataduras.

Então o sepultou no profundo de sua boca, até que sua coroa cruzou sua garganta e seus lábios tocaram sua virilha. Então o soltou outra vez devagar.

— diga-me isso antes que chegue ao clímax. Zangarei-me muito se gozar sem minha permissão.

Riu em desacordo.

— O que?

Passou seus dedos por sua coroa molhada e acariciou o entalhe com seu polegar.

— Devo ter seu acordo sobre este tema ou não continuarei.

Passaram largos momentos.

— Tenho-o? — perguntou.

— Tenho eleição? — disse entre dentes.

— Sim. Pode estar de acordo. Ou pode te comportar mal. Nesse caso te

vestirei com minha camisola e te deixarei aqui para que seja descoberto por seu administrador pela manhã.

Soprou.

– Então suponho que estou de acordo.

– Excelente. – com isso, começou a chupar e atirar de seu pau como se fora seu pirulito favorita.

– Pelos deuses, Jordan, não vou poder evitar gozar se continuar com isso.

– Não. Diga-me quando for muito para você, e pararei. Recorda, deste-me sua palavra.

Seus lábios úmidos o embainharam outra vez.

Sua cabeça caiu e gemeu.

– Baco, criei um monstro.

Durante há seguinte meia hora, levou-o ao precipício do orgasmo uma dúzia de vezes, mas sempre se deteve a tempo e desistiu antes que chegasse ao clímax.

Aceitou seu jogo estoicamente ao princípio, mas logo começou a insisti-la a que se abrandasse.

– Se chegar a me pôr mais rígido, logo servirei sozinho para posar sobre um pedestal como as estátuas na garganta. Introduza-me em sua racha agora, – gemeu.

– Muito bem, – esteve de acordo. – Mas assim que esteja dentro de mim, deve me dar suas sementes imediatamente. Ou te deixarei outra vez.

– Sim, sim. Deuses. Só te apure. – sua voz se tornou avara ante a promessa do lançamento iminente.

Trocou de lugar e ele fez o que lhe tinha ordenado. Logo que esteve completamente enraizado nela, sentiu-o estalar. Seu corpo se arqueou como um arco. O couro que amarrou aos quatro pilares de carvalho da cama se esticou e chiou quando ele gozou a jorros silenciosamente em seu interior. Ela retirou o cachecol de seus olhos, querendo olhar seu rosto apanhado formosa no agarre por êxtase.

A próxima vez que gozou, ela também o fez, derramando seu sêmen sobre seu estômago. Esta vez, a prata cintilou através da escuridão, olhando-a enquanto ondulava seus quadris, massageando ao creme entre eles.

Muito mais tarde, quando o recordou, estendeu a mão para a mesa. Ele seguiu com seus olhos o movimento e os cravou sobre o pequeno plugue de vidro que tinha encontrado ali. Ela o chupou em sua boca, molhando-o e o deslizou por entre suas nádegas, tocando e pressionando seu anel com ele.

Ele apertou firmemente os músculos de seu traseiro, mantendo eficazmente fechada a divisão entre eles e lhe lançou um olhar feroz.

– Não.

Intuindo que tinha empurrado seu controle até onde se atrevia por esta noite, abrandou-se. Possivelmente nunca lhe entregasse essa parte de seu corpo.

Por agora estava contente com o que tinha obtido. Mas podia estar

realmente e totalmente realizada participando do coito unicamente como uma mulher com seu homem? De vez em quando, Seu pau desejaria ser inundado profundamente dentro dele quando gozasse. O que passaria então?

Ocultaria esses desejos masculinos, como tinha sufocado seus desejos femininos todos estes anos. Se essa era a única maneira de estar com este homem, dormir em seus braços e explorar seu corpo. Sim, seria suficiente.

Por agora.

Capítulo vinte e seis

— vais ter sexo comigo outra vez? — perguntou Jordan ao Raine a noite seguinte. Tinha-o encontrado em sua antecâmara de pé frente ao armário de esquina.

Observou-o inserir a estranha chave de estanho na fechadura do Gabinete e retirar a jarra. A mesma de cujo líquido lhe tinha feito beber a ela mesma fazia um mês.

Raine tomou um comprido trago do elixir. Limpando logo seus lábios com um lenço imaculado antes de lhe responder.

— Não.

— Está me castigando pelos truques que usei ontem contigo no porão? — perguntou.

— Não, desfrutei-os. Como você sabe bem. — Agitou um olhar para o céu da noite mais à frente do cristal da janela. — Entretanto, logo será Moonful.

— Sei, — informou-lhe — Quero passá-lo contigo participando da mesma atividade que desfrutamos do último Moonful.

Embora Raine pudesse possuí-la possuiria muitas vezes em todas as outras noites — a sorte final de um Moonful com ela seria nunca sua outra vez. Tinha jurado evitar levá-la a outro Chamado, e era um voto que planejava manter. Embora o irritasse admiti-lo, não podia confiar em si mesmo para não derramar sua semente de vida nela em uma noite como esta. E trazer outro menino a este mundo para que sofresse pela dualidade do sangue do Earthworld e Elseworld era uma promessa que deixaria a seus irmãos. Não se converteria em pai.

— Não, — disse-lhe. — Posso te dar todas minhas noites salvo estas nas que brilhe a lua cheia. Te conforme com isso.

— Se está preocupado de que conceba, não o esteja. Hei-te dito que não posso.

Deixou escapar uma risada arrogante.

— Durante um Chamado não há nenhuma mulher a quem não possa

engravidar se não regular minha semente de vida.

– Inclusive uma mulher sem um útero?

– Não é uma certeza que não possua tal órgão. – a olhou de esguelha.

– Quer ter filhos?

– Pariria a seus filhos, Raine, gostosamente se somente pudesse. Quero-te.

– Não. Você adora fornicar.

– É certo. – sorriu-lhe abertamente, tratando de obter que consentisse seu desejo. – Fornicar contigo.

– Nunca tiveste relações com outro homem para comparar. – deixou a garrafa no gabinete e travou a fechadura.

– E se o faço? – cravou-o. – Então já não poderá te burlar de mim com esse obstáculo para minha reclamação de te querer somente a você entre minhas pernas.

– Ponhamos fim a esta discussão. É tempo de que siga meu caminho até a garganta. Reforcei o muro de poder ao redor do Castelo. Nada entrará para perturbar seu descanso.

Beijou sua testa e se voltou para deixá-la. Ela o aferrou.

– Jordan, – advertiu. Firmemente, retirou sua mão de seu braço. – Devo ir. Agora. A sós.

Ela cruzou seus braços em sua cintura, agarrando um cotovelo em cada mão para deter-se si mesmo de detê-lo outra vez. Queria lhe pedir que não a jogasse de seu lado, nem sequer por uma noite.

Porque o amava.

Porque queria que ele a amasse.

Porque necessitava que ele a protegesse dos sonhos que uivavam em suas noites.

Mas não disse nada mais e o observou afastar-se.

Capítulo vinte e sete

Essa noite os sonhos vieram a Jordan outra vez tal como tinha temido que o fariam. Embora Raine tinha reforçado o muro de poder protetor ao redor de sua casa, não era nenhum impedimento para as coisas intangíveis.

Tinha procurado sua cama cedo e fechado as cortinas, não querendo saber quando chegasse Moonful. Raine tinha sido inflexível em não visitá-la. Passaria este Chamado longe dela como tinha jurado fazer cada noite do Moonful para sempre.

Todos os meses, quando a lua saísse cheia e exuberante, a prata de seus

olhos se revestiriam com a luxúria e seu sangue sátiro o enviaria a garganta sagrada. Ali convocaria a essas mulheres do Elseworld – Shimmerskins. A visão e o aroma delas inchariam seu pau. Passaria suas largas mãos sobre sua pele suave. Aferraria seus quadris. Transaria com elas. Derramaria suas sementes nelas.

Era uma traição cruel, e doía.

Se fosse casar com ele, seria sentenciada a esperar cada Moonful pelo resto de seus dias em sua cama solitária.

Mas esta noite, embora dormisse sem ele, não estava sozinha. Um amante de sonhos a buscou. Tomou a forma, o aroma e o som daquele a quem realmente amava. Suas palavras atravessaram sua mente e a capturaram. Sujeitaram-na mais poderosamente que verdadeiras cordas.

Chamaram-na, cortejando-a com palavras falsas e melosas que a atraíram da mesma maneira que um colibri que busca seu néctar.

Vêem. Aguardo-te, aqui na garganta.

Sua cabeça se sacudiu febrilmente sobre o travesseiro, despenteando seu cabelo.

– Não, rechaçou-me esta noite. Disse-me que ficasse aqui.

Estava equivocado. Perdoe-me. Vêem esta noite e te valorarei. Darei-te filhos.

– Filhos. – ecoou a palavra com um suspiro quando um pingo de esperança floresceu em seu coração.

Da mesma maneira que um zumbi, Jordan ficou de pé.

– Raine? – suspirou. – Onde está? – as palavras foram devoradas dela contra sua vontade, saboreando a língua estrangeira sobre sua língua. Um idioma estranho derramando-se dela tão facilmente como uma cascata embora nunca o tinha falado antes a seu entender, nem o tinham ensinado.

Estou perto. Assim sai. Guiarei-te. Vêem.

Em um transe sonolento, deslizou-se de sua cama e encontrou seu caminho escada abaixo. A porta principal do Castelo se abriu silenciosamente, deixando entrar a noite à casa do Raine. Uma brisa apertou seu traje contra ela, esboçando seus peitos e coxas esbeltas, e o pequeno pênis tenso que pendurava entre eles.

Deixando a porta balançando-se detrás dela, caminhou para fora pelo pátio principal. Os azulejos estavam frios sob seus pés descalços e a fonte era um salpicão surdo. Passeando debaixo do olhar fixo luxurioso do Baco, avançou ao redor do lado do Castelo na paz do jardim traseiro. Ali, toda a natureza parecia em calma pela magia que flutuava no ar.

A lua não tinha saído ainda e a noite era um vazio negro. Mas encontrou seu caminho sem esforço, empurrada por uma força além de sua vontade. Uma força, que, embora não tinha nenhuma maneira se soubesse, estava determinada a levá-la a outro mundo para sempre.

Sua camisola era fina, mas não notava o frio cortante do vento que enredava seu cabelo negro. Não o reconheceu como um presságio do inverno que estava por vir. O suave aroma das uvas se fez mais forte enquanto cruzava a grama

perfeitamente recortada. Diamantes de rocio sobre a erva banharam seus pés descalços e suavizaram seus tornozelos.

Algo a atraiu profundamente, para a parte mais densa do bosque. Rodeou carvalhos, madressilvas e árvores de espinheiro rodeados densamente com heras, andou com cuidado seu caminho através de samambaias e vadeou finalmente um arroio.

A voz de veludo de seus sonhos se tornou mais urgente.

Vêm. Aguardo-te, necessito-te. Quero-te com toda minha essência e minha alma.

— Vou, Raine. Vou. Onde está?

Por aqui, minha beleza. Por aqui.

Seus passos se aceleraram, levando-a ainda mais profundamente dentro do bosque.

Perto havia outros que também se dirigiam à garganta. Dois homens e uma mulher. Seus corpos eram fortes, formosos e se viam de cor negra azulada no escuro anoitecer.

Detiveram-se juntos debaixo de uma estátua grande — a mais imponente daquelas que rodeavam a isolada garganta. Em cima deles Baco se erguia em um pedestal, as videiras entreteciam seu cabelo e um cálice se estendia em uma mão enquanto reinava como cada sagrada noite de Chamada sobre as terras Satyr.

Tinham estado tomando vinho em preparação para o ritual que precedia ao Moonful. Mas quando escutaram seu passo ligeiro, seus três arrumados rostos se voltaram de uma vez.

Nick sustentou a sua esposa com mais força.

— Quem diabos é esse?

— Minha hóspede, — que Raine apertou. Girou a taça antiga que sujeitou, e logo verteu seu conteúdo até o fundo de sua garganta.

— Como pôde aproximar-se sem ser detida pelo bosque? — perguntou-se Jane.

— As forças que o protegem poderia ter detectado seu sangue de fada e ter ficado confuso, — disse Nick.

Ambos se voltaram para o Raine, esperando.

Sua mandíbula se converteu em granito e havia um brilho perigoso em seus olhos. Havia dito a Jordan que planejava manter-se afastado dela essa noite. E ainda assim o tinha desafiado e o tinha seguido. Em uns momentos chegaria Moonful. Seu pau estava ansioso de saquear carne feminina. Tinha estado a ponto de convocar Shimmerskins de quem obter seu prazer. Mas agora que sabia que Jordan estava perto do claro e a seu alcance, tinha ficado de lado qualquer questão sobre tomar Shimmerskins esta noite. Somente ela podia satisfazê-lo.

Ao vê-la, Seu pau se ergueu ajustado e duro. Necessitava-a. Não a qualquer mulher. A ela. Baco o ajudasse, queria-a com um desespero que nunca havia sentido.

— Estamos aqui! — chamou-a Raine, pensando que deveria haver-se

perdido.

Mas Jordan não pareceu escutá-lo. Seguiu adiante além deles, obedecendo algum outro mandato mais forte que ela mesma.

— Jordan! — chamou, os primeiros revãos de preocupação atravessaram sua espinha. — Algo está mau, — disse entre dentes.

— Irei atrás dela, — murmurou Jane, separando-se dos braços do Nick. Nick a abraçou rapidamente.

— Infernos se o fará. Viu seu rosto? Está sob alguma classe de feitiço. Não me arriscarei a que caia nas garras do que seja que a esta enganando.

— Mas... — protestou Jane.

— Vou, — disse Raine, cortando-a. Deixando cair sua taça ao musgo caminhou fora dos altares de pedra.

— boa noite a ambos, — disse-lhes, lhes deixando saber que ficaria com o Jordan assim que a encontrasse. Para aquele tempo estaria totalmente em mãos do Chamado. Não importa quanto o tentasse, seria inútil tentar manter-se afastado dela. Em seu estado seria impossível para ele fazê-la retornar.

Na densa escuridão que precedia ao Moonful, perdeu-a de vista. Ainda assim pôs a segui-la facilmente por seu aroma. Cheirava a rocio e a morno perfume de pele e fadas. E à úmida calidez da excitação sexual. Estava sexualmente excitada.

Seu pau — já incrivelmente firme — se inchou. Sacudiu-se como um pêndulo, grosso e comprido, quando seus passos se aceleraram.

De vez em quando podia ver brilhos de sua pálida figura entre as árvores que os separavam. Ele os deixou atrás, tentando aproximar-se.

Onde estava indo? Tinha sabido que estaria na garganta sagrada. Seu sentido de direção a tinha confundido? Ou era outra coisa?

— Jordan!

Um aroma pálido lhe chegou. Papaver somniferum — o sonho — trazido pelas papoulas. Tinha entrado em um vasto campo infestado delas.

Seu coração se acelerou quando percebeu seu destino. Na metade do campo de papoulas se erguia um pedestal de rocha de aproximadamente dois metros e setenta em todas as dimensões — a altura, o largo, a longitude. Sobre sua superfície descansavam três estátuas de tamanho real esculpidas em mármore da cor do ébano. Eram deuses — irmãos — que se mantinham afastados de todos os outros deuses e criaturas imortalizados em pedra dentro da garganta.

Sob sua influência, um frondoso entretecido de papoulas florescia no campo circundante noite e dia durante todo o ano, causando o sonho, mas nunca dormindo elas mesmas. Os salpicões brilhantes de rosado, malva e vermelho eram quase chamativos durante o dia, mas suas cores desapareciam agora sob a tristeza do bosque às escuras.

No centro do trio, sobre o pedestal, Morfeo reinava em sensual abandono, jogado sobre suas costas. Estava flanqueada por seus dois irmãos Tánatos e Fobetor. A pedra de seu corpo e o de seus irmãos estava imaculada, estranhamente

imune aos estragos do clima ou à infiltração da flora.

Um braço estava dobrado para servir de travesseiro para sua cabeça de cabelo escuro despenteado e sua mandíbula estava inclinada em um ângulo desenvolto. Seu sorriso era de um sexy magnetismo animal, e suas pálpebras estavam entreabertas como se ele mesmo estivesse meio dormindo.

Por que tinha vindo aqui Jordan? A menos que — tivesse sido chamada.

Tánatos governava os objetivos encontrados nos sonhos, e Fobetor tinha a habilidade de assumir forma de animais. Mas no mundo dos sonhos, Morfeo era o que possuía mais poder, porque podia assumir a forma de qualquer criatura vivente.

Raine começou a correr, com pé firme inclusive na densa escuridão da noite. Não estava nada mais que a quarenta e cinco metros detrás de Jordan agora.

Estava murmurando. Escutou-a dizer seu nome, mas não pôde compreender suas palavras ao princípio. Então se deu conta de que falava na língua do Elseworld, que não sabia absolutamente. Um frio escorregou dele. Alguém estava pondo palavras em sua boca.

Aproximou-se mais, vinte e cinco metros. A lua escolheu a esse inoportuno momento para mostrar seu rosto com terrível brutalidade.

Da mesma maneira que um carvalho gigante, Raine caiu de joelhos pela influência de sua luz. Uma segunda pausa arrebentou de sua pélvis. Aferrando-se ao novo apêndice que surgia, cambaleou-se sobre seus pés e coxeou em agonia. Mas outra vez, tropeçou e caiu.

Em minutos a Mudança estaria completa. Em minutos a dor se acalmaria. Em minutos Jordan poderia estar perdida para ele para sempre.

Fascinada por seu sonho, Jordan permaneceu de pé entre as papoulas que chegavam até seus joelhos e olhou fixamente a grande estatua ante ela.

Aqui, tudo era tênue sob o guarda-chuva fresco das coníferas. O bosque circundante tinha caído em um silêncio anormal.

Embora por toda parte centenas de seres irreais e translúcidos observavam tão imóveis como as árvores. Alguns tinham ramos que brotavam de seus couros cabeludos em lugar de cabelo, outros luziam coxas peludas e cascos, e alguns outros tinham asas formosas brancas que se estendiam desde suas mãos a seus ombros e chegavam a roçar o chão. Uma curiosa tensão os rodeava, da mesma maneira que uma teia gigante e pegajosa. Estavam esperando que ela fizesse algo.

Em cima dela, sobre o pedestal, não viu o Morfeo e seus irmãos. Em seu lugar, parecia-lhe que Raine e seus irmãos se reclinavam ali.

— Raine? — murmurou. Olhos que não eram os do Raine e um sorriso que não era seu sorriso a chamavam para aproximar-se ainda mais.

“Por fim vieste. Meus irmãos e eu trabalhamos muito para te trazer aqui.”

— por que estão estendidos aqui você e seus irmãos? Onde está Jane? Não compreendo.

Tudo estará claro para você logo. Vêem mais perto, minha amada e nos olhe.

Um labirinto de videiras tão grosso como seus braços se bifurcava até acima por um dos flancos do pedestal da estátua. Perdida, mas guiada por uma força estranha que não podia compreender, encontrou seu caminho entre as grossas videiras. Aferrando-se a uma, logo a outra, foi escalando mais e mais alto.

Logo esteve em cima da plataforma, de pé entre os machos tendidos de costas. A seus olhos, não eram Fobetor, Morfeo, e Tánatos. Mas sim Nick era o que estava a sua esquerda, Raine ao lado dela e Lyon além dele a sua direita.

Um gesto franziu sua testa quando observou ao Nick e Lyon. Havia algo que não estava bem na forma em que a estavam olhando tão fixamente. Mas as razões de por que deveria sentir-se perturbada por sua presença pareciam confusas e distantes.

“Toque-me para que possa te tocar minha linda Jordan. Coloca suas mãos sobre mim.”

Sorriu ao Raine, agradada por suas palavras agradáveis. Pondo suas mãos sobre suas bochechas, acariciou sua suavidade.

Ante o contato, o afeto do Morfeo sobre ela se intensificou.

“Tão formosa. Se aproxime mais para que possa olhar dentro de seus olhos.”

Enquanto Fobetor e Tánatos olhavam, ajoelhou-se ao lado de seu irmão.

“Ponha seus lábios nos meus.”

Abraçando-o, posou seus lábios nos seus em um beijo longo e prolongado.

As centelhas que formavam sua audiência estranhamente quieta começaram a sussurrar em silêncio como o soar de cascas de milho seca.

Ela se arrancou dele.

— Está frio, — murmurou.

“Então me es quente. Me prepare.”

Deslizou suas mãos sobre seu peito. Sentiu seus músculos de granito. Jogou uma olhada mais baixo, o pau que se elevava eternamente para o céu, então retornou a seu rosto.

“Tome com sua boca.”

Incapaz de negar a voz hipnótica inclinou-se sobre seus quadris e tomou à serpente de cor ébano de seus pesadelos entre seus lábios. Voluntariamente, suavizou-o em sua boca, tragando sua longitude implacável muito devagar até a raiz.

“Siiii. De novo. E outra vez. Ah. Assim. É tão bom. Agora — é o momento. Vêem por mim.”

Limpou seus lábios com o dorso de uma mão e ficou de pé, pronta para obedecer.

— Jordan!

Deteve-se, inclinando sua cabeça para escutar. A voz masculina era distante e familiar.

Mas a multidão estranha de observadores a insistiu com seus sussurros, afogar a molesta voz.

“Me queira, minha amada, cantou Morfeo.”

Inconscientemente feminina em seus movimentos agora, levantou a prega de sua camisola. Apoiou um joelho ao lado de seu quadril, balançou sua outra perna sobre ele até abrangê-lo, preparando-se sobre seus joelhos dobrados. Suas saias flutuaram para baixo para obscurecer seus genitais e os seus. A pedra aos lados do altar era firme debaixo dos ossos de seus joelhos, mas não se dava conta.

“Depressa, minha querida. Sofro por você.”

Embora não viu o movimento de seus irmãos, repentinamente estavam ao lado dela, tocando-a, beijando-a. Ainda quando girava sua cabeça à esquerda para o Nick ou à direita para o Lyon, liberando-se de sua manipulação sobre ela viu que ainda se reclinavam no mesmo lugar, curiosamente congelados como antes.

“Olhe-me, meu amor. Olhe-me aos olhos. Ame-me. Aceite-me. Aceita os toques carinhosos de meus irmãos.”

Arrastou seus olhos de volta a seu amante do sonho. Imediatamente, as carícias de seus irmãos chegaram outra vez. A larga mão do Lyon se apertada sobre sua nádega e a outra que sujeitava seu peito para sua boca faminta. Nick escovou seu cabelo para trás e pôs seus lábios quentes sobre sua garganta.

Cambaleou-se.

— Sim....

Repentinamente, de algum modo, parecia bem que os irmãos do Raine estivessem ali, olhando a desse modo, acariciando-a e amando-a ali.

— Jordan! — o molesto chamada veio outra vez. Mas a voz de seu amante do sonho a obscureceu.

“Tome em seu corpo. Posso te dar o filho que tanto desejas. Esta noite. E assim que a possuir, meus irmãos também lhe darão meninos. Engendrará três tal como está destinada a fazê-lo. Conhecerá sua herança verdadeira, finalmente te converterá em uma deusa.”

A voz hipnótica fez o impossível parecer possível, fez-a querer....

— Três meninos. Sim. Sim, também quero a seu filho, meu amor, e os de seus irmãos. Quererrei-os, quererrei-te. A todos vocês.

Estendeu a mão debaixo de suas saias e levou seu mastro escorregadio de réptil em uma mão. Moveu seus quadris, encontrando sua ponta com sua racha.

— Jordan! — chamou Raine, louco de dor e medo.

Mas estava apanhada na teia hipnótica do Morfeo e não podia escutar a chamada torturada do Raine, nem nenhum outro som do Earthworld. O sonho era sua única realidade agora.

Sacudindo seus ombros seu sutiã se deslizou até seus cotovelos, mostrando seus peitos à luz da lua. Olhou fixamente a seu amante baixo ela.

“Agora, meu doce. Me leve. Foda-me.”

— Sim.

Esticando suas coxas, afundou-se até que a serpente de cor de ébano a atravessou. Era fria, suave. Afundou-se ainda mais e a acetinada ponta de mármore se introduziu mais profundamente em seu interior. Lentamente, OH, tão

lentamente, sua escura e dolorosa longitude a enchia.

“Ahhh! Sim, isso. Tão bom.”

Quando a cúpula bulbosa alcançou finalmente seu útero, ela gemeu e jogou para trás sua cabeça.

“Não, não feche os olhos. Mantém nos meus.”

Jordan se esforçou para levantar suas pálpebras pesadas e fazer o que lhe ordenava.

“Está bem. Agora te mova. Mele meu pau com sua pequena racha.”

Colocando suas mãos sobre seus ombros, Jordan ficou de pé e se afundou sobre ele uma e outra vez em um baile sensual tão velho como o tempo.

“Assim que se tenha fartado dele, vêm a mim, a voz do Nick fez um ruído áspero em sua orelha. Meu pau estirará seu escorregadio marco até seus limites.”

“E logo a mim, dizia a voz do Lyon. Assim que lhe foda onde meus irmãos lhe tiveram, o círculo se fechará e a porta se abrirá.”

“Você produzirá uma dinastia, murmuraram três vozes perversas ao unísono. Meninos.”

— Meninos.

— Você será mãe de deuses.

— Uma mãe.

Quase delirante agora, moveu-se sobre seu amante sinistro, arqueando-se, empurrando. A euforia se inchou nela, subindo mais e mais, devorando-a para a satisfação....

O movimento amplo da diáfana camisola de Jordan envolvia suas genitais. Mas por seu grito entrecortado, Raine soube o momento exato em que o pau do Morfeo fez racho nela pela primeira vez. Quando se deslizou mais baixo, soube que se estaria escorregando sempre mais profundamente dentro dela. Cativante posse.

Não! Era dele! A possibilidade de perdê-la devido a outro o assustou mais do que qualquer outra coisa o tinha assustado jamais.

Se Jordan obtinha o orgasmo sob o golpe do pau de seu amante do sonho, Morfeo poderia considerá-lo com toda a razão um convite a parir a seus filhos. Tal convite seria considerada legítima no Elseworld. A reclamação sobre ela do Raine diminuiria e o de seu rival cresceria. Morfeo trataria de levá-la através da porta. Para fazê-la sua. Para sempre.

A menos que Raine o detivera. Avançou tropeçando para ela, curvado como um animal, seus dentes mostrados com uma agonia que ainda não tinha passado.

Em cima dele, Jordan observou o peito do Raine dilatar-se e contrair-se com sua respiração enquanto ela lutava contra o prazer — dor de seu completo enchimento. Tinha tomado todo o pau de pedra do Morfeo em seu interior agora.

Aplanando suas mãos sobre o estômago da estátua supina, inclinou seu peso para frente e empurrou seus quadris usando seus joelhos para balançar-se. Seus quadris começaram a corcovear, trabalhando regularmente sobre ele. Estava gemendo agora, murmurando palavras de amor no idioma fantasia.

Ele tinha chegado à base da estátua. Videiras cresciam até acima dos flancos dela, grossas e ameaçadoras. Lutaram contra Raine, arranhando seus antebraços, suas mãos, costelas, bochechas.

Os peitos de Jordan subiram e baixaram ao ritmo do apaixonado vaivém de seus quadris.

Raine subiu mais alto, mais perto. Quase...

Ela emitia agudos gemidos entrecortados agora. Jogou para trás sua cabeça, e sua garganta se converteu em uma coluna larga e suave. Um chiado tênue escapou de seus lábios e se acalmou, cambaleando-se sobre o fio do orgasmo.

Em alguns momentos, podia estar perdida para ele para sempre.

— Jordan! — gritou.

Capítulo vinte e oito

A mão do Raine se envolveu ao redor da cintura do Jordan, levantando-a do penis de cor de ébano do Morfeo. Mas o puxão de seu sonho era forte, e lutou contra ele, ansiosa de retornar a seu posto anterior. Seus movimentos eram tão acalmados e mecânicos como se estivesse em um transe.

O medo o embargou, encontrando uma saída na cólera. Devorou-a contra ele.

— Esse bastardo do Morfeo te fez gozar? — sacudiu-a. — O fez?

A cabeça do Jordan pendurava sobre seus ombros sacudindo-se de lado a lado. Gemeu, amaldiçoando-o na língua fantasia.

Isto era sua culpa. Havia-lhe dito que tinha estado tendo sonhos. Deveria ter considerado que algo assim podia ocorrer. Quanto tempo tinha estado Morfeo tentando influir sobre ela?

— Solta sua mente, bastardo! — gritou à estátua. Mas somente sorriu afetadamente em silêncio.

Se não podia romper o feitiço do sonho que seu amante anterior tinha tecido, ela nunca poderia despertar dele. Morfeo levaria sua mente gostosamente e deixaria seu corpo morto, somente para chateá-lo. Raine abriria ele mesmo as portas do Elseworld antes de permitir que isso ocorresse. Se Morfeo obtivesse uma vitória como a de tomar à mulher de um sátiro como ele, seu prestígio se dispararia entre seus semelhantes.

Mas embora estava um passo na frente dele. Tudo dependia se Morfeo a tinha levado ao clímax. Era impossível saber com certeza. Mas inclusive se o tinha feito se Raine também a levava ao orgasmo e lhe dava sua semente de vida, poderia chegar a vencer o agarre que o deus escuro tinha obtido sobre ela.

Já, a necessidade do Raine de fornicar era quase uma coisa vivente.

Torturava-o, aumentando ainda mais sua cólera. Perto das cabeças das estátuas, havia um bordo aplanado onde as flores de papoula terminavam. Jordan ainda lutava contra ele, quase jogando ambos ao chão em seus esforços de retornar ao Morfeo.

— Se for pau o que você quer, tenho muito para você, — disse-lhe.

Dobrando-a para frente sobre o peito musculoso de seu sonho de amor levantou seu traje para revelar o pêssego amadurecido de suas nádegas.

Encarcerado em pedra, Morfeo somente podia olhar.

— Sim, vou agarrá-la, bastardo, — resmungou. — É minha. Chegará a seu prazer comigo dúzias de vezes até o amanhecer.

A estátua lhe olhou fixamente com olhos petulantes, perspicazes. Leva-a. Mas recorda que esta noite a tive primeiro, parecia dizer.

Jordan se encolheu, lutando contra ele. Morfeo e seus irmãos ainda poluíam sua mente. Teria que encontrar as palavras para trazê-la de volta a ele.

— Jordan, sou eu. Raine.

Plantou uma mão estendida na base de suas costas para mantê-la quieta. Levantou seu traseiro e empurrou com suas pernas para abrir as suas, as segurando com seus joelhos. Seus pintos gêmeos encontraram suas aberturas inferiores.

Ante seu tato, deteve sua luta, incerta.

— Jordan, sou Raine, — disse-lhe outra vez.

Empurrando para dentro, fez caso omissa do fato de que outro amante fora responsável pela escorregadia umidade que tinha encontrado sua racha.

— Estou-me introduzindo em você agora, Jordan. Pode me sentir? Minhas coroas estão dentro de você agora. É tão pequena e ajustada. Deuses!

Apertou-a para apoiá-la contra ele e murmurou em seu cabelo enquanto empurrava ambas as estacas nela.

— Estou entrando profundamente em você agora. Sente-me?

Quando o prazer de atravessá-la o afligiu, concentrou-se em tratar de proteger sua própria mente de ser governada pelo Chamado. Em tratar de puxá-la de seus sonhos e de volta com os vivos.

— Sou eu o que te está agarrando. Escuta-me? — seu pêlo púbico cobriu seu cú quando seus pintos se deslizaram em casa. — Me sente? Estou dentro de você agora, tão profundamente como é possível estar.

Não respondeu.

Retirou-se. E penetrou. Retirou-se e penetrou. O pelo de suas pernas raspava o interior de suas coxas quando se retirava, somente para retornar por outro pouco mais dela. E outro, e outro.

Uma mão sujeitou sua cintura e a outra cavou seu peito enquanto a fodía com fortes e duros arremessos profundos e severos. Somente para entrar logo com profundas braças.

— A cabeça de meu pau está tocando seu útero, — murmurou apaixonadamente. — O sente?

Resmungou algo confuso — uma mescla de inglês e língua do Elseworld.
Raine sentiu a inevitável reação de estar dentro dela que começava a inchar-se dentro dele.

— Vou te dar minha semente de vida, - disse-lhe. — Trata de te relaxar e lhe dar a bem-vinda. Escuta-me, Jordan? Isto é importante.

Nada.

Agarrou-a duro então, acoplando-se com fortes golpes de seu pênis, cada vez mais duros. Concentrando-se, convocou a possível semente de vida mais potente de seu centro mais íntimo. Brotou da mesma maneira que uma força mística dentro dele, surgindo de suas ajustadas bolas.

— Umm, — murmurou ela, começando a inclinar seus quadris a tempo com seu ritmo.

— Baco, é bom. — agarrava-a agora como se invasores do Elseworld estivessem ameaçando e devesse jogar seu direito.

A fenda de sua cabeça se preparou. Sua garganta reverberou e um grito áspero lhe escapou enquanto os seus a rasgavam, duro, ao unísono. Repentinamente o dique se rompeu e convulsionaram. Seu pau de homem transbordou seu presente no vazio que era seu útero ofegante. Pela primeira vez em sua vida, deu sua semente de vida a uma mulher, plantando-a profundamente em seu interior. Um prazer inesperadamente doce e puro caiu dele no compartilhar deste sêmen mais sagrado e fértil. Com ela.

Agitando a caverna de seu peito a protegeu enquanto o entregava, uma e outra e outra vez. No período subsequente a sua chegada, pôde intuir a sua semente enraizar nela e a abraçou fortemente. Fazia todo o possível com ela e rogado que resultasse ser suficiente.

O semem na divisão de seu traseiro bruniu seu membro pélvico quando se retirou dentro dela, bem satisfeito a dormir. Notou que seus mamilos se congestionaram quando se acasalavam, vibravam com uma luz rosa claro. Algo que não tinham feito com o Morfeo. Pôs o coração nisso. Mas ela permanecia distante, sua mente ainda se encontrava em outro lugar. Sabia sequer com quem tinha estado?

Tomou seu pênis em sua mão, encontrando-o rígido e desejoso. Possivelmente pudesse contatá-la de outra maneira — pensou revolvendo sua cólera.

— Quer ser um homem? — burlou-se. — Então pelo inferno que pode foder como um.

Levantando-a sobre seu ombro, subiu da estátua e se dirigiu ao lugar da propriedade no que seus poderes seriam mais fortes. Minutos depois, passou por um arco natural moldado pelas três árvores da tríade das fadas e entrou nas faces escuras de uma cova.

Uma vez dentro, Raine não perdeu tempo. Concentrando-se em um lugar de um nada observou um reflexo trêmulo repentino de luz cor âmbar que surgia ali como por arte de magia. Quando pôs Jordan sobre seus pés, a luz se aumentou,

solidificou-se e tomou a forma de uma mulher.

Com graça fluída, a mulher de pele brilhante o ajudou a levar a Jordan para o grande altar de pedra no centro da cova. Além dele se encontrava a porta que unia a Earthworld com Elseworld. Brincos de magia se desprendiam dela, dividindo os dois mundos para sempre.

A Shimmerskin se sentou sobre o altar e se tendeu de costas. Com os joelhos elevados e os pés escorados no bordo, as pernas abertas, reclinou-se apoiando-se em seus antebraços. Era formosa, submissa e estava pronta para levar a cabo a tarefa para a que Raine havia a trazido aqui.

Fez que Jordan ficasse de pé entre suas pernas e dirigiu sua mandíbula para a mulher de cor âmbar.

— Olha-a.

Jordan olhou com olhos perdidos tão impassíveis como os da criatura iridescente ante ela.

— Aguarda-te, — cochichou. — Vamos. Monta-a.

Sequer o escutava? Raine a fez aproximar-se mais a Shimmerskin. Estendendo a mão ao outro lado de seu ventre, tomou seu membro duro em sua mão e arrastou a ponta através das dobras úmidas da Shimmerskin, de um lado a outro, de um lado a outro.

A cabeça de Jordan pendurava contra seu ombro, como se repentinamente se tornou muito pesada. Suas pálpebras se sacudiram e voltaram a fechar-se.

Ele tomou sua cabeça e a obrigou a permanecer erguida.

— Abre os olhos.

Seus olhos se converteram em ranhuras entreabertas. A Shimmerskin lhe sorriu, com um sorriso de brancos dentes. Elevou-se um pouco mais, procurando seu pênis. Encarregando-se dos movimentos de Raine, molhou a ameixa do Jordan ao longo de sua própria racha ardente.

— Fada-me, — sussurrou-lhe a criatura com um suave suspiro.

O desejo atirou do Jordan, endurecendo ainda mais seu mastro até o ponto da dor. As teias começaram a cair, mas a volta para a vigília era espantosa e difícil.

Estremeceu-se.

— Raine?

— Obrigado Baco, — pareceu-lhe ouvi-lo murmurar. Uma mão masculina separou seu cabelo a um lado e os lábios de Raine beijaram o ângulo de seu pescoço. — Estou aqui, — disse-lhe.

Ela estendeu a mão para a brilhante mulher que se apoiava em seu pau. Seus dedos enlaçaram com os seus.

— Vêem dentro de mim. Estou molhada. Preparada para você, — insistiu a Shimmerskin.

— Não estou segura.... — balbuciou Jordan, ainda cambaleando do sonho para a realidade.

— Seu pau está seguro. Quer ela. — desde atrás, Raine deslizou uma mão entre suas pernas e empurrou um grosso dedo nela. — Sua vulva está segura.

Quer-me. Mas não pode me ter até que a possua.

Tomou sua mão e a curvou ao redor da raiz de seu pênis e guiou sua ponta mais para dentro da racha da criatura. A Shimmerskin gemeu e se recostou, inclinando seus quadris. Sua vulva a sugava com delicadeza.

— Fode ela e lhe foderei, — anunciou a escura voz de veludo do Raine.

O pênis do Jordan se moveu entusiasmado ante a proposta. Ainda lutando por recuperar totalmente a consciência, observou sua coroa abrir os lábios menores da Shimmerskin como se observasse o pênis imaterial de outra pessoa levar isso adiante.

Suas mãos se estenderam para agarrar as coxas femininas que se bifurcavam ao redor de si mesmo. Eram quentes, suaves. A racha era uma cova molhada e acolhedora. O sangue se precipitou a encher seu pau endureceu ante as novas dimensões.

— Foda-me, — insistiu-a a Shimmerskin.

Jordan se moveu com todo seu peso, pressionando para frente.... E deslizando-se no céu.

Seu flexível pêlo encontrou o suave e imberbe osso púbico do corpo ante ela. Um par de olhos ardentes sorriu aos seus.

Com entusiasmo, os quadris do Jordan começaram a mover-se. Retirou-se, empurrou, retirou-se, empurrou, controlando o ritmo de sua copula. A Shimmerskin se arqueou com cada empurrão e seu canal a recebeu em larga, lentas sucções que eram como quentes lambidas.

Uma mão pressionou as costas de Jordan e a inclinou para frente, peito contra peito com a criatura. Esta estendeu a mão e enredou seus dedos em seu cabelo, puxando-a mais perto. Beijou-a e lhe devolveu o beijo.

Desde atrás, sentiu o empurrão de um imenso pau em seu canal feminino. Raine.

Gemeu contra os lábios confundidos com os seus.

Os três se moveram juntos, torpemente ao princípio, até que encontraram um baile mais rítmico. Cada vez que Raine se introduzia em Jordan desde atrás dela era forçada mais profundamente no interior da Shimmerskin. Quando se retirava, ela imitava seu movimento e se tornava atrás da passagem da Shimmerskin.

Os beijos, as carícias, e os gemidos enredados de homem e mulher eram indistinguíveis. Juntos, fornicaram, lançando-se para o clímax. Das paredes da cova sagrada, faunos, ninfas, e fadas esculpido em alto relevo por artistas mortos fazia muito tempo olhavam para o cenário com luxuriosa aprovação.

Repentinamente e ao unísono, o pau e a vagina de Jordan se convulsionaram. Durante muitos segundos se cambaleou ao fio, incapaz de processar a plenitude de suas emoções, a plenitude de seu canal feminino e a estreiteza do canal que apertava seu pau. Por fim, lançou um grito inarticulado e convulsionou com duras e enlevadas pulsações. Uma chuva de estrelas estalou na escuridão da sua mente, lhe produzindo uma momentânea cegueira forjada pelo

prazer quando gozou tanto como homem como mulher no mesmo momento.

Sua chegada provocou a do Raine, quem se aferrou duramente a seus quadris quando Seu pau se encrespou e se derramou. Com cada jorro de suas sementes bombeou nela, provocando que ela a sua vez bombeasse na mulher baixo ela, uma e outra vez até que já não ficou nada para dar.

Gemendo, Jordan se desabou e por breves momentos permaneceu estendida contra a Shimmerskin. Seus pálidos olhos sorriram nos seus. Então se desvaneceu no éter de que tinha vindo e seu peito permaneceu estendido sobre a pedra suave do altar.

Jordan piscou completamente consciente agora.

— Raine?

— Sim, estou aqui, meu amor. — as palavras de carinho foram ditas em um tom tão suave que quase não pôde as ouvir.

Seus lábios tocaram sua nuca, quente e úmida, e suspirou. Ainda profundamente encravado em seu interior, puxou-a para trás para apoiá-la contra ele e cruzou suas mãos sobre seu ventre. Desta noite, geraria a seu filho. Sabia tão indubitavelmente como sabia que se prometeu a si mesmo que tal coisa nunca ocorreria.

Esta noite sua mão tinha sido forçada. Não tinha sido capaz de esperar nove meses sequer para que o parto cedo não parecesse estranho para os seres humanos. Tinha pensado que Nick tinha sido negligente ao engravidar a Jane depois de somente cinco meses de matrimônio. E aqui estava ele, dando um filho ao Jordan sem que sequer estivessem casados.

Da mesma forma que todos os meninos sátiros, o seu e do Jordan entraria neste mundo um mês a partir de agora durante a próxima Chamada. O que queria dizer que seria necessário tomá-la outra vez o próximo Moonful para facilitar o parto.

Parecia. Era pai, algo que tinha jurado nunca ser. Ou o menino em seu ventre era do Morfeo? O tempo o diria.

Mas sem importar se fora ou não, nunca a deixaria ir, nem a ela nem a seu filho.

Capítulo vinte e nove

— Recorda o que ocorreu ontem à noite?

Jordan se sobressaltou ante o som da voz do Raine. Superficialmente, varreu o projeto que tinha estado montando fora da vista, debaixo de suas saias. Constava

de dois pequenos ramos despojados de folhas, apressadamente os marcou e logo as atou com uma parte de fita. Todas as manhãs se sentia compelida a criar outro destes pequenos talismãs estranhos. Era vergonhoso. Louco.

Tratando de ocultar sua agitação, ficou de pé e foi a seu roupeiro, atirando a criação com todas as outras como ela. Havia muitos. Logo ficaria sem nada da fita que tinha tirado do Raine à noite em que se conheceram. O que faria então? Fechou a porta espelhada sobre eles e viu que ficasse travada. Tinha visto algo?

Esperando distraí-lo, paquerou, deslizando seus braços ao redor de sua cintura.

— É obvio que o recordo. Fizemos amor. Fora na garganta, — disse.

— Embora não estou segura de como chegamos ali.

— Estava caminhando dormindo. Encontrei-te. Tinha sido chamada à garganta sagrada pelo Morfeo, uma criatura do Elseworld que deseja te arrebatara de mim.

Ficou pálida, endireitando-se.

— Pensei que isso era um sonho.

— Não. Ficou grávida ontem à noite. — pelo Morfeo ou por ele, não sabia.

Ou o fazia?

Ela colocou uma mão sobre seu estômago.

— Isso não é possível. Estou quase indubitavelmente segura de que sou estéril!

— Nenhuma mulher é estéril para um homem de sangue sátiro. Como te expliquei, podia engravidar a uma mulher de cinco vezes sua idade se o desejasse.

— Mas provavelmente nem sequer tenho útero, — objetou Jordan, ainda incapaz acreditá-lo. — Inclusive se tivesse um, não-me dito que é provável que meus órgãos masculinos substituam a função de meus órgãos femininos com o propósito de que nunca possa parir a um menino.

— Deve confiar em minha palavra. Está-te reproduzindo. Calculo que dará a luz em quatro semanas.

Jordan sorriu afetadamente.

— Alguém tem que te ensinar sobre biologia humana.

— Estou tentando te ensinar sobre biologia sátira, — respondeu. — Os meninos sátiro se geram em quatro semanas como todos os meninos nascidos do Elseworld.

Aniquilada, Jordan deixou vagar sua mão sobre seu abdômen, avaliando sua forma. Já estava duro e ligeiramente inchado.

— Que eficiente!

Um fragmento fugaz de uma lembrança lhe chegou.

— Nick e Lyon estavam na garganta conosco ontem à noite também? Ou isso também foi parte de meu sonho?

Os olhos do Raine se esclareceram sobre ela, tentando pesar o que sabia.

— Nick estava ali, com Jane. Mas passamos o Chamado separados deles.

— E Lyon?

Raine lhe lançou um olhar curioso.

– Está em Paris. Recorda?

– Não tome como se minha sugestão fora particularmente bizarra. Sobre a região Satyr, muitas coisas impossíveis ocorrem. Como uma gestação de quatro semanas dentro dos úteros o quem não tem úteros.

– Você tem um útero. Confia em mim sobre isso. Meu pau a chegado a ele mais de uma vez. Em vista de sua condição, confio em que você compreende finalmente a necessidade do matrimônio entre nós?

Parecia preocupada. Casar-se traria problemas a ele, mas nunca a perdoaria se insistisse em que seu filho nascesse como um bastardo.

Confundindo a razão para sua preocupação lhe disse:

– Não é anormal que os primeiros meninos cheguem cedo.

Ela seguiu a linha de seu pensamento.

– Oito meses antes? Todos suporão que adiantamos a qualquer voto matrimonial que poderíamos empreender.

– Isso te incomoda?

– No mais mínimo. Supus que te incomodaria.

Encolheu-se de ombros.

– As intrigas podem arrumar-se.

Isto proveniente de um homem que aborrecia mover línguas?

– Somente desejo meninos Satyr sãs, – disse.

– O parto será normal? – perguntou.

– Bastante.

– Bastante?

– Sim, bastante normal para um parto sátiro. – embora na verdade não podia lhe prometer se seria um menino sátiro ou outro tipo de menino a quem daria a luz.

– Necessitará algo mais que isso para te explicar.

– Vêem, tenho temas dos que falar com o Nick. Visitaremos sua família e você pode perguntar sobre essas questões de mulher a Jane.

Capítulo trinta

Quando chegaram ao Castelo de Blackstone, o pátio e os jardins eram uma profusão de flores. Inclusive no outono, havia uma desconcertante abundância de plantas e cor em qualquer lugar que Jordan olhava. Tinha sido golpeada por ela cada vez que o tinha visitado, mas ainda agitava sua cabeça com assombro.

— Sua irmã tem uma grande habilidade para a jardinagem, — murmurou Raine.

— Um eufemismo estou segura, — disse Jordan.

Quando chamaram, disseram-lhes que Nick estava fora em seu escritório, a qual se encontrava localizado perto sobre sua propriedade. Somente Jane lhes deu a bem-vinda no salão, aparecendo fraca.

— Desculpo-me por fazê-los esperar. Não despertei a tempo.

Jogou uma olhada a Raine, ruborizou-se, e logo apartou o olhar timidamente.

O que ficava sem dizer entre eles era que tinha estado acordada toda a noite participando de relações sexuais do Chamado na garganta. Ao igual a sua irmã.

— Eu gostaria que lhe explicasse todo o referido a atender o parto de meninos Satyr a minha logo futura esposa, — anunciou Raine. — Esta grávida.

Os olhos de Jane se abriram, movendo-se de Raine a Jordan e a Raine outra vez.

— Já vejo. Parabéns!

— Obrigado. Mas não pode saber tais coisas, ou sim? — burlou-se Jordan.

Jane fez passar ao Raine à entrada e o empurrou pelo corredor.

— Pode retornar em uma hora, — disse antes de lhe fechar a porta na cara.

— Está equivocado, não? — exigiu Jordan depois de que se foi. — É quase impossível que eu esteja grávida.

— Um sátiro pode escolher se sua semente será produtiva. — informou-a Jane, tocando o sino para pedir o chá.

— Mas provavelmente sou estéril. É possível que nem sequer tenha um útero.

A testa de Jane se enrugou.

— Raine sabe?

Jordan assentiu com a cabeça.

— Embora discorde.

— Você te uniu com ele ontem à noite, não? Estava ali na garganta. Vi-te.

— OH! — as bochechas do Jordan se tingiram de rosa. — Não recordo isso.

Não era — eu mesma.

— Não tem nada do que te envergonhar. É o mesmo comigo e com o Nick durante o Moonful. — suspirou. — Pelo menos Raine te acautelou sobre o que é o que vai vir. Quando meu tempo de parto chegou, Nick não disse nada e estava horivelmente preocupada, pensando que estava tão enorme que provavelmente poderia parir quadrigêmeos!

A bandeja de chá chegou, e assim que se sentaram Jane começou a servir.

— Outra coisa sobre a que devo te advertir, — disse-lhe enquanto servia.

— Não te tocará em uma maneira carnal durante o próximo mês.

Jordan a olhou horrorizada.

— E por que não?

— É à maneira do sátiro. — Jane voltou os olhos, sorrindo. — Não posso

acreditar que eu dissesse isso. Nick usa essa expressão para explicar algo que deseja que aceite sem duvidar.

— Homens! — disse Jordan com desgosto.

Ambas as mulheres riram bobamente e logo bocejaram.

Raine se encontrou no escritório do Nick examinando atentamente uma coleção de escaravelhos egípcios que tinha adquirido recentemente. O via vital bem descansado. Justo como Raine se sentia sempre depois de uma noite de Chamada.

— Fascinante, não? — entusiasmou-se Nick, sujeitando uma amostra particularmente grande. — Recordo a falida campanha egípcia do Napoleão.

A natureza ordenada do Raine vibrou ante o custoso montão que enchia o salão do Nick. Levantou uma manopla medieval de seda e ouro de um valor incalculável de seda e ouro que descansava sobre uma cadeira e se sentou.

— Os escaravelhos comem sua própria bosta, não?

— Sim! Fantasias de diabo eficientes. — notando a expressão grave do Raine, Nick arrancou sua atenção de sua coleção repentinamente. — O que ocorreu ontem à noite com o Jordan?

— Morfeo ocorreu.

— Merda, — espetou Nick. — Seus irmãos estavam com ele?

— Não estou seguro. Mas Morfeo era o que tratava de uni-la.

— E o fez?

— Obteve certo grau de êxito. Não estou seguro da extensão do dano.

Nick esfregou uma mão sobre seu rosto.

— está-se reproduzindo?

Raine assentiu com a cabeça.

— E você não sabe se é teu ou do Morfeo?

— Assim é, — disse Raine.

— Baco. Se for dele...

Os olhos do Raine se entrecerraram.

— Não o deixarei tê-la apesar de tudo.

— Inclusive se pode impedir que a leve, quererá ao menino. E terá uma reclamação legal sobre ele se for dele.

— A merda sua reclamação.

A cadeira do Nick chiou sob seu corpo grande quando se recostou, cruzando seus braços sobre seu peito.

— Se produzir tal situação, deixará-o ir?

Raine apartou o olhar. Se fosse forçada a escolher entre ela e um filho, estremeceu-se ao pensar para onde se inclinaria.

— Não estou seguro. Deixou claro que a maternidade é algo que deseja.

— Pode recusar o direito do Morfeo para ele...

— Que é o que desejo, — disse Raine.

— Se consente que a Câmara de vereadores do Elseworld só o admitirão

Observando o direito invocado, — disse Nick. — E muito possivelmente exijam a

Visita. Dará-lhes um apoio para pôr o pé em nosso mundo. Não podemos permitir que isso ocorra.

— Isso caso que teve êxito com ela. Fiz todo o possível para assegurar que qualquer menino parido por ela seja um filho de Satyr, não do Morfeo. Nas semanas que ficam antes do parto me esforçarei por lhe ensinar a controlar seus sonhos com o propósito de que não possa contatá-la através deles outra vez.

Nick assentiu com a cabeça.

— As repercussões de ser atraída novamente sob a influência do Morfeo afetarão a nossa família adversamente. Se lhe permite ingressar no Earthworld, os outros do Elseworld logo o seguirão.

Raine ficou de pé e foi à janela. Passando uma mão por seu cabelo olhou fixamente a vinha no centro de suas terras. Pela primeira vez desde que chegara ali sendo um menino, quase desejou poder deixar tudo isso atrás e levar-se a Jordan consigo. A algum lugar seguro. A algum lugar em que estes perigos anormais não a ameaçassem. Mas não existia semelhante lugar.

Capítulo trinta e um

— Assim, tenho entendido pela Jane, que você e eu não podemos ter relações sexuais no próximo mês, — queixou-se Jordan enquanto ela e Raine davam um passeio pelo bosque.

Nick e Jane os tinham entretido com o almoço. Assim que tinham retornado a casa Raine tinha desaparecido por várias horas e já era tarde atrasada.

Raine a levantou sobre uma parede de pedra baixa e logo fez o mesmo.

— É correto.

Seus olhos se tornaram peraltas.

— Onde exatamente está desenhada a linha?

— O que quer dizer?

Ela se aproximou mais.

— Por exemplo, posso te tocar aqui? Ou fazer isto?

Raine empurrou seus lábios fora de seu pescoço e apartou sua mão de sua virilha.

— Embora me dói dizê-lo, — não, para ambos.

Suspirou.

— vai ser um longo mês.

Olhando para frente, viu que o atalho logo se tornava rochoso, diminuindo a velocidade de sua marcha.

— Aonde vamos?

— chegamos, — informou-a, detendo-se ao lado de uma piscina rochosa.

– Tenho algo para você.

Tirou uma pequena ampola incrustada de jóias sobre uma corrente de ouro de seu bolso e a pendurou ao redor de seu pescoço.

Ela a levantou de seu peito para olhá-la.

– É encantador.

– Me alegro de que você goste porque o levará deste dia em diante. Essa ampola contém uma poção de azeites com uma mescla especial preparada por mim que atuará como um caçador de sonho. Uma espécie de rede que te permitirá separar o real do ilusório durante suas horas de sonho.

Envolveu a ampola em sua mão.

– É tão fácil?

– Quase. Para funcionar apropriadamente, deve ser ativado primeiro.

Voltou-se, causando que o ar ao redor dele ondeasse. Em momentos, dois Shimmerskins apareceram com uma formosa pele florescente.

– por que estão aqui? – perguntou, franzindo o cenho.

– Para tomar parte no ritual.

– Que ritual?

Lançou-lhe uma expressão exasperada.

– O ritual dos azeites – o ritual de ativação que te mencionei. Durante o processo, será especialmente vulnerável aos pesadelos. Mas assim que tenha terminado, terá mais controle sobre elas. Enquanto continue levando o amuleto.

Jordan se esfregou as mãos.

– Essa declaração abre tantas perguntas que nem sei por onde começar.

– Esta piscina é uma câmara de incubação construída da rocha do templo do Asclepio, o deus da cura, – explicou pacientemente, lhe mostrando a lagoa rochosa. – Passará esta noite aqui com as Shimmerskins e pela manhã o ritual estará completo.

As mulheres que brilhavam com luz tênue se aproximaram para ela. Jogou o olho com desconfiança e se escondeu detrás dele.

– Quer dizer que vou ficar com elas aqui? Sem você?

– Sim, embora estarei perto montando guarda.

As Shimmerskins a encontraram onde se escondia, acariciando-a com suas mãos delicadas.

– Detenham-se! – disse-lhes. Mas seguiram adiante. – São as mesmas criaturas da última noite na garganta?

– Nunca são as mesmas. Quando vêm a nós, são recém-nascidas. Quando se vão, deixam de existir.

– Então não são como as dríades, – disse.

Agitou sua cabeça.

– As Dríades são criaturas viventes. As Shimmerskins são necessárias esta noite para facilitar o ritual, te ajudando a aprender a controlar seus sonhos da mesma forma em que tem que te controlar com elas.

Registrou seus olhos, atrevendo-se a esperar que o que dizia fora certo.

– O que tenho que fazer?

– Em primeiro lugar, escolhe uma palavra chave. Uma que recorde facilmente, mas não corra perigo de dizer por acaso.

Sentiu ar fresco nas costas. As Shimmerskins a estavam despindo! Encolheu-se delas.

– O que é o que implica exatamente este ritual? – exigiu.

Raine tomou seus ombros, segurando-a para que as brilhantes mãos pudessem seguir tocando-a.

– As deixe te atender. Levarão-lhe a beira do prazer. Mas não deve deixar gozar. Usa sua palavra chave. Dirá-lhes quando cessar o estímulo.

Jordan lhe olhou furiosa.

– O estímulo? A ver.... Conforme entendo, vou passar a noite aqui, serei levada a beira do prazer uma e outra vez por estas criaturas, mas não posso sucumbir?

Assentiu com a cabeça.

– escolheste uma palavra?

– Sim.

– Qual é?

– Estúpido.

Raine lhe olhou com o cenho franzido.

– Isto é importante. Escolhe uma maldita palavra. Uma que recordará, mas não corra o perigo de dizer por acaso.

– Muito bem, – disse apoiando as mãos em seus quadris. – "Aniversário."

– Muito bem.

– Muito bem.

– Sempre que a tentação pelo orgasmo se faça muito capitalista, diga, "Aniversário" e as Shimmerskins esperarão até que te tenha acalmado o suficiente para que elas continuem.

As Shimmerskins estavam massageando seus peitos agora, tendo baixado seu sutiã a sua cintura. Golpeou as mãos das criaturas, afastando as dela.

– Lhes diga que parem por um momento para que eu possa pensar!

Embora nem falou nem se moveu, as Shimmerskins desistiram repentinamente e permaneceram de pé, serenas e quietas.

– Como fez isso? – perguntou.

Encolheu-se de ombros ante a pergunta.

– Deve ser razoável, Jordan.

Ela pressionou uma mão sobre seu abdômen.

– Quero a este menino, Raine. Jane disse que o prazer carnal podia pô-lo em perigo.

– Isso é essencialmente verdadeiro. Mas enquanto você não deixe a onda chocar....

– Este ritual pode esperar, – rogou Jordan. – Os sonhos estiveram comigo durante seis anos. O que é outro mês?

Raine parecia duvidoso.

— É imperativo que atuemos rapidamente. Seus sonhos poderiam ser usados para te arrebatá-lo da realidade outra vez em qualquer momento. Através deles você podia ser levada a Elseworld onde estaria perdida para mim, ao igual a seu menino recém nascido.

— O que? Negarei-me a ir.

— Pode ser enlouquecida por seus sonhos se te negar.

Jogou o olho às Shimmerskins asperamente.

— Mas, o que se não poder resistir à tentação durante este ritual? Diz que se sucumbo poderia machucar a nosso menino. Prefiro sofrer o dano eu mesma que tomar esse risco.

Algo trocou em seu rosto enquanto lutava por determinar o melhor curso.

— Muito bem, — disse finalmente. — Deixaremos que o ritual espere.

Tomou sua mão e retornaram ao Castello. Detrás deles, as Shimmerskins vacilaram, desvaneceram-se então devagar para um nada.

— por que escolheu "Aniversário" como sua palavra chave? — perguntou.

Encolheu-se de ombros.

— Porque meus aniversários sempre foram uma horrível prova. Como não duvido que este ritual o será.

Plantou um beijo sobre o topo de sua cabeça e jurou em silêncio que seu próximo aniversário seria uma festa em vez do horror que todos seus aniversários passado deviam ter sido.

Capítulo trinta e dois

Tarde essa noite, o sonho de Jordan se tornou intranquilo. Estava-se retorcendo, sua pele úmida. Levantou-se e sua mente envolta no caos a fez avançar para a porta.

Mãos fortes a agarraram e a deitaram de costas no leito. Raine. Queria lhe dizer que estava bem, mas não podia organizar suas idéias ou evitar o agarre por seus pesadelos para fazê-lo.

Em seu sonho, estava completamente vestida com um traje de musselina e levava um chapéu decorado com flores. Estava no jardim traseiro a caminho da quadra do Raine quando sua mãe se materializou repentinamente a seu lado do mesmo modo em que chegava uma Shimmerskin. De um nada.

Quando viu que Jordan estava vestida como uma mulher, Célia Cietta pôs uma mão sobre seus impressionante seios.

— Deus no céu. Olhe-te!

Jordan forçou a seus pulmões a que continuassem trabalhando

normalmente.

— Buon giorno, mamãe, — respondeu, como se fora um acontecimento comum encontrar-se com alguém que já não vivia.

— vim para te levar a casa, — disse sua mãe, tomando seu braço. Seus dedos estavam frios.

Brandamente, Jordan se arrancou de seu agarre.

— Já estou em casa.

— Não! Deve vir comigo. Se não retornar a Veneza, a família de seu pai levará minha fortuna, — tratou de convencê-la sua mãe.

— Não volto mamãe. Decidi me casar logo.

Sua mãe empalideceu.

— te casar? Com um homem ou uma mulher?

— Um homem. Um bom homem. Um que inclusive está tratando de despertar enquanto falamos.

Sua mãe observou ao Raine, que tinha seu braço ao redor de Jordan e estava tratando de levar a de novo à vigília.

— É suficientemente arrumado. Sabe? Sobre você? — sua mãe ondeou uma mão delicada em direção as genitálias do Jordan.

— Compartilhamos uma cama. Como poderia não sabê-lo?

A repugnância se cravou na cara de sua mãe.

— Deveria estar envergonhado.

Jordan agitou sua cabeça devagar.

— Não. Você é a que sempre estiveste muito envergonhada para falar de minhas diferenças. Nunca estive envergonhada de meu corpo.

O tom de sua mãe se tornou venenoso.

— Mas deveria está-lo. Agora mais que nunca. Vê-te ridículo nesse traje. Nenhuma mulher carece tanto de graça feminina. Seu cabelo está torcido. Seu traje e chapéu demonstram uma falta atroz de cuidado e refinamento. Seu conjunto é medíocre e negligentemente organizado.

— Sou feliz aqui. Não pode me deixar sozinha?

— Está vivendo uma mentira.

Os lábios do Jordan tremeram.

— Não. A mentira terminou quando vim aqui. Desejo viver como uma mulher. Decidi ser esposa de Raine. Sabe o que sou e me terá.

— Nenhum homem te conservará como esposa durante muito tempo, — burlou-se sua mãe. — Quererá filhos.

Jordan moldou seu abdômen.

— Isso não parece ser um problema. Já estou grávida.

Célia gemeu e a olhou furiosamente horrorizada. Um momento passou então seu rosto se tornou ardiloso.

— Isso pode desfazer-se.

Ao lado de sua mãe, Salerno se materializou repentinamente. Silenciosamente, tomou os pulso de Jordan e as sujeitou cruzadas fortemente

contra seu peito. Outro homem com um olhar sinistro também apareceu. Era o bispo do teatro em Veneza. Aproximou-lhe por detrás, levantando sua saia. Elevou um punho fechado.

Jordan recorreu a sua mãe em busca de ajuda, mas Célia já tinha desaparecido no vapor de que surgiu.

Ela se aferrou a seu estômago com as Palmas de suas mãos enquanto o bispo rebuscava com seu punho oleoso entre suas pernas. Sem avisar, empurrou-o profundamente dentro de sua vaginal. E mais alto ainda, introduzindo o punho incrivelmente fundo. Profundamente dentro de seu útero sua mão se abriu para aferrar-se e estrangular a aqueles que cresciam ali. Esses que ainda não tinham nascido.

Soluçou, lhe pedindo que se detivera, temendo que fora muito tarde.

E então, tão repentinamente como tinham aparecido, os dois homens se esfumaram.

Desabou-se, dobrando-se quando uma câibra tremenda lhe chegou, envolvendo seu estômago e retorcendo suas vísceras.

– Raine, – tinha murmurado fracamente.

– Estou aqui, – respondeu.

Mas ainda parecia longe e não encontrou consolo em suas palavras tranquilizadoras. Estava sozinha em sua dor. Empurrou-se até ficar em quatro patas. Dentro de seu útero, força opostas se desencadearam. O sangue se coagulou. A malha se rompeu de suas amarras. Saiu a fervuras dela, manchando o interior de suas coxas e empapando os lençóis debaixo dela.

Horas mais tarde finalmente recuperou o conhecimento. Mas inclusive antes que Raine lhe dissesse, soube. Na escuridão fria e úmida de seu sonho, tinha dado a luz.

Tinham sido meninos. Gêmeos. Meninos do Elseworld que já estavam muito avançados em seu desenvolvimento depois de somente um dia de gestação.

Ele tinha pele cor de oliva. O menino do Raine.

E o outro tinha a pele como pedra cor de ébano.

Ambos estavam mortos.

Capítulo trinta e três

Os gêmeos foram enterrados na cripta Satyr em uma cerimônia privada a que somente assistiu a família. Quatro dias depois, Jordan ainda comia pouco e rechaçava toda conversação. Raine estava louco pela necessidade de confortá-la, mas quando o jogou de seu lado procurou o consolo em seu trabalho.

Na tarde do quinto dia, aproximou-se dele, encontrando-o no jardim traseiro da casa. Levava uma cesta sobre um braço. Seu presente de despedida.

Vendo-a, Raine se lançou a seus pés. Queria chorar pela dor que leu em seu rosto. A dor que havia lhe trazido.

— Vou, — disse francamente.

Apertou-lhe os ombros com suas mãos, sua expressão se tornou urgente.

— Não foi sua culpa. Adiar o ritual não causou o aborto espontâneo. Isso é o que pensa?

Sim, isso era exatamente o que pensava.

— Não importa. — agitou sua cabeça cansadamente e se afastou dele.

— Vou voltar a minha antiga vida em Veneza.

Tinha visto o Salerno em seu sonho à noite em que teve o aborto. E isso representava algo. Ainda a estava procurando. Se vinha aqui, traria consigo um escândalo devastador e a vergonha. Não podia deixar que seu sórdido passado tocasse ao Raine e a sua família. Não se mereciam isso.

Nuvens de tormenta se reuniram nos olhos do Raine. Sua reação era sutil, mas ela agora sabia como ler os sinais.

— Que vida? — olhou-a desdenhosamente. — As ruas?

— Raine...

— Compreende que estará em perigo se for? Que Morfeo irá detrás de você? Que inclusive se detiver, as outras criaturas do Elseworld continuarão te acoassando?

— Estou disposta a tomar esse risco.

— É tão infeliz aqui? Junto a um homem ao que supostamente ama?

Mordendo seu lábio, agitou a cabeça. Tinha que obter sua permissão antes que sua decisão se debilitasse.

— Tenho algo para te dar antes que vá.

Passou-lhe sua cesta.

Ele olhou furioso sua oferenda, desconcertado por ela.

Sabia que ele devia os ter. A cesta estava cheia dos paus, pares unidos com partes das fitas que tinha tirado dele em Veneza. Todas as manhãs por semanas tinha sido compelida a criar tais objetos estranhos. Tinha provado muitos tipos de ramos e raminhos diferentes e tinha amarrado as fitas em formas variadas — tranças, laços, e nós de vários tipos. Nada nunca a tinha agradado, nunca nada lhe tinha parecido correto. Entretanto, somente quando tinha amarrado conjuntamente só dois paus todas às manhãs, algo dentro dela se acalmou e tinha sido capaz de continuar seu dia. Envergonhada, tinha guardado a reserva escondida. Até agora.

Quando ele se negou a tomar a cesta, ela a sacudiu.

— Não sei o que significam. É uma coisa relacionado contigo. Alguma mensagem para você.

Raine estava muito zangado para escutar. Arrancou a cesta de sua mão, pulverizando seu conteúdo de ramos por toda parte.

— Se desejas me deixar realmente, então vá. E te leve sua bruxaria contigo.

Mas viaje somente até onde os limites desta propriedade lhe permitem isso. Encontra um lugar para viver com sua irmã ou construirei um para você. Não pode deixar as terras Satyr. É muito importante. Há muito mais para considerar que suas preferências pessoais.

Voltando-se pisoteou seu presente de propósito sob o salto de sua bota. Vários ramos se romperam e se enterraram no profundo da terra quando a deixou. Ela olhou seu presente disperso, sabendo que o machucaria.

— Sinto muito, — disse a ninguém em particular, porque já tinha partido.

Apesar de suas objeções, sabia o que devia fazer. Não podia deixar que as intrigas que povoavam sua vida desonrassem a sua. Não podia permitir que soubesse a verdade do que uma vez tinha sido.

Em seu bolso, tocou a única fita que tinha permanecido completa, a anil. Então olhou fixamente o comprido caminho que serpenteava costa abaixo, para Florência.

Em algum momento dessa tarde, Raine olhou para cima de suas ampolas, morteiros e o resto do equipamento que usava para mesclar o vinho.

Nick lhe jogou uma olhada e viu a tensão em seu rosto.

— O que?

— Algo está mau.

Alarmado, Raine ficou de pé, sacudindo a mesa e todo seu conteúdo, registrando o ar para procurar o aroma do Jordan. Não estava. Ela não estava.

Saiu rapidamente do escritório do Nick e correu para a casa, movendo-se pelo bosque mais rápido do que nunca em sua vida tinha feito. Alcançando seu Castelo, subiu as escadas de três degraus, correu a toda velocidade pelo corredor e se lançou a abrir a porta de sua antecâmara.

Cambaleou-se para trás ante o aroma repugnante que o assaltou. Sua habitação fedia. Não ao das fadas agora, mais sim a uma mixórdia horrorosa de químicos. Perfume franceses.

Ela sabia que o aborrecia perfume. Onde os tinha conseguido? Sem dúvida de Jane.

Sujeitando seu nariz entre os dedos se aventurou ao interior. Havia uma meia dúzia de garrafas sobre sua penteadeira, vazias. Empapou-se com elas para lançá-lo literalmente do aroma. Bem, seu truque não funcionaria.

Desencadeou seu nariz e a forçou a que dissecasse os aromas, separando os acres e muito condimentados da fulana. Levantando uma garrafa atrás de outra, analisou seus aromas, pondo-os na memória rapidamente. Mas o fazer era fútil, deu-se conta. Se não era capaz de distingui-los do aroma de Jordan, podiam facilmente conduzi-lo a um desconhecido que levasse esse perfume.

Frustrado, fechou de repente a garrafa que segurava contra a superfície da mesa. Então varreu a coleção inteira ao piso com um braço estendido.

Nick entrou na habitação e observou a pilha de garrafas decorando o piso.

— Foi-se?

Raine colocou as mãos em seus bolsos, nada disposto a deixar que seu irmão

visse a forma em que sua partida o tinha afetado.

– Aparentemente.

– Irá atrás dela?

Raine fez um gesto em direção a Veneza e agitou a cabeça.

– Você sabe que não posso. Há trabalho para fazer. Os barris estão preparados e o vinho deve ser misturado. E com o Lyon fora, só sua Vontade não é suficiente para manter o muro de poder o suficientemente reforçado para impedir que os seres humanos se misturem em nossas terras e nossa empresa.

Nick pôs uma mão sobre seu ombro.

– Continua seu trabalho então e convocarei ao Lyon para que retorne a casa de Paris. Estará aqui dentro de uma semana se tiver bom clima para a viagem. Assim que o muro de poder esteja reforçado com sua chegada, pode partir para procurá-la.

Raine assentiu com a cabeça e então se dirigiu à janela. Momentos depois escutou a seu irmão retirar-se. Olhou fixamente mais à frente do bosque aos campos, os povos distantes e pendentes, bordeados com nebulosas montanhas e árvores de espinheiros e ciprestes.

Onde estava?

Capítulo trinta e quatro

– Que belo que te vê Senhor Cietta, – murmurou uma voz sarcástica.

Jordan mal tinha caminhado além dos limites das terras Satyr quando o escutou. Uma mão familiar se agarrou ao seu braço. Senhor Salerno.

Pasma por um momento, somente pôde olhar em silêncio dentro de seus olhos frios. Então, reunindo sua inteligência, atirou de seu braço fazendo gesto de sair correndo. Mas ele a sujeitava muito bem.

– Santo céu!! O que é essa peste sobre você? – disse, afastando sua cabeça tão longe dela como pôde. – Perfume?

– Se você não gostar, então me solte, – respondeu, chutando-o com suas suaves sapatilhas que não lhe fizeram quase dano.

– Eu que você não me ofenderia. Estou seguro que preferiria que as notícias de sua recente temporada aqui com Lorde Satyr não se façam do conhecimento geral em Veneza, – ameaçou-a de uma vez que lhe dava uma sacudida. – Há muita gente que estaria muito cativada ao inteirar-se que ele participou de atos carnis – provavelmente cometendo o crime da sodomia – com o infame A Maschera. Ah! Vejo por sua expressão que cometeu tal crime. Tut, tut!

– O que quer? Em troca de seu silêncio.

- por agora, somente um pouco de informação.
- Que informação? – cuspiu as palavras.
- Matou a sua mãe? – perguntou.

Seus olhos se alargaram e agitou sua cabeça.

- Não! Suspeitava de você.
- Não sou nenhum assassino.
- Nem eu! – sacudiu-se novamente contra seu agarre. – Como me encontrou?

– Um informante. Estive me ocultando aqui por dias e tinha começado a me perguntar se alguma vez deixaria a propriedade. Então hoje me fez as coisas fáceis caindo em meu regaço.

Continuou lutando contra ele enquanto a arrastava para seu cavalo, mas ele derrotou facilmente seus esforços.

– Perseguiu-me por um tempo depois que morreu, sabia, – brindou Salerno.

– Quem?

– O policial. Sabia que tinha visitado a casa a manhã da morte de sua mãe e que te tinha levado comigo. Penso que duvidava de algum tipo de conspiração entre nós. Mas não podia me atribuir seu homicídio sobre meus ombros. E na verdade eu não tinha ingresso a casa. Se você não foi o culpado, o caso do policial fica sem resolver. Mas isso não é importante.

Jordan soube por que o policial tinha investigado na direção do Salerno. Tinha-lhe escrito uma nota anônima implicando ao médico.

Titubeou em seu alforja procurando algo, tirou então um pano que apertou forte contra sua boca e nariz. Tinha sido encharcado com alguma substância que ao cheirá-la despedia um vapor que o fazia difícil respirar.

– Onde está me levando? .

– Onde! Volta a Veneza, A Maschera. Agora que sua mãe está morta, cada dia pode ser seu aniversário.

Os olhos de Jordan deram voltas a sua cabeça quando perdeu o conhecimento.

Capítulo trinta e cinco

Raine temia pelo passo dos dias. A preocupação fincou os minutos, as horas. Onde estava? Estava segura? Retirou-se em seu trabalho, como tinha feito antes que ela chegasse. A fermentação estava terminada agora e provava os tanques com regularidade.

Encheu o resto de suas horas vãs em ir de um lado para o outro da propriedade e olhar as videiras gradualmente trocar a cor, indo do ouro a um chamativo vermelho.

O outono terminaria por chegar terra acima. Os arados trabalhariam entre as fileiras para criar um montão de terra fértil ao redor dos troncos de vime, que os protegeria do frio do inverno. Em pouco tempo, as videiras perderiam suas folhas e entrariam em letargia desde meados de novembro a meados de março – quando a Bacanal teria lugar. Queria a Jordan aqui para então. Não podia imaginar participar da festa sem ela.

Se Lyon não retornava logo, muito possivelmente se voltaria louco.

Uma tarde encontrou partes da fita dispersa no atalho de seu jardim traseiro. Ajoelhou-se para revisá-los. Era o feixe de paus que Jordan tinha deixado. Um presente, tinha-o chamado. Devido a que tinha estado chovendo uma ou duas vezes nesses dias estavam sujos. O barro se secou, deixando as fitas apagadas e rígidas.

Recolheu um dos feixes que ainda estavam em grande parte intactos e o revisou, perguntando-se por que tinha decidido criar umas coisas tão estranhas. Uma parte era de uma espécie norte-americana de árvore e a outras de uma planta originária da Itália. Separando as duas ramas, notou que a casca tinha sido raspada entre elas no ponto exato onde os paus se encontravam. Recolheu outro feixe e viu o mesmo desenho – espécies norte-americanas e italianas se uniam. Era como se tivesse querido que elas fossem.... Enxertadas juntas.

O significado detrás destas estranhas artes o golpeou como um raio. Seus sonhos tinham causado que ela os fizesse, havia-lhe dito. Era algum tipo de mensagem para ele, mas não tinha compreendido seu significado.

Entretanto, ele fez. Era muito possivelmente a mesma solução que tinha estado procurando todos esses meses. A solução depois da que todos estavam. A cura para a phylloxera podia estar enxertando o rizoma de uma videira norte-americana e uma italiana? Baco! Se tinha razão, tinha salvado uma indústria de vinho inteira.

Mas ainda assim ele tinha desperdiçado seus esforços. Chamou-o bruxaria. E tinha visto que algo morria em seus olhos quando o havia jogado.

Capítulo trinta e seis

O bispo se sentava outra vez no estabelecimento do Salerno em Veneza, estudando as chagas e as crostas sobre Seu pau debaixo de sua túnica levantada. Embora sua enfermidade tinha estado entorpecida por anos, parecia decidida a carcomê-lo a sério agora. Estava fazendo-se gordo e esquecido, e em algumas ocasiões vergonhosas tinha descoberto que não podia controlar seus intestinos.

- vim para outro tratamento, – disse ao Salerno.
- mais da fumigação? – perguntou ao médico.
- Não, algo novo é necessitado, – disse o bispo.
- Muito bem, – disse Salerno.

Começou a medir e verter ingredientes em um pote. Logo os mesclou e

dedilhou a bebida que tinha inventado sobre a mesa.

- O que é? – perguntou o bispo, olhando à bebida cautelosamente.
- Ovos, baba caracol, um beliscão disto e aquilo. Ginseng, gengibre, sal.
- por que aceitaste me ajudar tão facilmente? – exigiu o bispo, ainda receoso.

– Não se preocupe. Não é veneno. Para ser justo, estou agradecido pela informação que me passou durante nossa última visita. Graças a você, A Maschera retornou a Veneza.

O bispo se alegrou.

- Satyr sabe?

Salerno se encolheu de ombros.

- Provavelmente, para este momento.

O bispo se inclinou para frente.

- Ela te deu algum problema?
- Assim decidiste que A Maschera é de sexo feminino, não é assim?
- Naturalmente, – disse o bispo. – Escutei que havia meninos.
- De verdade? Não soube nada a respeito.

O bispo tinha começado a tomar a bebida, e Salerno esperou impacientemente a que se tomasse uma pausa entre goles.

– Esta porcaria é repugnante, – queixou-se o bispo, uma vez que teve bebido a metade.

- Sim, sim, mas e estes meninos?

– Havia dois, – contou o bispo. – Entretanto sofreu um aborto. Suponho que dado suas vísceras não é surpreendente. Não seria fascinante abri-la e estudá-la?

- Sim, bem....

- Já sabe, se te der muitos problemas, poderia organizar um acidente.

– Acidente? – repetiu Salerno sem compreender. – Que classe de acidente?

– Se, durante o curso da investigação científica, um pouco de dano sério lhe acontecer, estaria além de sua culpa. Para falar a verdade, poderia me desempenhar como testemunha para dar fé da natureza fortuita de seu falecimento. Seus órgãos internos não seriam mais fáceis de compreender se uma autópsia pudesse ser levada a cabo sobre ela? Isso é tudo o que estou dizendo.

– Ah! Para falar a verdade está certo, – disse Salerno enquanto se golpeava o queixo com um dedo. – E não se perderia nada substancial, porque um bom taxidermista podia conservar o corpo e órgãos da Maschera para continuar expondo-a. Bem, possivelmente um dia tal acidente será justificado. Mas não aceitarei a sugestão por agora.

Encerrada na habitação contígua, Jordan escutou a especulação na voz do Salerno. Com inquietação crescente, escutou-lhe refletir sobre o inimaginável. Quando tinha decidido que preferia morrer a permanecer em mãos do Salerno, alguma força malvada da natureza devia ter estado escutando seus pensamentos.

— Os meninos são notícias realmente interessantes, — disse Salerno com os olhos iluminados de excitação. — Verifica que A Maschera tem órgãos femininos funcionais. Agora somente é necessário provar os órgãos masculinos a respeito de sua capacidade reprodutora. Se A Maschera pode plantar sua semente com seu pequeno mastro no estômago de outra mulher além de ter criado um filho em si mesmo, será algo verdadeiramente notável. E serei seu descobridor.

— Como descobriu a seu prodígio de todos os modos? — o bispo pôs cara larga e começou a tragar a bebida outra vez.

Salerno enganchou seus polegares na cintura de suas calças.

— Suponho que não há dano em que lhe conte isso, igual a você, tenho interesse em manter a identidade da Maschera segura. Descobri a criatura através de um evento fortuito que ocorreu faz aproximadamente dezenove anos quando fui chamado à casa da Cietta aqui em Veneza para ajudar em um parto difícil. Embora era somente um médico jovem então, fui mais que perspicaz para tomar a oportunidade que me apresentou essa noite entre as pernas da Célia Cietta, — gabou-se.

O bispo se deteve em meio de um sorvo, mas Salerno estava de um humor loquaz e não notou o crescente interesse de seu companheiro.

— Como já haveria adivinhado, o bebê era A Maschera, — continuou. — A mãe era avara e naturalmente queria um menino em ordem que herdasse a fortuna de seu marido morto. O sexo de seu menino resultou ser ambíguo, é obvio. Vi o potencial para meu futuro em tal criatura e cheguei a um trato com a mãe com o propósito de que pudesse exibi-lo de vez em quando. Mas a mãe está morta agora e Jordan Cietta está totalmente em minhas mãos graças a você.

Salerno sacudiu seus dedos para o líquido remanescente na taça frente ao bispo.

— Bebe-a toda, homem. Não está envenenado, garanto-lhe isso.

Mas o bispo deixou a taça ao meio esvaziar.

— Devo entender então que Jordan Cietta e A Maschera são a mesma pessoa? E que você pronunciou seu estado como macho no momento de seu nascimento, embora isso não era estritamente verdadeiro? — sua mente era lenta estes dias e queria estar seguro que havia entendido bem os execráveis feitos.

— Sim, e o que há com isso? Suponho que manterá esta informação para você mesmo desde que não tem nenhum desejo de que Lorde Satyr encontre a criatura aqui.

O bispo olhou fixamente sua bebida.

— Não tenho nenhum amor pela igreja. Sabia? Fui forçado a terminar ali devido a minha falta de recursos e tenho feito o maior esforço que podia.

— É o caso de muitos cavalheiros empobrecidos, — simpatizou com ele Salerno.

— Sim. Poderia me dar um pouco desse vinho para que me tire o sabor desta mescla infame? — perguntou brandamente o bispo.

— sem duvida.

Salerno se voltou para tomar uma garrafa de vinho da prateleira que estava ao longo de uma parede.

– Darei-te um pouco da mescla. Nada é muito bom para o homem que me deu uma mão para me devolver à Maschera. O que planeja fazer depois...?

Algo golpeou ao Salerno de atrás e se desabou ao piso, inconsciente.

O bispo tinha em sua mão um atizador e lhe lançava um olhar frio.

– Que descida fazer? Descidi foder-te exatamente como você me Fodeu faz dezenove anos. Sou o primo masculino mais próximo de Jordan Cietta, malditos sejam todos. Sem você, teria herdado a fortuna da Cietta. Seria rico e respeitado. Provavelmente meu pau não estaria apodrecendo porque teria tido para pagar mulheres limpas em minha cama.

Com uma energia surta de uma terrível cólera, o bispo levantou o Salerno e o apoiou dobrado, com o peito sobre um arca. Localizando-se uma faca, cortou o traseiro das calças de sua vítima para que somente as nádegas fossem expostas. Com sua mão, golpeou o cu do homem uma meia dúzia de vezes e logo admirou a marca de seus dedos sobre a carne avermelhada.

Caiu sobre seus joelhos atrás do médico em uma postura de oração. Levantou o dianteiro de sua túnica e apoiou seu peso contra as costas do Salerno. Cuspindo em sua mão, procurou sob sua bata, usando a baba para suavizar sua estaca. Seu eixo doente já se erguia muito estranha vez. Mas a raiva lhe tinha emprestado a força.

Abriu as nádegas do Salerno com os dedos. Localizou-se seu buraco negro, e o preencheu vaiando baixo. Amaldiçoando todo o tempo, bombeou e corcoveou, permitindo que o reto do outro homem arranhasse a coceira de sua enfermidade.

Salerno despertou com uma terrível dor. Seu cú queimava da mesma maneira que os fogos de inferno. Haviam-no violado. Ele, um virgem que tinha evitado qualquer tipo de relação sexual sua vida inteira por medo a contrair a enfermidade.

– Foda-me, por favor? – vociferou seu violador. – Lhe foderei de uma forma que não vais esquecer bastardo conspirador de merda.

Com um grotesco rugido Salerno corcoveou de seu cavaleiro. Varrendo cegamente seu braço detrá dele, golpeou ao agressor.

Piscando estupidamente, o bispo caiu de costas contra o piso com sua túnica erguida à altura de sua cintura. Seu pau era horroroso – meio murcho e podre com a sífilis. E acabava de estar em seu cú. O bispo tinha feito mais que só fode-lo. Tinha-lhe servido uma sentença de morte. Uma sentença de morte lenta e cruel.

O bispo se moveu como se despertasse. Apertando os punhos furioso, Salerno se aproximou para arrumar-se com ele.

Raine chegou a Veneza horas mais tarde, tendo deixado sua casa no mesmo momento em que intuiu que Lyon estava perto de retornar. Enquanto ainda na Toscana, fazia algumas investigações a distância pára inteirar-se do paradeiro do médico que era quão único podia vinculá-lo com Jordan. Agora abria passo

rapidamente ao estabelecimento do Salerno.

Assim que Salerno ouvisse de seu interesse na Maschera, indubitavelmente trataria de reter a Jordan por qualquer meio que podia. Assim vinha preparado para negociar. Para ameaçar. Planejava casar-se com ela. Mas se Salerno a expusera como uma hermafrodita, haveria intrigas. Não podia permitir que tal escândalo desonrasse o nome Satyr. Raine podia levar a Jordan e deixar Toscana, mas isso poria em perigo ao Earthworld. Três eram necessários sobre a propriedade para proteger a porta.

Tudo se reduzia a uma coisa. Se Salerno se negava a cooperar, teria que morrer.

Tal era o curso dos pensamentos do Raine quando chegou à porta do médico. Encontrando-a entreaberta, empurrou-o e entrou. Achou ao homem que procurava sentado tranqüilamente em seu laboratório. O bispo estava estendido além dele sobre o piso, a túnica erguida até a cintura e o sangue formando um atoleiro brotando de gigantesco corte que tinha no peito.

— Ah! Outra visita que chega sem avisar. Senhor Satyr, não?

Raine assentiu com a cabeça para o bispo.

— Você o matou?

Salerno moldou o atizador de ferro sobre a mesa junto a ele.

— Era algo que devia fazer-se, me acredite.

— Confio em que não tem o mesmo destino planejado para todas suas visitas.

— me agradeça que o destruí. Era o primo do Jordan Cietta.

— Quem?

— A Maschera. O que assumo que vem procurando — o hermafrodita. Certamente sabia que seu amante e o herdeiro da fortuna da Cietta eram a mesma pessoa.

A mandíbula do Raine se endureceu.

— Assim não sabia. — Salerno assinalou com uma mão ao bispo. — Estava na linha para herdar. Se tivesse permitido que ele tirasse a luz seu sexo ambíguo, então minha parte no engano de sua mãe teria sido tirada a luz também. E não podia permitir isso.

— De que diabos está falando?

— Eu era o médico que atendeu a Célia Cietta quando deu a luz. Fui quem declarou que Jordan era completamente macho. Somente meia decepção, como você bem sabe. Minha proclamação foi o que inclinou a fortuna da Cietta para o Jordan e sua mãe e longe do bispo. Portanto a razão para sua ira. É bom para todos que tenha morrido.

— E os segredos da Maschera morrem com ele?

Salerno difundiu suas mãos.

— Como disse ao bom bispo, não tenho nenhum desejo de tirar à luz a conexão da Maschera com os Cietta. Meu único interesse é estudar aquilo que você procura, mas agora isso é provavelmente impossível a menos que suborne aos

tribunais.

Raine deu um passo para frente.

– O que significa isso? Fala claramente, homem, ou sofrerá as consequências.

– Jordan Cietta foi detido neste estabelecimento faz uma meia hora. Felizmente, o bom policial foi muito estúpido para visitar esta habitação ou teria descoberto outro corpo para aumentar seu número de casos.

Raine amaldiçoou. Girou para ir-se e logo se deteve.

– Tenho sua garantia de que quando sair daqui estes segredos que você compartilhaste permanecerão secretos?

Salerno empurrou o corpo do bispo com seu pé.

– Me violou enquanto estava inconsciente. Bastardo.

– No que se relaciona isso com nada?

– Olhe seu pau. Estava infectado com a sífilis, um caso avançado. – Salerno tomou um comprido gole de vinho Satyr. – violando-me também me matou. Embora minha morte será mais lenta que a sua. Mais angustiante.

– Já vejo.

– Somente a mãe do Jordan, o estimado bispo e eu estávamos inteirados dos mistérios do corpo de seu amante.

– Então, se a notícia da conexão do Jordan com a Maschera circula, saberei de onde foi emitida, – disse Raine deliberadamente.

– Não o será, – apressou-se a lhe assegurar Salerno. – Não há benefício para mim em contá-lo ou em provocar sua ira. Sou bem consciente do poder que a família Satyr exerce. Entretanto, é melhor que espere que sirva para você bem. À polícia pôs na cabeça que Jordan Cietta é um assassino.

Capítulo trinta e sete

Mastigando ruidosamente alguns bacalhaus rígidos sobre um prato, o carcereiro jogou o olho ao custoso colete e calças do Jordan. Assim que a tinha tido em suas garras, Salerno se tinha assegurado de vesti-la como um cavalheiro outra vez.

– Não pobre? – inquiriu o carcereiro à polícia que a tinha tirado do quarto do Salerno e havia a trazido aqui. O policial a sua vez recorreu a ela em busca de uma resposta.

Não pobre. Não pobres. Se fosse a essa seção do cárcere seu trato seria melhor, mas não tinha dinheiro. E se esperaria que sua família pagasse por comida e roupa de cama e disporia de um colchão e uma cama. Não tinha família a que recorrer.

– Pobre, – decidiu seu carcereiro, lendo sua hesitação corretamente.

– por que razão estou sendo detido? – exigiu Jordan pelo que devia ter sido a centésima vez desde que tinha sido recuperada do poder do Salerno somente fazia uma hora.

– Pelo crime de homicídio, – informou-lhe finalmente o policial.

– E a quem assassinei? – perguntou já sabendo qual seria sua resposta.

– A sua mãe é obvio! – então advertiu que se dirigiu ao carcereiro – mantém a este separado da gentinha. Não deve ser prejudicado em suas celas. Quero-o completamente em forma para seu julgamento.

O carcereiro somente lançou um grunhido. Levando seu prato, continuou comendo enquanto a levava sujeita pelas correntes que uniam suas mãos. Abaixo, aonde a luz do sol nunca chegava, passaram a seção para os Vecchi – os anciões. O fedor deles quase a derrubou. Ao final, foi levada a uma espécie de cela fria e úmida para aguardar o capricho dos tribunais. Mas pelo menos foi alojada a sós.

– Estou faminto, – declarou depois de seu carcereiro a empurrou no interior e girou para retirar-se.

Em resposta, desabotoou sua braguilha e pôs Seu pau sobre sua placa ao lado dos bacalhaus sem terminar.

– Isto é tudo o que conseguirá para comer esta noite por mim, Senhor! – disse, empurrando o prato para ela.

Deu-lhe as costas.

Ele somente riu.

– Logo estará o suficientemente disposto, quando a fome te morda as tripas.

Ela o observou de rabo de olho.

– Não conte com isso.

Parecia haver-se aproximado mais.

– Hmm. Bonitos artigos de joalheria.

Rapidamente, passou um braço através das barras. Rompendo a correia que segurava o amuleto que Raine lhe tinha dado.

Suas petições de que retornasse ficaram sem resposta. Embora o amuleto não tinha sido ativado, tinha-lhe emprestado um pouco de amparo a respeito a seus sonhos. Sem ele, sua primeira noite na cela esteve cheia dos pesadelos mais ferozes que jamais tivesse tido antes de ir a suas terras. Era como se todos os demônios de seus sonhos se foram acumulando durante os dias desde que Raine lhe tinha dado o presente, e agora se escaparam em sua mente.

Sua roupa era apropriada para o jovem que uma vez tinha fingido ser. Mas resultavam insuficientes contra o frio. Quando o amanhecer finalmente chegou, lavou-se com a morna terrina de água que tinha sido deixado para ela e roeu pão

mofado e queijo.

Ao redor do meio-dia, seu carcereiro veio por ela e a entregou à polícia, que a subiu por alguns lances de escadas até a sala do tribunal onde uma audiência inicial estava por ter lugar.

Mantendo a cabeça alta, Jordan entrou na sala do tribunal, agora flanqueada pelo policial. Estava exausta, mas seu corpo inteiro permaneceu tenso em preparação para o que estava por vir.

Sua mãe estava morta, e ela era a principal suspeita. Não haveria ninguém aqui de falasse em seu nome e só podia responder por si mesmo. Apesar de sua inocência, havia um só resultado previsível de que seus acusadores imporiam.

Tanto o curioso como o culto estavam presentes na audiência, conforme pôde ver. Também havia muitos de humilde berço, porque vinha aos tribunais com regularidade para olhar boquiaberto aos detentos como se de um espetáculo se tratasse. E então, quando seus olhos continuaram para seguir medindo aos observadores, encontrou-se com alguém a quem não tinha esperado. Raine.

Encolheu-se quando seus pálidos olhos pratas a percorreram. Via-se neles a confusão pela forma em que estava vestida — como um homem. Hoje saberia a verdade de sua criação e como tinha passado seus dias antes de conhecê-lo essa noite ali, em Veneza.

Somente rogou que não descobrisse sua relação com a Maschera. Quando Salerno a tinha seqüestrado, tinha prometido exibir os desenhos nudistas dela ao Raine se não cooperasse. Cumpriria com a ameaça se era pago para atestar?

A vergonha acendeu suas maçãs do rosto. Não poderia suportar que Raine visse esses desenhos horrorosos. Pensaria de maneira diferente dela se a visse agachada, suas nádegas abertas para que seu ânus se entreabrisse? Ou se a visse sentada sobre uma cadeira, com seus dedos separando seu próprio lábios vaginais para expor sua vagina para o artista?

Evitou seu olhar, decidindo não olhar seu rosto outra vez. Sabia que seria muito doloroso observar sua consternação voltar-se aversão enquanto o processo transcorresse.

Capítulo trinta e oito

Raine entrou em sua cela com passo majestoso.

Ela nunca tinha sido tão feliz de ver alguém em sua vida.

— Vá embora, — disse-lhe.

— Assim estiveste fingindo ser um menino durante os dezenove anos anteriores?

Jordan cruzou seus braços, aferrando seus cotovelos.

— Não. Já escutou a meus acusadores. Sou macho. Somente fingi ser outra

coisa da noite em que te conheci.

Aproximou-se somente uns centímetros dela e a olhou de cima abaixo.

– Quer ser um homem? Isso é o que você quer?

Permaneceu em silêncio.

Ele a apertou contra a parede com seu corpo. Apoiou seu nariz no oco de sua garganta e aspirou profundamente. Tinha-a sentido saudades.

Com uma mão plantada a cada lado de seu corpo, sussurrou:

– É por isso que me pediu tão freqüentemente que cravasse meu pau em seu canal feminino? É por isso que veio comigo a Toscana? Por que se deleitou no papel de minha mulher?

Encolheu-se de ombros.

– Estou cansada, Raine.

Inclinou-se mais perto.

– Admite-o. Você é uma mulher, não?

Era-o?

– Essa é uma pergunta impossível de responder. Tenho dois jogos de genitálias contraditórios que me levam a direções distintas.

– E ainda assim lhe conduziram para mim, a minha cama. E parecia muito contente ali. Desejosa, para falar a verdade.

– Foi uma diversão, – mentiu.

Contradizendo seu desinteresse, acariciou seu rosto, sabendo que ela poderia nunca ter outra oportunidade.

– Sempre planejei retornar a Veneza e obter meu posto na sociedade. Como um homem.

– por que queria fazê-lo?

Sacudiu a sua cabeça, repentinamente notando que ele sabia que mentia.

– Prefiro olhar o mundo como uma mulher. Mas às vezes, encontro....

Prefiro jogar de homem.

Suas palavras caíram em um vazio.

Então lhe chegou sua voz, baixa e carinhosa.

– Você poderia fazer isso. Na Toscana. Comigo.

Sua garganta se apertou.

– Teria sexo comigo como um homem tem sexo com um homem?

Assentiu com a cabeça contra seu cabelo.

– Não me preocupo com seu sexo. Quero-te. – através do tecido de suas calças, Seu pau empurrou a sua. Ambas estavam grosas pelo desejo. – E você a mim.

Embora seu coração estivesse se quebrando, escorregou-se sob seu braço e longe dele, determinada a permanecer firme.

– Não importa o que queiramos. Se o tribunal descobrir o que sou, tocará a sua família. Trarei a mancha de meu passado a seu bom nome.

Seu tom se tornou eficiente.

– Há maneiras de mitigar isso. Minha família exerce certo poder dentro dos

tribunais. Agora, me deixe estar seguro que compreendo os fatos. — começou a contá-los com seus dedos. — A propriedade da Cietta ia para um parente a menos que sua mãe arrumasse para ter um menino macho. E sua mãe levava a você, um menino que não era completamente macho, mas que podia passar como o herdeiro macho de seu pai para que pudesse herdar. Isso é correto?

— Como soube? — perguntou realmente surpreendida.

— me responda.

Encolheu-se de um ombro.

— Sim, então. Pode compreender a razão para tal truque. As regras da sociedade são injustas. Só tratou das inclinar em seu favor.

— Com a aprovação do Salerno.

— Minha mãe disse que na manhã de meu nascimento, o clã da Cietta inteiro se reuniu para aguardar a chegada do único filho de meu pai recentemente morto. Contiveram a respiração, esperando a uma menina. Ao ver que tinha um pênis, minha tia chorou. Não olhou mais, nunca suspeitou que uma vagina se escondia entre minhas coxas. Salerno e minha mãe afirmaram que era um menino perfeitamente formado, e o mundo acreditou. Minha mãe e eu herdamos a fortuna, e o filho de minha tia não conseguiu nada.

— Sua mãe mentiu sobre seu sexo todos estes anos para conservar uma propriedade que não era por direito sua?

— Entendo que você não te compadeça. Possivelmente deveria ser mulher para compreender sua postura...

— O que não compreendo em boa consciência é como pôde haver enviado ao Salerno em cada um de seus aniversários.

Jordan empalideceu. Seus olhos se precipitaram ao redor da cela procurando um lugar onde ocultar-se de sua vista agora que conhecia todos seus vergonhosos segredos. Mas não havia nenhum lugar aonde correr da verdade.

— Como sabe isso? — perguntou envergonhada.

— Salerno mesmo me disse isso.

— Já vejo.

Salerno lhe tinha mostrado os desenhos? Não perguntaria. Não queria sabê-lo.

— Pensa que a assassinei?

Raine esmagou o ar com o dorso de sua mão.

— Você não assassinou a ninguém. Você estava comigo a noite em que sua mãe morreu. Toda a noite. O hoteleiro sobre o Lido dará fé disso.

— Nunca viu meu rosto. Levava uma máscara essa noite, lembra? Além disso, poderia ter cometido o ato antes, antes que nos conhecêssemos.

— Fez-o? — sabia exatamente quanto tempo tinha estado morta sua mãe e quanto tempo tinha estado na exposição do Salerno e logo com ele, esse dia Jordan.

Encolheu-se de ombros.

— Pode que sim.

— Mentirosa — disse calmamente — Não pôde havê-lo feito. Vi-te mais

cedo essa noite no teatro do Salerno, sobre o cenário. Onde tinha passado todo o dia.

Pressionando suas palmas contra suas bochechas acesas, Jordan inclinou sua cabeça e se sacudiu.

– Sabe? – choramingou. – Soubeste todo este tempo?

– Sim.

– E não disse nada.

Aproximou-lhe pelas costas.

– me olhe.

Esperou até que seus olhos encontraram os seus e logo a envolveu em seus braços.

– O que te passou em poder do Salerno não foi seu defeito. Você foi um peão.

– Odiava-o, – balbuciou em seu peito.

– Sei. – sua larga mão acariciou suas costas.

– Mas não matei a minha mãe. Ainda com todos seus defeitos, amava-a.

– Sei.

O ar na cela era sufocante e sentiu que não podia quase respirar. Lutou por sustentar-se só sobre seus pés afastando-se dele.

– Deve ir. E não volte. Me esqueça.

A puxou e beijou sua testa.

– De maneira nenhuma. Você vem a Toscana comigo logo que possa organizá-lo. E, Jordan...

Olhou-o.

– Teremos mais filhos.

Sacudiu a sua cabeça, temendo acreditar.

Depois disso, havia-lhe dito dúzias de vezes que se fora. Finalmente o fez. E o desejava de volta com todo seu coração e alma.

Capítulo trinta e nove

As condições do Jordan melhoraram enormemente assim que Raine partiu, e determinou que devia ter lubrificado algumas mãos. Estava afetada na seção não pobre, onde lhe proporcionou uma cama fresca e linho. Seus carcereiros eram muito diferentes, e a comida em vez de genitálias foi servida coisas de comer.

Por volta do anoitecer do dia seguinte um novo carcereiro trouxe uma figura coberta a quem lhe permitiu entrar. Era a única visita que tinha tido salvo pelo Raine. Olhou ao desconhecido, precavida.

Depois que o guardião tivesse fechado com chave a porta e partido, a visita baixou o capuz da capa. Era uma mulher com aproximadamente a altura e o peso

de Jordan, mas possivelmente dez anos, mas velha.

De cabelo escuro e pele clara, a mulher a olhou impressionada.

— A Maschera, — suspirou.

Jordan elevou uma sobrançelha enquanto tentava reconhecer seu rosto. Logo depois de um momento, a reconheceu.

— É parte dessa sociedade que sempre vai às exposições. Um dos LAMBA, não?

A mulher lançou um grito entrecortado e cruzou sua palmas sobre seu coração, parecendo deleitada de que Jordan a tivesse reconhecido.

— Sim! Sou a que enviou o poema.

— Poema?

— Sim! Mas peço seu perdão. Deve receber centenas de orações. Por favor, desculpa minha presunção em supor que minha humilde oferenda poderia destacar em sua memória. Mas possivelmente o recorda? Foi titulado “o amor ambíguo.” — ruborizou-se, causando que a poucas sardas sobre suas bochechas se obscurecessem. — O recito para você?

— Um bem....

A visita caiu sobre um joelho.

Ou para olhar fixamente a seu peito, meu amor

Ou para olhar fixamente debaixo de sua máscara

Ou para entrelaçar meus olhos com os seus, meu amor

Ou seria uma tarefa predileta

Ou para tocar....

— Obrigado, — disse Jordan, exortando à mulher a ficar de pé é suficiente. Recordo-o depois de tudo, e aprecio realmente seus esforços. Mas me diga — por que exatamente vieste a este cárcere?

— Senhor Salerno informou a LAMAS de seu convite logo ontem. Cheguei tão logo pude e só faz uns momentos me enviou aqui para você. Entretanto.... — deteve-se, um gesto perplexo formando-se entre suas sobrançelhas quando jogou uma olhada ao redor da inóspita cela. — Não estou muito seguro onde quer que o façamos...

Jordan esfregou suas têmporas para aliviar o tremor que outra noite insone lhe tinha causado.

— Que convite?

Sua visita riu bobamente com paquera.

— Bem, uma, pessoal.

Jordan a olhou fixamente.

— Pode ser mais específica?

— OH!! As palavras poéticas me escapam sempre quando mais as necessito, — gemeu a mulher em resposta. — Se somente houvesse trazido meus lápis e papel. Mas farei todo o possível para improvisar.

Começou a caminhar em círculos, imersa em seus pensamentos. Momentos depois retornou. Agarrando seu peito, começou....

O esta noite vim a ti com um ardor amoroso em meu peito
Esperando que você me escolha para a tarefa que estabeleceste
Ou juro que me emprestarei gostosamente
E o tecido de uma noite em que não nos esqueceremos logo
O Senhor deixa minha suavidade ceder ante você...

Jordan começou a retroceder, agitando sua cabeça desgostada quando se deu conta do sentido do poema amoroso.

— Não. Não.

A mulher se endireitou, negando-se a ser desviada tão facilmente.

— Sei que não sou nem jovem nem bonita. Mas tenho duas irmãs — ambas casadas — e pariram a uma dúzia de meninos sãs entre elas. Assim é provável que seja fértil, e ainda estou sem provar.

Por cada passo que retrocedia Jordan, sua visita avançava um passo.

— Sinto muito, mas Senhor Salerno enganou a você e sua sociedade, — disse Jordan. — Não fiz nenhum convite pedindo um casal de sexo feminino para engendrar minhas descendência.

A mulher deteve seus passos.

— Não me quer? — a dor encheu seu rosto

Jordan sacudiu suas mãos, exasperada.

— Não é isso. É muito atrativa. Só que estou apaixonada por outra pessoa.

— OH! Outra mulher?

— Bem, não.

— Um homem então! Mas nunca podia parir a seu filho. — uma nova determinação apareceu na cara da mulher. Precipitou-se a ajoelhar-se a seus pés, e a saia de seu vestido rangeu e formou um atoleiro ao redor dela sobre o piso, enquanto procurava os olhos do Jordan.

— me dê uma oportunidade. Me deixe tentar, — disse.

Seus dedos trabalharam nos laços de sua garganta, rasgando os de par em par para mostrar as carnudas curvas de seu peito.

— OH! A Maschera me deixe ser a resposta para seus sonhos sexuais.

— Meus sonhos? — trovejou Jordan. Mas uma idéia lhe chegou de repente quando observou à mulher começar a tirar roupa. — Uma escolha interessante de palavras, Senhorita. Possivelmente é a resposta para meus sonhos depois de tudo.

Puxou à mulher até que ficou de pé.

— Vêem, me deixe te ajudar com esses objetos de vestir. Mas me deixe também sugerir outra coisa a que você poderia pôr seus esforços, que me emprestaria inclusive uma ajuda muito maior.

Quando o guardião retornou uma hora depois, a visita esperava coberta junto à porta. Seu cabelo estava enredado e sua roupa enrugada e torcida. Agachou sua cabeça, evitando seu olhar lascivo perspicaz.

— Estou pronta para partir, — disse-lhe.

Além dela, A Maschera estava frente à pequena janela, olhando sem rumo

fixo para a rua.

O carcereiro fez um gesto depreciativo para ele.

– Com seu membro diminuto, duvido que fizesse nada para impressionar a uma Senhorita como você. Ofereceria meus serviços, mas tenho ordens de te levar ao Senhor Salerno.

A figura coberta somente se encolheu de ombros.

Ele a olhou atentamente.

– Não é muito faladora, não? Eu gosto disso em uma mulher. Começa a caminhar, então.

Abriu a porta e lhe fez um gesto que avançasse, logo a observou enquanto caminhava.

Jordan sentiu os olhos do carcereiro sobre a parte traseira da capa enquanto a acompanhava sem querer para cima, para a luz do sol e o escapamento. A mulher que ficava sozinha na cela lhe tinha dado a localização de outros membros de LAMAS. Viriam por ela quando Jordan lhes fizesse consciente de sua situação. A mulher e ela tinham inventado um relato falso que diria aos carcereiros, sobre ser dominada e deixada para apodrecer-se na cela pelo Senhor Jordan Cietta.

Fora do cárcere, Jordan simplesmente se afastou do guardião despreparado e encontrou seu caminho à liberdade.

Capítulo quarenta

Raine levantou o ferrolho e escapuliu por uma janela sem cadeado na casa da Cietta. Uma vez dentro, ficou novamente impressionado pela proliferação de criaturas aladas que adornavam suas habitações. Mas hoje viu o interior com novos olhos, sabendo agora que esta era a casa onde Jordan tinha vivido uma vez. Primeiro como um menino, logo como um homem.

Fingir ser completamente masculino deve ter sido difícil para ela. Estava seguro que o tinha feito por lealdade a sua mãe. Lealdade a uma mãe que a tinha emprestado ligeiramente uma vez ao ano para ser exibida nua sobre um cenário para os propósitos de estudo científico. Como deve ter sido para Jordan ser golpeada, cravada e interrogada por todos esses homens quando era somente uma menina? Devia ter estado aterrorizada. Sofria de somente pensar nisso.

Melhor informado agora, notou que o retrato de sua mãe podia encontrar-se em muitas das representações Fay, pulando entre outras criaturas do fato e o mito. Era óbvio que tinha conservado algumas lembranças da furtiva visita do Rei Fey a sua cama fazia todos esses anos e que tinham açoitado sua vida.

Embora via o rosto da Célia Cietta em qualquer lugar que olhava, não viu em nenhum lugar um só retrato do Jordan. Jordan – seu único filho – que tinha querido a sua mãe mais do que ela tinha sido querida em troca.

Entrou na antecâmara onde tinham visto o corpo da Senhora Cietta esse dia. Estudando todas as possibilidades, notou que o cenário era algo mais masculino nessa habitação que no resto da casa. Menos lotado. O policial havia dito que esta era a habitação do Jordan. Por que sua mãe tinha morrido na cama do Jordan em vez da sua?

Levantou o livro que se encontrava apoiado sobre a mesa da cabeceira. Era o mesmo livro que Célia tinha estado segurando em seu agarre por morte, uma cópia encadernada em couro de Sonho de uma noite do verão — a história de fay por excelência do Shakespeare.

Quando folheou as páginas, uma lâmina ilustrada caiu de entre duas delas. Agachou-se e a recolheu. Titulada O despertar da Titania, retratava ao rei e a rainha Fay, banhados por um atoleiro da luz dourada, encontravam-se o Oberon e Titania do Shakespeare. Uma multidão de personagens da obra os rodeavam. Os faes dançavam pulando, despreocupados e contentes. Mas outros como bruxas e demônios eram sinistros e mais eróticos.

Sobre a parte posterior, uma nota tinha sido escrita por uma mão feminina. Era uma mescla de entrevistas confusas de duas das obras dramáticas mais famosas do Shakespeare, Sonho de uma noite do verão e Romeo e Julieta.

Que visões vi meu Oberon mais caro! A Rainha Mab galopa na noite de minha mente e logo sonho com o amor. Por você, meu Oberon mais caro. Como senti saudades de seus cuidados estes anos e estando gostando muito dos idiotas muito tempo....

Havia mais quantidade, mas o leu por cima, seus olhos caíram no final....

Esta noite deixo este mundo e vou a você. Me aguarde meu Oberon mais caro. Porque em poucos momentos, irei a você no sonho final da morte.

Tua Titania

A marca dos lábios pintados de uma mulher tinha sido pressionada sobre a página, ao lado da assinatura.

Uma nota de suicídio. Célia Cietta não tinha sido assassinada depois de tudo! Matou-se. E tinha a prova em sua mão.

Repentinamente suas fossas nasais se dilataram. Sua cabeça se elevou. Jordan. Estava aqui. Avançou a pernas pelo corredor para encontrá-la na base das escadas do vestíbulo. Olhou com atenção além dela, esperando ver os carcereiros atrás dela.

— Livrei-me, — disse-lhe sem a explicação adicional. — O que está fazendo aqui? — assinalou a ilustração dobrada em suas mãos. — E o que é isso?

Foi para ela e a abraçou enquanto lhe contava suas notícias. Haveria tempo suficientemente para levar a última carta da Célia às autoridades depois que visse Jordan a salvo em casa na Toscana.

Juntos deixaram a casa pela porta principal, fechando-a. Jordan fechou com ela o passado no interior detrás deles para sempre.

Epílogo

Jordan despertou devagar. Seu pau estava rígido e o vagina estava molhada. Tinha tido um novo sonho durante a noite enquanto estava estendida na cama ao lado de quem era seu marido desde fazia somente três dias. Um sonho estupendo. Da classe que era tão rico em cor e detalhe que era difícil acreditar que não tinha ocorrido em realidade.

Mas sabia que um dia ocorreria.

Esse era do tipo de sonhos que tinha agora. Seus sonhos já não estavam cheios de traçados escuros sobre o julgamento final. Agora eles prediziam futuros e destinos felizes. De seu futuro.

Sob a tutela persistente do Raine, tinha aprendido a filtrar as visões que lhe chegavam às horas de escuridão. Os pesadelos foram mantidos encerrados e a raia.

O sonho que a tinha visitado esta noite tinha vindo em três partes. A primeira tinha começado na manhã de seu seguinte aniversário — o número vinte, somente oito meses a partir de agora....

No sonho, tinha despertado, incorporando-se na cama com um grito entrecortado. Era de amanhã. Seu aniversário. Seu coração golpeou em seus ouvidos e o temor lhe percorreu o corpo. Salerno estaria ali logo. Retirou os lençóis a um lado, preparando-se para correr. Não iria com ele esta vez, jurou-se. Não se sujeitaria à degradação de outro aniversário passado imobilizada por mil olhos e açoitada pelas línguas curiosas de desconhecidos.

Então os braços do Raine tinham rodeado sua cintura, devorando-a no refúgio de seu peito musculoso. Ao princípio o tinha esbofeteado e arranhado, ainda apanhada agarrada pelos velhos medos. Então recordou onde estava e quem a segurava. O tamborilar de seu coração se acalmou devagar e se relaxou contra sua força.

Ele a tinha acariciado e a tinha beijado, murmurando suaves palavras de amor. Com seu tato, tinha acalmado e suavizado o horror e a humilhação de todos os outros aniversários que tinham vindo antes.

Então, na maneira dos sonhos, encontrou-se inesperadamente na metade de uma cena diferente — a segunda na seqüência do sonho.

Tinha havido uma festa esse mesmo dia, celebradas no exterior sobre a grama da residência do Raine. Agora sua casa tanto como do Raine.

E todo o clã Satyr se reuniu ali. Jane e Nick tinham seu filho Vincent a reboque e a irmã de Jane, Emma, que tinha crescido uns vinte centímetros de altura e se via como uma dama.

Tinha sido uma ocasião festiva que caracterizava o aniversário número vinte do Jordan. E da Jane, também. E também o de uma terceira irmã. Todas tinham nascido dentro do mesmo ano e do mesmo pai — um rei do Elseworld. Com cada aniversário, a farra começava para as três filhas sem considerar o

nascimento de quem se estava celebrando de fato, era quase como se cada uma tivesse três aniversários em um ano.

Lyon tinha estado presente, junto com sua nova noiva – a terceira irmã Das fadas Blend. Era pequena e feminina, com maneiras impecáveis e uma lustrosa cabeleira da cor das amêndoas. Seu vocabulário estava salpicado com expressões em francês, e sua risada fácil e temperamento pareciam fazer bom casal com o do Lyon. Jordan se sentiu agradada ao notar que ficava junto a ela, tocando-a inconscientemente de vez em quando como se certificasse que ela era real.

A sua vez, sua esposa tinha parecido gostar muito como ele, lhe dando de comer partes de bolo como se fora um mascote predileto e abandonado. Também tinha sido afetuosa com Jordan e Jane.

Tinha havido montanhas de presentes para as três irmãs, todos custosos e originais enquanto cada irmão competia para superar a outros com sua extravagância. Vinho e risadas tinham circulado livremente. Não tinha havido espaço para a pena neste aniversário.

Então o sonho tinha trocado outra vez a terceira e última cena.

Tinha sido essa mesma noite, na garganta sagrada. Raine a tinha levado ali para uma espécie de festa privada. Ela levava uma camisola espumosa de desenho florentino, um de seus muitos presentes desse dia. Ele já estava nu, sua roupa atirada sobre o musgo ao redor deles. Por cima da cabeça, a lua estava em quarto crescente e as estrelas refulgiam como diamantes e pareciam lhe dar uma piscada.

Seu pau estava grosso e avermelhado com o desejo, e pressionou seu estômago com insistência enquanto a aproximava dele. Moonful viria só uns dias depois, e sua paixão se estava em desenvolvimento.

Em uma mão, sujeitava uma valiosa caixa de prata esculpida com desenhos antigos e palavras que lhe diziam que tinha sua origem no Elseworld.

– Outro presente? – tinha perguntado quando o ofereceu.

Ele simplesmente tinha assentido com a cabeça, mas seus olhos lhe disseram que este presente seria o mais importante de todos aqueles que lhe tinha dado esse dia. Seriamente, tinha aberto a caixa forrada em seda e levantado um simples fio de cetim enrolada dentro. Uma fita de ouro.

Quando o tinha olhado interrogativamente, Raine lhe tinha segurado suas mãos, com o interior de seus pulso pressionadas juntas.

No veludo da noite, sussurrou-lhe.

– feliz aniversário, meu amor!

E então tinha compreendido que acabava de lhe dar de presente com essa simples fita. Era muito mais. Muito mais. Por esta noite, estava-lhe dando o presente do controle sexual. Uma oportunidade de exercitar seu lado masculino.

– OH, Raine, – disse sua voz tremendo pela emoção. Prata e negro se encontraram e sustentaram.

Ele a olhou enquanto desenrolava a larga fita e a envolvia ao redor de seus pulsos várias vezes, e logo assegurou a ponta, deixando pendurar os compridos extremos. Passou uma mão sobre a atadura, desfrutando da visão do frágil cetim

atando sua força masculina.

Dando uma olhada ao redor do anel de estátuas e altares, procurou um lugar onde começar.

– Onde? – perguntou-lhe, preocupada agora.

– Onde você escolha, – disse-lhe. Sua voz era baixa e avivou suas paixões.

A emoção escorregou por sua espinha dorsal.

Levou-o pelo braço a um altar circular com três estátuas em sua parte mais distante e uma laje descarregada de granito ocupando a metade frontal da circunferência. Tinha sido sua favorita de todas as que havia na garganta desde que a tinha visto pela primeira vez. As três figuras eram ninfas, vestidas com véus espumosos. Mas a diferença de muitas outras estátuas de sexo feminino ali reunidas, estas ninfas não veneravam a ninguém. Eram hermafroditas, seus corpos estavam formados da mesma maneira que o seu.

Raine se ajoelhou ante ela, com seu rosto girado para o seu. Ela separou a frente de seu traje para ele e seus olhos encontraram seu pau. Sua cabeça se sobressaía para frente e sua língua arremeteu, lambendo da raiz com uma larga e suave carícia até chegar a comer sua ameixa. Quão facilmente escorregava dentro da caverna succulenta e quente de sua boca!

Ela embalou sua mandíbula delicadamente em suas mãos, sentindo os músculos e os tendões movendo-se enquanto a chupava. Deixou cair sua cabeça para trás e seus dedos se curvaram ao redor de seu pescoço, enredando-os nas largas mechas de seu cabelo. Se continuava com isto, ela estava indo A...

Ele ficou de pé e lhe apresentou suas costas. Estendendo as mãos, dobrou a cintura até ficar estendido com o peito e os braços sobre o altar. Com dedos trementes, atou os restos das fitas que o ligavam ao redor de um esbelto tornozelo de pedra de um dos hermafroditas. Ela jogou uma olhada para cima para encontrar seus olhos, intuindo que desfrutaria do que estava por vir tanto como ela o faria.

Jordan avaliou suas ataduras. Eram delicadas contra sua força e algo que podia facilmente evitar se decidisse fazê-lo. Mas soube que não o tentaria. Isso era parte de seu presente. Por esta noite especial – para celebrar seu aniversário e sua liberdade da dominação – era seu para ser dominado.

Encontrou um posto detrás dele e esfregou suas mãos sobre os músculos tensos de seu traseiro. Separou a dianteira da feminina camisola de encaixe e Seu pau apareceu intrigada.

Uma necessidade feroz de possui-lo deste modo fez que seu mastro ficasse mais grosso do que jamais tinha estado. Molhou um dedo com sua boca e logo o situou sobre a enrugada abertura marrom dentro das dobras de seu traseiro. Sepultou o dedo em seu interior, avaliando sua firmeza. Os músculos de seu traseiro apertaram e se estremeceram. Seu pênis tremeu espectador.

– Relaxe, – disse-lhe da mesma forma em que lhe tinha ensinado uma vez.

Apoiou uma mão em cima do altar ao lado de suas costelas e apertou sua virilha contra o interior de suas pernas, mimando sua pelotas com seu membro.

Retirou-se ligeiramente e com sua mão dirigiu Seu pau a sua soleira.

Segurando seu quadril com sua outra mão, separou suas coxas com seus joelhos. Então devagar, bem devagar, pressionou para frente. Para dentro. Mais profundo. E mais profundo ainda. Até que seu pêlo púbico roçou seu traseiro.

Raine exalou um gemido áspero e suas mãos apertaram suas ataduras douradas. Seus músculos se flexionaram e se frisaram sobre suas costas.

Ela se retirou e o perfurou outra vez.

— É tão estreito, — disse-lhe. — É tão bom.

— Baco. Siiiiiii, — esteve de acordo. Sua voz era entrecortada, febril.

Ela estendeu a mão sob seu ventre e encontrou Seu pau duro e vibrante. Acariciou-o da raiz à coroa a ritmo com cada empurrão que administrava.

Sua respiração se tornou áspera, sincronizada. Ela soltou seu pau e agarrou seus quadris, perdido no êxtase do momento....

Ali, ela também despertou do sonho.

Piscando sonolenta, olhou fixamente o rosto dormido do Raine sobre o travesseiro junto a ela. Murmurando carinhosamente, acariciou sua bochecha sombreada de barba, com cuidado de não despertá-lo. Quando o olhasse de manhã, seus olhos guardariam um segredo prezado e doce e emocionante — o conhecimento do que ia ocorrer entre eles na noite em que chegasse à idade de vinte anos.

Esse seria um aniversário que não chegaria o suficientemente rápido.

Esperava-o com ânsia.

FIM

Nota da Autora

A Phylloxera da uva é um inseto diminuto que se alimenta das raízes das parras, atrofiando seu crescimento ou as matando. A praga foi importada por acaso a Inglaterra e a França sobre videiras norte-americanas em 1862. Reproduziu-se com uma velocidade devastadora, e ao final do século XIX, a phylloxera tinha destruído dois terços das vinhas da Europa.

A destruição foi interrompida pelo descobrimento de que este inseto quase microscópico não atacava as raízes das parras americanas. Enxertando videiras européias com norte-americanas e replantando as vinhas com as novas novelo enxertadas, a indústria de uva de vinho da Europa foi salva.

Para os propósitos desta história, a data da infestação é se localizada aproximadamente trinta e nove anos antes da data verdadeira. Além disso, a

descrição de como resolveu o problema da phylloxera foi ficcionado na série, e todas as personagens envolvidos nesse processo nesta obra são produto da imaginação do escritor.

Este livro é uma obra da ficção. Os diálogos e eventos são o produto da imaginação da autora, e qualquer semelhança com os eventos verdadeiros, os grupos, ou as pessoas individuais, vivas ou mortas, é completamente casual.

Extra

1

Cumberland, Inglaterra, 1800

Doce Mãe! Que burrada tinha feito! A mão de Jane se precipitou a sua boca, e mordeu a pele de sua palma.

Jonathan nunca a tinha querido. Mentiu.

As lágrimas apagaram sua visão e se deslizaram por suas bochechas. Tropeçou e tropeçou, logo que vendo o atalho arborizado ante ela. A carne de seu sexo ardia, e suas pernas doíam. Como necessitava um longo banho em uma tina e o tempo para ordenar tudo isto. Maldição!

Quando tinha interpretado mal suas intenções? Tinham estado tocando-se e beijando-se atrás de seu botequim em segredo por meses. Todo o povo pensava que se casariam. Então, hoje na feira, tinham entrado às escondidas ao bosque.

— Querida, querida, não quereria me fazer coisinhas meu amor? — o aroma da cerveja de seu fôlego lhe chegou flutuando.

Não devia fazê-lo, mas como gostava. Que problema havia?

— Casará-te comigo? — suspirou em seu cabelo, sua cabeça dando em excitado poder.

Ele lançou um grunhido quando seu tato se estendeu a sua costa musculosa.

Tinha arrojado um grunhido! Seus dentes se apertaram enquanto percorria sem ver o caminho ante ela. Mãe querida! Nunca havia dito que se casaria com ela. Tinha ansiado seu tato e os sentimentos que criava nela tão loucamente que tinha confundido o grunhido como uma afirmação de seus intuitos.

Tinha dado sua inocência a um homem que não tinha nenhuma intenção de casar-se com ela. Seus dedos aferraram seu ventre. Podia ter ficado grávida, e não tinha nenhuma maneira de cuidar de um bebê e a si mesmo. Tola, realmente tola.

Sua cabeça dava voltas. Engasgou tratando de busca ar quando suas pernas se enredaram em suas saias, e tropeçou, caindo, seus membros se estenderam de par em par sobre a terra dura e úmida. OH! Estava tombada, seus pulmões queimavam incapaz respirar, e fechou os olhos. Sua vida inteira tinha trocado em

um ato de maldade gratuita. Levantar-se. Encontraria uma maneira se estivesse grávida, mas por agora.... Choraria enquanto ninguém pudesse vê-la.

— Encantada Jane. — abotoou suas calças enquanto inalava profundamente, o ar frio se nublou quando exalou. — Nada mal para um comichão verde, e nenhum perigo de gonorréia.

Gonorréia. Tinha fornicado com ela como se não fora melhor que uma empregada de botequim. Queria-a. Disse que a queria. Seus olhos se fecharam enquanto as lágrimas brotavam.

— É toda uma beleza, Jane. E tem um pequeno e doce pote de mel. Cuida bem dele e viremos aqui outra vez algum dia. — girou e se perdeu entre as árvores.

Por Deus. O que tinha feito?

Com seu rosto enterrado na terra, as lágrimas se deslizaram por seu rosto em silêncio. Seus membros tremeram, e sua cabeça deu voltas. Não tinha chorado em todos seus anos. O ato a esgotou e a deixou exausta. Se levante, Jane. Com um soluço, endireitou-se e ficou de pé com pernas trementes. Era a filha de um comerciante endinheirado. Era amigo de seu papai. Como se atrevia a tratá-la dessa maneira?

O pânico se aferrou a seu coração.

Este ato arruinava suas possibilidades de uma vida normal e trazia a vergonha sobre seu sobrenome. Os negócios de seu pai seriam prejudicados. Como pôde ser tão egoísta? Sua família, ela os amava.

Desesperada, seu olhar percorreu os arredores do bosque. Nada mais que árvores. Pensa, pensa, sua estúpida....

Seus dedos beliscaram a ponta de seu nariz. Iria para o Jonathan e lhe pediria que não dissesse uma palavra. Maldita fora. Seus olhos se fecharam.

Se somente pudesse encontrar a maneira de sair do bosque. Conteve a respiração, atenta a qualquer som proveniente da feira. Nada. Qual é a regra? Segue ao sol e te levará ao norte... Não... Mãe querida deveria ter escutado a seu pai quando dava as instruções.

Caminhou para o sol poente; a dor se estendeu através de seu tornozelo e até acima de sua perna e suas têmporas pulsaram. Ai!! Pôs o peso sobre sua perna e se cambaleou. Podia coxear, mas não longe.

O bosque ficou mais escuro. Onde estava? Mancou atalho acima. Maldita fora. Perdida, ali é onde estava. Avançou com cuidado. O frio rodeou seu coração e empurrou seus maltratados sonhos. Para frente pôde vislumbrar um caminho e o sol descendo no horizonte. O caminho, cheio de buracos e deteriorado pelo uso, certamente levava A... Algum lugar...

O trovão retumbou à distância quando olhou fixamente a grande porta de madeira. A escuridão era ameaçadora e não passava uma alma sobre o caminho a este lugar. A casa era de quatro andares, com chapéus imensos que chegavam até o céu. Tinha residido em Cumberland durante cinco anos e nem uma vez tinha ouvido falar de uma propriedade como esta. Levantando sua mão, golpeou enquanto a chuva caía a chumbo a terra com grandes gotas detrás dela.

Golpeou outra vez; os calafrios correram sobre sua pele. A porta chiou enquanto se abria.

– Posso ajudá-la, senhora?

– OH! Efetivamente. – ela virtualmente saltou sobre o homem que aparecia sua cabeça pela pequena fresta. – Estou perdida e machucada. – destacou seu tornozelo. – E, bem, você vê, está começando a chover. Seria possível que ficasse esta noite? Poderia dormir na cozinha O.... O.... O estábulo. Não serei um problema.

Os olhos do homem se abriram amplamente detrás de suas lentes e seu rosto se torceu em uma careta horrorizada.

– Sei que isto é muito irregular, mas, por favor?

Suas feições voltaram a ficar sérias, apertando os lábios em uma linha.

– Sinto muito, senhora. Não há nenhuma maneira segura para que fique aqui.

Segura?

– Desculpe? – OH! Por favor, só me deixe.

O vento açoitou sua cabeleira. Um calafrio atormentou seu corpo e seus dentes tocaram castanholas.

– OH!....OH!.... – jogou uma olhada na casa. – Muito bem, senhora. Mas deve seguir todas minhas ordens. Sem falta. As mulheres não devem estar nesta casa.

Estava preocupado pelo decoro? Estava brincando! Estava arruinada. Lágrimas de vergonha encheram seus olhos e as sacudiu. Que estupidez! Este homem não tinha nenhuma maneira de saber.

– Como deseje senhor.

Não tinha eleição. Entrar nesta casa e evitar ser apanhada em um dos dilúvios de Cumberland, ou tratar de encontrar seu caminho de volta na escuridão e provavelmente morrer. Encolheu-se. Isso era muito pessimista, mas ao parecer sua mente só podia seguir esses caminhos esta noite.

Vacilou e logo abriu a porta só o suficiente para que pudesse entrar. Entrou no escuro hall de entrada e jogou uma olhada a seu redor. Uma escada imponente serpenteava até o teto. A luz débil brilhava através de uma janela em cima da porta e iluminava a entrada e as pinturas que cobriam as paredes. Onde levavam essas escadas? Um estranho calafrio subiu por sua espinha dorsal, e se avançou para frente, como se queria ver o que havia ao final.

– por aqui, miss.

Sobressaltada, deu meia volta e seguiu ao criado por um corredor que se abria à esquerda da entrada.

– Porei-te na ala leste. Você fechará com chave sua porta. Cada fechadura. Trarei-te a água morna para te lavar. Depois, não admita a ninguém a sua habitação.

Um pouco protetor para ser um criado, mas então pensou que talvez seu amo era um autêntico rabugento. A última coisa que queria era terminar de volta

fora na chuva.

– Muito bem, senhor. Não tenho nenhum desejo te trazer problemas. Certamente posso dormir na cozinha.

– Não! – sua voz era um sustenido agudo.

Suas sobranceiras se uniram quando seus olhos se ajustaram à luz débil do corredor pelo que caminhavam. Por que estava tão nervoso?

– Até que diga lorde Tremarctos que está ficando conosco, ficará fora da vista.

O homem tragou duro. Sua mão se moveu para cima como se a tivessem beliscado e logo se deteve no ar enquanto olhava pela extremidade do olho.

Estranho! Certamente não tinha nada que temer. Além disso, o cansaço a governava e os eventos do dia a sacudiram assim não via nenhum problema em encerrar-se atrás de uma porta nesta casa.

Esta casa..... Seu olhar se precipitou aos arredores do corredor e quase parou e girou sobre si mesmo. Que casa tão formosa! Os pisos brilhavam em um escuro mármore lustrado. As portas se elevavam até o teto com as dobradiças de ferro maiores que alguma vez tivesse visto.

Na luz débil pôde distinguir que a casa brilhava com um encanto que nunca veria outra vez. Realmente uma pena. Desejava poder ver cada detalhe. Dobraram uma esquina e seguiu ao homem até acima de três lances de estreitas escadas. Ao final de um corredor outro criado se aproximou, e o homem que a guiava agitou sua mão, chamando-o.

– me traga água quente, um cântaro e terá que mandar Jack enviar o chá com queijo e pão-doces.

– Senhor. – o homem inclinou sua cabeça e a olhou fixamente quando passou.

Seu traje era uma desordem! Entretanto, a cortesia ordenava que não devesse olhá-la fixamente. Seus dedos se afundaram no barro que cobria seu vestido e seu olhar se assentou em suas mãos salpicadas de terra. Pôs os olhos em branco. Que vergonha!! Finalmente via o interior de uma elaborada casa e ela tinha o aspecto de haver-se passado o dia recolhendo verduras do jardim.

Detiveram-se a meio caminho por outro corredor e ele abriu uma porta. Cruzou a soleira e se deteve. Seus olhos se abriram enquanto entrava em uma habitação bem equipada.

– OH! Senhor, a habitação de um criado bastará.

– Não, senhora. Nenhuma das habitações dos criados tem portas. E.... Bem, promete bloquear a porta.

Logo se girou para acender o fogo na lareira. A chama iluminou a habitação escura. OH, como queria esquentar-se, lavar a imundície de seu corpo e se fazer um novelo nessa cama enorme e celestial. Sua boca se abriu. Meu deus, o colchão era enorme; os postes estavam esculpidos, mas com uma luz tão fraca não podia ver o desenho.

A roupa de cama se via como uma sombra profundamente deliciosa, muito

escuro para percebê-la no brilho do fogo. A idéia de encontrar-se nua sobre seda escarlate cintilou ante ela. Seu cabelo se estendia sobre os travesseiros enquanto um amante acariciava suas coxas, sua cabeça entre suas pernas, lambendo a entrada a seu útero. Seus joelhos se cambalearam enquanto sentia o fogo que formigava através de seu sexo. OH, Deus! Sua mão se precipitou a sua boca comocionada e se sacudiu, tratando de apagar a imagem de sua mente.

Nunca em sua vida tais idéias tinham entrado em sua cabeça. Quando imaginava o ato com o Jonathan, o sexo nunca envolvia uma cama e nunca com sua boca ali. Sua mão esfregou a dianteira de seu vestido no vértice de suas coxas. Seria agradável que a beijassem ali? Suas molhadas bochechas se esquentaram e retirou bruscamente sua mão. Graças a Deus ninguém podia ver seus pensamentos!

Estava cansada; isso era tudo. O homem que os tinha passado trouxe a água e encheu um pote para que se lavasse; foi seguido por um cavalheiro com uma bandeja de chá. Esperou até que partiram, fechou com ferrolho a porta como pediram e logo se sentou sobre a cadeira frente ao fogo. As lágrimas gotejaram por seu rosto; eram as últimas que admitiria devido ao Jonathan. Amanhã seria um novo dia e encontraria uma maneira de arrumar esta desordem. Mas esta noite.... Começou a soluçar outra vez.

Um ruído interrompeu seu sono. O que era isso?

O som aumentou quando seus olhos se abriram à escuridão. O fogo na chaminé já não ardia e no exterior de chuva era ensurdecadora.

Crack.

O relâmpago iluminava os borde da cortina quando o som de arranhões ao outro da porta aumentou ainda mais. Seu coração começou a pulsar cada vez mais rápido. O que era isso? Um cão?

Empurrou os lençóis, ficou de pé e cruzou a habitação gelada até a porta.

Tremeu quando esteve de pé ante a madeira grafite de branco. Seu olhar escaneou a linha de oito fechaduras que o criado tinha pedido que fechasse. Havia-se sentido absurda quando lhe escutou, mas seu nervosismo sobre deixar que uma mulher ficasse ali a fez perguntar-se o que havia além dessa porta. Inclinando-se contra a porta pôs sua orelha onde se ouvia o crack.

Sniff, sniff. O baixo retumbar de um grunhido lhe chegou do lado oposto.

— Posso te farejar. — sniff. — O sangue virginal, o sêmen, gotejando de você.

Saltou e retrocedeu para trás, estirou seu braço para a porta com indignação. Como.... Como podia saber alguém o que tinha feito hoje? Lavou-se.... Totalmente. Não havia nenhuma maneira possível em que alguém pudesse farejar sua loucura. Este era um sonho?

— Quem.... Quem está aí?

Sua voz vacilou quando estendeu a mão e tocou os ferrolhos que tinha jogado essa noite.

— me deixe entrar, — o grunhido, tão baixo e gutural, arrepiou os belos de

sua nuca. – Deixe- me provar o que deste tão livremente a outro.

Continuou olhando fixamente a porta; a vergonha e o pânico ferviam através de seu corpo fazendo-a tremer. O arranhar aumentou. Os olfatos ressonaram como se a pessoa fora de sua porta estivesse de pé a seu lado.

– me deixe..... Deixe-me..... – o grunhido se tornou mais rouco e o suor se deslizou por suas costas.

Não se renderia. De algum modo o intuía.

O som de algo que se arrastava alargou seus olhos, e com êxito, a porta tremeu sobre suas dobradiças.

– me deixe, maldita! – uivou com indignação. – Te terei. Ninguém se nega a minha vontade.

– Não... Vá me deixe! – gritou na escuridão e se afastou da porta quando a madeira tremeu outra vez e chiou com o peso dos golpes.

Isto era um sonho certamente. Nada assim podia ser real.

Seu corpo tremeu, seu olhar soldado sobre a porta. Por favor, que as fechaduras resistissem.

Um guincho de dor chegou do outro lado da porta e uma respiração fez cócegas a seu pescoço. Sua mão se precipitou para ali enquanto girava, esperando ver alguém ali. Nada. As cortinas voaram, e a janela se abriu com um crack.

Maldição! Saltou e correu para a janela. O vento uivou, retirando com suas rajadas o cabelo de seu rosto. Agarrou a madeira empapada em suas mãos e atirou dela; olhou fixamente à noite no exterior. A chuva golpeou contra suas folhas e, quando o marco de madeira encaixou em seu lugar com um clique, um relâmpago acendeu os jardins sob a casa.

Uma figura se aferrava à parede na base do edifício. Olhos carmesim lhe olharam fixamente. Afogou enquanto travava janela e fechava a cortina, recuando quando – amaldiçoou – os olhos apareceram em cima do bordo do batente.

O chiado ressonou em sua cabeça outra vez. Com o coração pulsando com força, girou e olhou a porta.

Nada. Nem um som exceto o estrondo de seu coração acelerado. Seu corpo tremia de forma incontrolável como se cada sombra da habitação se movesse e fora por ela.

Isto é somente um sonho.

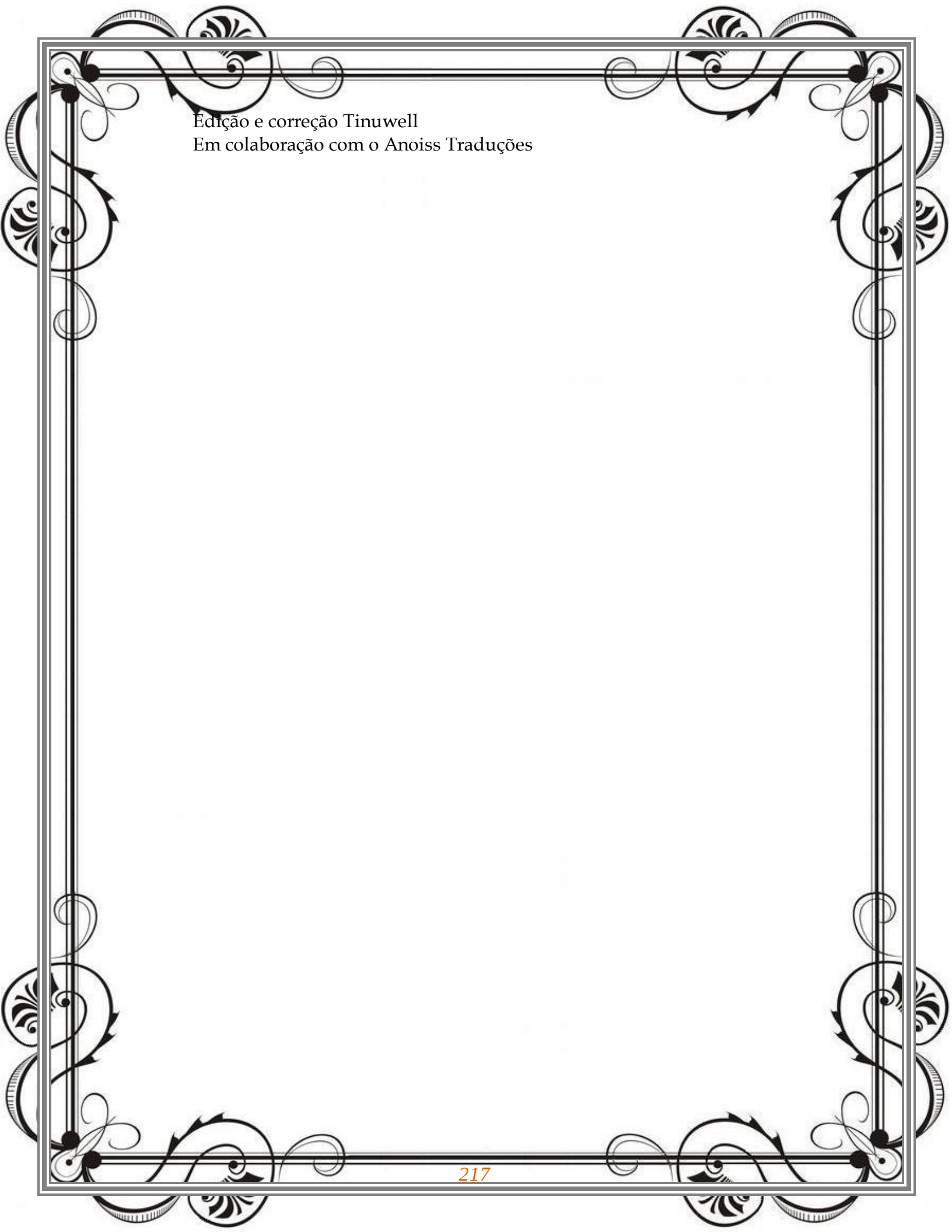
Fecha seus olhos e tudo estará bem.

Saltou, com os nervos em tensão quando tropeçou ao retornar à cama e engatinhar sobre o colchão. Seus olhos se precipitaram de um lado a outro entre a janela e a porta, procurando algo que se movesse na escuridão, mas tudo permaneceu quieto.

Só fecha seus olhos e as coisas estarão bem. Pela manhã pode partir deste lugar para casa.

Quando se forçou a fechar suas pálpebras, a tranquilidade a envolveu.

Tradução Natichi



Edição e correção Tinuwell
Em colaboração com o Anoiss Traduções